WILLIAM ALFRED PICKERING

A FONOLOGIA XAVANTE:

UMA REVISITAÇÃO

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Angel Corbera Mori

CAMPINAS
2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Pickering, William A.
P586f A fonologia Xavante: uma revisitação / William Alfred Pickering. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua xavante - Fonologia. 2. Línguas jê. 3. Pike, Kenneth L. (Kenneth Lee), 1912-2000. Phonemics – Critica e interpretação. I. Mori, Angel H. Corbera. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

hb/iel

Título em inglês: Xavante Phonology Revisited.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Xavante language - Phonology; Gê languages; Pike, Kenneth Lee, 1912-2000. Phonemics - Criticism and interpretation.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori (orientador), Profa. Dra. Flávia Castro Alvez, Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman, Prof. Dr. Sinval Martins de Souza Filho e Profa. Dra. Beatriz Protti Christino. Suplentes: Profa. Dra. Rosane de Sá Amado, Profa. Dra. Mônica Veloso Borges e Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis.

Data da defesa: 24/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Angel Humberto Corbera Mori
Presidente/Orientador(a)
IEL/UNICAMP

Prof(a). Dr(a). Flávia Castro Alves

Prof(a). Dr(a). Flaviane Romani Fernandes Svartman

Prof(a). Dr(a). Sinval Martins de Sousa Filho

Prof(a). Dr(a). Beatriz Protti Christino

IEL/UNICAMP
2010

Dedico com muito amor este trabalho à minha esposa Francine, pela compreensão e colaboração durante estes anos.

AGRADECIMENTOS

A Angel Corbera Mori, que sempre deu conselhos sucintos e relevantes, tendo sido um perfeito orientador para uma pessoa de minha idade e temperamento; a ele devo minha presença na UNICAMP como aluno.

A Euzebio Prowari Tsimõ, um grande amigo-irmão e um excelente colaborador.

A Wellington Quintino, que me introduziu ao povo Xavante e sua língua, e muito me apoiou durante o início e no fim deste processo.

Aos colegas do curso de pós graduação do IEL por sua amizade durante estes anos.

Aos professores do IEL, especialmente Lucy Seky, Tânia Alkmim, e Wilmar D'Angelis, além do próprio Angel, por sua inspiradora atuação como professores e estudiosos.

A Sinval Martins de Souza Filho, que facilitou minhas visitas à Terra Indígena Xerente.

Aos funcionários da Secretaria de Pós Graduação do IEL, que me ajudaram muito durante estes anos.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem e à administração da UNICAMP por terem me acolhido e me dado a oportunidade de crescer intelectualmente e profissionalmente.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram neste projeto.

"Phonetics gathers raw material.
Phonology cooks it."

Kenneth Pike

RESUMO

Xavante é uma língua da família Jê, falada por aproximadamente 13.000 indígenas que vivem no estado do Mato Grosso. O presente trabalho descreve a fonologia segmental desta língua, utilizando a abordagem fonêmica encontrada no livro *Phonemics* (PIKE 1971[1947]). Embora a fonologia do Xavante já tenha sido tratada por outros autores, a análise apresentada aqui contém uma variedade de observações e interpretações novas, apresentando soluções para alguns problemas que não foram resolvidos em estudos anteriores. O primeiro capítulo descreve a metodologia usada na pesquisa. Dados foram coletados através da utilização de publicações anteriores, que serviram como guia no desenvolvimento de questionários delineados para solicitar tipos específicos de dados lingüísticos. A pesquisa baseia-se em grande parte em dados solicitados a um informante, indivíduo alfabetizado em Xavante e em Português, que foram comparados com a fala de outras pessoas da mesma região dialetal. O capítulo 2 contém um breve sumário do contexto histórico e lingüístico do povo Xavante e uma revisão da literatura lingüística relevante, composta principalmente de trabalhos feitos por missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) e da Missão Salesiana de Mato Grosso, além da dissertação de Quintino (2000). O terceiro capítulo começa com um sumário da abordagem teórico-metodológica encontrada no livro *Phonemics* (1971[1947]) de Kenneth Pike. Esta abordagem foi escolhida em parte porque as análises anteriores da fonologia Xavante foram feitas a partir desta perspectiva, e os problemas fonológicos na língua podem ser claramente compreendidos quando vistos à luz das virtudes e limitações da abordagem Pikeana. Uma análise abrangente de todos os fonemas segmentais da língua é apresentada em seguida, com base na perspectiva de Pike e em trabalhos anteriores, além de dados e novas análises. Os fonemas /z,ʔ,ʌ/ e os segmentos de coda [p,m,b] e [j,j̃] são discutidos em detalhe e interpretados de

uma forma diferente dos autores anteriores. A estrutura silábica é também analisada do ponto de vista Pikeano. O capítulo 4 descreve a evolução dos três diferentes sistemas ortográficos atualmente usados entre os Xavantes, mostrando que algumas das dificuldades enfrentadas pelos criadores destas ortografias refletem problemas na análise fonológica da língua. O capítulo 5 apresenta uma análise original dos segmentos de coda em Xavante. Um aspecto problemático da abordagem de Pike, decorrente do pressuposto de que fonemas são entidades indivisíveis, é discutido neste capítulo, bem como as tentativas de Burgess (1971) e Quintino (2000) de utilizar abordagens teóricas alternativas para analisar as codas em Xavante. Em seguida, apresenta-se o argumento de que as duas codas possíveis na língua, manifestadas respectivamente pelo conjunto neutralizado [p,m,b] e os alofones [j,j̃], representam dois segmentos fonológicos em contraste fonêmico na posição final da sílaba. O capítulo 6 resume criticamente o conteúdo dos capítulos anteriores e um apêndice trata dos problemas não resolvidos relacionados ao acento, ao alongamento de vogais e às alterações morfofonológicas.

Palavaras-chave: Língua xavante – Fonologia; Línguas jê; Pike, Kenneth L. (Kenneth Lee), 1912-2000. Phonemics – Critica e interpretação.

ABSTRACT

The present work reanalyzes the phonology of Xavante (Jê family, 13,000 speakers, Mato Grosso State, Brazil). Based on several previous analyses and the author's own fieldwork, the segmental phonology of the language is presented from the viewpoint of Pike's *Phonemics*. Syllable structure is defined with reference to the distribution of segments at phrase and morpheme boundaries. The phonological problems confronted by the creators of a spelling system for the language are also described. The distributional analysis of the syllable codas in the language is used to illustrate the problems with Pike's interpretation of neutralization. The attempts by Burgess (1971) and Quintino (2000) to use alternative theoretical approaches to analyze Xavante codas are discussed, and an original solution to the problem is presented. It is argued that the two possible codas in the language, manifested respectively by the neutralized group [p,b,m] and the allophones [j̃,j], represent two phonological segments in phonemic contrast in syllable-final position. A brief discussion of unresolved problems related to accent, vowel length, and morphophonological alteration is also included.

Key words: Xavante language – Phonology; Gê languages; Pike, Kenneth Lee, 1912-2000. Phonemics – Criticism and interpretation.

SUMÁRIO

1.0	**INTRODUÇÃO**	**1**
1.1	Conteúdo e finalidade deste trabalho	1
1.2	Metodologia e perspectiva teórica	2
1.2.1	Pesquisa bibliográfica e delineamento do problema	2
1.2.2	Corpus e levantamento de dados	3
1.2.3	Transcrição	9
1.2.4	Perspectiva teórica e método de análise	12
2.0	**Contexto etnográfico e lingüístico e revisão de estudos lingüísticos anteriores**	**15**
2.1	Contexto histórico e situação atual do povo Xavante	15
2.2	Estudos Etnográficos sobre os Xavante	18
2.3	O lugar da língua Xavante dentro da família Jê	20
2.4	Listas de palavras do século 19	24
2.5	Estudos modernos sobre a língua Xavante	25
2.5.1	A fonologia Xavante	26
2.5.2	Morfologia e sintaxe	29
2.5.3	Dicionários	33
3.0	**Análise dos fonemas segmentais em Xavante conforme a abordagem de Pike (1971)**	**35**
3.1	Análise fonológica em *Phonemics* (PIKE 1971)	36
3.2	Sumário da morfologia Xavante	44
3.3	Visão geral dos fones segmentais e dos fonemas	61

3.4	Distribuição de consoantes e de seqüências consonantais em Xavante	69
3.5	Distribuição de sons vocálicos em Xavante	91
3.6	Divisão da sílaba e tipos silábicos	109
3.7	Fonemas consonantais em Xavante	121
3.7.1	Os fonemas /p/ e /b/ (bilabiais plosivas)	126
3.7.2	Os fonemas /t/ e /d/ (oclusivos alveolares)	132
3.7.3	Os fonemas /s/ e /z/ (fricativas alveolares) e [j̃,j̃] no final da sílaba	135
3.7.4	Fonema /ɾ/ (tap)	140
3.7.5	Fonema /w/ (aproximante bilabial)	145
3.7.6	Fonema /h/ (fricativa glotal)	147
3.7.7	Fonema /ʔ/ (oclusiva glotal)	148
3.8	Fonemas vocálicos em Xavante	151
3.8.1	Vogais anteriores fechadas [i] e [ĩ]	153
3.8.2	Vogais anteriores meio-fechadas e meio-abertas [e,ɛ,ẽ]	155
3.8.3	Vogais centrais [ɜ,a,ɐ̃]	158
3.8.4	Vogal posterior [u]	161
3.8.5	Vogais posteriores, meio-fechadas e meio-abertas [o,ʌ,ʌ̃]	163

4.0	**Fonologia refletida na ortografia Xavante**	**167**
4.1	Origem das diferentes ortografias Xavante	167
4.2	Fonologia refletida no desenvolvimento de ortografias para o Xavante	172

5.0	**A interpretação de [p,b,m] e [j̃,j̃] no final da sílaba**	**179**
5.1	As codas [p,b,m] e [j̃,j̃] em Quintino (2000) e nas publicações do SIL	179
5.2	O padrão de distribuição quase-complementar de [p, b m] e [j̃,j̃]	191
5.3	Explicação para a distribuição das codas em Xavante	210

5.3.1 Como pode ser explicada a distribuição complementar da coda [p,b,m]? 210
5.3.2 Como explicar a distribuição da coda [j̃j̃]? 216
5.3.3 Importância fonológica da distribuição quase-imagem-espelho de [p,b,m] e [j̃j̃] 219

6.0 Conclusão 221

BIBLIOGRAFIA 225

Apêndice: **Problemas restantes: alongamento vocálico, acento, alterações morfofonológicas** 237
A.1 Acento e entonação 237
A.2 Alongamento vocálico 245
A.3 Alteração morfofonológica 247

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 Conteúdo e finalidade deste trabalho

Xavante é uma língua da família Jê, falada por aproximadamente 13.000 indígenas que vivem no estado de Mato Grosso. O presente trabalho pretende acrescentar conhecimento científico sobre esta língua, descrevendo sua fonologia segmental de uma maneira sistemática e coerente. Desse modo, tem a pretensão de contribuir para o estudo das línguas Jê e às línguas indígenas do Brasil. Embora a fonologia Xavante já tenha sido tratada por outros autores, a análise apresentada aqui contém uma variedade de observações e interpretações novas. Apresentam-se, também, soluções para diversos problemas que não foram resolvidos completamente em estudos anteriores.

Os parágrafos introdutórios deste capítulo são seguidos por uma descrição da metodologia usada na pesquisa em que este trabalho é baseado. O capítulo 2 contém um breve sumário do contexto histórico e lingüístico do povo Xavante e uma revisão da literatura lingüística relevante. O terceiro capítulo começa com um sumário da abordagem metodológica e teórica encontrada no livro *Phonemics* de Kenneth Pike (1971; 1ª ed. de 1947). Uma análise dos fonemas segmentais da língua é apresentada em seguida, com base na perspectiva de Pike e em trabalhos anteriores de outros estudiosos, além das informações obtidas em meu trabalho de campo e dos resultados das minhas próprias análises. Os fonemas /z,ʔ,ʌ/ e os segmentos de coda [p,b,m] e [j,j̃] são discutidos em detalhe e interpretados de uma forma diferente dos autores anteriores. O capítulo 4 descreve a evolução dos três diferentes sistemas ortográficos atualmente usados entre os Xavante, e mostra que algumas das dificuldades enfrentadas pelos criadores destas ortografias refletem problemas de análise fonológica. O capítulo 5 apresenta uma análise original dos segmentos de

coda na língua. Argumentar-se-á que as codas possíveis na língua, a neutralizada [p,b,m] e os alofones [j,j̃], respectivamente, representam dois segmentos subespecificados em contraste fonêmico na posição final da sílaba. O capítulo final resume criticamente o conteúdo dos capítulos anteriores, apresenta algumas observações gerais sobre os resultados da pesquisa e delimita as áreas para pesquisa no futuro. Um apêndice trata dos problemas não resolvidos relacionados ao acento, ao alongamento de vogais e às alterações morfofonológicas.

1.2 Metodologia e perspectiva teórica

As seguintes seções descrevem as etapas da pesquisa cujos resultados são apresentados nesta tese, assim como os pressupostos teóricos e metodológicos que guiaram as atividades da pesquisa.

1.2.1 Pesquisa bibliográfica e delineamento do problema

Incentivado por um amigo que estudou a fonologia Xavante, comecei a pesquisar a bibliografia sobre o povo Xavante e sua língua em 2001, com a intenção de estudar a gramática da língua. Depois de um período de um ano e meio em que estive ocupado com outras coisas, retornei a esta pesquisa bibliográfica em 2003. Entrei no programa de doutorado da UNICAMP em março de 2004 e ,naquela época, pretendia investigar as similaridades entre a língua Xavante e a língua mais próxima, o Xerente. Desde então, tenho tentado acompanhar as publicações novas sobre as duas línguas e, quando relevante, as publicações sobre outros aspectos da vida destes dois grupos. Os resultados da pesquisa bibliográfica sobre a língua Xavante estão descritos na revisão da literatura encontrada no capítulo 2. Apenas em 2008 decidi limitar o tópico da

minha tese a um estudo da fonologia Xavante. Até então eu tinha coletado uma quantidade significativa de dados e constatado muitos dos problemas fonológicos específicos que precisavam ser abordados.

1.2.2 Corpus e levantamento de dados

Dentro dos limites impostos pelos objetivos desta tese, tenho tentado seguir no geral as indicações e as técnicas para levantamento de dados descritas no livro *Linguistic Fieldwork* escrito por William Samarin (1967), especialmente as seções sobre trabalho com informantes, a criação de um corpus de dados a elicitação de dados. Entretanto, deverá ficar evidente nas páginas a seguir que muitos dos conselhos e instruções do livro demonstram para mim um ideal que foi posto em prática somente em parte. Para coletar dados em Xavante, utilizei-me das publicações anteriores como um guia no desenvolvimento de questionários. Os questionários foram delineados para elicitar tipos específicos de dados lingüísticos. Através dos questionários foi possível avaliar as conclusões dos estudos anteriores e também testar minhas próprias hipóteses.

Os questionários consistiram geralmente em listas de palavras e sentenças em português que os informantes bilíngües traduziram para o Xavante, ou de palavras e frases encontradas no dicionário de Xavante publicado pelo Summer Institute of Linguistics (SIL) (HALL et al.,1987). No caso destas últimas, pedia-se que o informante lesse as palavras e frases e também que as usasse em sintagmas e sentenças originais (as dificuldades que acompanham este procedimento são discutidas abaixo). Com a exceção de alguns poucos exemplos, os dados lingüísticos apresentados nesta tese foram obtidos de falantes nativos da língua Xavante em entrevistas pessoais e são mantidos em um corpus na forma de gravações e de transcrições. As primeiras gravações foram transcritas à medida que foram gravadas, mas a maioria das transcrições foram feitas após as

gravações. As gravações e as transcrições foram realizadas com o consentimento prévio dos informantes. Meu informante principal, cujas palavras transcritas aparecem no texto, deu permissão para que suas palavras fossem usadas como parte desta tese. O corpus está disponível para consulta mediante solicitação ao presente autor.

A maioria dos dados vem de um único informante, Euzebio Prowari Tsimõ, que me foi apresentado pelo professor Wellington Quintino da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) em 2003. Sr. Euzebio nasceu em 1979 e sempre foi um residente da Terra Indígena (T.I.) São Marcos no município de Barra do Garças, Mato Grosso. Em dezembro de 2009 ele terminou o ensino médio na escola pública de São Marcos. Ele pode ler e escrever em Xavante e português. Além de me fornecer dados da sua língua, Sr. Tsimõ me ajudou também com problemas de análise e transcrição. Os outros informantes que me forneceram dados são Armindo Ö'réwẽ Paramei'wa e Vitor Tsérérowẽ Wadzatsé, ambos da T.I. São Marcos.

O corpus consiste em três partes. A primeira parte é composta pelas listas do vocabulário básico, gravadas e transcritas, baseadas nas listas de palavras usadas em estudos anteriores. Estes dados foram coletados com a finalidade de compreender os fonemas básicos e de comparar os resultados com os dos outros estudos. Este material inclui gravações que fiz durante três visitas curtas à aldeia Dzub'adze em São Marcos em março e outubro de 2003 e março de 2004 e também gravações feitas em Campinas, São Paulo, em abril de 2004.

A segunda parte do corpus consiste em gravações transcritas de sentenças traduzidas do português pelo meu informante principal, Euzebio Prowari Tsimõ. O material traduzido foi baseado nos textos e nos exercícios do *Curso de Língua Xavante* (LACHNITT, 1994). Os dados foram coletados desse modo para fornecer exemplos controlados do vocabulário básico e das estruturas gramaticais da língua, para exemplificar a fonética e fonologia do discurso conectado, e para comparar a fala do meu informante com as descrições de Xavante encontradas na

literatura publicada. A gravação deste material foi feita em Campinas em fevereiro de 2006. A maioria destas gravações foram feitas com meu acompanhamento e interação, mas em alguns casos era preciso, para acomodar o informante, deixar ele simplesmente ler as sentenças que tinha traduzido e escrito antes. Tornou-se difícil transcrever, analisar e anotar todo o material coletado. Percebi também que eu tinha gravado material demais para transcrever de uma forma sistemática. Entretanto, como o informante escreveu em Xavante tudo o que foi gravado, consegui aproveitar o material para achar tipos de exemplos não encontrados no resto do corpus.

A terceira parte do corpus contém respostas gravadas e transcritas a um questionário desenvolvido para solicitar os dados da língua relacionados aos fenômenos fonológicos, especificamente às várias combinações possíveis de consoantes e vogais e a ocorrência de segmentos de coda. Este material foi gravado em Campinas em maio de 2009. Infelizmente, a visita do Sr. Euzebio foi interrompida por razões pessoais, sendo que uma parte do trabalho planejado ficou inacabada. Em relação a determinados processos fonológicos, conseqüentemente, eu tive de depender, em muitos casos, de exemplos tirados das gravações mais velhas e assim me vi obrigado a fornecer menos exemplos do que gostaria, especialmente com respeito ao assunto crucial da assimilação das bilabiais no final da sílaba. Deve-se adicionar que durante toda a minha pesquisa, com exceção dos estágios iniciais, eu tentei tão frequentemente quanto possível transcrever o discurso contínuo na forma de sentenças e sintagmas, ao contrário de palavras individuais faladas separadamente.

O corpus descrito acima tem duas limitações principais. Acima de tudo, há a dependência de um único informante. Pike indica que os métodos explicados em *Phonemics* “são feitos para a aplicação ao material lingüístico como falado por um indivíduo num estilo mais ou menos uniforme" e que “para finalidades práticas esta análise servirá para a mesma pessoa que fala de uma maneira um tanto diferente, ou para outros indivíduos de uma comunidade mais ou menos

homogênea" (PIKE, 1971, p. 66; tradução nossa). Samarin argumenta que um corpus deve ser dialeticamente uniforme, mas acrescenta, entretanto, que o discurso de um único indivíduo talvez não pode ser representativo da norma da comunidade que o analista procura descrever, devido a fatores desconhecidos, como a influência de multilingüismo (SAMARIN, 1967, p. 55-56). Tentei superar este problema comparando os dados de meu informante principal com as poucas transcrições e gravações que fiz pessoalmente com outros falantes da língua Xavante, também moradores de São Marcos. Além disso, comparei meus próprios dados com as gravações que acompanham o *Curso* de Lachnitt (1994), que incluem as vozes de diversos falantes masculinos da T.I. São Marcos. Como não encontrei nenhuma diferença sistemática significativa entre a pronúncia de todos estes outros falantes e o discurso de meu informante principal, acredito que a sua fala reflete a norma da fala masculina da comunidade de São Marcos (segundo Quintino, as differenças entre a fala masculina e feminina em Xavante são "principalmente de ordem lexical"; v. Quintino 2000, p. 7). Além disso, a relativa coincidência de minhas próprias observações com as de investigadores anteriores, cujas pesquisas foram conduzidas em outras comunidades Xavantes, reforça minha opinião de que as limitações do meu corpus de dados não serão a causa de nenhum erro grosseiro de análise. Não obstante, é óbvio que não capturei nada da variação sociolingüística ou estilística entre os falantes de Xavante, mesmo dentro de São Marcos.

O segundo problema é o uso extensivo da língua Xavante escrita na coleta de dados e em todas as etapas restantes do processo de pesquisa. Os questionários que desenvolvi foram baseados principalmente nas publicações do SIL e da Missão Salesiana de Mato Grosso (MSM), todos descritos na seção 2.5, e em muitos casos mandei o informante ler ou repetir palavras ou frases destas fontes. Além disso, ao traduzir do português para o Xavante, meu informante frequentemente escreveu as suas respostas antes da lê-las ao gravador. Com este método, o pesquisador corre o risco de produzir uma descrição de "fala de

sala de aula" (*schoolroom speech*) que reflete o que o informante aprendeu sobre a língua escrita, em vez do discurso natural dele ou de sua comunidade (PIKE, 1971, p. 142). F. Max Müller, em uma discussão sobre os problemas envolvidos no estudo da história das línguas na base de registros escritos, observou há quase 150 anos que,

> Em tempos modernos, de novo, quando os missionários se devotaram ao estudo das línguas de tribos selvagens e analfabetas, raramente fizeram algo além de adquirir um dos muitos dialetos; e quando os seus esforços foram de algum modo bem sucedidos, aquele dialeto que tinham reduzido à escrita, e transformado no meio de sua influência civilizadora, assume logo um tipo de supremacia literária, de modo a deixar para trás o resto como jargões bárbaros. (MÜLLER, 1861, p. 54; trad. nossa)

Como será visto na seção 4.1, esta observação aplica-se ao Xavante na medida em que a ortografia desenvolvida pelos missionários do SIL e de MSM, usada ainda em São Marcos reflete a pronúncia dos residentes mais velhos dessa comunidade. Até que ponto o ensino do Xavante escrito reflete influências deste tipo, não tenho mais informação.

Samarin critica as descrições lingüísticas “baseadas em um corpus que consista em pouco mais do que palavras em formas de citação, paradigmas, e sentenças que são traduções de enunciados postos na língua de contato". Samarin reconhece que um “corpus artificial” deste tipo pode, na melhor das hipóteses, “revelar o núcleo estrutural da língua ", mas argumenta que provavelmente sofrerá de observações limitadas, dos preconceitos impostos pelos métodos e objetivos de pesquisa do investigador e da influência inconsciente da própria língua do investigador (SAMARIN, 1967, p. 57-59; trad. nossa).

Tentei superar estes problemas trabalhando em conjunto com o informante a fim de produzir a terceira parte do corpus. Antes de fazer as entrevistas gravadas, pedi o informante avaliasse todas as palavras, sintagmas,

ou sentenças vindas de fontes publicadas, e todas aquelas que eu tinha criado pessoalmente, para o fim de eliminar ou mudar qualquer coisa que ele percebesse como estranha ou errada e para que ele sugeriresse alternativas. O informante estava ciente das diferenças da grafia, no vocabulário e na gramática, entre sua própria fala e as fontes escritas, e sempre fazia algumas mudanças e acréscimos. Expliquei a ele também que eu estava interessado em gravar a fala cotidiana e normal, e lhe pedi para falar cuidadosamente mas naturalmente, nem demasiadamente rápido nem devagar. Durante as entrevistas, muitas vezes saímos da rota do questionário, em oportunidades em que pedi para o informante repetir, explicar e traduzir palavras e idéias, ou esclarecer um ponto fonético, numa tentativa de solicitar um discurso o mais espontâneo e natural possível. Ao pedir para que o informante traduzisse ou criasse sintagmas (principalmente combinações de substantivo + posposição), tentei superar, com sucesso limitado, sua insistência em ler um texto que ele tinha escrito previamente. Não obstante, acredito que a quantidade e a variedade do material que foi fornecido permite que eu tenha uma idéia suficiente de sua fala natural para as finalidades de descrever os fonemas segmentais da língua (para os problemas relacionados a descrever os supra-segmentais, veja o Apêndice).

Quanto à confiabilidade dos resultados baseados nos métodos e nos procedimentos acima descritos, talvez mais importante do que as considerações já mencionadas seja o fato de que a análise fonológica da língua nesta tese, embora pretenda ser um olhar novo sob o assunto, está construída em cima das análises de investigadores anteriores. Muito do meu próprio levantamento e análise de dados foi projetado com um foco na compreensão e resolução de aparentes problemas não resolvidos em trabalhos anteriores. Os fonemas e os processos fonológicos da língua já tinham sido objeto de descrição quando comecei a estudar a fonologia Xavante, de modo que eu sabia que tipo de coisas procurar. Este conhecimento, combinado com o uso de fontes escritas no desenvolvimento dos questionários e com os benefícios de contar com um informante que escreve

a língua, tornou a interpretação fonológica e gramatical dos dados muito mais fácil do que teria sido em sua ausência. Além disso, permitiu que uma quantidade muito maior de dados relevantes fosse recolhida e analisada dentro de um período mais curto. Espera-se que esta vantagem compense de algum modo a minha falta de contato direto com a língua e minha inabilidade de a falar. O conteúdo desta tese consiste principalmente em um esclarecimento das análises fonêmicas anteriores, de uma identificação e tentativa de resolução de alguns problemas, e especificação de problemas que precisam ainda ser resolvidos – é por esta razão que "uma revisitação" foi adicionada ao título.

1.2.3 Transcrição

Os exemplos do corpus foram transcritos foneticamente em termos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Ao transcrever enunciados do Xavante, tentei produzir transcrições fonéticas que são, nos termos de Ladefoged, sistemáticas, alofônicas, e comparativas (LADEFOGED, 2006, p. 267-268). Isto é, visei a indicar as distinções alofônicas na língua (transcrição alofônica) de uma forma consistente (transcrição sistemática), e usar símbolos para estes alofones que são próximos às suas manifestações fonéticas (transcrição comparativa). Vale a pena notar que Ladefoged define uma transcrição sistemática como uma que "de alguma maneira reflete os fatos sistemáticos e lingüísticos do enunciado que está sendo descrito", ao contrário de uma transcrição impressionística, que seja um registro em símbolos fonéticos do que o foneticista ouve exatamente. Em seguida, Ladofoged afirma:

> Os foneticistas fazem muito raramente uma transcrição totalmente impressionística. No geral, alguns minutos depois de começar a transcrever os enunciados de um paciente novo [em caso de patologia da fala] ou do falante de uma língua com que nós não trabalhamos antes, começamos a

> usar os símbolos que confirmam nossas hipóteses e suposições lingüísticas. Logo paramos de anotar pequenas diferenças entre repetições do mesmo enunciado, particularmente se são do tipo de que parece ser inconsciente para o falante. Virtualmente, a única ocasião em que uma transcrição completamente impressionística se faz necessária está na investigação do balbucio pre-lingüístico de uma criança. (LADEFOGED, 2006, p. 267; trad. nossa)

Assim, para este autor, quase todas as transcrições fonéticas são sistemáticas de uma certa medida. Como observa na página seguinte, “Assim que os dados forem segmentados ou descritos em qualquer maneira, as considerações fonológicas se fazem, inevitavelmente, presentes". De acordo com estas observações de Ladefoged, as transcrições no presente trabalho visam à precisão, mas também a uma consistência prática em conformidade com os objetivos de análise fonológica.

Ao apresentar exemplos de Xavante, cada transcrição fonética é acompanhada por uma transcrição ortográfica, uma tradução e, onde necessário, uma análise gramatical. As transcrições fonéticas são feitas entre colochetes ([….]) e as transcrições ortográficas, entre parênteses angulares (**<**….**>**). Quando mais conveniente, as transcrições ortográficas podem às vezes ser feitas em itálico. As divisões morfêmicas são indicadas por um hífen dentro das palavras ortográficas. As transcrições fonêmicas, incluídas em parênteses de barra (/..../), são usadas quando a discussão envolve um foco em assuntos relacionados aos contrastes fonêmicos. As transcrições ortográficas usam a ortografia atual do SIL (descrita em 4.1) agora em uso na T.I. Marechal Rondon e na T.I. Parabubure e nas publicações do SIL sobre Xavante atualmente disponíveis na Internet. A menos que se indique o contrário, as transcrições ortográficas seguem a fala natural do meu informante (como a interpretei fonologicamente), em lugar de sua própria grafia ou da grafia encontrada em um dos dicionários Xavante-Português. Eu decidi usar uma transcrição ortográfica, em vez de usar uma transcrição fonêmica, pelas seguintes razões:

(1) Uma transcrição ortográfica permite que o leitor compare facilmente o material apresentado aqui com aquele encontrado nas publicações do SIL e da MSM (descritas na seção 2.5) e com qualquer texto escrito em Xavante (tomando em conta as diferenças de ortografia – veja 4.1).

(2) A língua Xavante é estruturada de tal maneira que a escrita alfabética representa sua estrutura fonológica de uma forma bastante conveniente. Há na língua uma coincidência nítida e muito consistente entre as fronteiras de segmentos, sílabas, morfemas, e palavras. Além disso, como será visto na seção 4.2, a ortografia desenvolvida pelos missionários do SIL é bem adaptada à fonologia da língua. Assim, se alguns fatos simples sobre o sistema ortográfico foram levados em conta (veja 3.3), não há nenhuma distorção dos fatos fonológicos nas transcrições ortográficas apresentadas aqui. Pode-se dizer que, pelo menos em um aspecto, elas distorcem os fatos menos do que as transcrições fonêmicas, uma vez que a ortografia consistentemente representa os sons [p,b,m] diretamente como <p,b,m>. A transcrição ortográfica não supõe, como a transcrição fonêmica Pikeana (por exemplo, McLeod, 1974), que o som [p] no final da sílaba deve ser representado como /p/ (v. 3.7.1).

(3) Pode-se esperar que investigadores com interesse especial em Xavante (presumivelmente a audiência principal do presente trabalho), todos os leitores Xavantes, e outros estudantes da língua Xavante, estejam familiarizados com a ortografia Xavante. Para estes leitores, a apresentação dos exemplos na forma ortográfica foi julgada a mais conveniente.

(4) Apresentar transcrições fonêmicas e ortográficas juntas seria, na maioria dos casos, confuso e também um gasto desnecessário de espaço, especialmente dentro das tabelas.

Em alguns casos, apresento exemplos de palavras ou frases (sempre em transcrição ortográfica) que não são dos meus próprios dados. Nestes casos sempre fica indicada a fonte do exemplo. Alguns poucos exemplos somente com transcrição ortográfica vêm dos meus próprios dados, para os quais falta transcrição fonética. Estes são indicados como "exemplo escrito" e só foram utilizados quando necessário e em casos onde a interpretação fonológica do exemplo fica sem ambigüidade.

1.2.4 Perspectiva teórica e método de análise

Esta tese é motivada por um desejo de compreender o que significa quando os alunos são ensinados que a fonologia de uma língua é um sistema. Para esta razão entendo ser melhor não examinar em detalhe algum processo fonológico em particular por meio de uma das abordagens mais recentes da teoria fonológica. Tentei de preferência fornecer argumentos que esclarecem a natureza das unidades fonológicas básicas (fonemas, sílabas) e processos fonológicos (nasalização, assimilação de coda) na língua. Além disso, no Apêndice, tento elucidar os problemas que precisam ser resolvidos no que diz respeito ao acento, alongamento da vogal e alteração morfofonológica. Tentei basear os argumentos em algumas poucas suposições teóricas bem estabelecidas, encontradas principalmente em Pike (1971), e também em exemplos de dados que eu mesmo colhi, transcrevi, e analisei. Ao fazer assim, tentei perceber os vários tipos de relações – paradigmáticas, sintagmáticas, de contraste, de simetria, de classe natural, de similaridade fonética – que cada suposta unidade ou processo fonológico em Xavante tem com os outros, sejam eles compreendidos em termos da descrição formal ou percebidos por intuição estética.

O capítulo 3 consiste em uma análise fonológica dos fonemas segmentais do Xavante baseada nas suposições teóricas e metodológicas de Pike

(1971). Um resumo dos conceitos principais da abordagem de Pike é apresentado em 3.1. Esta perspectiva foi escolhida por diversas razões. Primeiramente, as análises anteriores dos fonemas do Xavante foram feitas nesta perspectiva (MCLEOD, 1974; QUINTINO, 2000), e, reexaminar o Xavante na mesma perspectiva, permite que alguns problemas com estas análises sejam indicados claramente. Em segundo lugar, embora as suposições teóricas do trabalho de Pike sejam ultrapassadas, os métodos básicos dele são ainda válidos (compare, por exemplo, Pike (1971) com Hayes (2009, p. 19-69)). Em terceiro lugar, a perspectiva holística de Pike sobre análise fonológica, que inclui prestar atenção simultaneamente às unidades segmentais, supra-segmentais, prosódicas, e gramaticais, está em conformidade com o objetivo de compreender a fonologia Xavante como um sistema coerente. Em quarto lugar, porque um problema importante, mas não resolvido, na fonologia Xavante – a análise de segmentos de coda – pode claramente ser compreendido quando visto à luz das deficiências da abordagem Pikeana.

O capítulo 4 mostra como os vários problemas na análise fonológica do Xavante são refletidos nas dificuldades confrontadas pelos missionários do SIL e da MSM em desenvolver um sistema ortográfico para a língua. O capítulo 5 trata exclusivamente da explicação dos segmentos de coda [p,b,m] e [j,j̃]. Esse capítulo mostra como, supondo que as codas são segmentos subjacentes que são neutralizados em alguns contextos e não aparecem em outros, podemos abordar os dados de uma maneira mais abrangente do que a abordagem fonêmica Pikeana. Como mencionado antes, o capítulo 6 resume os resultados da tese e o Apêndice trata de questões não resolvidas na fonologia Xavante.

2.0 Contexto etnográfico e lingüístico e revisão de estudos lingüísticos anteriores

2.1 Contexto histórico e situação atual do povo Xavante

Durante o século 19 os Xavante foram descritos por vários autores como sendo relacionados a um outro grupo indígena, os Xerente. Em uma publicação de 1867, o naturalista Martius incluiu os dois povos entre um conjunto de grupos indígenas do Brasil central, lingüística e culturalmente similares, a quem designou povos Gê (escrito atualmente "Jê"). Desde o tempo de Martius, a história dos dois grupos, especialmente dos Xavante, tem sido assunto de pesquisas cada vez mais aprofundadas, culminando, em décadas recentes, em vários estudos bem documentados. A história dos Xavante é contada por Ravagnani (1991) e Silva (1992), e exposições mais breves podem ser encontradas em Silva (1999/2000) e Coimbra Jr. et al. (2002). O seguinte sumário é baseado nestas fontes. Um mapa que mostra a posição das Terras Indígenas Xavante se encontra na figura 2.1. A história do Xerente é contada em Farias (1994) e em Paula (2000). Bibliografias atualizadas sobre os dois grupos, que incluem dissertações e teses, podem ser encontradas no site do Instituto Socioambiental (ISA) (*www.socioambiental.org*).

Os Xavante acreditam que originalmente viveram perto do mar, embora desconheçam exatamente o local. Durante o período colonial, registrou-se que viviam entre os rios Tocantins e Araguaia, numa região atualmente dentro dos estados de Goiás e Tocantins. No século 17 seu território foi invadido por bandeirantes e no século 18 por exploradores de ouro. Acredita-se que os Xavante e os Xerente originalmente formavam um único grupo e que se separaram na primeira metade do século 19. Antes daquele tempo, foram

chamados pelos escritores como “Xavante” ou “Akuen” (*a'uwẽ* em Xavante ou *akwẽ* em Xerente, que significa “pessoa” ou “gente”). O nome Xerente aparece nos registros históricos pela primeira vez no começo do século 19. A origem das palavras “Xavante” e “Xerente” é desconhecida.

Em algum momento no século 19, os Xavante migraram para o oeste, fugindo da pressão dos colonizadores brasileiros. Cruzaram o rio Araguaia e estabeleceram-se no nordeste de Mato Grosso, em uma área entre o rio Tapirapé e o rio das Mortes. Os Xerente permaneceram, até os dias atuais, numa parte de seu território tradicional. A data exata da separação dos dois grupos, as razões para sua divisão, e o caráter de seu relacionamento, são perguntas não resolvidas. O problema é assim descrito por Farias:

> Alencastre (1865: 92-97) apresentou os Xerente e os Xavante como sendo dois grupos diferenciados. Castelnau (1850: 352) considerou os Xavante como sendo um subgrupo dos Xerente. Pohl (1832: 165) e Martius (1867: 275) entenderam exatamente o inverso e apresentam os Xerente como sendo um subgrupo dos Xavante. Concórdia existe só para o fato de que ambos os grupos ocupavam neste período o mesmo território (Cunha Mattos 1875: 18-19/1924) e que possuíam muitos costumes em comum (Nimuendajú 1942: 2). Para Ravagnani (1977) Xerente e Xavante são subdivisões de um mesmo grupo que, a partir do início do século XIX, formaram dois grupos distintos, mas bastante próximos culturalmente. Hoje há uma certa concordância sobre o fato destes estarem bastante próximos, senão unidos em uma só sociedade, até meados do século XIX (Maybury-Lewis 1965). (FARIAS, 1994, p. 30)[1]

Por quase cem anos (aproximadamente 1840-1940) os Xavante viveram no nordeste de Mato Grosso, isolados do avanço contínuo da

[1] Faltam várias das referências bibliograficas neste artigo. Ravagnani (1977) é equivalente a Ravagani (1991) na bibliografia no fim desta tese.

colonização. Pouco se sabe sobre as atividades dos Xavante durante estes anos. Há evidências de que até o começo do século 20, grupos de Xerentes visitavam as aldeias dos Xavantes no lado oeste do rio Araguaia. De acordo com uma fonte, estas visitas foram encerradas porque os Xavantes temiam que os Xerente trouxessem com eles doenças dos colonizadores (SILVA, 1948, p. 211). Nas décadas de 30 e 40, os Xavantes se espalharam pela parte oeste de Mato Grosso, e, nesta época, entravam em contato com os representantes da sociedade brasileira na forma de missionários católicos, colonizadores brasileiros e agentes do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Após décadas de sofrimento e conflito, em 1980, os Xavantes ocupavam seis terras indígenas: Areões, Pimentel Barbosa, São Marcos, Sangradouro, Marechal Rondon e Parabubure. A história política dos Xavantes do estabelecimento, do Estado Novo até o fim do governo militar, um período em que os Xavante foram frequentemente assunto da atenção nacional no Brasil, é contada detalhadamente em Garfield (2001).

Silva (1986, p. 31-44) divide os Xavante em três grupos, classificados com base em seu território e no tipo de contato com a sociedade não-índígena. O primeiro grupo, encontrado nas T.I.s Pimentel Barbosa e Areões, continua a viver no mesmo território que habitou antes de seu contato no século 20 com a sociedade brasileira. Este grupo foi pouco influenciado por missionários e sua interação com a sociedade brasileira foi até recentemente mediada em grande parte pelo SPI (Serviço de Proteção aos Ìndios) e depois pela FUNAI (Fundação Nacional do Ìndio). Desde a década de 90, entretanto, os Xavante de Pimentel Barbosa vêm trabalhando ativamente para tornar sua identidade e sua cultura conhecidas pelo mundo (GRAHAM 2005). O segundo grupo vive nas T.I.s Parabubure e Marechal Rondon. A maior parte desta área foi ocupada por Xavantes antes dos anos 40, e retomada por eles na década de 70. Este grupo foi influenciado por missionários protestantes, inclusive do SIL, e muitos deles

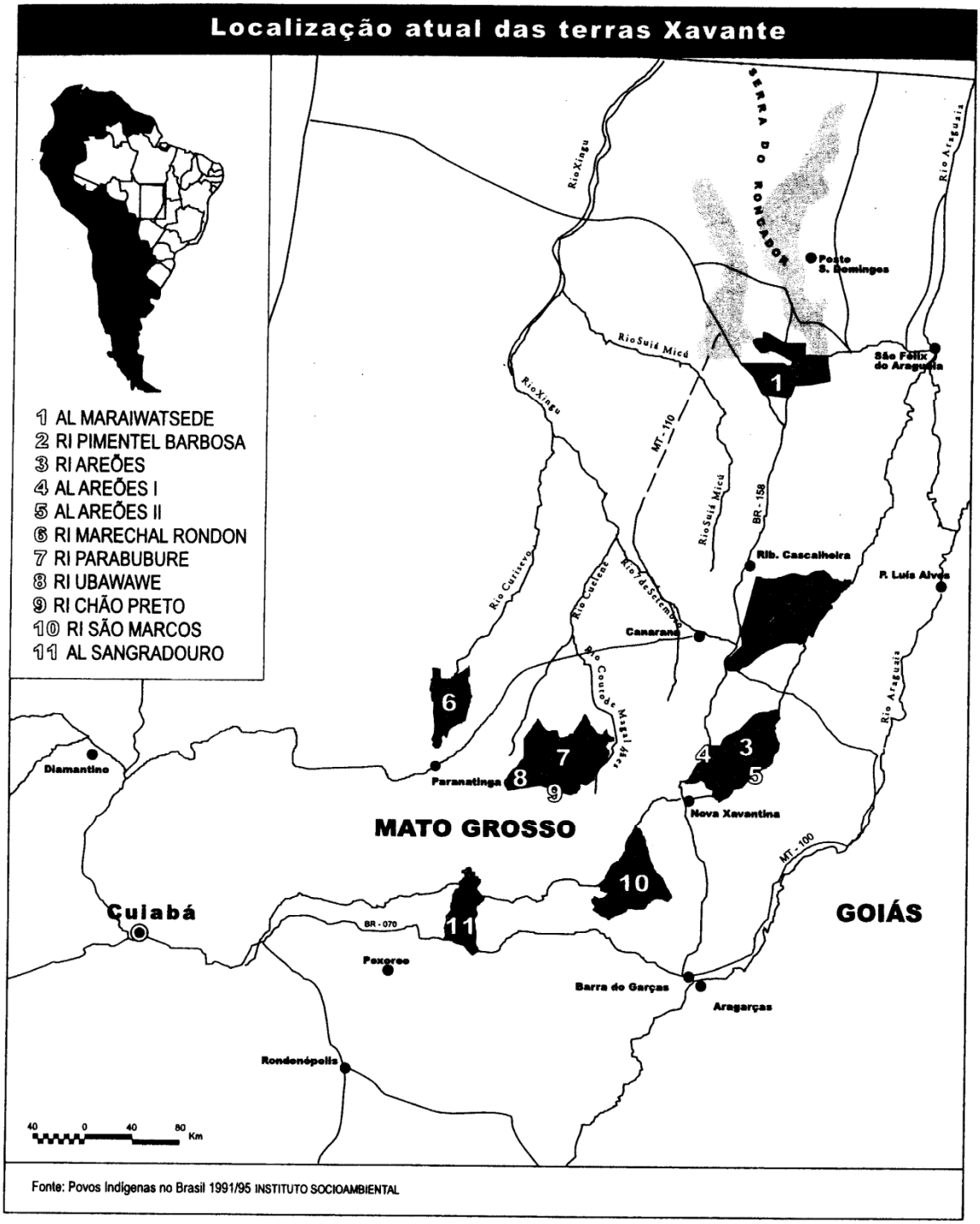
consideram-se crentes. O terceiro grupo é compreendido por residentes das T.I.s São Marcos e Sangradouro e inclui os membros deste grupo que se mudaram para Parabubure nos anos 70. Os missionários Salesianos dominaram São Marcos e Sangradouro até os anos 90 e por um longo tempo dirigiam as escolas nestas T.I.s. Sua influência nestas comunidades, que era bastante opressiva, é descrita em Menezes (1985) e em Garfield (2001, p. 114 et seq.).

A população Xavante aumentou de 1100 pessoas em 1958 para aproximadamente 13.000 em 2007. Esta população mora atualmente em onze territórios indígenas situados no centro e leste de Mato Grosso. Além das seis T.I.s Xavante mencionadas acima, desde os anos 80 quatro T.I.s adicionais (Areões I, Areões II, Chão Preto, e Ubawawẽ) foram criadas, contíguas às que já existiam. Mais uma T.I. Xavante separada das outras, Maraiwatsede, foi criada na parte nordeste de Mato Grosso, numa área habitada por Xavantes durante o fim do século 19 até o meio do século passado. À exceção de Areões I e II, todas estas T.I. concluíram o processo de homologação oficial e registro. Maraiwatsede, embora reconhecida oficialmente, é, ainda hoje (2009), ocupada por “posseiros” que estão resistindo à remoção. Escolas públicas com programas de instrução bilíngüe existem em todas as T.I.s Xavante. O bilingüismo em comunidades Xavante nunca foi estudado.

2.2 Estudos Etnográficos sobre os Xavante

Nimuendajú publicou os primeiros estudos etnográficos sobre os Xerente, e sua descrição da organização social e do sistema de parentesco da tribo atraiu a atenção do mundo antropológico daquele tempo (NIMUENDAJÚ, LOWIE, 1939; NIMUENDAJÚ 1942; LEVI-STRAUSS 1969, cap. 6,7). Baldus (1948) publicou o primeiro material etnográfico sobre os Xavante, baseado em fontes secundárias. Incentivado pelo trabalho destes estudiosos, Maybury-Lewis

Figura 2.1: Mapa das atuais Terras Indígenas Xavante (fonte: SILVA, 1999/2000, p.216)



fez trabalhos de campo entre os Xavante e os Xerente nas décadas de 50 e 60, concentrando-se nos Xavantes por causa de seu relativo isolamento da sociedade brasileira (MAYBURY-LEWIS, 1965, 1965/66, 1968, 1974, 1979). Ao lado destes trabalhos, existem também os estudos antropológicos feitos por missionários Salesianos, que começaram a trabalhar com o povo Xavante no fim dos anos 50 (Giaccaria e Heide (1972) talvez é o mais importante destes). Silva (1986) é um profundo estudo antropológico que acrescenta muito ao que todos estes autores disseram, assim como Graham 1995. Coimbra Jr. et al. (2002) é um trabalho interdisciplinar detalhado que sintetiza cinqüenta anos de pesquisa ecológica, histórica, antropológica, demográfica, médica, e genética sobre os Xavante. Apesar de sua visão holística da história e da cultura do povo, o livro não dá nenhuma atenção a tópicos lingüísticos ou sociolingüísticos. Além dos vários livros sobre os Xavante que foram publicados desde os anos 70, as universidades brasileiras produziram mais de 25 teses e dissertações que tratam de muitos aspectos da sociedade Xavante (boa parte destes encontra-se na bibliografia *on-line* do Instituto Socioambiental).

2.3 O lugar da língua Xavante dentro da família Jê

O Xavante, junto com o Xerente, é classificado como pertencendo ao ramo central da família Jê. A família Jê faz parte de um conjunto maior de línguas indígenas brasileiras, conhecido como a família Macro-Jê, que compartilham de distantes, mas reconhecíveis, similaridades lexicais, fonológicas e gramaticais. Rodrigues descreve o conjunto Macro-Jê como “uma hipótese prática cujos detalhes variam de acordo com estudiosos diferentes" (RODRIGUES, 1999, p. 165). A classificação da família Jê encontrada em Rodrigues (1999) e (2002) é sumarizada na tabela 2.3A. Pode-se ver que das treze línguas na lista, três não são mais faladas e uma provavelmente já não se fala mais. Das nove línguas

vivas da família Jê, o Xavante é tida como tendo o segundo maior número de falantes (9000), o Xerente tem o sexto maior número (1550), e há três línguas Jê com menos de 1000 falantes.

Tabela 2.3A: Família Jê (RODRIGUES 1999:167; 2002:8-9; † = língua morta) [2]

língua	**pop.**	**localização**
Jê norte-oriental		
Jaikó	†	SE Piauí
Jé setentrional		
Timbíra	2800	Maranhão, Pará, Tocantins (vários dialetos)
Apinajé	720	N Tocantins
Kayapó ou Mebengokré	5000	L Mato Grosso, SE Pará (vários dialetos)
Panará	160	N Mato Grosso, SO Pará
Suyá/Tapayúna	213/58	Parque Indígena do Xingu – Mato Grosso
Jê central		
Xavante	9000	SE Mato Grosso
Xerente	1550	Tocantins
Xakriabá	†?	NO Minas Gerais
Akroá	†	L Goiás, S Maranhão
Jê meridional		
Kaingáng	20.000	estados de SP, PR, SC, RS (vários dialetos)
Xokléng	1650	Santa Catarina
Ingaín	†	NE Argentina, SE Paraguai

[2] O website do Insituto Socioambiental providencia dados mais atualizados sobre a população dos seguintes grupos Jê, provenientes da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e de outras fontes: Timbira: aproximamente 5800 (2005-2008); Apinajé (considerado falantes de um dialeto de Timbira): 1525 (2006); Kayapó: 5923 (2006); Panará: 374 (2008); Suyá: 351 (2006); Tapayúna: 58 (1995); Xavante: 13.303 (2007); Xerente: 2,569 (2008); Kaingáng: 28.000 (2006); Xokléng: 887 (2004).

Da revisão histórica da literatura lingüística apresentada em Rodrigues (2002), pode-se ver que a classificação das línguas Jê se submeteu a refinamentos desde que a relação familiar foi proposta pela primeira vez em 1867 por Karl von Martius. Mas, está claro no artigo de Rodrigues, entretanto, que desde que von den Steinem, em 1886, propôs a divisão das línguas Jê em subgrupos, a maioria dos estudiosos reconheceram as quatro línguas classificadas atualmente como Jê central (Xavante, Xerente, Xakriabá e Akroá) como sendo do mesmo subgrupo. Até os anos 60, a classificação das línguas Jê foi baseada nos dados limitados achados em listas de palavras levantadas por viajantes, por missionários e, em alguns casos, por um etnólogo lingüisticamente competente como Ehrenreich (EHRENRECH 1895). As línguas Xakriabá e Akroá são conhecidas somente através de fontes como estas. Rodrigues (1986) apresenta uma classificação das línguas vivas da família Jê baseada em classificações anteriores e informações de alguns estudos descritivos mais recentes. Conforme as classificações anteriores, classifica-se Xerente, Xavante e Xakriabá como pertencendo ao grupo Akwén, termo que pode ser considerado sinônimo de Jê central. Rodrigues (1999) discute as similaridades entre as línguas Macro-Jê, mas não oferece argumentos detalhados para a classificação das línguas Jê apresentada (aquela reproduzida acima na tabela 2.3A).

Na tabela 2.3B abaixo, encontram-se exemplos de itens lexicais de algumas línguas Jê, extraídos de Davis (1966). Estes exemplos são apresentados meramente com a finalidade de ilustrar que as duas línguas do subgrupo Jê central são distintamente mais similares entre si do que o resto das línguas Jê. Davis reconstruiu o sistema fonológico do proto-Jê, baseando seu trabalho em descrições de línguas vivas feitas por indivíduos com treinamento lingüístico. Os exemplos na tabela de palavras de Xerente vêm de Kreiger e Kreiger (1994), e são alterados para conformar-se ao sistema de transcrição fonológica usado por Davis. Davis transcreve as oclusivas sonoras e as fricativas sonoras em Xavante com os símbolos /m,n,n^{y}/ de seus alofones nasais, ao contrário da prática comum de usar suas contrapartidas não-nasais /b,d,z/. Transcrevi os sons cognatos em Xerente como /m,n,z/, porque o Xerente não tem nenhuma contrapartida nasal para o /z/. O símbolo /c/ na transcrição do Xavante de Davis é geralmente escrito como /s/ por outros autores. As vogais nasais são escritas com til na tabela a seguir, em lugar do ^{n} sobrescrito usado por Davis.

Tabela 2.3B: Exemplos de cognatos nas línguas Jê encontrados em Davis (1966). Os exemplos do Xerente são de Kreiger and Kreiger (1994), modificados para se adequar às transcrições de Davis.

		Jê setentrional			Jê central		Jê meridio.
trad.	Proto-Jê reconstr.	Apinajé	Timbira (Canela)	Suyá	Xavante	Xerente	Kaingang
sangue	*ka-mro	kamro	(ii)kapro	k^haamro	waapru	-wapru	
estrela	*kanʸe	kanʸe(ti)	kacee(rɛ)	k^hane(ti)	waaci	waci	
chupar	*ka-zo, -zor	kao, kaor	kaho		wapcõ	wapcõ	kãhun
pele;casca de árvore	*kə	kʌ	(ii)k^hə	k^hy	hə	-hə	
céu	* kəckwa	kackwa	kojk^{h}wa	kajkwa	hənʸwa	hewa	kanʸkã
cabeça	*krã, krãnʸ	krʌ̃	(ii) k^hrɛ̃	(wa)krɛ̃	ʔrã, ʔrãnʸ	-krã	krĩ
casa; cova	*krɛ	(i)krɛ	(ii)k^hrɛ	(k^hi)krɛ	ʔri	kri	krɛ
frio	*kry	(ʔa)kry	k^hry	k^hry-	həə-	həni	(ku)kry(ry) (geada)
anta	*ku-kryt	kukryt	kuk^{h}ryt	k^hukryty	ʔuhəənə	kuhə	
lavar	*ku-zõ, -zõnʸ	kuʔõ, kuʔõnʸ	kuʔhõ, kaʔhõ		ʔupcõ, ʔupcõnʸ	kupcõ	fa, fã, fãŋ
figado	*ma	ma	(ii)pa	(ĩĩ)ma	pa	-pa	(tã)mẽ
bom	*mɛc	mɛc	-pɛj	mɛt-	pece	pece, pce	
rabo	*my	(ʔa)my	(ha)ppy	myy	mə	-mə	my
língua (parte do corpo)	*nʸõ-tɔ	õʔtɔ, -nʸõʔtɔ	-jõʔtɔ	(wa)nʸotɔ	cõtɔ	-cõitɔ	nũnẽ
água	*ŋo, ŋoc	ŋo, ŋoc	ko	ŋo	-ʔə, ʔu, ʔənʸ	kə	ŋojo
ovo	*ŋrɛ	ŋrɛ	(in)krɛ	-ŋrɛ	ʔre	kre	ŋrɛ (pênis)
um	*py-ci, py-cit	pyci	pycit	wyti-	mĩci	smĩci	pi(ri)
morrer	*ty, tyk, tyr	ty, tyk	tyy	-ty	tə, nəʔə, nəərə	nərə	tere
soprar	*zako, zakor	ʔako, -jako, -jakor	hakkoo		caʔu, caʔuuri	caku, cakuri	jãka
osso	*zi	ʔi, -ji	-hi	-si	hi	-hi	
folha	*zo, zoc	ʔo	(ʔi)ho	-so	(we)cunʸ(rã)	-cu	fɛjɛ
semente	*zy	ʔy	(iʔ)hyy		nʸə	-zə	fy

Desde os anos 60, muitos trabalhos descritivos foram feitos sobre as línguas Jê. Embora faça pouco tempo que Rodrigues indicou que "o estudo de Davis [1966] constituiu ótimo ponto de partida para a lingüística comparativa Jê, a qual, entretanto, ainda não deslanchou" (2002, p. 8), estudos comparativos atualmente recebem a atenção de um número crescente de estudiosos no Brasil. Muitas destas atividades são evidenciadas na *Bibliografia das Línguas Macro-Jê* (D'ANGELIS et al., 2002; a bibliografia está disponível na internet, com atualizações, no site *macro-je.etnolinguistica.org*) e nas publicações dos trabalhos apresentados nas reuniões anuais consagradas às línguas Jê e Macro-Jê que acontecem desde 2001 (SANTOS, PONTES, 2002; *Liames* 4, 2004).

Embora esta tese trata especificamente da fonologica do Xavante, as seções que seguem contêm um panorama geral da literatura lingüística sobre a língua, dando atenção em particular às publicações que são especialmente relevantes para o tópico desta tese.

2.4 Listas de palavras do século 19

Os registros mais antigos da língua Xavante vêm da primeira metade do século 19. Em 1819 o viajante alemão Johann Emanuel Pohl visitou o assentamento de Carretão em Goiás (hoje povoado ainda por descendentes de Xavantes, monolíngües em português) e levantou um vocabulário de 70 palavras em Xavante (POHL, 1976 p. 182). Castelnau (1851), registro de uma expedição francesa à América do Sul que ocorreu durante a década de 1840, contém vocabulários de diversas línguas indígenas da América do Sul, inclusive Xerente e Xavante (CASTELNAU, 1851, p. 263-268). A lista de palavras em Xerente (o primeiro registro desta língua) contém 190 palavras das quais 28 são marcadas como sendo idênticas em Xavante. A lista Xavante contém aproximadamente 290 palavras e não inclui as 28 cognatas na lista de Xerente. Martius (1867, p. 134 et

seq.), no trabalho em que propôs classificar determinados grupos indígenas do Brasil central como os povos Gê, reproduziu os vocabulários acima mencionados, combinando as palavras em Xavante das listas de Pohl e de Castelnau em uma única lista. Um artigo de autoria de Maybury-Lewis (1965/66) compara cuidadosamente estas listas de palavras. Outro trabalho do século 19 que vale mencionar é o de Ehrenreich (1895). Lingüisticamente sofisticado para o padrão da época, a metade deste artigo (p. 149-162) se ocupa de uma comparação do Xerente e do Xavante, inclusive com uma descrição fonética breve das duas línguas, observações sobre sua gramática, e listas de palavras cuidadosamente projetadas.

2.5 Estudos modernos sobre a língua Xavante

Embora os missionários salesianos tenham começado a estudar a língua Xavante em 1957, estabelecendo um sistema ortográfico e mais tarde produzindo vários materiais educacionais e religiosos na língua, o primeiro estudo verdadeiramente lingüístico sobre o Xavante foi feito por missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL, conhecido agora no Brasil como a Sociedade Internacional de Lingüística). Segundo Lachnitt (1998, p. 51-52), "O SIL começou suas atividades de pesquisa da língua Xavante em 1958, na aldeia Simões Lopes. A equipe começou com Eunice Burgess e Ruth McLeod. Em 1960 Joan Hall entrou na equipe, sendo que Eunice Burgess se retirou em 1962. Em 1973 Valerie Mitchell enriqueceu a equipe." Dos anos 60 até os anos 80, estas três autoras do SIL produziram uma variedade de materiais descritivos e educacionais sobre Xavante. A partir de 1990, um outro autor do SIL, Alec Harrison, adicionou algumas contribuições à bibliografia da língua. O padre salesiano George Lachnitt escreveu dicionários e uma gramática para uso em escolas Xavante, e também um *Curso de Língua Xavante* (LACHNITT, 1992) para falantes de português que

desejam aprender Xavante. Desde 1998, estudiosos de universidades brasileiras têm produzido alguns estudos lingüísticos sobre o Xavante. A ortografia do Xavante, um tópico de interesse lingüístico e sociológico em si, é tratada no capítulo 4.

Os trabalhos estritamente lingüísticos dos autores e organizações mencionadas acima são avaliados nas seções que seguem neste capítulo. Alguns manuscritos não-publicados, coleções de textos em Xavante, cartilhas, e materiais didáticos e religiosos, produzidos pelo o SIL e pela MSM e que tem a ver com a língua Xavante, encontram-se na *Bibliografia das Línguas Macro-Jê*. Somente os mais relevantes dentre estes são discutidos abaixo. Muitas publicações do SIL estão disponíveis no site da organização (*www.sil.org/americas/brasil*). Uma lista das publicações da MSM pode ser encontrada nas páginas finais de Lachnitt (1988). As atividades destas organizações missionárias entre os Xavante são altamente criticáveis em muitos aspectos, particularmente em respeito a sua interferência nas tradicionais práticas culturais dos Xavante – veja Garfield (2001, p. 114 et seq.); e em referência particularmente à T.I. São Marcos, veja Menezes (1985).

2.5.1 A fonologia Xavante

Burgess (1961a), **McLeod (1960a**, **1960b**, **e 1961b)** são estudos do SIL não-publicados sobre a fonologia do Xavante, listados na *Bibliografia das Línguas Macro-Jê* como disponíveis no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Não consegui consultar estes trabalhos para avaliação.

Em **Burgess (1971)**, "Duas análises das sílabas do Xaványte", o autor tenta esclarecer o alongamento de vogais, a coda [j,j̃], e a neutralização de [p,b,m] no final da sílaba, em termos do conceito de Firth (1957) de prosódias. Argumenta que a análise da estrutura da sílaba em Xavante de acordo com a teoria de Firth

tem vantagens sobre uma interpretação baseada na abordagem fonêmica tradicional. O autor dá uma descrição mínima dos fonemas Xavante e poucos exemplos dos fenômenos de que trata. No entanto, este artigo chama a atenção para alguns assuntos que não são tratados em outros trabalhos, e por isso será discutido mais detalhadamente no capítulo 5.

McLeod (1974), *Fonemas Xavánte*, é uma descrição da fonologia do Xavante de acordo com a abordagem fonêmica de Pike (1971). Este artigo é baseado em trabalho de campo feito pela autora, principalmente com informantes mulheres, de 1958 a 1961, no Posto Indígena Simões (atualmente P.I. Baikiri, no município de Chapada dos Guimarães, MT). Os tipos de sílabas são listados e sua distribuição dentro das palavras é indicada. Os fonemas da língua são apresentados com exemplos da distribuição complementar dos alofones, mas não são apresentados exemplos da distribuição contrastiva dos fonemas diferentes (por exemplo, pares mínimos). A distribuição dos fonemas dentro dos tipos de sílaba é descrita brevemente, como também o são as combinações de consoantes encontradas em junturas silábicas. A última seção do artigo é uma lista de aproximadamente 200 palavras, transcritas foneticamente e fonemicamente e acompanhadas por tradução em português. Os aspectos supra-segmentais não são tratados, embora a autora remeta os leitores a consultar Burgess (1971) e um manuscrito não-publicado do SIL para uma discussão sobre alongamento vocálico. A descrição fonética neste trabalho parece ter sido feita com cuidado e difere em alguns detalhes dos dados coletados por Quintino (2000) e pelo autor desta tese. Este artigo será discutido extensivamente no capítulo 3.

Hall (1979), *Os sistemas fonológicos e gráficos xávante e português*, é uma análise contrastiva da fonologia e da ortografia do Xavante e do português. A finalidade deste livreto é o auxílio na tarefa de ensinar estudantes Xavantes a falar e escrever em língua portuguesa. Em termos de fonologia segmental, o trabalho contém poucos exemplos e acrescenta pouco ao conteúdo de McLeod (1974), mas tem a vantagem de apresentar claramente cada fonema e alofone do

Xavante e de ter algumas informações sobre acento e entonação, embora não extensivas. Além disso, o livreto inclui uma tabela que ilustra as correspondências entre os fonemas do Xavante e seus equivalentes no sistema ortográfico desenvolvido pelo SIL e compara a fonologia e a ortografia do Xavante à fonologia e à ortografia do português.

Quintino (2000), *Aspectos da fonologia xavante*, é uma dissertação escrita por Wellington P. Quintino, quando estudante do programa de mestrado em lingüística na UNICAMP. O trabalho de campo do autor foi feito no fim dos anos 90 com informantes masculinos, residentes da T.I. Pimentel Barbosa. O capítulo 1 apresenta breves informações contextuais sobre o povo e a língua Xavante, descreve as circunstâncias sob as quais a pesquisa do autor foi conduzida, e indica as finalidades do trabalho do autor. No capítulo 2, o autor descreve os segmentos fonéticos da língua e apresenta uma análise fonêmica tradicional (i.e. Pikeana) de seus dados, com exemplos da distribuição contrastiva e complementar dos fones na língua. Ele marca também diferenças entre sua análise e a de estudos anteriores. Na parte final do capítulo 2, o autor descreve a estrutura da sílaba em Xavante nos termos do modelo hierárquico de Keyser e Clemens (1983). O capítulo 3 discute processos de assimilação, glides e a nasalização, tudo em termos da geometria de traços. No fim da dissertação, um corpus de dados com transcrições fonéticas e fonêmicas é fornecido, baseado no "Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras" do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Como será discutido mais tarde nesta tese, o inventário fonêmico de Quintino difere daquele dos autores do SIL em alguns aspectos. Quintino discute no seu trabalho os fenômenos de alongamento vocálico e acento, mas adverte que apresentam dificuldades não resolvidas que devem ser assunto de uma pesquisa mais ampla. A dissertação de Quintino é discutida em detalhe nos capítulos 3, 4, e 5 desta tese. **Quintino (2001)** apresenta, em forma de artigo, uma parte de sua

dissertação. **Quintino (2009)** atualiza sua análise de segmentos de coda e a apresenta de uma maneira mais rigorosa.

2.5.2 Morfologia e sintaxe

Como a análise fonológica apresentada nos capítulos seguintes exige um entendimento das fronteiras morfológicas e sintáticas na língua, considera-se útil adicionar uma revisão da literatura sobre a gramática (i.e. morfologia e sintaxe) Xavante e também sobre os dicionários da língua.

Burgess (1961b e 1961c) são estudos do SIL, não-publicados, sobre verbos em Xavante, e que de acordo com a *Bibliographia das Linguas Jê* estão disponíveis no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Não consegui obter cópias destes trabalhos. **McLeod (1960c)**, *Xavante Grammar*, é um manuscrito de 20 páginas sobre a sintaxe Xavante, também produzido pelo SIL. Neste trabalho, as cláusulas independentes são descritas nos termos da teoria tagmêmica de Pike. **McLeod (1961a)**, *Xavante Clause and Sentence Structure*, **Hall (1961)**, *Xavante: noun phrases and morpheme classes*, e **Burgess (1965)**, *Verbal clauses in Xavante*, são manuscritos não-publicados que descrevem vários aspectos da sintaxe Xavante da perspectiva tagmêmica.

McLeod (1974b), "Paragraph, aspect and participant in Xavante", é um artigo que discute três aspectos da estrutura narrativa em Xavante, fornecendo exemplos de uma história tradicional. O autor descreve como determinadas palavras são usadas para marcar parágrafos em uma narrativa. Também sumariza o sistema de aspecto do Xavante, e descreve o uso dos pronomes e da partícula enfática <hã> para identificar e focalizar os participantes em narrativas.

McLeod e Mitchell (1977), *Aspectos da língua xavánte*, é um livro didático elaborado para ensinar Xavante a falantes de português. O livro é dividido em duas partes. A parte 1 (p. 7-172) consiste em 23 lições, a maioria contendo um diálogo curto, uma lista de vocabulário, informação gramatical, exercícios e um

parágrafo curto em português sobre algum aspecto da cultura Xavante. Os exercícios são principalmente de transformação de sentenças ou de substituição de palavras. Doze das lições tratam dos paradigmas verbais, e quatro das lições tratam dos paradigmas de substantivos. Seis outras lições tratam de pronúncia, descritivos (adjetivos e advérbios), formas estativas, posposições e pronomes de objeto direto. A lição final sumariza o sistema de aspecto. A parte 2 (p. 173-233) é composta de quatro seções. A seção A (p. 173-181) é uma série de breves notas sobre pontos gramaticais. A seção B (182-187) contém expressões úteis, a seção C (p. 188-212) contém uma lista de vocabulário dividida por tópicos (partes do corpo, termos de parentesco, etc.), e seção D (p. 213-223) contém paradigmas verbais.

Este livro contém uma quantidade substancial de informação sobre a gramática Xavante, mas o material é organizado e apresentado para fins didáticos e não científicos. Não há exposição sistemática das partes da fala ou da morfologia e há pouca informação sobre a sintaxe. Há também relativamente poucos exemplos de sentenças na língua. O livro foi publicado há mais de 30 anos, mas por falta de um substituto continua a ser a referência principal sobre a gramática Xavante. Uma edição nova deste trabalho, com algumas revisões ligeiras e com nova ortografia, está disponível no site do SIL **(MCLEOD, MITCHELL, 2003)**.

Burgess (1986), "Focus and topic in Xavante", trata da estrutura narrativa e descreve como os dispositivos sintáticos (por exemplo, ordem de constituintes, subordinação de cláusulas) são usados para indicar informação nova versus informação velha e informação primária versus informação secundária, dentro de cláusulas, sentenças e parágrafos. A autora mostra também como a topicalização interage com a estrutura da informação na língua. **Burgess (1987)** é uma tradução para português deste trabalho.

Lachnitt (1988), *Estudos Sistemáticos e Comparativos de Gramática Xavante*, é uma gramática pedagógica escrita (em português) principalmente para

o uso de professores e estudantes em escolas bilíngües nas T.I.s Xavantes. O livro é escrito do ponto de vista da gramática tradicional e pressupõe um conhecimento da língua por parte do leitor. Não deve ser nenhuma surpresa, conseqüentemente, que o autor não se dirija a muitos tópicos que se esperaria encontrar em um trabalho escrito para uma audiência de lingüistas. A obra contém três seções principais, intituladas Fonética, Morfologia e Sintaxe. A seção "Fonética" (p. 11-27) explica os princípios de grafia, da pontuação, e da divisão da sílaba em Xavante escrito. Três quartos do livro são ocupados pela seção sobre morfologia (p. 29-177). As páginas de 31 a 45 tratam da estrutura da palavra, afixos, e também de “vogais de ligação” e das “variações fonéticas” (estes últimos tópicos se referem a processos fonológicos). Depois seguem subseções sobre substantivos (p. 47-58) e pronomes (p. 59-67). Aproximadamente 80 páginas (p. 79-165), ou mais de 40% da gramática inteira, é tomada pela subseção sobre verbos, que consiste principalmente em paradigmas. As classes dos paradigmas do substantivo e do verbo são similares àquelas encontradas em McLeod e Mitchell (1977), mas muitos detalhes adicionais são fornecidos. As seções sobre adjetivos, números, posposições, conjunções, e interjeições são essencialmente listas, subcategorizadas de maneira útil. A breve seção sobre sintaxe (p. 181-191) explica alguns termos gramaticais básicos (sujeito, predicado, objeto direto, etc.) e dá exemplos relevantes em Xavante.

Lachnitt (1992), *Curso de Língua Xavante por Correspondência*, é uma série de 28 lições, acompanhada por fitas cassete, direcionada a falantes de português que desejam aprender Xavante. O conteúdo gramatical destas lições é essencialmente aquele do livro da gramática do autor. Embora o autor descreva o Xavante em termos de gramática tradicional, o curso contém muitas observações úteis sobre a morfologia e as alterações morfofonológicas na língua.

O artigo *Xavante Morphology and Respect / Intimacy relationships* (**HARRISON 1998**) descreve como o uso, em Xavante, de prefixos pessoais e de outros morfemas similares a estes depende do tipo de relação social que o falante

tem com a pessoa com quem, ou sobre quem, está falando. Por exemplo, as formas genéricas (usadas normalmente em referência a uma pessoa ou a um grupo de pessoas não-especificadas) são usadas por um homem quando fala com (ou se refere a) o sogro, a sogra, e os irmãos da sogra. Harrison argumenta que esta forma indireta de endereço e de referência reflete a relação tensa (i.e. potencialmente conflituosa) na sociedade Xavante entre um homem e a família de sua esposa. O autor descreve quatro tipos de relações sociais entre os Xavantes e os seus correlatos lingüísticos. A partir disso, ele conclui que quanto mais tenso o tipo de relação, menos estreita ou específica a referência convencional dos morfemas usados e vice-versa. Em um artigo de duas páginas que contém conselhos para estudantes da língua (**HARRISON 1990**), o mesmo autor indica como a compreensão do uso destas formas especiais ajudava-o muito a aprender Xavante.

Oliveira (2002a), *Periferia esquerda na língua xavante*, é uma dissertação que examina algumas estruturas sintáticas em Xavante do ponto de vista tipológico e também gerativo. O capítulo 1 contém a introdução, e o capítulo 2 é uma discussão dos pressupostos teóricos da análise da autora. No capítulo 3, a autora mostra que, de acordo com os critérios de Greenberg, o Xavante pode ser classificado como tendo uma ordem básica de palavras SOV. (Incidentalmente, esta análise refuta conclusivamente a sugestão de Derbyshire e Pullum (1981, p. 211) de que o Xavante pode ser uma língua OSV.) Os capítulos 4 e 5 tratam de construções interrogativas em Xavante em termos de conceitos recentes da teoria gerativa. (**Oliveira 2002b** é uma apresentação dos argumentos expostos do capítulo 4 em forma de artigo.) O capítulo 6 contém algumas observações sobre pronomes independentes, afixos pronominais, e as partículas de tempo/pessoa/aspecto <wa>, <te>, e <ma>. A autora posteriormente argumenta que Xavante é uma língua PRO-drop. No capítulo 7, a autora argumenta que em Xavante a distribuição de pronomes independentes e de sintagmas nominais é consistente com um sistema de marcação de caso do tipo

nominativo-acusativo, mas sugere que os afixos pronominais podem ser compatíveis com um sistema ergativo-absolutivo. O capítulo final indica a necessidade de um refinamento das análises da autora. Os apêndices contêm uma revisão dos trabalhos anteriores sobre Xavante e sobre construções interrogativas em línguas indígenas brasileiras, além de uma comparação breve de seus registros fonéticos e fonológicos com os de outros autores.

Oliveira (2007) é uma tese intitulada *Morfologia e sintaxe da língua Xavante*. Após uma introdução (capítulo 1) e um sumário da fonologia Xavante (capítulo 2), no capítulo 3, a autora sumariza as idéias básicas da morfologia distributiva e revisa brevemente os conceitos da gramática gerativa que foram usados na sua dissertação de mestrado. O capítulo 4 descreve substantivos, verbos e os marcadores de tempo, pessoa, e aspecto em Xavante e analisa estes aspectos gramaticais do ponto de vista da morfologia distribuída. O capítulo 5 contém um aprofundamento dos tópicos sintáticos tratados na sua dissertação – marcação de casos, ordem de palavras, e estruturas interrogativas – todos tratados na perspectiva da gramática gerativa. A conclusão (capítulo 6) sumariza brevemente os resultados da autora. **Santos (2008)**, *Marcas pessoais, concordância de número e alinhamento em Xavánte* é um trabalho que ainda não avaliei.

2.5.3 Dicionários

O *Pequeno dicionário xavánte-português*, *português-xavánte* (**HALL et al.**, **1987**) contém aproximadamente 1500 entradas em cada seção. As palavras do Xavante são dadas na forma ortográfica. Exemplos de sentenças são fornecidos para verbos e palavras funcionais. As classes de verbos e substantivos são indicados por números e letras, referente aos paradigmas na parte posterior do livro. Os apêndices contêm os paradigmas de verbos e substantivos, listas de

preposições e afixos, e seções sobre alterações fonológicas e morfofonológicas. Os apêndices contêm algumas informações gramaticais não encontradas na gramática pedagógica de McLeod e Mitchell (1977). O dicionário foi escrito para fins lingüísticos e também pedagógicos. Uma inconveniência neste trabalho é a ordenação alfabética das entradas. A oclusiva glottal <'> (/ʔ/, simbolizado ortograficamente pela apóstrofe) é tratada como uma letra que vem no fim do alfabeto; <nh> é tratado como uma letra separada que vem após <n>; e <ö> (=/ɜ/) como vindo após <o>. As letras <õ> e <ô>, por outro lado, são ordenadas normalmente junto com <o>. Este problema foi remediado em **Hall, et al. (2004)**, uma versão revisada deste dicionário com nova ortografia e disponível na internet. Na nova edição, algumas mudanças foram feitas na classificação dos verbos, mas não tenho availado o significância destas mudanças.

O *Dicionário xavante-português* (**LACHNITT 1987**) e o *Dicionário português-xavante* (**LACHNITT 1989**) contêm aproximadamente 4000 e 6000 entradas, respectivamente. Estes dois dicionários foram escritos para ajudar falantes nativos de Xavante a aprender a ler e escrever em língua portuguesa. As palavras do Xavante são dadas na forma ortográfica e a classe gramatical de cada palavra é indicada juntamente com sua definição. As mudanças morfofonológicas de substantivos e verbos são indicadas somente por uma só forma alternativa, sem explicação, e assim são úteis somente para quem já tem familiaridade com a língua.

3.0 Análise dos fonemas segmentais em Xavante conforme a abordagem de Pike (1971)

Observou-se no capítulo anterior que as descrições mais completas dos fonemas segmentais do Xavante são encontradas em McLeod (1974) e nas seções 2.1-2.4 de Quintino (2000). Estes dois autores baseiam suas análises nos conceitos e técnicas expostos no livro *Phonemics: A technique for reducing languages to writing* de Kenneth Pike (1971). McLeod não cita o trabalho de Pike, mas fica evidente, na maneira que seu material é apresentado, que sua análise está baseada nas idéias daquele autor. Quintino (2000, p. 13-14) diz em sua análise de fonemas segmentais que utiliza a perspectiva fonêmica de Pike, e sua análise dos contrastes fonêmicos em Xavante está de acordo com os métodos Pikeanos. Nas seções que seguem neste capítulo, os fonemas segmentais em Xavante são detalhadamente analisados mais uma vez do ponto de vista Pikeano. Desta maneira, os problemas restantes na fonologia do Xavante podem ser compreendidos e claramente definidos. Como indicado antes, minha própria análise depende muito das análises anteriores citadas aqui, especialmente do trabalho dos missionários do SIL. Entretanto, adiciono neste capítulo uma análise da distribuição dos segmentos em termos de limites de morfema e de palavra e incluo algumas observações sobre aparentes restrições fonotáticas. Além disso, os segmentos de coda, [p,b,m] e [j̃,j], são analisados de uma maneira diferente dos estudos anteriores. A relação entre a ortografia Xavante e a análise fonêmica será tratada no capítulo 4, e uma interpretação dos segmentos de coda como segmentos subjacentes é apresentada no capítulo 5. Não resolvidos nesta tese são problemas relacionados aos aspectos supra-segmentais (alongamento vocálico, acento, entonação) e à alteração morfofonológica, que são todos discutidos no Apêndice.

Para fornecer uma perspectiva teórica da discussão que segue, as idéias metodológicas e teóricas de Pike, como apresentadas em *Phonemics*, são sumarizadas na seção 3.1, e a morfologia do Xavante é sumarizada na seção 3.2. O resto do capítulo contém a análise fonêmica em si. A seção 3.3 apresenta uma visão geral dos fones segmentais e dos fonemas em Xavante e compara meus próprios dados fonéticos com os de McLeod e de Quintino. A seção 3.4 trata da distribuição das consoantes e das seqüências de consoantes e a seção 3.5 trata das vogais. A seção 3.6 discute a divisão da sílaba, e as seções 3.7 e 3.8 apresentam argumentos para a classificação desses sons em fonemas consonantais e vocálicos.

3.1 Análise fonológica em *Phonemics* (PIKE 1971)

Pike (1971) é um manual de técnicas de análise fonológica. O livro ensina não somente os métodos para fazer uma descrição fonológica, mas também para desenvolver uma ortografia com base fonológica. Pike, que viveu de 1912 até 2000, foi associado ao SIL de 1935 até a sua morte, e o seu livro parece ser dirigido a pessoas interessadas em trabalho de campo lingüístico para finalidades científicas, mas também para missionários. A conversão religiosa e a tradução da Bíblia não são mencionadas diretamente no texto.

Na época em que Pike o escreveu, existiam duas tendências principais no pensamento lingüístico norte-americano a respeito da natureza do fonema, uma divergência de opinião à qual Charles C. Fries alude no preâmbulo do livro de Pike (1971, p. v). Em termos muito gerais, era, de um lado, uma abordagem "Bloomfieldiana" que acreditava que o fonema é uma designação do lingüista para uma classe de sons de fala em uma dada língua. Por outro lado, havia uma abordagem "Sapiriana", seguida por uma minoria naquele tempo, que considerava o fonema como uma unidade psicológica, uma realidade de algum

tipo ou outro na mente do falante (ANDERSON, 1985, p. 290, passim 277-295). Pike (que pode ser considerado um lingüista sapiriano; cf. COWAN et al., 1986, p. 393-395, 398-400) burla esta controvérsia, fornecendo o que ele chama de uma definição “receita” do fonema, que implica uma metodologia empírica, mas ao mesmo tempo se refere às "unidades significativas”: “um FONEMA é uma das unidades significativas de som determinadas para uma língua particular pelos procedimentos analíticos desenvolvidos das premissas básicas apresentadas anteriormente" (PIKE, 1971:63; trad. nossa). Na página seguinte, ele diz que os princípios em seu livro pretendem “conduzir o estudante a chegar a uma análise que paraleliza as reações observáveis, vagas ou explícitas, dos falantes com seus próprios sons". Fica claro em outras observações no texto, entretanto, que Pike pertence ao grupo que considera o fonema uma unidade psicológica (cf. PIKE, 1971:64-66).

Pike pressupõe que o sistema fonológico de uma língua é composto por um inventário fixo de fonemas segmentais e supra-segmentais. Uma unidade fonêmica pode ser manifestada na fala em diferentes formas fonéticas (i.e. como alofones, termo que o próprio Pike não usa) devido à influência do contexto fonológico e gramatical em que aparece. A principal parte do livro de Pike consiste em uma série de procedimentos através dos quais o pesquisador pode determinar as unidades fonêmicas de uma língua. Enquanto Pike admite que sua apresentação parece ensinar um procedimento mecânico (1971, p. 64), ele enfatiza durante o livro inteiro que o analista, ao pensar sobre problemas fonológicos, deve considerar dados lingüísticos como uma totalidade coerente e deve frequentemente fazer decisões baseadas em fatores aparentemente contraditórios. Indica também o papel que a intuição tem na criação de hipóteses (PIKE, 1971, p. 160 n). Assim, quando Pike chama a sua definição de fonema de uma “receita” (1971, p. 63) e diz que a fonêmica “cozinha” os dados crus da fonética (1971, p. 57), ele está vendo as coisas na perspectiva do lingüista que faz trabalho de campo e deve pôr a mão na massa de transcrição fonética e

frequentemente fazer avaliações baseadas em dados ambíguos, o que não implica que a análise fonológica deva ser reduzida a um conjunto de procedimentos fixos – idéia que alguns lingüistas americanos dos anos 40 e 50 sugeriram (ANDERSON, 1985, p. 283-284), e a que Pike claramente se opõe.

O primeiro dos procedimentos de Pike é dividido em três partes e requer que o analista determine se um par de segmentos específicos (ou elementos supra-segmentais) pertence a fonemas diferentes ou ao mesmo fonema. Esta determinação é feita comparando sons foneticamente similares em contextos fonológicos que são análogos ou idênticos (somente os sons foneticamente similares devem ser comparados, na suposição de que sons de caráter fonético muito diferente não pertencem ao mesmo fonema). Dois sons diferentes em ambientes análogos são aceitos como pertencendo a fonemas diferentes, se for possível mostrar que não há uma boa razão para acreditar que o contexto fonológico ou gramatical é responsável pela a diferença entre eles – i.e., se não houver nenhuma boa razão para acreditar que são alofones (procedimento I-A; PIKE 1971, cap.6). Como diz Pike “os dois sons de um par foneticamente similar e duvidoso devem ser considerados como unidades sonoras separadas se [o analista] puder descobrir dados que eliminem a possibilidade do ambiente como causa da diferença fonética entre aquele par" (1971, p. 75; trad. nossa). De acordo com isso, Pike define contraste como “uma diferença persistente entre dois sons em ambientes análogos " (PIKE, 1971, p. 235; trad. nossa). Contraste em ambientes idênticos (procedimento I-B; PIKE 1971, cap. 7), como exemplificado por pares mínimos, é considerado um exemplo especial de contraste em ambientes análogos, sendo que nesses casos não há dúvida de que a diferença entre os dois sons não está condicionada pelo ambiente. Depois de atravessar todos os segmentos que aparecem em uma língua e de determar quais estão em contraste, o analista é instruído a comparar exemplos que são segmentos foneticamente similares, mas não-contrastantes, para ver se estão em distribuição complementar (procedimento I-C; PIKE 1971, cap. 8). O resultado do

procedimento I, na sua totalidade, é que o analista ganha uma idéia geral de quais segmentos podem ser agrupados juntos como membros do mesmo fonema, e do que consiste o inventário fonêmico da língua. O resto dos procedimentos ajuda a refinar estes resultados.

O segundo procedimento mostra como problemas não-resolvidos de análise podem ser esclarecidos com a aplicação do princípio de que “os sistemas sonoros têm uma tendência para a simetria fonética" (PIKE 1971, cap. 10; o capítulo nove trata da análise de tom). Pike, entretanto, não discute nenhuma das implicações teóricas possíveis deste princípio. O terceiro procedimento mostra como analisar casos de "variação livre”, ou “segmentos livremente flutuando, mas nunca em contraste" (PIKE 1971, cap. 11). Aqui, Pike distingue entre dois tipos de variação livre. Em primeiro lugar, há variações na pronúncia de uma palavra entre sons que foram estabelecidos como fonemas separados em outros contextos. Nesses casos, “não parece haver nenhum padrão estrutural para definir os ambientes onde esta flutuação ocorre" (PIKE 1971, p. 123; trad. nossa). Estas variações (ou omissões) de sons geralmente ocorrem esporadicamente, e podem se dever às diferenças em estilos de fala (i.e. discurso rápido versus discurso cuidadoso) ou podem ser exemplos do que hoje em dia se chamam variantes sociolingüísticas. Em segundo lugar, há variações entre os submembros do mesmo fonema que não são condicionadas estritamente por seus ambientes, e estas podem se dever também ao estilo de fala.

O quarto procedimento trata da análise em termos do que Pike, em alguns lugares, chama de a influência da "pressão estrutural”, idéia mais claramente expressada no título do capítulo 12 como “A interpretação fonêmica de tipos de segmentos duvidosos e de seqüências de segmentos duvidosos pela analogia aos tipos e seqüências estruturais não- duvidosos ou predominantes" (PIKE, 1971, p. 128). Neste capítulo Pike discute como usar analogias com outras estruturas fonológicas na língua (por exemplo, seqüências de consoantes ou estruturas silábicas) para resolver problemas, tais como se um dado segmento

deve ser interpretado como consoante ou vogal e se uma seqüência de segmentos deve ser interpretada como um único fonema ou como uma seqüência de fonemas. O quinto e último procedimento trata do uso de “fenômenos de fronteira” na análise fonêmica. Pike discute como os alofones podem ser condicionados pelos limites de unidades gramaticais, tais como morfemas, palavras, e syntagmas, e por unidades fonológicas não-segmentais, tais como unidades de entonação, unidades de ritmo, acento e estrutura silábica.

O foco geral de Pike está nos relacionamentos sintagmáticos dos segmentos e nos elementos supra-segmentais. Embora o autor mencione o contraste e a simetria fonética, não discute a noção de que um inventário de fonemas pode ser visto nos termos de algum tipo de relacionamento sistemático total que cada fonema tem com cada um dos outros no sistema. Coloca como princípio que, cada vez que um dado segmento fonético aparece no discurso, o som instancia o mesmo fonema:

> Quando, pelo contraste em ambientes idênticos, comprova-se uma vez que dois segmentos são fonemicamente separados, eles devem ser considerados como fonemicamente distintos em qualquer lugar que ocorram, não obstante a substituição mecânica, arbitrária, ou gramatical à qual estes segmentos se submetem em outros lugares.
> (PIKE 1971, p. 96; trad. nossa)

De acordo com o princípio acima, as relações paradigmáticas, tais como aquelas entre segmentos neutralizados e alternantes morfofonêmicos, não são tratadas como sendo resultado de processos fonológicos, mas como casos especiais de mudanças no instanciamento fonêmico de um morfema. A neutralização, para Pike, é a mesma coisa que “o contraste fonêmico subdiferenciado”. Estes são casos onde um som é foneticamente similar a dois outros segmentos em contraste fonêmico e, ao mesmo tempo, está em distribuição complementar com ambos (parece que Pike implica que a

ambigüidade fonética nestes casos reflete uma ambigüidade fonológica). Segundo Pike:

> Quando um segmento é foneticamente similar, mas mutuamente exclusivo, a dois outros segmentos que contrastam fonemicamente um com o outro, o primeiro segmento deve ser considerado como um sub-membro do fonema ao qual ele é foneticamente mais parecido (desde que o segmento não esteja em contraste em outros ambientes com este ou outro submembro do fonema ao qual foi atribuído), ou, na impossibilidade disso, deve ser atribuído a um ou ao outro deles arbitrariamente. (PIKE 1971:141; trad. nossa)

Do mesmo modo, as alterações morfofonêmicas são tratadas como casos de "substituição condicionada de fonemas". Considera-se que, em tais casos, um fonema é substituído por outro, e a transcrição fonêmica do morfema em questão muda em conformidade.

Embora Pike discuta o efeito que as fronteiras de unidades gramaticais e unidades fonológicas mais abrangentes (estas equivalentes à atualmente chamada hierarquia prosódica) têm nos sons, ele não discute como estes dois tipos de fronteiras podem estar relacionados. Pode-se também observar que, para Pike, as generalizações sobre os processos fonológicos que afetam classes de sons devem ser incluídas em uma descrição fonológica, mas tais processos não são de importância em si. Em vez disso, o foco de sua abordagem está em estabelecer as unidades fonêmicas (cf. PIKE 1971, p. 179-180). Estes assuntos, na medida em que se relacionam à fonologia do Xavante, são tratados neste e nos capítulos seguintes.

O capítulo 14, um dos últimos capítulos no livro, é intitulado "Tipos de relatórios descritivos" e trata das diferentes maneiras de apresentar por escrito os resultados de uma análise fonológica. Relatos por escrito podem ser de descrições breves para não-lingüistas até artigos especializados sobre aspectos específicos da fonologia de uma língua. A maior parte do capítulo é consagrada ao

que Pike chama de “um relatório técnico rotineiro e detalhado", que é a descrição dos fonemas de uma língua e de sua distribuição em vários ambientes. Um relatório deste tipo, que é feito para o público lingüista, fornece exemplos ilustrativos e pode conter mais ou menos detalhes, dependendo dos objetivos do autor. Um relatório descritivo verdadeiramente completo da distribuição fonêmica incluiria cada ambiente possível em que cada fonema poderia possivelmente ocorrer, e Pike observa que tal descrição teria que incluir um dicionário da língua e, conseqüentemente, não seria nada prática.

De acordo com Pike, um relatório técnico mínimo descreve a distribuição dos fonemas individuais e dos grupos de fonemas consonantais e vocálicos, em termos de sua ocorrência na posição inicial, medial e final nas sílabas e (quando relevante) nas palavras, enunciados, etc. Este é o tipo de relatório fornecido em McLeod (1974) e no capítulo 2 de Quintino (2000), embora este, sendo uma dissertação, seja muito mais detalhado e inclua uma discussão dos trabalhos anteriores. Os dois analistas descrevem os alofones foneticamente, indicam sua distribuição em termos de segmentos adjacentes e a sua posição na sílaba (com referência ocasional à sua posição na palavra), listam as combinações de consoantes que aparecem em junturas silábicas, bem como os tipos silábicos básicos em Xavante em termos de seqüências de Cs e Vs (v. 3.6). McLeod simplesmente apresenta os fonemas e a distribuição de seus alofones e dá alguns exemplos de cada alofone, sem nenhuma discussão de contraste fonêmico. Quintino apresenta primeiro a distribuição dos segmentos fonéticos encontrados em seu corpus e depois, seguindo a metodologia de Pike, compara segmentos foneticamente similares, dois de cada vez, e fornece argumentos e exemplos para mostrar que os segmentos estão em distribuição contrastiva ou complementar. Uma "descrição expandida", segundo Pike,

> .....incluiria a distribuição dos sons dentro das sílabas. Pode também delinear ocorrências fonêmicas em enunciados, morfemas, sentenças, afixos, palavras proclíticas, compostos versus não-compostos, sílabas acentuadas e não

> acentuadas, sílabas de vários *pitches* em contraste relativo, distribuição de não-silábicas em relação a silábicas, ou o contrário; distribuição de vogais ou consoantes não-contíguas; distribuição de grupos em relação às fronteiras da sílaba, fronteiras morfêmicas, fronteiras de palavras, fronteiras de enunciados. (PIKE, 1971, p. 180; trad. nossa)

A análise dos fonemas do Xavante oferecida neste capítulo não é tão extensiva quanto essa descrição expandida, no que diz respeito à análise de possíveis contextos fonológicos e gramaticais, mas pretende incluir uma descrição da distribuição dos sons em um conjunto de contextos mais amplos do que os encontrados em trabalhos anteriores.

Pike fornece um esboço "para determinar a distribuição dos fonemas em unidades fonológicas e gramaticais" que pretende ajudar analistas a organizarem dados distribucionais (PIKE, 1971, p. 182-184). A organização do material no capítulo atual foi determinada levando em conta os tipos de contextos enumerados por Pike em seu esboço (Pike anota que o esboço não pretende ser completo, nem é para ser seguido literalmente). A seção seguinte do capítulo atual, seção 3.2, é um sumário das classes de palavras e tipos de processos morfológicos (afixação e composição) que ocorrem na língua. Na seção 3.3, tabelas dos fones segmentais e dos fonemas em Xavante são apresentadas a fim de fornecer uma visão geral da análise fonêmica que segue. O material nas seções 3.4 (distribuição de consoantes) e 3.5 (distribuição de vogais) é baseado na parte II do esboço de Pike, intitulada “Distribuição Específica (para estabelecer a ocorrência de sons específicos dentro das unidades específicas nos tipos gerais de seqüências estruturais permitidas)" e apresenta uma análise distribucional de cada vogal, consoante e conjunto de consoantes em determinados contextos fonológicos e gramaticais. A escolha dos contextos para a análise é explicada no começo das respectivas seções sobre a distribuição de consoantes e de vogais. A seção 3.6 apresenta os princípios da divisão de sílabas em Xavante, baseados no conceito de Pike de sílaba fonêmica. Nas seções 3.7 (Fonemas consonantais em

Xavante) e 3.8 (Fonemas vocálicos em Xavante), a análise fonêmica em si é apresentada.

3.2 Sumário da morfologia Xavante

Pike menciona morfemas presos e morfemas livres, afixos, clíticos, palavras, e palavras compostas como unidades gramaticais cujas fronteiras podem condicionar alofones. Indica também que os padrões de condicionamento fonético em fronteiras gramaticais conhecidas podem ser usados para ajudar a determinação da divisão de palavras em exemplos duvidosos, mas análogos (PIKE, 1971, p. 162; nas p. 164-166, faz uma afirmação semelhante a respeito dos padrões de "substituição de fonemas", i.e. alteração morfofonêmica). Portanto, os pontos principais da morfologia Xavante são esboçados brevemente abaixo, a fim de indicar os tipos de fronteiras de palavras e de morfemas encontradas na análise dos dados nas seções 3.4 e 3.5.

De acordo com Rodrigues, “as línguas Macro-Jê são aglutinantes e levemente sintéticas" (1999, p. 180; trad. nossa). Isto é, nestas línguas, há uma tendência para que as combinações de morfemas apresentem afixação, em vez de alteração morfofonêmica ou supleção (línguas aglutinativas) e para que cada palavra tenha poucos morfemas (línguas sintéticas) (CROFT, 1990, p. 40). A morfologia do Xavante conforma-se a estas tendências (embora o Xavante contenha muitas alterações morfofonológicas, não se tratam de dispositivos morfológicos – v. Apêndice). Como diz Oliveira, "A língua Xavante possui pouca morfologia na estrutura das palavras morfológicas nominal e verbal. Essa língua possui mais palavras isoladas do que morfemas afixados nas raízes" (OLIVEIRA, 2007, p. 47). Conforme discutiremos a seguir, uma palavra em Xavante é geralmente uma seqüência de um até quatro morfemas. O tamanho mínimo de um morfema é uma sílaba, e os morfemas têm entre uma a três (talvez quatro) sílabas

de comprimento. Os morfemas e as palavras não são caracterizados por limitações dos tipos de sílaba que os compõem.

As principais classes de palavras são discutidas nas seções listadas a seguir. Uma seção adicional, 3.10, trata do sintagma, um domínio importante para processos fonológicos em Xavante.

3.2.1 Substantivos
3.2.2 Pronomes
3.3.3 Posposições
3.2.4 Verbos
3.2.5 Marcadores de pessoa / aspecto
3.2.6 Marcadores de número
3.2.7 Marcadores de negação
3.2.8 Marcador estativo
3.2.9 Adjetivos / advérbios
3.10 O sintagma como domínio de processos fonológicos

3.2.1 Substantivos

As raízes dos substantivos em Xavante podem aparecer sozinhas ou com prefixos pessoais que indicam o possuidor. Estes prefixos são obrigatórios para a maior parte dos substantivos que se referem às partes do corpo, às relações de parentesco e aos relacionamentos sociais. Além disso, alguns substantivos requerem um afixo adicional, /-ziB-/[3], em construções possessivas, com ou sem os prefixos de possuidor. Os substantivos podem ser derivados de verbos através do uso de sufixos nominalizadores /-ʔwa/ (agentivo) e /-zɛB/ (instrumento, tempo, lugar). Muitos substantivos em Xavante submetem-se às

[3] A letra B maiúscula serve como um símbolo geral para os soms [p,b,m] na posição de coda silábica; v. p. 67 abaixo.

mudanças morfofonológicas, que ocorrem geralmente automaticamente no fim do sintagma e envolvem a perda de sílabas, alongamento vocálico e mudanças consonantais (v. Apêndice). Em alguns casos, as mudanças morfofonológicas ocorrem com afixação (cf. HALL, et al., 1987, p. 427-429).

Os prefixos de possuidor, que podem ser unidos a quase todos os substantivos, são exemplificados nas tabelas 3.2.1A e 3.2.1B e nos exemplos a seguir. Os marcadores de número são palavras separadas, tratadas em 3.2.6. Note-se que os prefixos de possuidor não somente indicam a primeira, a segunda e a terceira pessoa, mas, na primeira pessoa, o número singular é distinguido do não-singular (dual e plural). Há também um prefixo genérico <da>, usado para indicar “alguma(s) pessoa(s)”, ou “alguma(s) coisa(s)”.

Tabela 3.2.1A: Paradigma do substantivo Xavante com os prefixos de possuidor e marcadores de número (MCLEOD; MITCHELL 1977, p. 63-64)

		pref.	raiz	marc. de num.	
SG	1P	*ĩ:-*	*mama*		"meu pai"
	2P	*ai-*	*mama*		"teu pai"
	3P	*ĩ-*	*mama*		"pai dele/dela"
DU	1P	*wa-*	*mama*		"pai de nós dois"
	2P	*ai-*	*mama*	*'wa*	"pai de vocês dois"
	3P	*ĩ-*	*mama*	*zahuré*	"pai deles dois"
PL	1P	*wa-*	*mama*	*za'ra*	"nosso pai"
	2P	*ai-*	*mama*	*za'ra wa'wa*	"pai de vocês"
	3P	*ĩ-*	*mama*	*za'ra*	"pai deles"
GEN		*da-*	*mama*		"pai de alguma(s) pessoa(s)"

Tabela 3.2.1B: Sumário de prefixos possuidores que se unem aos substantivos

	1p.	2p.	3p.
SG	*ĩ:-*	*ai-*	*ĩ-*
DU	*wa-*	*ai-*	*ĩ-*
PL	*wa-*	*ai-*	*ĩ-*
GEN (SG/PL)			*da-*

Exemplos do meu corpus de substantivos em Xavante com afixos:

Substantivo com pronome possuidor obrigatório:

[ʔĩ.ˈmɾ̃]	[da.pʌ.ˈʔɾe]
<ĩ-mro>	<da-po're>
1P-irmão	GEN-orelha
“meu marido”	“orelha de alguém”

Substantivo com o pronome reflexivo que se refere ao sujeito da cláusula:

[tĩ.ˈmɾ̃]
<ti-mro>
REFL-irmão
“seu marido”

Substantivo com pronome possuidor e o afixo obrigatório /-ziB-/:

[da.ˈ̃ʃĩ.ˈbra.da]
<da-nhib-rada>
GEN-POS-mão
"mão de alguém"

Verbo nominalizado (este tipo de substantivo não aceita o pronome possuidor; exemplos de McLeod e Mitchell (1977, p. 92)):

<romhuri-'wa>	<romhuri-zé>
trabalhar-AGENT	trabalhar-INSTR
"trabalhador"	"ferramenta"

O prefixo /rʌB-/

Este prefixo combina-se com substantivos e verbos. A bilabial no final do morfema submete-se às alterações fonológicas contextualmente determinadas que são tratadas no capítulo 5. O prefixo combina-se com substantivos inanimados na mesma posição em que aparecem os pronomes possuidores – estes não ocorrem juntos com aquele. Seu significado exato e seu relacionamento de produtividade com morfemas lexicais não são claros para mim. Hall et al. (1987, p. 435) o definem como “objeto indefinido”, enquanto Lachnitt (1987, p. 59) o define como “sentido amplo, intensificado, indefinido”.

Exemplos:

[ˈrʌ.pĩ]	[ˈrʌ.pru]	[rʌb.ˈdurɨ]
<ro-pĩ >	<ro-pru>	<rob-duri>
OBJ-mel	OBJ-quebrar	OBJ-carregar
"mel de abelha"	"poeira, lixo"	"carro"

O sufixo diminutivo /-ɾe/

Há em Xavante o sufixo diminutivo /-ɾe/, por exemplo:

[hɜ.ˈʔa.ɾe]
<hâ'a-re>
coruja-DIM.
"corujinha"

Substantivos compostos

Parece que há muitos substantivos e verbos compostos em Xavante, e um estudo dos aspectos semânticos e gramaticais de palavras compostos nesta língua ainda é preciso. Entre os "núcleos compostos" em sintagmas nominais descritos por Hall (1961, p. 2), há três tipos de compostos. Os exemplos de Hall são apresentados abaixo (convertidos em forma ortográfica):

raiz nom.+ descritivo	raiz nom.+ raiz verbal	raiz nom.+ raiz nom.
po-wawẽ	*wede-wara*	*hâi-wa'u*
animal-grande	madeira-correr	peito-líquido
"vaca"	"caminhão, carroça"	"leite de peito"

3.2.2 Pronomes (LACHNITT, 1988, p. 59-67)

Além dos afixos pronominais mencionados acima, o Xavante tem um conjunto de pronomes de sujeito independentes, que são opcionais e usados para ênfase. São acompanhados sempre pela palavra enfática <hã> (sobre <hã> v. McLeod 1974b; Esta palavra é descrita nas análises gramaticais nesta tese com a abreviatura EMPH):

	SG	DU/PL
1P	*wa hã*	*wa norĩ hã*
2P	*a hã*	*a norĩ hã*
3P	*õ hã*	*õ norĩ hã*

Há também três pronomes demonstrativos, que se combinam com <hã>:

ãhã	"este (perto do falante)"
tahã	"esse (perto do ouvinte)"
õhõ	"aquele (longe dos interlocutores)"

Lachnitt lista também diversos “pronomes indefinidos”. Estes incluem algumas das poucas palavras que são descritas como diferentes nos discursos masculino e feminino. Por exemplo: <marĩ> (masc.) vs. <tiha> (fem.), ambos significando "que; coisa".

3.2.3 Posposições

Posposições em Xavante são usadas para marcar papéis semânticos como lugar, direção, finalidade e instrumento, bem como para marcar os papéis gramaticais como objeto direto e objeto indireto (este tópico ainda não foi estudado profundamente; cf. HALL, 1961; MCLEOD; MITCHELL, 1977, p. 109-116; OLIVEIRA, 2007, p. 71 et seq.). Quase todas as posposições em Xavante podem aparecer precedidas por um substantivo ou com prefixos pessoais que indicam seu objeto. A maior parte das posposições toma os mesmos prefixos e marcadores de número que os substantivos possuídos (compare a tabela 3.2.3 com a tabela 3.2.1A). Diversas posposições importantes têm formas contraídas com os prefixos, assim como outras não tomam prefixos.

Exemplos de posposições em Xavante:

[ʔa.ˈsi.ɾɛ.ˈwa.mɐ̃]	[te.ˈʔaj.mɐ̃.pu.ˈʔu.ʔu]	[ʔaj.ˈbɜ.ˈbu.ɾu.ha.wi.ˈte.mɐ̃]
<A-siré wa mo.>	<Te ai-mo pu'u'u.>	<Aibâ buru hawi te mo.>
2P-com.POS 1P ir	~1P-ir lago a.POS	homem roca de.POS ~1P ir
"Eu fui junto com você."	"Você foi ao lago."	"O homem veio da roça."

Tabela 3.2.3: Paradigma da posposição <'rata> "ao lado de" com os prefixos de objeto (separados por hífen) (MCLEOD; MITCHELL, 1977, p. 110)

		pref	posp	marc de num	tradução
SG	1P	*ĩ-*	*'rata*		"ao lado de mim"
	2P	*ai-*	*'rata*		"ao lado de você"
	3P	*ĩ-*	*'rata*		"ao lado dele/dela"
DU	1P	*wa-*	*'rata*		"ao lado de nós dois"
	2P	*ai-*	*'rata*	*'wa*	"ao lado de "vocês dois"
	3P	*ĩ-*	*'rata*	*zahuré*	"ao lado deles (dois)"
PL	1P	*wa-*	*'rata*	*za'ra*	"ao lado de nós dois"
	2P	*ai-*	*'rata*	*za'ra wa'wa*	"ao lado de vocês todos"
	3P	*ĩ-*	*'rata*	*za'ra*	"ao lado deles todos"
GEN		*da-*	*'rata*		"ao lado de alguém/algo"

Lachnitt (1988, p. 171-174) apresenta uma lista de mais de cinqüenta posposições em Xavante, a maioria delas com significados temporais ou espaciais. Variam de uma a três sílabas; um dos exemplos tem quatro sílabas. Várias delas parecem conter mais do que um morfema.

3.2.4 Verbos

McLeod e Mitchell (1977, p. 18) dividem os verbos em Xavante em duas classes principais: verbos intransitivos, onde "é o sujeito (ator) que experimenta ou sofre a ação", e verbos transitivos, onde "a ação se destina ao objeto". Apesar dessa definição semântica, fica claro nas explicações e numerosos paradigmas no seu livro que esta distinção é de fato morfossintática. Os verbos transitivos e intransitivos distinguem-se principalmente por padrões diferentes de negação, pela

presença ou falta de um complemento, e por diferenças em seus afixos pronominais (OLIVEIRA 2007, p. 91).

Os substantivos em Xavante não são marcados por número. O número e pessoa do sujeito de um verbo são indicados dentro do sintagma verbal por um conjunto de itens *cross-reference* (referência cruzada) que acompanham o verbo: marcadores pré-verbais de pessoa/aspecto, afixos verbais e marcadores de pessoa/número pós-verbais. Oliveira (2002, p. 82) observa que "a língua Xavante é uma língua pro-drop de sujeito, língua na qual o argumento externo pode ser omitido". Quando falta um sujeito manifestado, o sujeito (sua pessoa e seu número) é indicado pela combinação de marcadores de de *cross-reference* que acompanham o verbo. Os marcadores de negação e de aspecto ocorrem também dentro do sintagma verbal. Um aspecto importante da gramática do Xavante é que o conjunto de marcadores *cross-reference* de pessoa/número/aspecto usados em cláusulas independentes afirmativas, difere daquele usado em cláusulas independentes negativas e em cláusulas dependentes (a marcação de negação difere também). Há alguns afixos que se unem ao verbo próprio, os mais importantes sendo os afixos pronominais que marcam a pessoa e o número do sujeito em verbos transitivos, e o objeto e sujeito em verbos intransitivos.

Assim como as raízes nominais em Xavante, as raízes verbais também têm formas alternantes, dependendo de se a palavra com a raiz ocorre no fim de uma syntagma. Algumas raízes verbais têm também uma estrutura morfológica interna que não será discutida aqui (v. Oliveira 2007, p. 97 et seq. para uma análise em termos da morfologia distribuída). Não é incomum em Xavante que o mesmo morfema apareça como raiz de substantivo e verbo (OLIVEIRA, 2007, p. 47 et seq.). Raízes compostas por verbos, do tipo verbo+verbo ou substantivo+verbo, são encontradas na língua (MCLEOD; MITCHELL, 1977, p. 175).

Os prefixos pronominais verbais são usados somente quando não há sujeito ou objeto manifestado na oração. Os verbos intransitivos aparecem com um conjunto de prefixos pronominais que indicam o sujeito, aqui chamados de S-prefixos

(perceba a similaridade entre estes e os prefixos possuidores do substantivo). Os verbos transitivos tomam o mesmo conjunto de S-prefixos para indicar o objeto direto. Os verbos transitivos têm também um conjunto de prefixos de sujeito, chamados aqui de A-prefixos (a organização de marcação de casos ergativo-absolutiva destes prefixos é analisada por Oliveira, 2007). Em orações negativas independentes e em orações dependentes, os verbos transitivos aparecem como raízes sem afixos. A tabela 2.3.4 ilustra os itens de *cross-reference* que aparecem com verbos transitivos e intransitivos e os diferentes afixos pronominais que aparecem (com pequenas variações) com os dois tipos de verbo. (Há alguns outros prefixos que se unem aos verbos – v. Lachnitt, 1988, p. 35-37.)

Tabela 2.3.4: Ilustração dos itens *cross-reference* que acompanham verbos em Xavante (MCLEOD; MITCHELL, 1977, p. 36,138-139)

		verbo transitivo com A-prefixos (aspecto real)					**verbo intransitivo com S-prefixos (aspecto real)**				
		pers/ asp	af	raiz verbal	pessoa/número		pers/ asp	af	raiz verbal	pessoa/número	
SG	1P	*wa*		*watsi*	"Eu misturo, etc."		*wa*	*ĩĩ-*	*wawa*	"Estou chorando, etc."	
	2P	*te*	*ĩ-*	*watsi*			*te*	*ai-*	*wawa*		
	3P	*te*		*watsi*			*te*	*ti-*	*wawa*		
DU	1P	*wa*		*watsi*	*ni*		*wa*	*wa-*	*wawa*	*ni*	
	2P	*te*	*ĩ-*	*watsi*	*wa'wa*		*te*	*ai-*	*wawai*	*wa'wa*	
	3P	*te*		*watsi*	*dzahuré*		*te*	*ti-*	*wawa*	*dzahuré*	
PL	1P	*wa*		*watsi*	*dza'ra*	*ni*	*wa*	*wa-*	*wawa*	*dza'ra*	*ni*
	2P	*te*	*ĩ-*	*watsi*	*dza'ra*	*wa'wa*	*te*	*ai-*	*wawa*	*dza'ra*	*wa'wa*
	3P	*te*		*watsi*	*dza'ra*		*te*	*ti-*	*wawa*	*dza'ra*	

Veja abaixo exemplos do uso dos prefixos A e S com verbos transitivos (aspecto completo) (MCLEOD; MITCHELL, 1977, p. 127).

<ma tô ĩ-ĩ-pawapto> (a duplicação da letra <ĩ> neste caso significa alongamento da vogal)

ma	*tô*	*ĩ-*	***ĩ-***	*pawapto*
~1P	COMP	2P.SG(A-afixo)	1P.SG(O-afixo)	*ajudar*

"você me ajudou"

Nos exemplos a seguir, o significado dos afixos é indicado nas colunas à esquerda.

A	**DO**	**pessoa/ aspecto**	**A af.**	**O af.**	**raiz**	**pess./ num.**	**tradução**
2p.sg	1p.sg	*ma tô*	*ĩ-*	***ĩ-***	*pawapto*		"você me ajudou"
2p.sg	1p.du	*ma tô*	*ĩ-*	***wa-***	*pawapto*		" você ajudou nos (dois)"
2p.sg	1p.pl	*ma tô*	*ĩ-*	***wa-***	*pawaptom*	***dza'ra***	*"*você nos ajudou"

Muitos verbos comuns em Xavante têm formas supletivas e são chamados "verbos de tema múltiplo". Os verbos intransitivos de tema múltiplo têm três formas, dependendo se o S é singular, dual ou plural. Os verbos transitivos de tema múltiplo têm três formas, dependendo se o objeto direto é singular, plural ou duplo. Seguem alguns exemplos de McLeod e Mitchell (1977, p. 127).

Verbos transitivos de tema múltiplo

sg. obj.	*hiri*	*âri*	*mei*
du. obj.	*nomri*	*mrami*	*wamzuri*
pl. obj.	*sa'ra*	*waibui*	*sãmra*
	"colocar, deixar"	"levar, apanhar"	"jogar, atirar"

Verbos intransitivos de tema múltiplo

sg. suj.	*morĩ*	*wara*	*watobro*
du. suj.	*nem*	*asamroi*	*pusi*
pl. suj.	*ai'aba'ré*	*sisa'ré*	*wairébé*
	"ir"	"correr"	"sair, emergir"

2.3.5 Marcadores de pessoa / aspecto

Os verbos em Xavante são precedidos por um conjunto de morfemas independentes que indicam o aspecto. Marcam também a distinção entre 1P e não-1P (simbolizado como ~1P). Estes marcadores aparecem antes do verbo como parte do sintagma verbal. Em algumas sentenças, os objetos (sintagmas nominais ou sintagmas posposicionais) ou advérbios podem estar presentes entre a seqüência destes marcadores. De acordo com McLeod e Mitchell, o Xavante não indica morfologicamente o tempo, mas, em vez disso, tem um sistema de aspecto que "enfoca a relação entre uma e outra ação" (1977, p. 165; para uma interpretação diferente, v. Oliveira 2007, p. 129 et seq.). Os principais marcadores de aspecto são os seguintes (outros são listados em HALL et al., 1987, p. 447):

ação terminada:	*tô*	
ação futura:	*za*	
ação repetida:	*nasi*	
ação habitual ou indefinida:	*'re*	
2P, aspecto progressivo (?):	*mo*	(pós-verbal)
ação não-realizada:	*aré*	

Os seguintes morfemas independentes aparecem antes dos marcadores de aspecto, e indicam parcialmente o número e o aspecto. Não aparecem em orações negativas e dependentes.

1P	todos os aspectos	*wa*
~1P	apecto completo	*ma*
~1P	aspecto não completo	*te*

Adicionalmente, há um conjunto de morfemas que aparecem com verbos transitivos nos aspectos durativos (indeterminado, habitual, curto prazo), mas sua estrutura e significado exato não são claros para mim. Estes conjuntos de morfemas são:

1P.SG	*te*	
2P.SG	Ø	
3P.SG	*te*	*te*

1P.DU/PL	*wa*	*te*
2P.DU/PL	Ø	
3P.DU/PL	*te*	*te*

3.2.6 Marcadores de número

As combinações de marcadores de número indicam o número do sujeito (e às vezes do objeto) de verbos intransitivos e transitivos em Xavante. Os mesmos marcadores indicam o número do possuidor de um substantivo (v. 3.2.1 acima). Sua ocorrência com os verbos é sumarizada na tabela 2.3.6.

Tabela 2.3.6: Sumário de marcadores de número em Xavante

	orações independentes afirmativas	orações negativas e dependentes	possuidores de substantivos
SG 1,2,3P	Ø	Ø	Ø
DU 1P	*ni*	Ø	Ø
2P	*wa'wa*	*wa'aba*	*wa*
3P	*zahuré*	*zahuré*	*zahuré*
PL 1P	*za'ra ni*	*za'ra*	*za'ra*
2P	*za'ra wa'wa*	*za'ra wa'aba*	*za'ra wa'wa*
3P	*za'ra*	*za'ra*	*za'ra*

3.2.7 Marcadores de negação

Em orações independentes, com verbos transitivos e intransitivos, a negação é marcada pela combinação dos dois morfemas <õ di>, que aparecem no fim do sintagma verbal. No imperativo, a negação é expressa pela adição do morfema independente <tõ> à forma afirmativa. Em orações dependentes, o morfema independente <õ> aparece após o verbo e antes do marcador relativo no final da oração. Segundo Lachnitt (1988, p.38), o morfema <õ> também aparece como sufixo negativo após substantivos e adjetivos.

Exemplos (cláusulas independentes):

[te.sum.ʔɐ̃.di]	[sup.tɐ̃]
<te sum õ di>	<sup tõ>
"eu não soco"	"não soque"

3.2.8 Marcador estativo

O Xavante não tem um verbo copular, mas emprega o marcador estativo <di>/<ti>. McLeod e Mitchell (1977, p. 73-78) distinguem entre o uso de estativos com descritivos, com substantivos e com verbos. Adjetivos em orações estativas podem aparecer com os prefixos pronominais, o prefixo indicando o sujeito da oração. McLeod e Mitchell providenciam a seguinte explanação do uso do marcador estativo após verbos: "Quando se usa verbo com o estativo, aquele descreve a natureza, feição, ou condição do sujeito." Os marcadores de pessoa/aspecto e marcadores de número aparecem com o verbo. Os seguintes exemplos são de McLeod e Mitchell (1977, p. 75-77):

Marcador estativo com substantivos:

<wahi di>	<pi'õ ti>
cobra STAT	mulher STAT
"há cobras"	"há mulheres"

Marcador estativo com adjetivos:

<ĩ-wa'ro di>	<ai-wa'ro di>	<wa'ro di>
1P-calor STAT	2P-calor STAT	3P[Ø]-calor STAT
"estou acalorado"	"você está acalorado"	"ele está acalorado"

Marcador estativo com verbos:

<te	te	romhuri	di>
PER/ASP	PER/ASP	trabalhar	STAT

"ele é trabalhador, é aplicado"

3.2.9 Adjetivos / advérbios

McLeod e Mitchell (1977, p. 104-105, 132-136) descrevem uma classe de “descritivos” em Xavante, classe que inclui palavras que podem ser definidas como adjetivos, mas inclui também palavras que podem ser definidas como advérbios. Como adjetivos de predicação em orações estativas (v. exemplos em 3.2.8), os descritivos em Xavante podem aparecer com quase os mesmos afixos pronominais e marcadores de número que aparecem com substantivos possuídos e com verbos intransitivos, diferindo somente na terceira pessoa. Descritivos podem também aparecer como modificadores dentro de um sintagma nominal, aparecendo após o substantivo. Por exemplo: <'ri té> "casa nova".

Lachnitt (1988, p. 167-170) apresenta uma lista de advérbios em Xavante, sem nenhuma informação a respeito de suas características morfológicas ou sintáticas, exceto pelo fato de anotar que são “invariáveis”. Ele divide os advérbios nas seguintes subclasses semânticas, sem explicar a base para a classificação: tempo, lugar, maneira, dúvida, intensidade e afirmação/negação.

3.2.10 O sintagma como domínio de processos fonológicos

O sintagma é um domínio importante para os processos fonológicos em Xavante. Sintagmas podem terminar apenas em vogais não alongadas (ver 3.5) e muitas palavras alteram sua forma na posição final do sintagma (v. Apêndice). Em referência a estes processos, Hall et al. (1987, p.13) afirmam, "Em xaványte, uma locução [i.e. sintagma] pode ser uma palavra só ou uma seqüência de palavras estreitamente unidas". McLeod e Mitchell (1977) não definem a locução, mas se referem à esta unidade em vários pontos de seu trabalho. Na teoria tagmêmica de Pike, a qual os missionários do SIL utilizam nas suas análises do Xavante, um

sintagma (ingl. *phrase*) é "um constituinte em que a construção é uma seqüência de morfemas estreitamente ligados, que funciona como uma unidade típica no nível da oração, e cujos constituintes são palavras. Sintagmas são grupos de palavras que preenchem as mesmas posições no nível da oração, como são preenchidas por palavras isoladas". Além disso, "O sintagma é um grupo potencial de palavras. Não é obrigatoriamente complexa. O símbolo do sintagma significa tanto a cabeça da palavra em isolado, como palavra-cabeça com modificadores." (COOK 1969, p. 91-92; trad. nossa).

As sentenças no meu corpus são relativamente simples, geralmente constituídas por um sintagma verbal obrigatório, seguido ou precedido por sintagmas nominais ou posposicionais (v. Oliveira, 2002a, p. 42, sobre a ordem de palavras em Xavante e os problemas correlatos de solicitação com informantes). Por este motivo, não foi possível determinar a relação exata entre a unidade gramatical do sintagma e o domínio dos processos fonológicos referidos acima – este último pode ser definível como uma unidade prosódica separada. Nos meus próprios exemplos e nas fontes publicadas, os dois coincidem, mas uma investigação mais profunda é ainda necessária para determinar sua relação exata.

O exemplo abaixo mostra a palavra <ba'onõ> na posição não-final do sintagma e também na posição final. Pode ser observado que quando alguém pede a um Xavante para traduzir uma dada palavra, ele ou ela quase sempre produz a palavra na forma que aparece no final do sintagma, porque um simples enunciado de uma palavra só constitui um sintagma e, portanto, é sujeito às regras fonológicas que governam sintagmas.

[ba.ˈʔɐ̃ː.nɐ̃]	< ba'õno>	menina	"menina"
[ba.ʔɐ̃.tɐ̃.nɐ̃.ɾĩ]	<ba'õtõ norĩ>	menina PL	"as meninas"

[u.ˈzɜ bɜ.tɜ.ˈnẽ:hã]	<Uzâ bâtâ ne hã>	fogo sol parecido EMPH	"O fogo é parecido com o sol."
(exemplo escrito)	<unhama 'rata>	fogo perto.de	"perto do fogo"

3.3 Visão geral dos fones segmentais e dos fonemas

Como se discutiu antes, Pike sugere começar uma análise fonêmica fazendo tabelas dos fones das consoantes e vogais encontradas na língua. Depois, o pesquisador deve procurar os segmentos foneticamente similares que podem ser alofones do mesmo fonema e, em seguida, procurar os segmentos foneticamente diferentes que provavelmente são alofones de fonemas distintos. Quintino (2000, p. 16,27) fornece tabelas para as consoantes e as vogais em Xavante. Para ilustrar o mesmo procedimento, as tabelas 3.3A e 3.3C indicam os fones consonantais e vocálicos encontrados nos meus próprios dados. Para fornecer um contexto adicional para o leitor e mostrar um esboço do que será demonstrado em detalhes mais adiante em 3.7 e 3.8, as tabelas 3.3B e 3.3D mostram os fonemas consonantais e vocálicos em Xavante, de acordo com minha própria análise, junto com seus equivalentes ortográficos. As tabelas são seguidas por comentários que comparam os meus próprios dados fonéticos com os de McLeod (1974) e Quintino (2000). Quando McLeod e outros escritores do SIL são citados, suas transcrições aparecem transformadas no formato do IPA.

Os fones consonantais e vocálicos apresentados nas tabelas 3.3A e 3.3C refletem os segmentos encontrados na fala do meu informante principal. Assim, as tabelas sumarizam o inventário de alofones salientes encontrados nas transcrições no meu corpus. As transcrições foram feitas conforme os princípios explicados na seção 1.2.3. Alguns detalhes fonéticos adicionais se encontram apresentados em momentos relevantes no resto desta tese.

Fones consonantais

Tabela 3.3A – Fones consonantais em Xavante encontrados no meu corpus de dados				
	bilabial	alveolar	palatal	glotal
plosiva	**p b**	**t d**		**ʔ**
nasal	**m**	**n**		
tap		**ɾ ɾ̃**		
fricativa		**s z**		**h**
aproximante	**w**		**j j̃**	

Tabela 3.3B (v. analise fonêmica em 3.7)										
Fonemas consonantais em Xavante segundo a análise desta tese						**Equivalentes ortográficos dos fonemas consonantais em Xavante, segundo a ortografia atual do SIL**				
	bilab	alv	pal	glot			bilab	alv	pal	glot
plosiva	**p b**	**t d**		**ʔ**		plosiva	**p b**	**t d**		**' (apostr)**
(nasal)						nasal	**m**	**n**	**nh**	
tap		**ɾ**				tap		**r**		
fricativa		**s z**		**h**		fricativa		**s z**		**h**
aprox.	**w**		**j**			aprox.	**w**		**i**	
Obs: As nasais são alofones de /b,d,z/ mas aparecem no sistema ortográfico.										

Verificam-se as seguintes diferenças entre meus próprios dados fonéticos e aqueles apresentados por McLeod (1974) e por Quintino (2000):

(1) Plosivas: McLeod registra os segmentos aspirados [b^h, t^h] e o segmento palatalizado [t^j]. Quintino não registra oclusivas aspiradas. Encontrei [p,t]

aspirados na fala do meu informante quando apareceram no início de sílabas acentuadas, mas este detalhe não está descrito nas transcrições.

(2) Nasais: No geral, os segmento [˜j] no início da sílaba nos meus dados é equivalente ao som [ɲ] nos dados de Quintino. McLeod registrou os segmentos pré-nasalizados [mb] e [^{n}d]. Meus dados e os de Quintino não contêm estes sons.

(3) Fricativas: McLeod descreve dois pares de fricativas, [s, z] e [ʃ,ʒ], e dois pares correspondentes de africadas [ts^{h},tz] e [tʃ,tʒ]. Similarmente, Quintino registra três destes quatro pares, faltando somente [tʃ,tʒ]. Destes sons, meus informantes produziram somente o par [s,z]. Meu informante principal, Euzebio Prowari, disse-me que os sons africados são característicos dos Xavantes das T.I.s Pimentel Barbosa e Areões.

(4) Outros sons: Quintino registra três sons que não se encontram na tabela 3.3A acima ou em McLeod (1974). São eles:

[k] Quintino observa este som em somente uma palavra e não o inclui como parte do sistema fonológico da língua (QUINTINO, 2000, p. 19).

[ŋ] As palavras com este som nos exemplos de Quintino aparecem em meus próprios dados como [˜j]. De fato, alguns exemplos de [ŋ] aparecem em meus dados, mas tão raramente que prefiro não mencioná-los em minha análise.

[ɣ] Nos exemplos de Quintino, a fricativa velar aparece sistematicamente nas palavras onde se encontra [h] nos exemplos de McLeod (1974) e nos meus próprios dados.

Fones vocálicos

Tabela 3.3C – Fones vocálicos em Xavante encontrados no meu corpus								
vogais não-nasais					vogais nasais			
	anterior	central	posterior			anterior	central	posterior
fechada	**i i:**		**u u:**		fechada	**ĩ ĩ:**		
meio-fechada	**e e:**		**o o:**		meio-fechada			
meio-aberta	**ɛ ɛ:**	**ɜ ɜ:**	**ʌ ʌ:**		meio-aberta	**ɛ̃ ɛ̃:**	**ɛ̃ ɛ̃:**	**ʌ̃ ʌ̃:**
aberta		**a a:**			aberta			

Tabela 3.3D (veja analise fonêmica em 3.8)								
Fonemas vocálicos em Xavante segundo a análise desta tese					**Equivalentes ortográficos dos fonemas vocálicos em Xavante, segundo a ortografia atual do SIL**			
	anterior	central	posterior			anterior	central	posterior
fechada	**i ĩ**		**u**		fechada	**i ĩ**	**y**	**u**
meio-fechada	**e**				meio-fechada	**e**		**ô**
meio-aberta	**ɛ ɛ̃**	**ɜ**	**ʌ ʌ̃**		meio-aberta	**é ẽ**	**â**	**o õ**
aberta		**a ã**			aberta		**a ã**	

O som simbolizado na ortografia do SIL por <ô> é analisado como alofone de /ʌ/ na seção 3.8.5.

As vogais do Xavante apresentadas na tabela 3.3C diferem pouco daquelas apresentadas por McLeod e por Quintino. As seguintes diferenças podem ser apontadas:

(1) Meus dados incluem as vogais posteriores não-arredondadas centrais [ʌ,ɐ̃], correspondendo a vogais arredondadas [ɔ,ɔ̰ː] em McLeod (1974).

(2) Os segmentos [ɪ,ʊ,e̞] registrados por McLeod não foram registrados por Quintino. Encontrei [ɪ] como variante livre de /i/. Encontrei, além disso, [ʊ] como variante livre de /u/. Também encontrei [ʊ] como variante livre de /ʌ/, em palavras onde normalmente ocorre o alofone [o]. Essas variantes aparecem ocasionalmente nas transcrições.

(3) A vogal meio-fechada [ɨ] é registrada por McLeod, bem como por Quintino (2000, p. 32,35.75), e aparece na ortografia do SIL como **<y>**. Os dois autores classificam este som como um fonema separado. Ocorre em poucas palavras, mas estas incluem as palavras comuns **<syry>** “pequeno” e **<'ry'ry>** “chorar (PL)”. A pronúncia de palavras com [ɨ] pode ser produzida por meu informante quando pedido, mas no seu discurso normal as palavras grafadas com **<y>** aparecem com [i] ou [u]. Conseqüentemente, [ɨ] não está incluído na minha análise fonêmica.

Das poucas informações fornecidas pela comparação acima, pode-se ver que há algumas diferenças fonéticas sistemáticas entre os dados de Quintino e os meus próprios e que, além disso, os falantes de Xavante são conscientes das diferenças dialetais na sua língua. Como apontado antes, os dados de Quintino são de residentes da T.I. Pimentel Barbosa, ao passo que os meus dados são de residentes de São Marcos. Estas duas comunidades estão situadas,

respectivamente, no extremo norte e sul do território Xavante e têm histórias muito diferentes de contato com a sociedade brasileira. Pimentel Barbosa, particularmente, é uma comunidade que se vê como separada dos outros grupos de Xavantes, e este sentimento de diferença inclui atitudes sobre a língua (QUINTINO, 1998). Indicou-se antes também que a população Xavante totaliza aproximadamente 13.000 pessoas e habita diversas T.I.s não-contíguas, espalhando-se por uma área muito grande e que todas têm histórias diferentes de contato, bem como graus e modalidades diferentes de interação com a sociedade nacional. Além disso, a história do assentamento dos Xavante nestas áreas, contada pelos próprios Xavantes, é relativamente bem-documentada. Tudo isso indica, portanto, que um estudo sociolingüístico dos dialetos Xavante pode trazer à luz alguns fatos interessantes sobre a história e a cultura deste povo.

Pontos gerais sobre os exemplos transcritos em 3.4 e em 3.5

A divisão silábica está incluída nas transcrições fonéticas nas seções 3.4 e 3.5, mesmo sendo, estritamente falando, uma categorização fonológica (v. 3.6). Isto foi feito porque na seção sobre análise fonêmica, é preciso muitas vezes consultar as transcrições como exemplos de generalizações que frequentemente se referem aos limites da sílaba. Adicionalmente, transcrições de mais de seis ou sete segmentos de comprimento são mais fáceis de ler quando divididas em sílabas. O acento e o alongamento vocálico foram incluídos também nas transcrições, mas a transcrição destas propriedades supra-segmentais é problemática porque se trata também, estritamente falando, de categorias fonológicas (v. Apêndice). Não obstante, os dois foram incluídos nas transcrições para fornecer detalhe fonético, não com a finalidade de exemplificar suas propriedades fonológicas. Em alguns casos, onde não tenho certeza da acentuação de um enunciado, esta não foi anotada. Também o tap [ɾ] é nasalizado

antes de uma vogal nasal, sendo mais audível em alguns exemplos do que em outros, e a sua nasalização foi transcrita inconsistentemente.

Freqüentemente, palavras e frases em Xavante (como repetidas por meu informante), bem como as suas definições em português, foram tomadas diretamente dos dicionários do SIL (HALL, et al., 1987; abreviado como SILD) e do MSM (LACHNITT, 1987, 1989; os dois abreviados como MSMD). Não anotei este fato no que diz respeito às palavras ou aos sintagmas simples, mas somente nos casos onde estão empregadas as idéias de um autor (principalmente sentenças longas para serem traduzidas). Em alguns casos onde não havia um exemplo de um determinado som no contexto de início de euniciado, substituí por um exemplo de uma palavra ou sintagma que poderiam ser usadas naquela posição. Alguns exemplos da divisão de sílabas dentro de morfemas podem talvez ser exemplos das junturas morfêmicas, mas acredito que estes possíveis erros não afetarão a análise fonêmica em conjunto. A letra B maiúscula serve, durante todo este capítulo, como um símbolo geral para [p,b,m] na posição de coda – é baseada na simbologia comum para arquifonemas, mas não pretende implicar tal conceito. V maiúscula simboliza uma vogal (seja não nasal ou nasal), V̨ uma vogal não-nasal e Ṽ, uma vogal nasal.

Finalmente, os seguintes pontos devem ser destacados sobre o sistema ortográfico Xavante:

(1) Todos os sons, com a exceção de [ɲ] no início da sílaba (=<nh>), são simbolizados consistentemente na ortografia por um único símbolo alfabético, como mostrado nas tabelas 3.3B e 3.3D.

(2) Os alofones nasais de /b,d,z/ são escritos como <m,n,nh>.

(3) As vogais que seguem as consoantes nasais <m,n,nh> são sempre nasais, mas não são escritas ortograficamente com o til. Em outros contextos, as vogais nasais são sempre escritas com o til.

(4) [j̃,j̃] no final da sílaba são escritos como <i>. Se o [j] aparecer como um símbolo fonético geral, indicando que aparece após uma vogal nasal ou não nasal (i.e. em uma seqüência simbolizada por Vj), sua nasalização depois de uma vogal nasal é implícita. [j̃,j̃] no final da sílaba é tratado como consoante pelas razões apresentadas em 3.7.3.

(5) A oclusiva glotal [ʔ] no início da palavra antes de uma vogal não é escrita. Em todos os outros contextos, [ʔ] é grafado como apóstrofe <'> (que não deve ser confundido com a marca de acento nas transcrições fonéticas).

3.4 Distribuição das consoantes do Xavante e de seqüências consonantais

O esboço de Pike separa a descrição da distribuição de consoantes únicas e dos conjuntos de consoantes em seqüência. Nesta seção, a distribuição das consoantes será descrita em termos de seqüências de consoantes que ocorrem no início do sintagma ou entre vogais (pelo termo "seqüência" incluo grupos de consoantes, bem como "seqüências" de uma consoante só). Decidi analisar o material deste modo porque eu sabia, pelos estudos anteriores e pelas minhas próprias investigações, que poderia, com segurança, tratá-lo desta maneira. Também prossegui a análise sabendo que os núcleos da sílaba em Xavante consistem sempre em uma única vogal. Além disso, eu poderia confiavelmente supor que, na maioria dos casos, as vogais e as consoantes que transcrevi são segmentos fonológicos discretos, e que a separação de segmentos, a divisão da sílaba e a divisão segmental de morfemas e palavras coincidiriam nitidamente em quase todos os casos. Eu sabia quais processos fonológicos poderia encontrar e também sabia que os sintagmas em Xavante terminam sempre em vogal não alongada. Finalmente, eu sabia que, na distribuição das consoantes, poderia com segurança descontar a influência do acento e de vogais longas (v. Apêndice).

É por estas razões que, ao "revisitar" a fonologia Xavante, decidi examinar meus dados com um novo olhar, considerando todos os enunciados do Xavante como um contínuo – um fluxo de fala que consiste em uma alteração entre uma ou duas consoantes, seguido por uma vogal, seguida por uma ou duas consoantes, seguidas por uma vogal e assim por diante, terminando eventualmente em uma vogal não-longa no fim do enunciado. Depois, de acordo com o esboço de Pike, categorizei as seqüências de consoantes no início da frase e intervocálicas em tipos diferentes, e descrevi a sua distribuição em termos de segmentos adjacentes, de fronteiras morfêmicas e de fronteiras de palavras. Com base nesta análise, proponho na seção 3.6 determinados princípios de divisão de

sílabas fonológicas na língua. Para completar a segmentação alofônica clara do material, resta analisar a composição de seqüências de mais do que uma consoante no início da sílaba (i.e., onsets complexos), parte incluída na análise fonêmica em 3.7.

As seqüências fonéticas de consoantes que aparecem em meu corpus são listadas abaixo e são divididas, por razões fonéticas, em quatro categorias diferentes. Os exemplos são dados na tabela de distribuição nas páginas que seguem (tabela 3.4).

(1) Seqüências fonéticas de consoantes constituídas por consoantes únicas: [C] (ex.1-13)

$_{ph}$CV... pos. inicial no sintagma: p b m t d n s z ˜j r w h ʔ
...VCV... posição intervocálica: p b m t d n s z ˜j r w h ʔ

2) Seqüências fonéticas CC que começam com [p,b,m]: [BC] (ex.14-26A)

$_{ph}$BCV... pos. inic. no sintag: pr br mr
...VBCV... pos. intervocálica: pt bd md mn ps bz mz m˜j pr br mr bʔ mʔ

3) Seqüências fonéticas de consoantes que começam com [ʔ]: [ʔC(C)] (ex.27-31)

$_{ph}$ʔC(C)V... posição inic. no sintag: ʔr ʔm ʔw
...VʔC(C)V... posição intervocálica: ʔr ʔm ʔw ʔbr ʔmr

4) Seqüências fonéticas de consoantes que começam com [j,˜j]: [jCC] (ex.32-44)

...VjC(C)V... todas intervocálicas: jp jb jm jr jw jh jʔ jʔr jʔm jʔw

A tabela 3.4 apresenta exemplos das quarenta e quatro seqüências consonantais diferentes que se encontram nos meus dados. A cada seqüência foi dado um número. As seqüências são separadas nas quatro categorias acima. A tabela tem seis colunas. A primeira coluna indica a categoria da seqüência: [C], [BC], [ʔC(C)], ou [jCC]. A segunda, a terceira, a quarta, e a quinta coluna indicam o contexto fonológico no qual a seqüência é encontrada no exemplo: início de enunciado ou sintagma, juntura de palavra, juntura de morfema dentro de palavra, e seqüência dentro de morfema. (Alguns exemplos classficados como seqüências dentro de um morfema podem representar de fato junturas de morfemas e, por isso, "presumida" é adicionado no topo da quinta coluna.) A sexta coluna anota a divisão silábica da seqüência (veja 3.6), acompanhada por observações adicionais sobre a distribuição da seqüência.

A primeira linha de cada seqüência numerada fornece uma simbolização esquemática do contexto fonológico da seqüência como ela aparece nos exemplos nas colunas. A primeira linha de exemplo (1) é reproduzida abaixo, seguida por uma explicação da simbologia usada.

C onset	**início de enunciado, sintagma ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**divisão silábica e observações**
(1) [p]	**$_{ph}$pV…**	**…V$_{\#}$pV…**	**…V-pV…**	**VpV**	**V.pV**

$_{ph}$pV…	[p] no início do sintagma antes de vogal (não-nasal ou nasal)
…V$_{\#}$pV…	[p] no início da palavra, precedido e seguido por uma vogal
…V-pV…	[p] no início do morfema, precedido e seguido por uma vogal
…VpV…	[p] dentro do morfema, precedido e seguido por uma vogal
…V.pV…	indica que em todos os contextos acima, a divisão silábica deve ser com [p] no início da sílaba

Algumas observações gerais sobre a distribuição das consoantes em Xavante podem ser acrescentadas aqui. Não há aparentemente nenhuma limitação nos onsets[4] da sílaba, ou nas vogais, no que diz respeito à sua ocorrência nas sílabas iniciais, mediais ou finais de uma palavra ou morfema. Não encontrei exemplos de todas as combinações possíveis nestes contextos, mas não percebi também nenhum padrão que indica que pode haver algum tipo de restrição. Portanto, este tipo de contexto não foi incluído na análise distribucional. Encontrei poucos exemplos de seqüências de duas sílabas fechadas adjacentes e não posso dizer se houve uma restrição de algum tipo na sua ocorrência em palavras ou morfemas. Como apontado antes, as consoantes no final da sílaba e as vogais longas nunca aparecem no fim do sintagma. Outra observação no que diz respeito às consoantes e à estrutura da sílaba pode ser acrescentada aqui; Sílabas da forma C^1VC^1 são quase totalmente ausentes na língua. Das sílabas possíveis [pVp, bVp, mVm, ˜jV̰j], encontrei somente o exemplo: [dã˜jĩ.ˈmĩm˜jẽ], <da-nhimimnha> "perigo".

Alguns termos que se referem a conceitos específicos da cultura Xavante ocorrem em itálico nas traduções dos exemplos. As definições destes termos, segundo Hall et al. (1987), são dadas abaixo.

ẽtẽpa "nome de um dos oito grupos no sistema faixa etária xavante"

wapté "termo usado a respeito dos adolescentes masculinos sendo preparados para iniciação; órfão"

warã "lugar de reunião dos homens"

---

[4] Os termos “onset” e “coda” são usados informalmente nesta tese para indicar as seqüências consonantais encontradas respectivamente no começo e no fim da sílaba.

Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante

[p],[b],[m]

C onset	**início de enunciado, sintagma ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**divisão silábica e observações**
(1) [p]	**$_{ph}$pV...**	**...V#pV...**	**...V-pV...**	**...VpV...**	**...V.pV...**
	[**p**i.ˈʔɐ̃] <pi'õ> "mulher"	[ʔɾi.ˈ**p**a.ɾa] <'ri para> "dentro de casa"	[da.**p**a:.ˈwa:.pu] <da-pawapu> "pulmão"	[ʔu.ˈ**p**a] <upa> "mandioca"	ocorre antes de todas as vogais menos [o] (<ô>)
	[**p**ẽ.ʔẽ.ˈzɛ.di] <pẽ'ẽ ze di> "é generoso"	[te.**p**ẽ.ɾĩ.ˈʔʌ̃:.di] <te pãrĩ õ di> "eu não os (dual) matei"	[ʔĩ:.**p**ĩ] <ĩ-pĩ> "mel"	[da.si.ˈʔwa.**p**ɛ] <da-si-'wapé> "briga; guerra"	
(2) [b]	**$_{ph}$bṼ...**	**...V#bṼ...**	**...V-bṼ...**	**...VbṼ...**	**...V.bṼ...**
	[**b**ɜj.ˈʔẽ.nẽ] <bâi ãna> "sem urucum"	[ˈʔɾi.**b**a.ba] <'ri baba> "de casa por casa"	[da.ˈ**b**a] <da-ba> "costas"	[ʔĩ.sa.ˈri:.**b**i] <ĩ-saribi> "asa"	ocorre antes de vogais não-nasais, mas nunca antes de vogais nasais ou [o] (<ô>)
	[**b**u.ɾu.ˈʔu] <buru u> "à roça"	[ʔʌ̃.ˈhʌ̃.**b**a] <õ hõ ba> "a ele"	[ˈĩ:.**b**a] <ĩ-ba> "a mim"	[ˈte.**b**e] <tebe> "peixe"	
(3) [m]	**$_{ph}$mṼ...**	**...V#mṼ...**	**...V-mṼ...**	**...VmṼ...**	**...V.mṼ...**
	[**m**ẽ.ˈɾĩ.nẽ] <marĩ na> "com alguma coisa"	[tĩ.ˈmɾʌ̃:.**m**ẽ] <timro me> "com a sua esposa"	[ʔĩ.**m**ʌ̃.ɾĩ.ˈʔra.da] <ĩ-morĩ-'rada> "primeiro"	[ʔwa.tɛ.brɛ.ˈ**m**ĩ> <'watébrémi> "menino"	ocorre somente antes de vogais nasais
	[**m**ẽ.ɾẽ.ˈʔu] <marã u> "ao mato"	[ʔe.**m**ʌ̃.mʌ̃.ˈte.**m**ʌ̃] <E momo te mo?> "Aonde ele vai?"	[mẽ.to.ˈti.**m**ẽ] <ma tô ti-me> "ele atirou"	[si.ˈ**m**ĩ.ʔɜ] <simi'â> "feitiço"	

[t],[d],[n] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset	**início de enunciado, sintagma ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**divisão silábica e observações**
(4) [t]	**$_{ph}$tV...**	**...V#tV...**	**...V-tV...**	**...VtV...**	**...V.tV...**
	[**t**e.ˈʔaj.ʔa.ˈba.ʔrɛ] <te ai'aba'ré> "eles vão"	[ʔrі.**t**ẽ.mẽ.**t**ẽ.mʌ̃] <'Ri tême te mo.> "Ele vai à casa."	[ˈʔĩ.**t**e.ˈde.ʔwa] <ĩ-tede-'wa> "dono; proprietário"	[ˈʔra.**t**a] <'rata> "perto de"	ocorre antes de todas as vogais não-nasais e nasais, inclusive [o] (<ô>)
	[**t**a.ha.ˈha.rɛ] <taha haré> "do mesmo jeito"	[mẽ.**t**o.ˈ**t**ĩ.wĩ] <ma tô tĩwĩ> "ele o matou"	[da.ˈ**t**ʌ] <da-to> "olho"	[sa.ˈʔẽ.**t**ẽ] <sa'ẽtẽ> "rapidamente"	
(5) [d]	**$_{ph}$dV̩...**	**...V#dV̩...**	**...V-dV̩...**	**...VdV̩...**	**...V.dV̩...**
	[ˈ**d**uj.ha.ˈwi] <dui hawi> "do capim"	[tʌ.ˈprɛ:.**d**i] <to pré di> "está de olhos inflamados"	[ʔĩ.**d**up.ˈtʌ] <ĩ-dupto> "inchaço"	[ˈwe:.**d**e] <wede> "árvore; madeira"	ocorre antes de vogais não-nasais, mas nunca antes de vogais nasais ou [o] (<ô>)
	[**d**a.rʌ.ˈsi:.rɛ] <da-ro si ré> "junto com a aldeia"	[mẽ.ˈto. ʔĩ.wa.nẽ.ˈ**d**ɜ:.rɛ] <ma tô ĩ-wana dârâ> "ele morreu antes"	[mẽ.ˈto.ʔri.ˈ**d**a.wa] <ma tô 'ri-dawa> "ele abriu a porta"	[ˈbɜ.**d**ɜ] <bâdâ> "sol"	
(6) [n]	**$_{ph}$nṼ...**	**...V#nṼ...**	**...V-nṼ...**	**...VnṼ...**	**...V.nṼ...**
	[**n**i.ˈʔwa.da. wa.ˈrʌm.hu] <Niˈwa da, wa romhu.> "Trabalhei para alguém."	[ˈbɜ.**n**ẽ] <bâ na> "com urucum"	[da.ˈ**n**ʌ̃] <da-no> "irmão mais novo"	[ba.ʔʌ̃:.**n**ʌ̃] <ba'õno> "menina"	ocorre somente antes de vogais nasais
	[ˈ**n**ʌ̃.zʌ] <nozâ> "milho"	[te.ˈ**n**ʌ̃:.mr̃ʌ̃] <te nomro> "ele se deita"	[te.ˈti.**n**ẽm. za.ˈhu.rɛ] <te ti-nem zahuré> "eles dois vão"	[ˈpʌ.**n**ẽ] <pone> "veado mateiro"	

[s] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset	**início de enunciado, sintagma ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**divisão silábica e observações**
(7) [s]	**$_{ph}$sV...**	**...V#sV...**	**...V-sV...**	**...VsV...**	**...V.sV...**
	[**s**i.mĩ.hɜ.ze. za:.hã] <simihâze zahã> "apesar de castigo"	[pi.ʔʌ̃.ˈ**s**i:.ɾɛ] <pi'õ si ré> "com a mulher"	[da.ˈ**s**a] <da-sa> "comida"	[dã.ˈ˜j̃ĩ.**s**i] <da-nhisi]> "nome"	ocorre antes de vogais não-nasais e nasais, inclusive [o] (<ô>), mas nunca antes de [ĩ,ɜ,ʌ]
	[ˈ**s**a.ʔẽ.tẽ.ˈprẽ.ti] <Sa'ẽtẽ prã ti.> "Está meio grande, (lit. está menos que grande)." SILD	[te.ˈ**s**ã.mɾĩ.ˈʔʌ̃.di] <te sãmri õ di> "eu não acho"	[mẽ.to.ˈti.**s**ʌ̃] <ma tô ti-sõ> "ele deu"	[mẽ.ˈto.pi.ˈ**s**u:.tu] <ma tô pisutu> "ele o indicou"	
		[wa.ˈza.pɛ.ˈ**s**o.mʌ̃] <Wa za pé sô mo.> "Neste caso irei buscá-lo." SILD	<a-sô> "2P.SG-para" SILD		

[z] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset	**início de enunciado, sintagma ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**divisão silábica e observações**
(8) [z]	**$_{ph}$zV̩...**	**...V#zV̩...**	**...V-zV̩...**	**...VzV̩...**	**...V.zV̩...**
	[**z**a.ˈha.du] <zahadu> "mais tarde, depois"	[ˈte.ɾʌm.hu.ɾi.ˈ**z**a.ʔɾa] <te romhuri za'ra> "eles trabalham"	[da.ˈ**z**ɛ] <da-zé> "urina"	[ʔa.ba.ˈ**z**i] <abazi> "algodão"	ocorre antes de quase todas as vogais (não-nasais e nasais), inclusive [o] (<ô>), mas nunca antes de [ʌ] ou vogais nasais
	[**z**ɜ.ˈhu.ɾu] <zâhuru> "cotia"	[ˈtã.we.ˈ**z**i.di] <Tã we zidi.> "a chuva ameaça (=brilha)" MSMD	[da.ˈwe.de.**z**ɛ. ˈsiː.ɾɛ] <da-wede-zé si ré> "com o medicamento"	[ˈnʌ̃.**z**ɜ] <nozâ> "milho"	
		[ʔa.ba.ˈn̪ĩ̞ː.jẽ.ˈmẽ.**z**ô] abanhi-nheme zô "para (buscar) um cesto" SILD	<ĩĩ-zô> "1P.SG-para" SILD <wa-zô> "1P.DU-para" SILD		

[ˆj],[ɾ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset	início de enunciado, sintagma ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(9) [ˆj]	$_{ph}$j̃Ṽ...	...V#j̃Ṽ...	...V-j̃Ṽ...	...Vj̃Ṽ...	...V.j̃Ṽ...
	[ˈj̃ẽm̃j̃ẽ] <nhamnha> "tipo de passarinho"	[tẽ.ˈj̃ã.mɾẽ] <te nhamra> "ele senta"	[dã.j̃ĩ.ˈbra.da] <da-nhib'rada> "mão"	[mẽ.to.ˈʔmẽ.j̃ẽ] <ma tô 'manha> "ele fez"	ocorre somente antes de vogais nasais
	<nho'u> "esteio" MSMD	[ˈʔẽ.nẽ.j̃ẽ.ɾ̃ẽ] <ãne nherẽ> "assim mesmo"	[mẽ.ˈto.tĩ.j̃ĩp.ˈte:.te] <ma tô ti-nhip-tete> "ele se fortaleceu"	[te.ˈʔwã.j̃ẽ] <te 'wanhe> "ele assa nas cinzas (objeto plural)" SILD	
	<nhowi> "cigarra" MSMD				

C onset	início de enunciado, sintagma ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(10) [ɾ]	$_{ph}$ɾV...	...V#ɾV...	...V-ɾV...	...VɾV...	...V.ɾV...
	[ɾʌm.ˈnẽ] <rom na> "no campo"	[mẽ.to.ˈɾe:.ɾe] <ma tô rere> "eles caíram"	[da.ˈɾʌ] <da-ro> "lugar; a terra deles; aldeia"	[ˈbu.ɾu] <buru> "roça"	ocorre antes de todas as vogais, menos [o] (<ô>);
	[ɾʌm.ˈj̃ĩ] <rom-nhi> "carne"	[te.ˈɾẽ.mẽ.ˈʔɐ̃.di] <te rẽme õ di> "eu não deixei"	[mẽ.to.ˈtĩ.ɾ̃ẽ] <ma tô ti-rẽ> "ele deixou"	[ˈjẽ.ɾ̃ẽ] nherẽ "ainda que; mesmo que"	[ɾ] ocorre como [ɾ̃] antes de Ṽ, mas é transcrita inconsistente-mente nos exemplos

[w],[h],[ʔ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset	**início de enunciado, sintagma ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**divisão silábica e observações**
(11) [w]	**$_{ph}$wV...**	**...V#wV...**	**...V-wV...**	**...VwV...**	**...V.wV...**
	[ˈ**w**e.ʔaj.ˈmʌ̃.ɾĩ] <We aimorĩ!> "Vem cá!"	[te.ˈ**w**a:.ɾa] <te wara> "ele corre"	[ʔa.ɾi.ˈ**w**e.de] <ari-wede> "tucum; flecha com ponta de tucum para pescar" SILD	[ʔa.ˈʔu.**w**ẽ] <a'uwẽ> "pessoa; Xavante; índio"	nunca ocorre antes das vogais [u,ɜ,ʌ,ɐ̃] ou [o] (<ô>); ocorre antes de todoas as outras vogais não-nasais e nasais
	[**w**ap.ˈtɛb.da] <waptéb da> "para os *wapté* "	[te.ˈʔã.nẽ.ˈ**w**a.ʔwa] <te ane wa'wa> "vocês (dois) vão"	[da.ˈ**w**a.pru] <da-wapru> "sangue"	[ʔɾi.ˈʔwa.**w**i] <'ri 'wawi> "em frente da casa"	
(12) [h]	**$_{ph}$hV...**	**...V#hV...**	**...V-hV...**	**...VhV...**	**...V.hV...**
	[**h**ɜi.ˈwa.hɜ] <hâiwahâ> "à tarde"	[bu.ɾu.ˈ**h**a.wi] <buru hawi> "da roça"	[da.ˈ**h**i] <dahi> "osso"	[za.ˈ**h**u:.ɾɛ] <zahuré> "marcador de dual"	ocorre antes de quase todas as vogais, menos [o] ([ô]); [hĩ, hẽ] não foram encontras, mas talvez sejam permitidas
	[**h**e.ˈpẽ.ɾĩ] <**h**epãrĩ> "obrigado"	[te.ˈ**h**ʌ̃:.ɾʌ̃] <te hõrõ> "ele assobia"	[te.ti.ˈ**h**ɜj.ba] <te ti-hâiba> "ele é / fica"	[wa.**h**um.nẽ] <wahum na> "na estação de seca"	
(13) [ʔ]	**$_{ph}$ʔV...**	**...V#ʔV...**	**...V-ʔV...**	**...VʔV...**	**...V.ʔV...**
	[**ʔ**a.ˈsi.ɾɛ.ˈwa.mʌ̃] <Asiré wa mo.> "Fui junto com você."	[ˈʔe.ni.ha.**ʔ**i.ˈsi.si] <E niha ĩsisi?> "Como ele chama?"	[da.ˈ**ʔ**u:.bu] <da-'ubu> "rosto"	[pi.ˈ**ʔ**ʌ̃] <pi'õ> "mulher"	ocorre antes de todas as vogais, menos [o] ([ô]); v. 3.7.7 sobre a fonética de [ʔ] no início do enunciado
	[**ʔ**ɜj.ˈba.ba] <oi baba> "pela água"	[ʔẽ.ˈtẽ.**ʔ**u] <ẽtẽ u> "à montanha"	[mẽ.to.si.ˈ**ʔ**i:.hi] <ma tô si-'ĩhi> "ele envelheceu"	[te.ˈda:.**ʔ**ʌ] <te da'o> "ele está dependurado" SILD	

[pt], [bd], md] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset precedido por [p,b,m]	início de enunciado, sintagma ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observaçõ es
(14) [pt]	**—**	**...Vp#tV...**	**...Vp-tV...**	**...VptV...**	**...Vp.tV...**
	—	[su**p.**ˈ**t**ɐ̃] <sup tõ!> "não soque!"	[rʌ**p.t**a.ʔa.tɐ̃] <rop-ta'a tõ> "não bate"	[ʔu**p.**ˈ**t**a.bi] <uptabi> "real; verdadeiro"	precedido e seguido por vogais não-nasais e nasais
	—	[rʌ**p.**ˈ**t**ɛʔ.bu] <rop téb u> "à terra nova"	[si**p.t**e.ˈte.di] <sip-tete di> "está forte"	[ʔa**p.**ˈ**t**ɐ̃ː.mr̃ĩ] <aptõmri> "cera de abelha"	
			[da.ˈj̃ĩ**p.t**ɐ̃.mɐ̃ʌ̃.ˈhi] <da-nhip-tõmohi> "dedo da mão"		
(15) [bd]	**—**	**...V̩b#dV̩...**	**...V̩b-dV̩...**	**...V̩bdV̩...**	**...V̩b.dV̩...**
	—	[ʔẽ.tẽ.ˈpa**b.d**a] <ẽtẽpab da> "para o grupo *ẽtẽpa*"	[rʌ**b.d**u.ˈri.nẽ] <rob-duri na> "com carro"	[ʔu**b.**ˈ**d**â] <ubdâ> "capivara"	sempre precedido e seguido por vogais não-nasais
	—	[tɛ**b.d**i] <téb di> "está cru"		[si.ʔu**b.**ˈ**d**a.tʌ] <siˀubdatõ> "três"	
(16) [md]	**—**	**...Ṽm#dV̩...**	**...Ṽm-dV̩...**	**...Ṽmd V̩...**	**...Ṽm.dV̩...**
	—	[mr̃ẽ**m.**ˈ**d**i] <mram di> "está com fome"	?	?	poucos exemplos, todos com a palavra <mrã> "fome"
	—	[ˈmr̃ẽ**m.d**a] <mram da> "para fome"			

[mn], [ps] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset precedido por [p,b,m]	início de enunciado, sintagma ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(17) [mn]	—	...Vm#nṼ...	...Vm-nṼ...	...VmnṼ...	...Vm.nṼ...
	—	[wa.wa.ˈnẽ**m.n**ĩ] <Wa wanem ni.> "Nós dois vamos."	?	[mẽ.ˈto. ʔaj.ˈwã**m.n**ẽ] <ma tô aiwamna> "ele se transformou para o mal; ele decaiu" SILD	precedido por vogal não-nasal ou nasal; sempre seguido por vogal nasal
	—	[rʌ**m.**ˈ**n**ẽ] <rom na> "no campo"			
(18) [ps]	—	...Vp#sV...	...Vp-sV...	...VpsV...	...Vp.sV...
	—	[da.rʌ**p.**ˈ**s**i] <da-rop si> "só a terra da gente"	[mẽ.ˈto.ʔa**p.**ˈ**s**aj.hu] <ma tô ap-saihu> "ele roubou"	[te.ˈʔu**p.s**ɐ̃] <te upsõ> "ele lava"	precedido e seguido por vogais não-nasais e nasais
	—	[ʔĩ.tɛ**p.**ˈ**s**i.ʔuj.ˈwa] <ĩ-tép si'uiwa> "juntamente ao novo" SILD	[rʌ**p.s**u.ˈʔu.di] <rop-su'u di> "é terra plana"	[wa**p.**ˈ**s**ẽ] <wapsã> "cachorro"	
			[ʔa.ˈwẽ**p.s**i] <awẽp-si> "quando fôr amanhã (futuro específico)" SILD		

[bz],[mz],[mj̃] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset precedido por [p,b,m]	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(19) [bz]	**—**	**...V̩b#zV̩...**	**...V̩b-zV̩...**	**...V̩bzV̩...**	**...V̩b.zV̩...**
		[te.su**b.ˈz**a.ʔɾa] <te sub za'ra> "eles socam"	[ˈʔɾi.da.wã.ɲĩ.tʌ**b.ˈz**ɛ] <'ri-dawa nhitob-zé> "porta; folha da janela" (SILD)	[ʔa**b.ˈz**u.mẽ] <abzuma> "meio-dia"	sempre precedido e seguido por vogais não nasais
		[wap.tɛ**b.ˈz**a.hã] <waptéb zahã> "apesar de ser *wapté*"	[ʔe.ˈnĩ.ha. ʔa.si**b.z**e.ˈru.hẽ] <E niha a-sib-zeru ha?> "Quanto é seu dinheiro?"	[ʔa**b.ˈz**aj.hɜ] <abzaihâ> "ondas"	
(20) [mz]	**—**	**...Ṽm#zV̩...**	**...Ṽm-zV̩...**	**...Ṽmz V̩...**	**...Ṽm.zV̩...**
	—	[te.ˈti.nẽ**m.z**a.ˈhu.ɾɛ] <te tinem zahuré> "eles dois vão"	?	?	
(21) [mj̃]	**—**	**...Vm#j̃Ṽ...**	**...Vm-j̃Ṽ...**	**...Vmj̃Ṽ...**	**...Vm.j̃Ṽ...**
	—	?	[dã.ɲĩ**m.ˈj̃**ʌ̃.hu] <da-nhim-nhohu> "padrinho, madrinha"	[ʔu**m.j̃**ĩ.ˈʔã] <umnhi'ã> "arco"	sempre seguido por vogal nasal; pode ser precedido por vogal não-nasal ou-nasal
	—		[ɾʌ**m.ˈj̃**ĩ] <rom-nhi> "carne (comestível)"	[ʔa**m.ˈj̃**ʌ̃] <amnho> "produção granal"	

[pɾ], [bɾ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

[ɾ] precedido por [p,b,m]	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(22) [pɾ]	**$_{ph}$pɾV...**	**...V#pɾV...**	**...V-pɾV...**	**...VpɾV...**	**...V.pɾV...**
	<pré'a> "brasileiro" MSMD	[ˈsa.ʔẽ.tẽ.ˈ**pɾ**ẽ.ti] <Sa'ẽtẽ prã ti.> "Está meio grande, (lit. está menos que grande)." SILD	[ʔĩ.ˈ**pɾ**ɛ] <ĩ-pré> "vermelho"	[da.ˈwa.**pɾ**u] <da-wapru> "sangue"	ocorre antes de quase todas as vogais, menos [ẽ,ɜ] e [o] ([ô])
	<pro> "fuligem" MSMD	[tʌ.ˈ**pɾ**ɛː.di] <to pré di> "está de olhos inflamados (lit. vermelhos)" SILD	[tu.tu.ˈtu.ʔĩ̃ẽ.ˈ**pɾ**ɛ]	[dã.mẽ.ˈ**pɾ**e.wa]	
	<prorodo> "coruja" MSMD		<tututu-'rã-pré> "pica-pau"	<da-maprewa> "sogro/sogra"	
(23) [bɾ]	**$_{ph}$bɾV̩...**	**...V#bɾV̩...**	**...V-bɾV̩...**	**...VbɾV̩...**	**...V.bɾV̩...**
	[ˈ**bɾ**u.du] <brudu> "aroeira"	?	?	[da.ˈzu.**bɾ**u] <da-zubru> "pus"	sem exemplos antes de vogais nasais; silabificação em alguns exemplos; v. 3.6
				[mẽ.ˈto. wa.ˈtʌː.**bɾʌ**] <ma tô watobro> "ele saiu"	
		/...VB#ɾV̩.../ > [...V.bɾV...]	**/...VB-ɾV̩.../ > [...V.bɾV...]**		
		[wa.ˈhu.**bɾ**ɛ] <wahub ré> "durante a estação da seca"	?		

[mɾ], [mh], [bʔ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

C onset precedido por [p,b,m]	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(24) [mɾ]	**$_{ph}$[mɾṼ...**	**...V$_{\#}$mɾṼ...**	**...V-mɾṼ...**	**...VmɾṼ...**	**...V.mɾṼ...**
	[ˈ**mɾ**ẽm.te.ˈzaː.hã] <mram te zahã> "apesar da fome"	[mẽ.ˈto.**mɾ**ẽ] <ma tô mre> "ele falou"	[ʔĩ.ˈ**mɾ**ʌ̃] <ĩ-mro> "meu marido"	[te.ˈnʌ̃ː.**mɾ̃**ʌ̃] <te nomro> "ele se deita"	sempre seguida por vogal nasal
	[**mɾ**ẽ.ˈmẽ.ʔɾẽĩ.ˈhɜː.di] <Mreme ’rãihâ di.> "A voz está alta."	[ʔaj.bɜ.ˈ**mɾ**ẽ.mẽ] <aibô mreme> "a conversa de um homem"	[da.ˈ**mɾ**ẽː.mẽ] <da-mreme> "língua (idioma); fofoca" SILD	[te.ˈsã.**mɾ**ĩ. ˈʔʌ̃.di] <te sãmri õ di> "eu não acho"	
		/...Vm$_{\#}$ɾṼ.../ > [...V.mɾṼ...]	**/...Vm-ɾṼ.../ > [...V.mɾṼ...]**		
		?	[da.ˀʃĩ.mɾʌ̃] <da-nhim-ro> "coisa que pertence a pessoa"		
(25) [mh]	**—**	**...Vm$_{\#}$hV...**	**...Vm-hV...**	**...VmhV...**	**...Vm.hV...**
	—	[ɾʌ.pɾu**m.ˈh**awi] <roprum hawi> "do lixo"	[ʔa.ˈwẽ**m.h**ẽ] <awẽm-hã> "quando fôr amanhã (futuro indefinido)"	[te.ˈɾʌ**m.h**u] <te romhu> "ele trabalha"	ocorre precedido e seguido por vogais não-nasais e nasais
	—		[ˈta.ha.pa.ˈɾĩ**m.h**ã] <taha parim-hã> "em seguida"		
(26) [bʔ]	**—**	**...Vb$_{\#}$ʔV̩...**	**...Vb-ʔV̩...**	**...VbʔV̩...**	**...Vb.ʔV̩...**
	—	[tʌ**b.ˈʔ**a:di] <tob a di> "é cego (lit. olho branco)" SILD	[ɾʌ**b.ˈʔ**uj.pra.ˈzɛ.hã] <rob-’uipra-zé hã> "diheiro" + ENF	[ʔab.ˈ**ʔɛ**] <ab’é> "cobra não venenosa"	sempre seguido por vogal não-nasal; ocorre precedido por vogais não-nasais e nasais; às vezes ocorre metátese com esta seqüência; v. 3.6
	—	[bu.ru.ˈdu**b.ʔ**u] <buru dub u> "à roça velha"	[ʔĩ.ˀʃĩ**b.ʔ**a.pi.ˈtʌ] <ĩ-nhib-’apito> "meu capitão"		
(26A) [mʔ]	**—**	**...Vm$_{\#}$ʔṼ...**	**...Vm-ʔṼ...**	**...VmʔṼ...**	**...m.ʔV̩...**
	—	[wam.ɾʌ.zɛm.ʔẽ.ɲẽ] <wamrozém ãna> "sem vassoura"	?	?	sempre seguido por vogal nasal; ocorre precedido por vogais não-nasais e nasais

[ʔm], [ʔw] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

ʔC(C) seq.	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(27) [ʔm]	$_{ph}$ʔmṼ...	...V#ʔmṼ...	...V-ʔmṼ...	...VʔmṼ...	...V.ʔmṼ...
	[ʔmẽ.si.ˈsi.di] <'masisi di> "está cheio (estar)"	[mẽ.ˈto. ʔai.mẽ.ˈʔmẽ.hɜ] <ma tô aima 'mahâ> "ele avisou você; ele chamou você"	[si.ʔmẽ.ˈdɜ.ʔɜ] <si-'madâ'â> "se responsabilizar"	?	somente ocorre no início da palavra antes de [ẽ] em um número limitado de palavras; v. 3.7.7 sobre a fonética de [ʔ] no início da enunciação
	[ˈʔmẽ.dɜ.ʔu.ˈʔɜː.si. ˈʔa.ba.ʔwa.ˈzʊ] <'Madâ'â u'âsi aba, wazô.> "Cuidem constantemente para os caçadores"	[mẽ.to.ˈʔmẽ̃.jẽ] <ma tô 'manha> "ele fez"	[te.rʌ.ˈʔmẽ̃.dɜ] <te ro-'madâ> "ele olha alguma coisa"		
(28) [ʔw]	$_{ph}$ʔwV...	...V#ʔwV...	...V-ʔwV...	...VʔwV...	...V.ʔwV...
	[ʔwa.ˈtɛ.brɛ.ˈmi] <'watébrémi> "menino"	[ʔri.ˈʔwa.wi] <'ri 'wawi> "em frente da casa"	[da.ˈʔwa] <da-'wa> "dente"	?	ocorre somente antes de [a] e aparentemente somente no início do morfema; v. 3.7.7 sobre a fonética de [ʔ] no início da enunciação
		[mẽ.to.ˈʔwa.sa] <ma tô 'wasa> "ele os levou"	[ˈʔĩ.te.ˈde.ʔwa] <ĩ-tede-'wa> "dono; proprietário"		

[ʔɾ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

ʔC(C) seq.	início de enunciado, sintagma ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(29) [ʔɾ]	**$_{ph}$ʔɾV...**	**...V#ʔɾV...**	**...V-ʔɾV...**	**...VʔɾV...**	**...V.ʔɾV...**
	[ʔɾi.ˈpɜ] <’ri pâ.> "todas as casas."	[wap.ˈtɜ.ʔɾʌ.wi] <waptâ ’rowi> "embaixo da esteira"	[da.ʔɾa] <da-’ra> "criança"	[ʔe.sub.ˈza.ʔɾa] <e sub za’ra> "eles socam"	ocorre antes de todas as vogais, menos [ĩ,ʌ̃]; v. 3.7.7 sobre a fonética de [ʔ] no início da enunciação
	[ˈʔɾɜ.wi] <’râwi> "está perto"	[mɾẽ.ˈmẽ.ʔɾẽĩ.ˈhɜː.di] <Mreme ’rãihâ di.> "A voz está alta." SILD	[da.ˈzɛ.ʔɾe] <da-zé-’re> "bexiga"	[te.si.ˈsa.ʔɾe] <te sisa’re> "eles correm"	
	[ˈʔɾu.bu.ˈte] <’rubu te> "por causa da sede"	[bu.ɾu.ˈʔɾa.da] <buru ’rada> "roça velha"	[ʔĩː.ˈʔɾaː.da] <ĩ-’rada> "meu avô" (m./f.)	[ɾʌ.ˈwa.ʔɾʌ] <ro-wa’ro> "calor"	

[ʔbɾ], [ʔmɾ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

ʔC(C) seq.	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(30) [ʔbɾ]	**—**	**/...VB#ʔrṼ.../ > [...VʔbrṼ...]**	**/...VB-ʔrṼ.../ > [...VʔbrṼ...]**	**[...VʔbrṼ...]**	**...Vʔ.brṼ...**
	—	[ˈʔa.u.wẽ. ˈhɜj.mẽ.nẽ.zɛ**ʔ.ˈbr**em. hã] <a'uwẽ hâimanazé**b 'r**emhã> (grafia de informan.) "na cultura Xavante"	[rʌ**ʔ.ˈbr**ʌ] <ro**b-'r**o> (grafia de SILD) "coisa que fede"	[ˈsi**ʔ.br**u.ˈti] <si**b'r**u ti> (grafia de SILD) "é corajoso"	precedida por vogais não-nasais ou nasais e sempre seguida por vogais não-nasais resultado de metátese; v. 3.6; Note-se as formas ortográficas (a divisão de morfemas é minha).
	—		[da.j̃ĩ**ʔ.ˈbr**a.da] <da-nhi**b-'r**ada> (grafia de SILD) "mão"	[ʔa**ʔ.ˈbr**e] <a**b'r**e> (grafia de SILD) "buraco"	
	—		[da.du**ʔ.br**a.da] <da-du**b-'r**ada> (grafia de SILD) "irmão mais velho"	[dã.j̃ĩ.tʌ**ʔ.ˈbr**u] <da-nhito**b'r**u> (grafia de SILD) "inimigo"	
(31) [ʔmɾ]	-	**/...VB#ʔrṼ.../ > [...VʔmrṼ...]**	**/...VB-ʔrṼ.../ > [...VʔmrṼ...]**	**[...VʔmrṼ...]**	**...Vʔ.mrṼ...**
		?	[ˈrʌ**ʔ.m**rẽj.ˈʔẽ.nẽ] <ro**b-'r**ãi ãna> (grafia conforme SILD) "sem fruta"	[ʔu**ʔ.ˈm**rẽ] <u'mre> (grafia de informante) "cabaça"	poucos exemplos; resultado de metátese; v. 3.6
			[wa.ˈrʌ**ʔ.mr**ẽ.ˈta] <wa ro'mra ta> (grafia de informante) "roçei (colhi fruta)"		

[jp],[jb,[jm] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

jC(C) seq.	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(32) [jp]	—	**...Vj#pV...**	**...Vj-pV...**	**...VjpV...**	**...Vj.pV...**
	—	[hɜ**j.p**e.ˈse.di] <hâi pese di> "está gordo"	[ʔa**j.**ˈ**p**a.ɾa] <ai-para> "dentro de você"	[su.wa**j.**ˈ**p**ʌ] <su-waipo> "broto de buriti"	maior parte dos exemplos antes de [a]
	—	[tẽ**j.p**a.ˈrim.hã] <tãi parimhã> "depois da chuva"	[...ʔa**j.pɜ**.ɾe.pu...] <ai-pârepu'u> "lembrar"		
(33) [jb]	—	**...Vj#bV̩...**	**...Vj-bV̩...**	**...VjbV̩...**	**...Vj.bV̩...**
	—	[ʔɜ**j.**ˈ**b**a.ba] <oi baba> "pela água"	[ʔa**j.**ˈ**bu**.ɾu] <ai-buru> "sua roça"	[ʔa**j.**ˈ**b**ɜ] aibâ "homem"	somente antes de vogais não-nasais
	—	[wa.ˈɾẽ**j.b**a] <warãi ba> "ao lugar do *warã*"	[ˈʔa**j.b**a] <ai-ba> "a você"	[da.ˈhɜ**j.b**a] <da-hâiba> "corpo"	
(34) [jm]	—	**...Vj#mṼ...**	**...Vj-mṼ...**	**...VjmṼ...**	**...Vj.mṼ...**
		[pi.ɲ**j.**ˈ**m**ẽː.hẽ] <pi'õi me hã> "com a mulher"	[te.ˈʔa**j.m**ẽ.ˈsi.si. za.ˈhu.ɾɛ] <te ai-masisi zahuré.> "Eles dois sentam juntos."	[wa.hɜ**j.**ˈ**m**ẽː.nẽ] <wa hâimana> "vamos ficar"	somente antes de vogais nasais
		[we**j.m**ʌ̃.ˈɾĩ.zo] <wei morĩ zô> "para saber se ela já veio." SILD			

[jɾ],[jw],[jh] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

jC(C) seq.	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(35) [jɾ]	**—**	**...Vj#ɾV...**	**...Vj-ɾV...**	**...VjɾV...**	**...Vj.ɾV...**
		[a.da.ba. ˈsiʔ.ba.ˈʔre**j.ɾ**ɛ] <adaba si- aba'rei ré> "enquanto as jovens (fem.) caminham"	[ma.ˈto.ʔa**j.ɾ**e.re.ˈʔe. ʔwa] <ma tô ai-rere'e 'wa> "vocês caíram"	[te.ˈʔũ**j.ɾ̃**ĩ.ˈʔʌ̃.di] <te uiɾ̃ĩ õ di]> "eu não rodeio"	ocorre antes de vogais não-nasais e nasais
			[ʔẽ.tẽ.ˈʔrẽ**j.ɾ̃**ẽ] <ẽtẽ-'rãi-rã> "pedra branca"	[wa**j.ɾ**ʌb.di] <wairob di> "está solto"	
(36) [jw]	**—**	**...Vj#wV...**	**...Vj-wV...**	**...VjwV...**	**...Vj.wV...**
	—	[ˈdu**j.w**a] <dui wa> "no capim"	[ʔa**j.w**ɛ.ˈtɛ.si] <ai-wétési> "você apenas"	[si.ˈʔu**j.w**a] <si'uiwa> "igual; mesma espécie"	ocorre antes de vogais não-nasais e nasais
	—	[te.ʔa.ˈsi:.mɾʌ̃**j.** ˈ**w**a:.ʔwa] <te asimroi wa'wa> "vocês ficam"	[tʌ**j.**ˈ**w**ẽ.pe.ˈse.di] <toi-wẽ pese di> "é/está um brincalhão" SILD	[mẽ.to.ˈtɛ**j.w**a] <ma tô téiwa> "ele experimentou a comida"	
(37) [jh]	**—**	**...Vj#hV...**	**...Vj-hV...**	**...VjhV...**	**...Vj.hV...**
	—	[da.sa**j.h**a.wi] <dasai hawi> "da comida"	[mẽ.ˈto.ʔa**j.**ˈ**h**u:.tu] <ma tô ai-hutu> "eles chegaram"	[mẽ.ˈto.ʔap.sa**j.**ˈ**h**u] <ma tô apsaihu> "ele roubou"	ocorre antes de vogais não-nasais; sem exemplos antes de vogais nasais, mas deve ser possível
	—	[ˈdu**j.h**a.ˈwi] <dui hawi> "do capim"	[ʔu.ʔẽ**j.h**ɜ.ˈpʌ] <u'ãi-hâpo> "tartaruga aquático"	[ʔa**j.**ˈ**h**ɜ] <aihâ> "veado"	

[jʔ],[jpɾ],[jbɾ],[jmɾ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

jC(C) seq.	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(38) [jʔ]	**—**	**...Vj#ʔV...**	**...Vj-ʔV...**	**...VjʔV...**	**...Vj.ʔV...**
	—	[ti.ˈʔa**j.ʔ**u] <ti'ai u> "à terra"	[ˈʔa**j.ʔ**ẽ.ˈnẽ] <ai-'ãna> "sem você"	[ʔa**j.ʔ**u.ˈtɛ] <ai'uté> "nenê; bebê"	ocorre antes de vogais não-nasais e nasais
	—	[pi.ʔ**j.ˈʔ**.di] <pi'õi õ di> "não há mulheres"	[te.ˈʔa**j.ʔa**.ˈba.ʔrɛ] <te ai-'aba'ré> "eles vão"	[ʔʌ**j.ˈʔ**ʌ] <oi'o> "luta de meninos batendo-se com raíz" MSMD	
(39) [jpɾ]	**—**	**...Vj#pɾV...**	**...Vj-pɾV...**	**...VjpɾV...**	**...Vj.pɾV...**
	—	?	[ˈda.za.da**j.ˈpɾ**ʌ] <da-zadai-pro> "saliva"	[te.ʔu**j.ˈpɾ**a] <te uipra> "ele compra"	poucos exemplos
(40) [jbɾ]	**—**	**...Vj#bɾV...**	**...Vj-bɾV...**	**...VjbɾV...**	**...Vj.bɾV...**
		?	?	[ʔu**j.ˈbɾ**ʌ] <uibro> "borduna de sucupíra"	único exemplo
(41) [jmɾ]	**—**	**...Vj#mɾṼ...**	**...Vj-mɾṼ...**	**...VjmɾṼ...**	**...Vj.mɾṼ...**
		?	[ʔa**j.ˈmɾ**ʌ̃] <ai-mro> "seu marido"	?	poucos exemplos

[jʔm], [jʔw], [jʔɾ] – Tabela 3.4: Distribuição de seqüências de consoantes em Xavante (cont.)

jC(C) seq.	início de enunciado, sintagama ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	divisão silábica e observações
(42) [jʔm]	**—**	**...Vj#ʔmV...**	**...Vj-ʔmV...**	**...VjʔmV...**	
	—	?	?	?	sem exemplos; possível?
(43) [jʔw]	**—**	**...Vj#ʔwV...**	**...Vj-ʔwV...**	**...VjʔwV...**	**...Vj.ʔwV...**
		[waj.ə.huj.ʔwaː.hã wa.pi.bu**j.ʔw**a] <Wa-nhohuiwa hã, wa pibui 'wa> "Nossos dois padrinhos cuidam de nós." MSMC	[dãˑjˑãˑˈhu**j.ʔw**a] <da-nhohui-'wa> "padrinho"	?	ocorre somente antes de [a] e aparentemente somente no início do morfema; v. exemplos de [ʔw] acima (28)
(44) [jʔɾ]	**—**	**...Vj#ʔɾV...**	**...Vj-ʔɾV...**	**...VjʔɾV...**	**...Vj.ʔɾV...**
		?	[te.ʔa**j.ˈʔɾ**ẽ] <te ai-'rẽ> "ele dança"	[ʔa**j.ʔɾ**eˈpuː.du] <ai'repudu> "adolescente masculino"	no meu corpus, a seqüência [jʔɾ] ocorre somente antes de [a] e dentro da palavra
			[ʔa**j.ʔɾ**a] <ai-'ra> "sua filha"		

Na seção 3.7, encontra-se a análise fonêmica dos exemplos apresentados nas páginas anteriores.

3.5 Distribuição de sons vocálicos em Xavante

Não há nenhuma seqüência de vogais adjacentes em Xavante. As vogais aparecem sempre como núcleo solitário de uma sílaba em todos os tipos de sílaba descritos em 3.6 e resumidos pela fórmula (C)CV(:/C). Não há nenhuma (até onde eu saiba, pelo menos) variante alofônica saliente entre as vogais, embora existam alguns casos de variação livre. Todos os sons das vogais em Xavante exceto [o] (<ô>) podem aparecer em todos os tipos de sílaba. Todas as vogais também aparecem na forma não-alongada e alongada em sílabas abertas e na forma não-alongada em sílabas fechadas. Como mencionado antes e visto nos exemplos abaixo, os sintagmas em Xavante sempre terminam com vogal não-alongada, e esta vogal pode ser qualquer um dos doze sons vocálicos da língua. Como visto no Apêndice, o alongamento vocálico em Xavante é uma característica supra-segemental cujo papel em processos fonológicos é, em grande parte, autônomo em relaçaõ aos processos fonológicos envolvendo fonemas segmentais. Conseqüentemente, embora os exemplos das formas alongadas de vogais diferentes sejam dados abaixo, o alongamento vocálico é ignorado na discussão da distribuição das vogais que segue. O acento em Xavante é previsível (v. Apêndice), e não há nenhuma restrição quanto a vogais específicas ou a tipos de sílaba que podem ser acentuados. Conseqüentemente, o acento é ignorado também na discussão.

Para limitar o número dos exemplos no texto, somente um ou dois exemplos são apresentados para cada vogal em cada um dos seis tipos de sílaba, perfazendo dez ou doze exemplos para cada vogal. Todas as combinações possíveis dos segmentos dentro das sílabas não são ilustradas na análise que segue, mas uma descrição da distribuição das vogais em sílabas possíveis é fornecida nos comentários na coluna direita da tabela. Estes comentários são baseados em uma categorização feita sistemáticamente, mas *grosso modo*, de todas as sílabas possíveis na língua, como foram encontradas em meus próprios dados e em fontes publicadas.

Não parece haver nenhuma restrição quanto a vogais ou a tipos de sílaba no que diz respeito a sua ocorrência na posição inicial, medial, ou final das palavras e morfemas, como indicado em 3.1. Algumas combinações dos sons, [bi] por exemplo, não foram observadas no início da palavra, mas não fiz um levantamento sistemático da distribuição de vogais específicas no que diz respeito à estrutura da palavra e do morfema.

Não parece também haver nenhuma limitação quanto as diferentes vogais que aparecem em sílabas adjacentes em morfemas separados entre ou dentro de palavras. Esta conclusão é baseada na observação de um grande número de tais junturas, embora nem todas as possíveis combinações do tipo de seqüência […VC(C)V…] tenham sido encontradas. Além disso, não parece haver nenhum outro padrão fonológico na língua que me conduza a acreditar que tais limitações possam existir. É possível, entretanto, que algumas restrições em vogais adjacentes possam ocorrer dentro do morfema. Não examinei sistematicamente tais seqüências de vogais dentro do morfema, mas determinadas vogais ocorrem muito raramente ao lado de outras em sílabas adjacentes dentro da palavra. Como mencionado em 3.4, algumas combinações possíveis de C+V parecem ser proibidas, a saber, [wɜ, wu, wʌ, wɐ̃], [sĩ, sɜ, sʌ, zʌ] e, possivelmente, [hĩ, hẽ]. No que diz respeito às restrições em combinações CC+V, a seqüência [ʔɾ] aparece antes de todas as vogais, [ʔm,ʔw] aparecem somente nas sílabas [ʔmã,ʔwa] e os exemplos de [pɾ,bɾ,mɾ] são muito escassos para fazer uma determinação.

Parece haver restrições na forma que as sílabas fechadas podem assumir. Por exemplo, em sílabas C(C)VB, a vogal [i] aparece somente após [s,pɾ,ʔɾ] e a vogal [e] somente após [ʔɾ]. Pode-se ver na tabela 3.5 que distribuições restritas similares ocorrem em sílabas fechadas para todas as vogais. Muitas combinações C(C)VC podem ser possíveis na língua, mas simplesmente não aparecem no meu corpus. Não examinei em detalhe a distribuição de vogais

dentro de sílabas fechadas e assim não posso propor nenhuma razão para as aparentes restrições em vogais neste contexto.

Um fenômeno que vale a pena mencionar é o grande número de palavras em Xavante com a seqüência V^1CV^1 no final da palavra. O Xavante tem treze segmentos consonantais que podem aparecer sozinhos intervocalicamente. Sete destes ([p,t,s,r,w,h,ʔ]) aparecem antes de vogais não-nasais e nasais, três ([b,d,z]) aparecem somente antes de vogais não-nasais e três outros ([m,n, ɲ]) aparecem somente antes de vogais nasais. O Xavante tem doze segmentos vocálicos, oito não-nasais ([i,u,e,ɛ,ɜ,o,ʌ,a]) e quatro nasais ([ĩ,ẽ,ʌ̃,ɛ̃]). Deixando de lado a vogal [o] (<ô>), isto permitiria 110 possíveis combinações da seqüência V^1CV^1 na língua ((7×11)+(3×7)+(3×4)=110). Entretanto, dado que 10 combinações CV são aparentemente proibidas na língua (aquelas mencionadas no último parágrafo), há conseqüentemente 100 potenciais combinações da seqüência V^1CV^1. Nas várias fontes publicadas e no meus próprios dados, encontrei exemplos de 78 destas 100 possíveis combinações na posição final de palavra ou final de morfema. Em muitos casos, estas seqüências são os únicos exemplos onde uma dada consoante aparece antes ou depois de uma dada vogal. Por exemplo, a combinação CV [de] aparece somente na seqüência [ede] e somente em algumas palavras, como a palavra comum <wede> "árvore, raiz". Muitas destas palavras sofrem mudanças morfofonológicas no fim da frase, mudanças que podem ter a forma de perda da sílaba final ou de mudanças na sonorização ou nasalização da consoante intervocálica (v. Apêndice). Não encontrei nenhum processo sincrônico, seja fonológico ou morfológico, em Xavante, que explicaria a profusão destas seqüências. A ocorrência destas seqüências está ligada com o fato, mencionado antes, de que algumas vogais raramente aparecem em sílabas adjacentes dentro da palavra. Este tópico merece uma investigação mais profunda. Alguns exemplos de palavras com a seqüência V^1CV^1 são dadas abaixo.

Exemplos de palavras com a seqüência V^1CV^1

trans. fonética	trans. ortográfica	tradução
[dẽ.ˀ**jĩ.ti**]	<da-nhiti>	"longe deles"
[ʔĩ.sa.ˈ**ri:.bi**]	<ĩ-saribi>	"asa"
[mẽ.to.ˈ**di.ʔi**]	<ma tô di'i>	"ele molhou"
[ʔa.za.ˈ**ru.du**]	<azarudu>	"adolescente (feminina)"
[ʔu.ˈtu.ʔu]	<utu'u>	"pomba"
[mẽ.to.ˈ**pu:.ɾu**]	<ma tô puru>	"ele derramou"
[te.ˈ**tɛ.tɛ**]	<te tété>	"ele segura"
[te.ti.ˈ**ʔɛ.ʔɛ**]	<te ti'é'é>	"ele estala"
[i.sa.da.ˈ**ʔɜ.bɜ**]	<ĩ-sada'âbâ>	"resposta"
[si.ʔma.ˈ**dɜ.ʔɜ**]	<si'madâ'â>	"se responsabilizar"
[sa.ˈ**ẽ.tẽ**]	<sa'ẽtẽ>	"rapidamente"
[te.ˈɾʌ.sã.w**ẽ.ɾẽ**.ˈʔʌ.di]	<te rosawẽrẽ õ di>	"eu não sonhei"
[p**ẽ.ʔẽ**.ˈzɛ.di]	<pẽ'ẽ ze di>	"está com saudade"

Exemplos de vogais na posição final do sintagma

Como apontado em 3.2.10, toda vogal em Xavante aparece na sua forma não-alongada no fim do sintagma ou enunciado. Seguem exemplos de todas as vogais em Xavante nesta posição.

tradução	transcrição ortográfica	transcrição fonética	V alta
"Cheguei do rio."	<Õ hawi wawi.>	ˈʔɜ.ha.ˈwi.wa.ˈw**i**	[i]
"Passa na aldeia."	<Darom na aimorĩ.>	da.ˈrʌm.nẽ.ʔai.mʌ̃ː.ɲ̃**ĩ**	[ĩ]
"Trabalhei para alguém."	<Ni'wa da, wa romhu.>	ni.ˈʔwa.da.wa.ˈrʌm.h**u**	[u]
"Você foi ao lago."	<Te aimo pu'u'u.>	te.ˈʔaj.mʌ̃.pu.ˈʔu.ʔ**u**	
			V média
".....eles correram."	<.....te sisa're.>	te.si.ˈsa.ʔr**e**	[e]
".....as crianças foram ao rio."	<.....te ai'aba'ré ai'uté.>	te.ʔaj.ʔa.ˈba.ʔrɛ ʔaj.ˈʔu.t**ɛ**	[ɛ]
"Entrou no mato."	<Marã u ma ãzé.>	ˈmẽrẽˈʔumẽʔẽːz**ɛ**	
".....ele deixou sua comida."	<.....ti sama tirẽ.>	ˈti.sẽ.mẽ.ˈti.r**ẽ**	[ẽ]
"Pegou com a vara."	<Wedehu na ma ti'â.>	we.de.ˈhu.nẽ.mẽ.ˈti.ʔ**ɜ**	[ɜ]
".....em busca de peixe."	<.....tepe zô.>	te.ˈpe.z**o**	[o]
".....ele saiu."	<.....ma watobro.>	mẽ.wa.ˈtʌ.br**ʌ**	[ʌ]
"Ele está beirando o rio."	<Oi baba te ré mo.>	ʔɜj.ˈba.ba.te.ˈʔre.m**ʌ̃**	[ʌ̃]
			V baixa
"Fui ao *warã*."	<Wa mo warãi ba.>	wa.ˈmʌ̃.wa.ˈrẽ̃j.b**a**	[a]
"Fiz a vassoura para varrer."	<Wamrozéb da, wa 'manha.>	wa.mrʌ.ˈzɛb.da.wa.ˈʔmẽ̃.j**ẽ**	[ẽ]

Levando em conta as considerações acima, a distribuição dos segmentos vocálicos é analisada na tabela 3.5 em termos de formas silábicas. Quando possível, os exemplos são dados para cada vogal em cada uma das oito formas silábicas possíveis. Encontra-se abaixo um exemplo das colunas na tabela

3.5, mostrando a maneira como os exemplos das vogais são categorizados, seguido de uma explicação das categorias.

CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj
CV	CCV	CVB	CVj
exemplos	*exemplos*	*exemplos*	*exemplos*
CV:	CCV:	CCVB	CCVj
exemplos	*exemplos*	*exemplos*	*exemplos*

CV(:) sílaba aberta, com onset de segmento único

CV sílaba aberta, onset de segmento único, forma não-alongada da vogal

CV: sílaba aberta, onset de segmento único, forma alongada da vogal

CCV(:) sílaba aberta, onset complexo

CCV sílaba aberta, onset complexo, forma não-alongada da vogal

CCV: sílaba aberta, onset complexo, forma alongada da vogal

C(C)VB sílaba fechada com coda [p,b,m]

CVB sílaba fechada, onset de segmento único, coda [p,b,m]

CCVB sílaba fechada, onset de segmento único, coda [p,b,m]

C(C)Vj sílaba fechada com coda [j,j̃]

CVj sílaba fechada, onset de segmento único, coda [j,j̃]

CCVj sílaba fechada, onset complexo, coda [j,j̃]

Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante

[i]

sil. / V	CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(A) [i]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)i(:) ocorre depois de todos os onsets não-nasais, menos [bɾ] and [ʔw]
	[**pi**.ˈʔɐ̃] <pi'õ> "mulher"	?	[**sip**.te.ˈte.di] <sip-tete di> “está forte”	—	
	[da.ˈ**hi**] <dahi> "osso"		[**sim**.ˈ̃jɐ̃.hu] <sim-nhohu> “padrinho”	—	C(C)iB exemplos somente após [s]
	CV:	CCV:	CCVB	CCVj	
	[te.ʔa.ˈ**si:**.mɾɐ̃] <te asimro. "eles ficam"	[ˈda.za.da.wa.ˈ**pri:**.ɾi] <da-zadawa-priri> "fissura labial"	?	—	C(C)ij sem exemplos

[ĩ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(ː)	CCV(ː)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(B) [ĩ]	**CV**	**CCV**	**CVB**	**CVj**	**C(C)ĩ(ː)** ocorre após todos os onsets, menos [b,d,z] e menos [s,h,pr,ʔm,ʔr,ʔw] **C(C)ĩB** exemplos somente após [j]; inclusive o único exemplo de uma sílaba C^1VC^1, i.e. [mĩm] em [dãˑjĩ.ˈmĩmˑjẽ] <danhimimhna> "perigo, perigoso" (MSMD) **C(C)ĩj** sem exemplos
	[ʔĩː.ˈ**pĩ**] <ĩ-pĩ> “mel”	[te.ˈsã.**mrĩ**.ˈʔɐ̃.di] <te sãmri õ di> "eu não acho"	[ti.ˈ**ɲĩm**ˑjɐ̃.ˈhu.da] <ti-nhim-nhõhu da> "dos padrinhos"	—	
	[mẽ.to.ˈ**tĩ**.wĩ] <ma tô tĩwĩ> "ele o matou"	[ʔap.'tɐ̃ː.**mrĩ**] <aptõmri> "cera de abelha"		—	
	CV:	**CCV:**	**CCVB**	**CCVj**	
	[dã.ˈ**ɲĩː**.si] <da-nhisi> “nome”	?	?	—	
				—	

[e] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(C) [e]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)e(:) ocorre após todos os onsets não-nasais, menos [ʔw]
	[**he**.ˈpẽ.ɾĩ] <hepãrĩ> “obrigado”	[dã.mẽ.ˈ**pre**.wa] <da-maprewa> "sogro/sogra"	?	[ʔĩ.za.ˈ**zej**.ʔwa] <ĩ-sazei-’wa> "pessoa que acata as ordens de outra pessoa; crente" SILD	
	[ˈte.**be**] <tebe> "peixe comestível"	[te.ˈseː.**bre**] te sebre “ele assa”		[wa.to.ˈ**wej**.wi] <wa tô wei wi> “já cheguei”	C(C)eB únicos exemplos têm [ʔɾ] como onset
	CVː	CCVː	CCVB	CCVj	C(C)ej exemplos após [w,s,z,ʔɾ] e, no SILD, [t]
	[da.ˈ**teː**.be] <da-tebe> “tia paterna”	[mẽ.to.ˈ**ʔreː**.re] <ma tô rere> "eles caíram"	[mẽ.ˈto. sʌ̃.**ʔrep**.ˈtu] <ma tõ sõ’reptu> "ele salvou"	[te.ʔa.sa.ˈ**ʔrej**. wa.ʔa.ba.ˈmʌ̃] <te asa’rei wa’aba mo> "vocês correm"	
			[ˈʔa.u.wẽ. ˈ**ʔrem**.hã] <a’uwẽ 'remhã> "entre os Xavantes"		

[ɛ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(ː)	CCV(ː)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(D) [ɛ]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)ɛ(ː) ocorre após todos os onsets, menos [ʔw] C(C)ɛB exemplos após [t,s,z] C(C)ɛj exemplos após [t,ɾ,ʔɾ] e, no SILD, [p]
	[ˈ**zɛ**.mẽ] <zéma> “também”	[ʔwa.tɛ.**bɾɛ**.ˈmĩ] <’watébrémi> "menino; guri; garoto"	[mẽ.ˈto. **sɛp**.ˈtɜː.ɾɜ] <ma tô séptârâ> "ele sarou (sarar) (lit. a doença/dor morreu)" SILD	[du.ˈ**ɾɛj**.hɛ] <duréihé> "agora, hoje"	
	[ʔab.ˈ**ʔɛ**] <ab’é> "cobra não venenosa"	[ʔĩ.ˈpɾɛ] <ĩ-pré> "vermelho"	[**tɛb**.di] <téb di> “está cru”	[ʔɾi.ˈ**tɛj**.ʔwa] <’ritéi’wa> "rapaz iniciado"	
	CVː	CCVː	CCVB	CCVj	
	[da.ˈ**zɛː**.ɾɛ] <da-zéré> “cabelo”	[tʌ.ˈ**pɾɛː**.di] <to pré di> "está de olhos inflamados (lit. vermelhos)" SILD	?	[ˈɜi.ba.ˈte.nẽ.si. ˈai.ʔə.ba.'**ʔɾɛi**. ʔu.ˈʔɜː.si] <Âi ba, te nasi ai’aba'réi u’âsi.> "Sempre vão ao rio."	

[ẽ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(E) [ẽ]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)ẽ(:) ocorre após todos os onsets menos [b,d,z] e menos [pɾ,ʔm,ʔw] C(C)ẽB poucos exemplos; C(C)ẽj exemplos após [m,ʔ]
	[ʔa.ˈʔu.**wẽ**] <a'uwẽ> "pessoa; Xavante; índio"	[ˈ**mrẽ**.mẽ] <mreme> "palavra"	[ʔa.**wẽp**.si] <awẽpsi> "quando fôr amanhã (futuro específico)" SILD	?	
	[ˈ**tẽ**.mẽ] <tẽme> "a, ao, à" (pospos.)	[te.ʔaj.ˈ**ʔrẽ**] <te ai'rẽ> "ele dança	[te.ˈti.**nẽm**.za.ˈhuː.rɛ] <te tinem zahuré> "eles dois vão"		
	CV:	CCV:	CCVB	CCVj	
	[ʔu.zɜ.ˈ**nẽː**.hẽ] <uzâne hã> "abóbora + EMPH"	[ˈ**ʔrẽː**.re] <'rẽre> "periquito"	?	?	

[ɜ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(F) [ɜ]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)ɜ(:) ocorre após todos os onsets não-nasais, menos [w,s,pɾ,bɾ,ʔw]
	[da.**hɜ**.ˈzɛ] <da-hâ-zé> "doença"	[ʔe.**ʔɾɜ**.wi] <e ’râwi> “está perto?”	[**zɜm**.ˈhu.prɛ] <zâmhu-pré> “formiga vermelha”	[bɔj.ˈʔẽ.nẽ] <bâi ãna> “sem urucum”	
	[ʔaj.ˈ**bɜ**] <aibâ> "homem"		[rʌp.ˈ**tɜb**.di] <roptâb di> "está lamoso”	[da.ˈhɜj.ba] <da-hâiba> "corpo"	C(C)ɜB poucos exemplos, após [t,z,h]
	CV:	CCV:	CCVB	CCVj	C(C)ɜj exemplos após [b,ʔ,h] e [t]
	[ʔa.ˈ**pɜ:**.si] <apâsi> "depois; mais tarde"				

[a] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(G) [a]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)a(:) ocorre após todos os onsets não-nasais C(C)aB exemplos após [p,w,ʔ,s] C(C)aj ocorre após todos os onsets não-nasais, menos [b,t,pɾ,bɾ]
	[daˈ**sa**] <da-sa> "comida"	[te.ʔui.ˈ**pra**] <te uipra> "ele compra"	[**wap**.ˈtɛ] <wapté> “adolescente (m.)”	[**ʔaj**.ˈbɜ] <aibâ> "homem"	
	[ˈ**wa**.hi] <wahi>> "cobra venenosa"	[nĩ.ˈ**ʔwa**] <ni’wa> "alguém"	[ʔẽ.tẽ.ˈ**pab**.da] <ẽtẽpab da> "para o grupo *ẽtẽpa*"	[mẽ.ˈto.ʔap.ˈ**saj**.hu] <ma tô apsaihu> "ele roubou”	
	CV:	CCV:	CCVB	CCVj	
	[ˈ**pa:**.di] <padi> "tamanduá bandeira" SILD	[ˈsi.ʔa.ˈ**ʔra:**.ɾe] <si’a ’rare> “pintinho(s)”	?	[daˑ̃jˑ̃ʌˈ.huj.**ʔwaj**.ˈʔẽ.nẽ] <da-nhohui-’wai ãna> “sem padrinho”	

[ẽ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(ː)	CCV(ː)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(H) [ẽ]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)ẽ(ː) ocorre após todos os onsets menos [b,d,z] C(C)ẽB poucos exemplos C(C)ẽj exemplos após [m,t,ɾ,ʔ,p, ʔm,ʔɾ,]
	[**mẽ**.ˈto.ti.ˈpẽ] <ma tô ti-pã> "ele os matou (objeto dual)" SILD	[ˈsa.ʔẽ.tẽ.ˈ**pɾẽ**.ti] <Sa'ẽtẽ prã ti.> "Está meio grande, (lit. está menos que grande)." SILD	[**ⁿjẽm**.ⁿjẽ] <nhamnha> "aracuã",	[ʔu.**ʔẽj**.hɜ.ˈpʌ] <u'ãi-hâpo> "tartaruga aquático"	
	[da.ⁿ**jẽ**.nẽ] <da-nhana> "fezes"	[mẽ.to.ˈ**ʔmẽ**ⁿjẽ] <ma tô 'manha> "ele fez"		[wa.ˈ**ɾẽj**.ba] <warãi ba> "ao lugar de o *warã*"	
	CVː	CCVː	CCVB	CCVj	
	[mẽˈto. wap.ˈ**tẽː**.ⁿɾɐ] <ma tô waptãrã> "ele caiu"	?	[ˈ**mⁿɾẽm**.da] <mram da> "para fome"	[ˈnʌ̃.ⁿɾʌ̃.**ʔɾẽi**.ˈwã.wẽ] <norõ-'rãi-wawẽ> "coco da bahia"	

[u] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(ː)	CCV(ː)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(I) [u]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)u(ː) ocorre após todos os onsets não-nasais, menos [w] e [ʔw]
	[**ʔu**.ˈtu.ʔu] <utu'u> "pomba"	[ĩ.ˈ**pru**.bɾe] <ĩ-prubre> "pedacinhos; dinheiro trocado" SILD	[wa.**hum**.nẽ] <wahum na> "na estação de seca"	[ˈ**duj**.wa] <dui wa> "no capim"	
	[ʔĩ.**su**] <ĩ-su> "a folha"	[da.ˈzu.**bru**] <da-zubru> "pus"	[ʔĩ.**dup**.ˈtʌ] <ĩ-dupto> "inchaço (edema)" SILD	[te.ˈ**ʔũj**.ɾĩ.ˈʔɅ̃.di] <te uirĩ õ di> "ele não rodeia" (nasalização fonética no [u])	C(C)uB exemplos após [d,s,ʔ,h,pɾ] C(C)uj exemplos após [b,t,d,ɾ,s,ʔ,h,pr,br,ʔɾ]
	CVː	CCVː	CCVB	CCVj	
	[ˈʔuː.**zu**] <uzu> "coco de buriti"	[te.hɜ.ˈ**ʔruː**.tu] <te hâ'rutu> "ele amassa barro"	[rʌ.**prum**.ˈha.wi] <roprum hawi> "do lixo"	[te.ˈso.**ʔruj**.ˈwa.pa] <te sô 'ruiwapa> "ele deseja"	

[o] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(ː)	CCV(ː)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(J) [o] = <ô>	CV	CCV	CVB	CVj	ocorre somente em sílabas abertas após [t,s,z]; v. 3.6.6
	[mɐ̃.ˈ**to.**wa.ˈtʌː.brʌ] <ma tô watobro> "ele saiu"	—	—	—	
	[ti.ˈsa.**zo**] <ti-sa zô> "à procura da sua comida"	—	—	—	
	CV:	CCV:	CCVB	CCVj	
	[mẽ.ˈ**to:**.wi] <Ma tô wi.> "Já chegou."	—	—	—	

[ʌ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(ː)	CCV(ː)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(K) [ʌ]	CV	CCV	CVB	CVj	C(C)ʌ(ː) ocorre após todas as consonantes não-nasais menos [s,z,w,ʔw].
	[mẽ.ˈto. **rʌ**.ˈsã.wẽ] <ma tô rosawẽ> “ele sonha”	[si.wa.ˈ**prʌ**.si] <siwaprosi> "sozinho"	[da.ˈ**rʌb**.ˈʔu] <da-rob u> "à terra deles"	[**ʔʌj**.ˈʔʌ] <oi’o> "luta de meninos batendo-se com raiz" MSMD	
	[ʔap.**tʌ**.ˈʔʌ.rɛ] <apto’oré> "daqui a muito tempo" SILD	[mɛ̃.ˈto. wa.ˈtʌː.**brʌ**] <ma tô watobro> “ele saiu”	[da.ˈ**tʌm**.hɜ] <da-tomhâ> "pálpebras"	[wa.tɛ.brɛ.ˈmĩ.**tʌj**. ˈʔẽ.nẽ te.ˈ̃jẽ.mrẽ] <Watébrémi toi ãna te nhamra.> “O menino ficou sem brincar.”	C(C)ʌB exemplos após [t,ɾ] C(C)ʌj exemplos após [t,ʔɾ,ʔ], e, no SILD, [bɾ]
	CVː	CCVː	CCVB	CCVj	
	[pe.za.ˈ**pʌː**.dʌ] <pezapodo> “pacu”	[wa.ˈ**ʔrʌː**.di] <wa’ro di> "está com febre; está quente”	?	?	

[ɅÌ] – Tabela 3.5: Distribuição de vogais em Xavante (cont.)

sil. / V	CV(:)	CCV(:)	C(C)VB	C(C)Vj	observações
(L) [ɅÌ]	**CV**	**CCV**	**CVB**	**CVj**	**C(C)ɅÌ(:)** ocorre após todos os onsets, menos [b,d,z] e [p,w,pr,ʔm,ʔr,ʔw] **C(C)ɅÌB** único exemplo SILD: <'re'õmopsu> "folhas de acuri". **C(C)ɅÌj** exemplos após [m,s,n,ʔ,mr]
	[**sɅÌ**.ʔre.ˈhɅÌ] <sõ'rehõ> "socó"	[ĩ.ˈ**mrɅÌ**.tɅÌ] <ĩ-mrotõ> "viúvo/a; número impar", "cinco" SILD	<'re'õ**mop**-su> "folhas de acuri". SILD	[ˈpi.**ʔɅÌj**.ˈha.wi] <pi'oi hawi> "da mulher"	
	[pi.ˈ**ʔɅÌ**] <pi'õ> "mulher"	[te.ˈsa.**prɅÌ**] <te saprõ> "ele conduz" [dã.ˈmrɅÌ] <da-mro> "esposo / esposa"		[ʔa.**ʔɅÌj**.ˈʔɅÌː.ɾe] <a'õi-'õre> "jatobá-do-campo"	
	CV:	**CCV:**	**CCVB**	**CCVj**	
	[ba.ˈ**ʔɅÌː**.nɅÌ] <ba'õno> "menina"	[tĩ.ˈ**mrɅÌː**.mẽ] <timro me> "com a sua esposa"	?	[te.ʔa.ˈsiː.**mrɅÌj**.ˈwaː.ʔwa] <te asimroi wa'wa> "vocês ficam"	

Na seção 3.8, encontra-se a análise fonêmica dos exemplos apresentados nas páginas precedentes.

3.6 Divisão da sílaba e tipos silábicos

O esboço de Pike requer que o pesquisador descreva “os tipos estruturais de sílabas fonêmicas", que servirá como parte do conjunto de unidades fonológicas e gramaticais dentro do qual a distribuição dos sons pode ser descrita (PIKE1971, p. 183). Em diversos trechos de *Phonemics*, Pike distingue entre sílabas fonéticas e fonêmicas (PIKE, 1971, p. 60,65,90,144 et seq.). Adotando com algumas reservas a definição de R.E. Stetson, para quem “um pulso do peito” (*chest pulse*) é o correlato fisiológico da sílaba (uma definição que depois seria considerada errônea – v. Clark e Yallop, 1995, p. 174-175), Pike define sílabas fonéticas como “unidades de um ou mais segmentos durante os quais há um único pulso do peito e um único pico de sonoridade ou de proeminência" (1971, p. 60; trad. nossa). Em outra parte, Pike indica que as sílabas fonéticas geralmente têm uma vogal como sua unidade de pico ou de proeminência, com as consoantes mais provavelmente aparecendo nas margens da sílaba (1971, p. 90). Pike define sílabas fonêmicas como “unidades de um ou mais segmentos de comprimento, de maneira que uma sílaba fonêmica constitui para aquela língua uma unidade da colocação real ou potencial do acento, ou de colocação de tom, ou de colocação de entonação, ou de agrupamento rítmico, ou de estrutura morfêmica" e indica que elas podem também ser uma unidade de tempo (1971, p. 60,144). As sílabas fonêmicas são as unidades fonológicas (presumivelmente psicológicas) e abstratas que, assim como os fonemas, são descobertas e definidas no curso da pesquisa fonológica.

Pike não providencia instruções específicas para a divisão de sílabas, mas recomenda que o analista observe as fronteiras de enunciados (demarcadas claramente por pausas) e as coincidentes fronteiras de unidades gramaticais (morfemas ou palavras no começo ou fim de enunciados). Depois o pesquisador deve comparar as fronteiras destas mesmas unidades gramaticais onde elas aparecem dentro do enunciado. Pressupondo que a seqüência dos fonemas na

unidade gramatical será a mesma nos dois casos, o analista pode encontrar o começo e o fim da unidade no meio de um enunciado. Dado que as fronteiras gramaticais e fonológicas coincidem frequentemente, esta coincidência é um indício útil para detectar as fronteiras de sílabas e de outras unidades fonológicas. Diz Pike:

> Não somente as fronteiras gramaticais, identificadas primeiramente como fenômenos no início e final do enunciado, demonstram ter valor para encontrar fronteiras fonológicas potenciais no meio dos enunciados, mas provam também ser pontos convenientes no ambiente no qual se descrevam as modificações dos fonemas em termos de seus ambientes. (PIKE 1971, p. 92; trad. nossa)

Como apontado por Pike (1971, p. 90), há uma tendência forte para os pesquisadores silabificarem uma língua estranha em termos do sistema fonológico de sua própria língua. Isto, junto com o fato de que a definição de sílaba como "pulso de peito" provou ser incorreta, pareceria tornar o conceito de sílaba fonética pouco útil. De acordo com Laver (1994, p. 113), por exemplo, não há definição bem fundamentada da sílaba em termos fonéticos. Pode-se perguntar, conseqüentemente, se faz sentido tentar dividir uma transcrição fonética em sílabas, se não houver um claro correlato fonético para a sílaba. A divisão de uma transcrição fonética em sílabas compostas de segmentos fonéticos discretos é uma ficção útil, que permite que o investigador veja os padrões e regularidades que, assim como a própria estrutura da sílaba, podem mais tarde ser claramente indicados em termos fonológicos. A segmentação de transcrições fonéticas é uma ficção útil exatamente no mesmo sentido (v. Laver 1994, p. 565 et seq.) – mais tarde na análise os segmentos fonéticos presumidos podem ser abandonados e substituídos por algum tipo de representação em termos de segmentos fonologicamente definidos. Do mesmo modo, uma descrição fonológica adequada deve ir além do conceito Pikeano de fonema como entidade distinta com correlatos fonéticos consistentes. Não obstante, supor algo como o fonema

Pikeano é uma ferramenta metodológica básica para começar a análise fonológica de uma língua.

A seguinte análise da divisão silábica e de tipos silábicos é apresentada em termos de segmentos fonéticos, mas, como mostrado em 3.7 e 3.8, todos os segmentos fonéticos individuais descritos são alofones de fonemas segmentais. Conseqüentemente, as estruturas silábicas e as fronteiras apresentadas nesta seção, e exemplificadas nos exemplos nas tabelas 3.5 e 3.6, devem ser interpretadas como sílabas fonêmicas no sentido Pikeano. Felizmente, como notado antes, o segmento, a sílaba, o morfema, e os limites de palavra em Xavante quase sempre coincidem.

A divisão da sílaba em Xavante é apresentada aqui em termos dos vários tipos de seqüências [...VC(C)V...] encontradas na seção sobre a distribuição de consoantes (3.4). Os argumentos são baseados principalmente nos princípios que (1) as sílabas fonêmicas normalmente têm uma estrutura isomórfica às sílabas fonéticas (geralmente com um núcleo vocálico e uma periferia consonantal), e (2) que as fronteiras das unidades gramaticais e fonológicas tendem a coincidir.

Princípios da divisão silábica em Xavante

(1) Consoantes únicas em seqüências [...VCV...] constituem o início da sílaba e a seqüência é dividida como […V.CV…].

Pode-se verificar a partir dos exemplos (1)-(13) em 3.4 que todas as consoantes únicas que aparecem intervocalicamente ([…VCV…]) aparecem também no início da frase. Estas consoantes são: [p,b,m,t,d,n,s,z,j̃,r,w,h,ʔ] (isto é, todas as consoantes na língua exceto [j], segmento não-nasal que só aparece em codas – veja 3.7.3; cf. tabela 3.3A). Nas seqüências [...VCV...], a juntura silábica

ocorre antes de consoante, a sílaba sendo divida como […V.CV…], pelas seguintes razões:

(a) Este tipo de divisão silábica conforma-se a uma tendência geral nas línguas do mundo (Hayes 2009, p. 252 et seq.).

(b) Todas as consoantes únicas que aparecem intervocalicamente também aparecem no início da frase e da palavra.

(c) A divisão da palavra e do morfema em tais seqüências ocorre sempre antes da consoante, conforme os exemplos citados acima.

(2) Nas seqüências intervocálicas de consoantes que começam com [p,b,m] tais sons são segmentos de coda e a seqüência é dividida como […VB.CV…], exceto quando C = [ɾ] (v. (3) abaixo).

Há diversas seqüências de duas consoantes, vistas em 3.4 e indicadas na tabela 3.6, que começam com as bilabiais [p,b,m], seguidas por [t,d,n,s,z,ʧ,ʝ,h,ʔ] (isto é, seguidas por todas as consoantes exceto as próprias bilabiais e [w,ɾ]). As bilabiais que iniciam estas seqüências aparecem em um padrão de distribuição complementar um com o outro e também com [Ø]. Este relacionamento é tratado em detalhe no capítulo 5. Nas seqüências […VBCV…], as bilabiais [p,b,m] são codas e a sílaba é dividida como […VB.CV…], pelas seguintes razões:

(a) As seqüências em questão nunca ocorrem no início da frase, palavra, ou morfema.

(b) Quando tais seqüências ocorrem nas fronteiras de palavras ou morfemas, a fronteira gramatical sempre ocorre entre as consoantes ([…VB#CV…] ou […VB-CV…]). Por exemplo:

ex.(19)	**ex.(15)**	**ex.(17)**
[wap.tɛ**b.ˈz**a.hã]	[rʌ**b.d**u.ˈri.nẽ]	[wa.wa.ˈnẽ**m.n**ĩ]
<waptéb zahã>	<rob-duri na>	<Wa wanem ni.>
"apesar de ser *wapté*"	"com carro"	"Nós dois vamos."

(c) Seu segundo elemento, [t,d,n,s,z, ̃j,h,ʔ], pode aparecer sozinho como início de sílaba nas seqüências […V.CV…].

(d) Nenhuma destas seqüências aparece após a semi-vogal [j,̃j], que sempre aparece como coda (v. (6) abaixo).

Tabela 3.6: Possíveis seqüências de consoantes da forma VB.CV em Xavante, com divisão silábica (os números em parênteses se referem aos exemplos na Tabela 3.4)

B \ C	**[t]**	**[d]**	**[n]**	**[s]**	**[z]**	**[̃j]**	**[h]**	**[ʔ]**
[p]	(14) [...Vp.tV...]			(18) [...Vp.sV...]				
[b]		(15) [...Vb.dV̩...]			(19) [...Vb.zV̩...]		(25) [...Vm.hV...]	(26) [...Vb.ʔV̩...]
[m]		(16) [...Ṽm.dV̩...]	(17) [...Vm.nṼ...]		(20) [...Ṽm.zV̩...]	(21) [...Vm ̃jṼ...]		(26A) [...Vm.ʔṼ...]

(3) [pɾ, bɾ, mɾ], quando aparecem intervocalicamente são sempre onsets, ou seja, aparecem na divisão silábica como [...V.pɾV...], [...V.bɾṾ...], [...V.mɾṼ...].

O exemplo (22) mostra que a seqüência [pɾ] ocorre no início e no fim da palavra e dentro de morfemas. Os exemplos (23) e (24) mostram que as seqüências [bɾ, mɾ] podem ocorrer no início do morfema como resultado da junção de um morfema terminando em /B/ com um morfema que começa com [ɾ], mesmo em junturas de palavras ou junturas de morfemas dentro de palavras. Este último caso pode ser visto nos exemplos abaixo ((23) e (24) em 3.4), onde uma conjuntura subjacente de palavras ou morfemas do tipo /...VB+ɾV.../ aparece foneticamente como [...VbɾṾ...], [... VmɾṼ...], dependendo da nasalidade da vogal seguinte. (Ver 5.3 para uma interpretação de /B/ como /b/; mais exemplos como os abaixo podem ser vistos em Quintino, 2000, p. 6.)

[wa.ˈhu.bɾɛ]	[da.ˈʃĩ.mɾɐ̃]
/wahuB ɾƐ /	/da-zĩB-rʌ /
Estacão-da-seca.durante	GEN-POSS-coisa
"durante a estação da seca"	"coisa que pertence à pessoa"

Além disso, mesmo não tendo sido encontrado nenhum exemplo no meu corpus, podemos também supor que poderiam ocorrer seqüências onde um morfema terminando em /B/ aparece antes do início de um morfema que começa com [pɾ,bɾ,mɾ] – ou seja, /...VB+pɾV.../ e /...VB+bɾV.../. Pelas razões apresentadas em 5.3, em tais casos, /B/ provavelmente seria excluído antes do onset, resultando nas seqüências familiares [...V.pɾV...] e [...V.bɾṾ...], [...V.mɾṼ...].

Em todos os casos descritos acima, [pɾ, bɾ, mɾ] aparecem como seqüências fonéticas que devem ser divididas silabicamente como [...V.pɾV...], [...V.bɾṾ...], ou [...V.mɾṼ...]. Isto pode ser afirmado pelas seguintes razões:

(a) [pɾ, bɾ, mɾ] ocorrem no início e no final de palavras e frases. Por analogia, deveriam aparecer como onsets em outros contextos.

(b) As seqüências seguem a hierarquia de sonoridade, segundo a qual, as obstruintes ([e.g.[p,b]) e nasais ([m]) tendem a aparecer mais afastadas do núcleo da sílaba do que os glides (e.g. [ɾ]) (Hayes 2009, p. 77-78).

(c) Meu informante principal, quando pronuncia palavras muito lentamente, silabifica essas seqüências como onsets (embora isto possa ser devido à influência da escola). Quintino encontra o mesmo comportamento com seus informantes (Quintino 2000, p. 67).

4) As seqüências [...V?CV...] são divididas como [...V.?CV...].

As seqüências [?ɾ,?m,?w] aparecem no início da sintagma e intervocalicamente. Sempre quando aparecem em junturas de palavras ou morfemas, são seqüências do início do morfema (ex.27,28,29). Por estes motivos, são interpretadas como onsets complexos.

(29)	(27)	(28)
[da.**?ɾ**a]	[mẽ.to.ˈ**?m**ẽ˜jẽ]	[ʔri.ˈ**?w**a.wi]
<da-’ra>	<ma tô ’manha>	<’ri ’wawi>
"criança"	"ele fez"	"em frente da casa"

5) As seqüências [...VʔBrV...] podem ser divididas foneticamente como [...Vʔ.BrV...], mas são fonologicamente /... VB.ʔɾV.../.

As seqüências [...VʔbɾṾ...] e [...VʔmɾṼ...] são o resultado de uma juntura silábica subjacente que pode ser representada como /...VBʔɾV... /. As seqüências fonéticas ocorrem na juntura de palavras e morfemas, bem como dentro de palavras. Nestas seqüências, uma metátese ocorre onde /Bʔɾ/ se torna /ʔBɾ/. Em conformidade com os mesmos princípios de silabificação descritos em (3) acima, a seqüência fonêmica subjacente é silabificada como [...Vʔ.brṾ...] quando a consoante de onset é seguida por uma vogal não-nasal e como [...Vʔ.mɾṼ...] quando seguida por uma vogal nasal. Assim, do ponto de vista fonológico, a divisão silábica é /...VB.ʔɾV.../. O processo pode ser visto nos exemplos abaixo (de (30) e (31) em 3.4). A seqüência [...Vʔ.mɾṼ...] ocorre dentro do morfema no exemplo <u'mre>, "cabaça". Neste caso, não há prova de metátese, só suposição feita com base na analogia com os outros exemplos.

[ˈʔa.u.wẽ.ˈhɜj.mẽ.nẽ.zɛʔ.ˈbɾem.hã]	[ɾʌʔ.ˈbɾʌ]
/ʔauwẽ hɜjbẽdazɛB ʔrebhẽ/	/ɾʌB-ʔɾʌ/
Xavantes viver-INSTR *dentro*	OBJ-*mal.cheiro*
"na cultura Xavante"	"coisa que fede"
<a'uwẽ hâimanazéb ’remhã>	<rob'ro> (grafia SILD)
(grafia do informante)	

[ˈɾʌʔ.m ɾẽj.ˈʔẽ.nẽ]	[ʔuʔ.ˈm ɾẽ]
/ɾʌB-ʔ ɾẽj ʔẽdẽ/	/ʔubʔɾẽ/
OBJ-fruta sem	cabaça
"sem fruta"	"cabaça"
<rob-'rãi ãna>	<u'mre>
(grafia em conformidade com o SILD)	(grafia do informante)

Foneticamente, [ʔ] pode ser considerado como parte da sílaba que precede [Bɾ] (i.e. [...VʔBɾV...]). Os seguintes motivos podem ser dados a favor desta análise e também em favor de não interpretar essas seqüências como fonologicamente /...VʔB.ɾV.../ ou /...V.ʔBɾV.../):

(a) [bɾ] e [mɾ] são onsets silábicos, como estabelecidos em outros contextos (v. (3) acima).

(b) Uma juntura após [b] ou [m] (i.e. [...VʔB.ɾV...]) permitiria uma coda de dois segmentos. Não ocorrem codas de duas consoantes em nenhum outro contexto na língua.

(c) A juntura de sílaba antes da oclusiva glotal ([...V.ʔBɾV...]) permitiria um onset de três segmentos. Não ocorrem onsets de três consoantes na língua. Na verdade, as únicas seqüências de três consoantes começam com [j̰j], estes sendo sempre segmentos de coda (v. (6) abaixo).

Existe uma desvantagem em interpretar [ʔ] como coda, porque isto quebra o arranjo elegante onde são permitidos apenas /B/ e /j/ como codas. Esta consideração, no entanto, é irrelevante em termos de sílabas fonológicas. Também deve ser apontado que existe outro caso onde [ʔ] aparece como uma coda silábica. Na fala rápida do meu informante, a seqüência [...Vʔ.bV...] (ex. 26) aparece como uma variante livre de [...Vb.ʔV...]. Exemplos desta seqüência são de menor importância e, portanto, não serão discutidos mais.

6) As seqüências VjVC(C)V são divididas como Vj.C(C)V

Em 3.7.3 argumenta-se que o segmento [j̰j] (a forma nasal aparece após vogais nasais) é uma semivogal – quer dizer, foneticamente um "vocóide" nos termos de Pike (1971, p.13-14 n), mas fonologicamente uma consoante. Na análise de seqüências de consoantes em 3.4, o segmento é tratado como consoante. Pelas razões dadas abaixo, fica claro que [j̰j] é sempre uma coda da sílaba. Fica claro também que as seqüências em que [j̰j] aparece devem ser divididas silabicamente como […Vj.C(C)V…].

(a) [j̰j] nunca ocorre no início do morfema. Quando aparece em uma fronteira de palavra ou de morfema, é sempre parte do morfema anterior.

(b) [j̰j] é seguido sempre por uma consoante ou por uma seqüência de consoantes. As consoantes que seguem [j̰j] são quase todas as seqüências C(C) analisadas até agora como onsets: [p,b,m,ɾ,w,h,ʔ,pɾ,bɾ,mɾ,ʔɾ,ʔw], mas não [t,d,n,s,z,j̰]. Nunca [j̰j] é seguido por qualquer das outras seqüências de consoantes descritas acima.

(c) [j̰j] é ligado foneticamente de uma maneira muito estreita com a vogal que o precede.

Dado que as sílabas em Xavante sempre começam com uma consoante, os princípios acima recobrem todos os casos da divisão silábica na língua. Pode-se verificar que somente um grupo restrito de seqüências consonantais pode aparecer como onsets e codas. Os princípios de divisão silábica implicam também que as sílabas em Xavante devem começar somente com uma ou duas consoantes, devem ter uma vogal (somente uma, como mostram os exemplos) e podem terminar sem coda ou com uma coda de

consoante única. Esta generalização pode ser sumarizada pela fórmula C(C)VC. Se o alongamento vocálico for considerado parte do tipo da sílaba, os tipos CV: e CCV: podem ser adicionados à lista e os tipos podem ser sumarizados como C(C)V(C/:). Assim, são permitidos seis tipos possíveis de sílabas fonêmicas: CV, CV:, CCV, CCV:, CVC, CCVC. Todos estes seis tipos são encontrados em Xavante, conforme os exemplos da distribuição de vogais em 3.5.

Com base nas considerações acima e na análise distribucional em 3.4 e em 3.5, a estrutura básica das sílabas em Xavante pode agora ser sumarizada. Obviamente, nem todas as seqüências de segmentos possíveis da forma C(C)V(C/:) ocorrem na língua. Isto pode ser devido a regras fonológicas, restrições fonotáticas, ou simplesmente coincidência – i.e., casos onde uma sílaba com uma dada seqüência de sons é possível no sistema fonológico, mas, por razões não-lingüísticas, a língua carece de palavras ou frases que contenham aquela sílaba.

Possíveis tipos de sílaba fonêmica: CV, CV:, CCV, CCV:, CVC, CCVC

Possíveis onsets obrigatórios:

Consoantes únicas (onsets simples): [p,b,m,w,t,d,n,ɾ,ɾ̃,s,z,j̃,ʔ,h]

* Todos os fones consonantais aparecem como onsets em sílabas CV(:) e CVC, exceto [j] (não-nasal)

Seqüências de duas consoantes (onsets complexos): [pɾ,br,mr,ʔm,ʔɾ,ʔɾ̃,ʔw]

* Somente os conjuntos de consoantes [pɾ, bɾ, mɾ] e [ʔm, ʔɾ, ʔw] aparecem como onsets em sílabas CCV(:) e CCVC.

Possíveis núcleos silábicos obrigatórios: [i,iː,ĩ,ĩː,u,uː,e,eː,ẽ,ẽː,ɛ,ɛː,ɜ,ɜː,o,oː,ʌ,ʌː,ʌ̃,ʌ̃ː, a,aː,ɐ̃,ɐ̃ː]

* Todas as vogais aparecem como núcleos da sílaba em sílabas CV(ː), CVC, e CCV(ː).
* Como visto em 3.5, não encontrei nenhum exemplo de certas vogais em sílabas CCVC. Entretanto, não tenho dados suficientes para determinar se, no caso de alguma vogal específica, sua ausência nestes contextos seja devida ao sistema lingüístico.

Possíveis codas opcionais (somente com vogais não-alongadas): [p,b,m,j,j̃]

* Somente [p,b,m,j,j̃] aparecem como codas em sílabas CVC e CCVC.

Em seu artigo sobre a fonêmica Xavante, McLeod (1974, p.131-132) lista os mesmos seis tipos de sílabas fonêmicas listados acima (em vez de “fonêmica”, ela usa o termo “êmica”, vindo de outros trabalhos de Pike; cf. PIKE, 1967), mas apresenta somente exemplos breves, sem fornecer razões para a sua análise. Quintino (2000, p.53-55) distingue entre sílabas fonéticas e fonêmicas em Xavante, apresentando quatro tipos de sílabas fonéticas e seis tipos de sílabas fonêmicas. Quintino argumenta que a oclusiva glotal em Xavante, quando ocorre no início da palavra, é um segmento previsível e não-fonêmico (veja a discussão em 3.7.7 abaixo, onde [ʔ] é analisado como segmento fonêmico). Assim, em tais casos, Quintino interpreta as sílabas fonéticas [ʔV] e [ʔVC], quando aparecem no início da palavra, como sendo as sílabas fonológicas /V/ e /VC/, respectivamente. Uma vez que ele não inclui o alongamento vocálico como parte da estrutura da sílaba, seus quatro tipos fonéticos são CV, CCV, CVC, CCVC, e seus seis tipos fonêmicos são CV, CCV, CVC, CCVC, V, VC. Quintino analisa também a estrutura silábica em Xavante em termos do modelo hierárquico de Clemens e Keyser (1983) e encontra essencialmente os mesmos possíveis constituintes fonéticos em sílabas do que aqueles descritos acima (Quintino, 2000, p. 62 et seq.). Sua interpretação do fonema /z/ é discutida em 3.7.3, e a de segmentos de coda é discutida em 5.2.

3.7 Fonemas consonantais em Xavante

Uma análise fonêmica das consoantes será apresentada nesta seção. Diversos pares de consoantes foneticamente similares em Xavante serão demonstrados em contraste fonêmico, de acordo com o primeiro e o segundo dos procedimentos de Pike. Para serem comparados, os pares foram escolhidos com base na tabela de Pike, que agrupa fones pelas suas similaridades fonéticas (1971, p. 70). Além disso, de acordo com o terceiro procedimento de Pike, diversos pares de consoantes foneticamente similares serão mostrados em distribuição complementar. Os outros segmentos consonantais em Xavante serão discutidos individualmente e comprovados serem manifestações de fonemas separados. Para assegurar a conveniência de exposição, cada fonema consonantal será discutido separadamente ou como parte de um par surdo/sonoro. As comparações de segmentos em relações de contraste e complementaridade fazem parte desta seção. As comparações no texto a seguir são ilustradas no diagrama 3.7A e o resultado destas comparações apresenta-se em uma classificação dos fones do Xavante em fonemas. Note a “simetria” (estrutural paralela) entre os conjuntos de bilabiais ([p] versus [b, m]), alveolares ([t] versus [d, n]), e fricativas ([s] versus [z, ˜j]). Quintino (2000, p. 37-48) fornece argumentos similares baseados nos princípios e métodos do livro de Pike, e a análise de McLeod (1974) dos fonemas em Xavante baseia-se evidentemente em princípios vindos da mesma fonte. Suas análises serão comparadas com as minhas próprias em momentos relevantes durante toda esta seção.

Diagrama 3.7A: Relações de contraste (<——>) e complementariedade (<- - - ->) demonstradas nas seções 3.6.1 e 3.6.2.

[p]	[b]	[t]	[d]	[s]	[z]	[w]	[h]	[ʔ]
	[m]		[n]		[j]			
		[ɾ]/[ɾ̃]			[j̃,ʒ̃] (somente no final da sílaba)			

Supõe-se que outros contrastes fonêmicos possíveis entre pares de sons (isto é, [p] versus [t], [d] versus [z], [w] versus [h], etc.) não necessitam ser demonstrados, por serem considerados bastante diferentes foneticamente. Neste caso, é improvável que sejam membros do mesmo fonema.

Nas demonstrações de contraste fonêmico dadas neste capítulo, uma extensão de um dos procedimentos de Pike será usada. O procedimento I-A de Pike requer que o investigador procure pares de sons foneticamente similares que contrastam em ambientes análogos. Estes, ele define da seguinte maneira:

> AMBIENTES ANÁLOGOS são contextos fonéticos e/ou gramaticais suficientemente similares, de tal modo que não poderiam plausivelmente ser considerados como responsáveis por diferenças fonéticas particulares em meio a um par específico de segmentos suspeitos.
> (PIKE, 1947, p. 75; trad. nossa)

No começo do estudo de uma língua, o pesquisador deve fazer comparações entre sons com base em suas hipóteses sobre quais seriam os contextos relevantes. No caso do Xavante, foi possível levar em conta antes uma série de informações sobre a fonologia da língua. Por causa disso, eu pude classificar os

dados em 3.4 e em 3.5 de tal maneira que as distribuições dos sons diferentes podem ser comparadas detalhadamente.

Os exemplos de consoantes em 3.4 mostram a distribuição de cada som em relação a uma ampla variedade de contextos. Suponho, com base em tudo que já aprendi sobre a língua, que estes contextos são os mais relevantes contextos fonológicos e gramaticais no que diz respeito à distribuição das consoantes em Xavante. Contudo, é completamente possível que haja contextos que negligenciei examinar e que fariam algum tipo de diferença na análise – detalhes fonéticos sutis que não percebi ou ignorei (e.g. interações fonéticas complexas entre consoantes adjacentes – veja 5.2), fronteiras entre tipos de palavras gramaticalmente ou fonologicamente diferentes (e.g. clitícos versus palavras funcionais curtas), classes de palavras que são semanticamente ou etimologicamente distintas (e.g. empréstimos), e assim por diante. Entretanto, se eu estiver correto em supor que os contextos da classificação em 3.4 são razoavelmente detalhados para determinar os processos fonológicos segmentais importantes na língua, então, o seguinte princípio pode ser aplicado:

* Se dois sons tiverem a mesma, ou quase a mesma, distribuição (nos termos em que eu os classifiquei), seu contraste fonêmico provavelmente não é neutralizado nos poucos contextos onde ambos nunca aparecem juntos (i.e. em um contexto muito restrito de aparente distribuição complementar), a menos que haja alguma evidência adicional.

Este princípio pode ser ilustrado na comparação da distribuição de [t] e [s] em Xavante. Esta comparação é apresentada simplesmente para exemplificar o princípio (é possível supor com, base em sua diferença fonética, que os dois sons estão muito provavelmente em contraste fonêmico em Xavante). As tabelas 3.7B e 3.7C abaixo mostram que [t] e [s] têm uma distribuição quase idêntica – os dois ocorrem como onsets simples no início da frase, intervocalicamente, após

todas as vogais e após a coda [p]. Além disso, em todos estes contextos, os dois sons ocorrem em junturas de palavra, de morfema, assim como em junturas silábicas dentro do morfema. A única diferença é que [t] aparece antes de todas as vogais possíveis, enquanto [s] aparece antes de todas as vogais menos [ĩ,ɜ,ʌ]. Assim, a menos que haja algum fator contextual que não está esclarecido na análise em 3.4, o único contexto em que ambos [t] e [s] não aparecem é antes de [ĩ,ɜ,ʌ].

É possível que [s] "se torne" [t] antes de [ĩ, ɜ, ʌ]? Provavelmente não, porque na ausência de alguma evidência em favor desta possibilidade – por exemplo, paradigmas de exemplos que demonstram uma alteração morfofonológica ("substituição fonêmica" de acordo com a abordagem Pikeana) – pode-se dizer com confiança que, em todos os contextos, [s] e [t] são distintos. Em termos da abordagem Pikeana, este exemplo em particular não merecia consideração detalhada, porque Pike indica que as hipóteses sobre relações distribucionais devem ser "razoáveis", isto é, baseadas em relações fonológicas esperadas ou prováveis (tais como assimilações plausíveis) e não simplesmente em relações posicionais (1971 p. 76).

Para considerar um caso mais relevante, um argumento baseado na comparação da distribuição global dos dois sons é apresentado em 3.7.2, onde a distribuição de [t] ocorre em contraste completo com a distribuição (em conjunto) de [d,n]. Pode-se concluir que, desde que [t] e [d,n] são certamente diferentes um do outro e presumivelmente diferentes do resto dos sons em Xavante, eles representam dois fonemas separados, /t/ e /d/. No geral, este tipo de argumento, bem como o argumento de que sons foneticamente muito diferentes estão improvavelmente em distribuição complementar, podem ser usados para estabelecer os contrastes fonêmicos básicos entre consoantes e vogais em Xavante. Argumentos deste tipo, com referências aos exemplos em 3.4 que os apóiam, são apresentados nas subseções a seguir. Também apresentam-se alguns exemplos de contraste provável em ambientes similares, do tipo que Pike

sugere usar nos primeiros estágios da pesquisa sobre uma língua (v. Quintino 2000, p. 37-38 para exemplos deste tipo). Alguns pares mínimos também são apresentados. Um problema básico é levantado na análise fonêmica quando sons foneticamente similares estão em contraste em alguns contextos (importantes), mas não em outros. Este tipo de situação ocorre com [p,b,m] em Xavante; isto é discutido na análise a seguir e examinado em detalhe no capítulo 5.

Tabela 3.7B: Comparação [t] e [s] nas posições frase-inicial, sílaba-inicial, e após V.

	num. de ex.	seq. de cons.	frase-inicial	juntura de palavra	juntura de morfema	juntura dentro de morfema	observações
/t/	(4)	[.t]	$_{ph}$tV...	...V$_{\#}$tV...	...V-tV...	...V.tV...	antes de todas as vogais
/s/	(7)	[.s]	$_{ph}$sV...	...V$_{\#}$sV...	...V-sV...	...V.sV...	antes de todas as vogais, menos [ĩ,ɜ,ʌ]

Tabela 3.7C: Comparação [t] e [s] no início da sílaba, após [p].

	num. de ex.	seq. de cons.	frase-inicial	juntura de palavra	juntura de morfema	juntura dentro de morfema	observações
/B.t/	(14)	[p.t]	—	...Vp$_{\#}$tV...	...Vp-tV...	...Vp.tV...	antes de todas as vogais
/B.s/	(18)	[p.s]	—	...Vp#sV...	...Vp-sV...	...Vp.sV...	antes de todas as vogais, menos [ĩ,ɜ,ʌ]

3.7.1 Os fonemas /p/ e /b/ (bilabiais plosivas)

De todos os sons em Xavante, [p,b,m] têm a distribuição mais complicada. A discussão abaixo cobre todos os contextos possíveis de ocorrência de [p,b,m] nos exemplos da seção 3.4. Baseando-se na informação apresentada naquela seção, a distribuição de [p,b,m] é comparada simultaneamente e resumida nas tabelas 3.7.1A e 3.7.1B. A tabela 3.7.1A resume a distribuição de [p,b,m] quando aparecem em onsets simples e complexos, já a tabela 3.7.1B resume a distribuição como segmentos no final da sílaba, isto é, como codas.

Observações a respeito das ocorrências de [p,b,m] como onsets simples e como parte de onsets complexos [pɾ, bɾ, mɾ] e [ʔm] (tabela 3.7.1A)

(1) É evidente nas tabelas 3.7.1A e 3.7.1B que [b] e [m] nunca aparecem no mesmo contexto fonológico e gramatical. [b] ocorre sempre antes de uma vogal não-nasal e [m] ocorre sempre antes de uma vogal nasal. Os dois sons estão em distribuição complementar.

(2) Argumenta-se na seção 3.7.4 que as seqüências de onset [pɾ, bɾ, mɾ] consistem em dois segmentos separados e que – seguindo as idéias de Pike – [pɾ] deve ser transcrito fonemicamente como /pɾ/, e [bɾ,mɾ] como /bɾ/.

(3) Há exemplos onde os onsets [bɾ, mɾ] são precedidos por [ʔ]: […Vʔ.bɾV̩…], […Vʔ.mɾṼ…] (ex.(27), (42)). [pɾ] não ocorre neste contexto. Estes exemplos foram explicados em 3.6 como produto da metátese e da silabificação de uma seqüência subjacente /...VB.ʔrV.../.

(4) Pode-se ver na tabela 3.7.1A que há seqüências com [ʔm] como onset: […V.ʔmṼ…] e (hipoteticamente) […Vj.ʔmṼ…] (ex.27, 42). O onset [ʔm] ocorre somente na posição morfema-inicial em um número limitado de palavras, seguido sempre pela vogal [ẽ]. Pode-se considerá-lo como composto de dois elementos fonêmicos separados pelas mesmas razões que [ʔɾ] (3.7.4) e [ʔw] (3.7.5). Com relação à comparação da distribuição de [p] com [b,m], a seqüencia [ʔm] pode ser ignorada como caso isolado.

(5) [p] tem uma distribuição idêntica à do conjunto [b,m] nos seguintes contextos no início da sílaba: […V.CV…], […Vj.CV…], […V.CɾV…], e […Vj.CɾV…]; isto é, em todo lugar possível onde ocorrem como onsets (i.e., toda tabela 3.7.1 com exceção dos casos excepcionais mencionados em (3) e (4) acima). Isto equivale a dizer que nestes contextos não há nenhuma combinação possível de sons em que, como parte de onset, [p] não seja fonemicamente distinto de [b,m].

Com base nos pontos acima, pode se concluir que [p] e o conjunto [b,m] estão em contraste em todos os contextos possíveis onde aparecem no início da sílaba (com a exceção menor das ocorrências do onset [ʔm]). Nos termos de Pike, conseqüentemente, pode-se concluir que [b,m] são alofones que pertencem a um fonema distinto /b/ e que [p] pertence a um fonema distinto /p/. Seguem-se abaixo alguns exemplos de pares mínimos e análogos, exemplificando o contraste entre [p] e [b] como onsets.

[ˈbuːɾu]	/buɾu/	<buru>	"roça"
[mẽ.to.ˈpuː.ɾu]	/ma tô puɾu/	<ma tô puru>	"ele derramou"
[da.ˈba]	/da-ba/	<da-ba>	"costas"
[da.ˈpa]	/da-pa/	<da-pa>	"figado"

[ˈʔu.ba]	/ʔuba/	<uba>	"ponte"
[ʔu.ˈpa]	/ʔupa/	<upa>	"mandioca"
[ˈsi.bi]	/sibi/	<sibi>	"aranha"
[ˈsi.pi.ˈtuj]	/sipi tuj/	<sipi tui>	"já! (você fez rapidamente e bem!)" SILD

Ocorrências de [p,b,m] no final da sílaba (Tabela 3.7.1B)

Notam-se a seguintes observações:

(1) [p,b,m] estão em distribuição complementar na posição final da sílaba. Pode-se ver na tabela 3.7.1B que a coda [p,b,m] geralmente assimila o segmento seguinte e que, se a vogal precedente for nasal, a coda também se torna nasal (processo detalhado no capítulo 5). A explicação alternativa, de que os onsets são sonorizados ou dessonorizados pelas codas precedentes, seria claramente inaceitável e muito mais complicada.

(2) Considerado como um conjunto, [p,b,m] aparecem no final da sílaba somente antes das alveolares [t,d,n,s,z,j̃] e [h,ʔ]. Nunca aparecem antes dos onsets bilabiais [p,b,m] (isto é, antes deles mesmos), ou antes dos onsets [r,w], ou antes de alguns onsets complexos [pr,br,mr,ʔm,ʔw,ʔr]. Assim, tomado [p,b,m] como conjunto, a distribuição destes no final da sílaba é quase uma imagem-espelho da distribuição de [j,j̃] na mesma posição (veja 3.7.3). Entretanto, esta distribuição imagem-espelho de [p,b,m] no que diz respeito a [j,j̃] não é uma relação de distribuição complementar, como será explicado no capítulo 5.

Seguindo os princípios indicados por Pike, [p] e [b] já foram estabelecidos como membros dos fonemas separados /p/ e /b/, com base em seu contraste na posição de início da sílaba. O som [m] também foi estabelecido como membro de /b/. Conseqüentemente, uma vez que estes três segmentos estão em distribuição contrastiva na posição sílaba-final, segundo Pike, devemos transcrever o [p] sílaba-final fonemicamente como /p/ e [m,b] sílaba-final como /b/ (PIKE, 1971, p. 96; v. 5.2 abaixo). A aplicação deste raciocínio pode ser vista nas transcrições fonêmicas em McLeod (1974) e nos exemplos abaixo, onde a palavra para indicar “campo,terra " é transcrita como /rʌ/, /rʌb/, ou /rʌp/, dependendo do contexto. As interpretações alternativas destes segmentos feitos por Burgess (1971) e Quintino (2000), bem como uma análise alternativa minha, são discutidas no capítulo 5.

[da.ˈ**rʌ**]	/da-**rʌ**/	GEN-terra “terra, lugar”
[**rʌm**.ˈnẽ]	/**rʌb** dẽ/	"no campo"
[da.**rʌp**.ˈsi]	/da-**rʌp** si/	"só a terra da gente"

Tabela 3.7.1A: Resumo da distribuição de [p,b,m] como onsets e nas seqüências de onset [pɾ,bɾ,mɾ] e [ʔm]

		# de ex. em 3.6	seq.	início de enunciado, frase ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	observações
onset [p,b,m]	/p/	(1)	[.p]	$_{ph}$[pV...]	[...V#pV...]	[...V-pV...]	[...V.pV...]	antes de V
		(32)	[j.p]	—	[...Vj#pV...]	[...Vj-pV...]	[...Vj.pV...]	poucos ex.
	/b/	(2)	[.b]	$_{ph}$[bV̩...]	[...V#bV̩...]	[...V-bV̩...]	[...V.bV̩...]	antes de V̩
		(33)	[j.b]	—	[...Vj#bV̩...]	[...Vj-bV̩...]	[...Vj.bV̩...]	antes de V̩
		(3)	[.m]	$_{ph}$[mṼ...]	[...V#mṼ...]	[...V-mṼ...]	[...V.mṼ...]	antes de Ṽ
		(34)	[j.m]	—	[...Vj#mṼ...]	[...Vj-mṼ...]	[...Vj.mṼ...]	antes de Ṽ
onset [pɾ,bɾ,mɾ]	/p/	(22)	[.pɾ]	$_{ph}$[prV...]	[...V#prV...]	[...V-prV...]	[...V.prV...]	antes de V
		(39)	[j.pɾ]	—	?	[...Vj-prV...]	[...Vj.prV...]	antes de V
	/b/	(23)	[.bɾ]	$_{ph}$[brV̩...]	[...V#brV̩...]	[...V̩-brV̩...]	[...V̩.brV̩...]	antes de V̩
		(23)			/...VB#ɾV̩.../ > [...V.brV̩...]	/...V̩B-ɾV̩.../ > [...V.brV̩...]		antes de V̩ com silabificacão
		(40)	[j.bɾ]	—	?	[...Vj-brV...]	?	antes de V̩
		(24)	[.mɾ]	$_{ph}$[mɾṼ...]	[...V#mɾṼ...]	[...V-mɾṼ...]	[...V.mɾṼ...]	antes de Ṽ
					/...VB#ɾṼ.../ > [...V.mɾV̩...]	/...VB-ɾṼ.../ > [...V.mɾV̩...]		antes de Ṽ com silabificacão
		(41)	[j.mɾ]	—	?	[...Vj-mɾṼ...]	?	antes de Ṽ
onset [ʔm]	/b/	(27)	[.ʔm]	$_{ph}$[ʔmṼ...]	[...V#ʔmṼ...]	[...V-ʔmṼ...]	[...V.ʔmṼ...]	antes de [ẽ]
		(42)	[j.ʔm]	—	?	?	?	(possível?)
[ʔ.bɾ] e [ʔ.mɾ]	/B/	(30)	[ʔ.bɾ]	—	/...VB#ʔɾV̩.../ > [...V?.brV̩...]	/...VB-ʔɾV̩.../ > [...V?.brV̩...]	[...V?.brV̩...]	metátese e silabificação
		(31)	[ʔ.mɾ]	—	?	/...VB-ʔɾṼ.../ > [...V?.mɾṼ...]	[...V?.mɾṼ...]	metátese e silabificação

Table 3.7.1B: Resumo da distribuição de [p,b,m] como segmento de coda							
	# de ex. em 3.6	**seq.**	**início de enunciado, frase ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**observações**
/B.t/	(14)	[p.t]	_	[...Vp#tV...]	[...Vp-tV...]	[...Vp.tV...]	
/B.d/	(15)	[b.d]	_	[...V̩b#dV̩...]	[...V̩b-dV̩...]	[...V̩b.dV̩...]	
	(16)	[m.d]	_	[...Ṽm#dV̩...]	?	?	assimilação nasal esq. para dir.; v. 5.3
	(17)	[m.n]	_	[...Vm#nṼ...]	?	[...Vm.nṼ...]	assimilação nasal dir, para esq.; v. 5.3
/B.s/	(18)	[p.s]	_	[...Vp#sV...]	[...Vp-sV...]	[...Vp.sV...]	
/B.z/	(19)	[b.z]	_	[...V̩b#zV̩...]	[...V̩b-zV̩...]	[...V̩b.zV̩...]	
	(20)	[m.z]	_	[...Ṽm#zV̩...]	?	?	assimilação nasal esq. para dir.; v. 5.3
	(21)	[m.j̃]	_	?	[...Vm-j̃Ṽ...]	[...Vm.j̃Ṽ...]	assimilação nasal dir. para esq.; v. 5.3
/B.h/	(25)	[m.h]	_	[...Vm#hV...]	[...Vm-hV...]	[...Vm.hV...]	
/B.ʔ/	(26)	[b.ʔ]	_	[...Vb#ʔV̩...]	[...Vb-ʔV̩...]	[...Vb.ʔV̩...]	
	(26A)	[m.ʔ]	_	[...Vm#ʔṼ...]	?	?	assimilação nasal dir. para esq.; v. 5.3

3.7.2 Os fonemas /t/ e /d/ (oclusivos alveolares)

Com base na análise da seção 3.4, apresento uma comparação e um resumo da distribuição de [t,d,n] na tabela 3.7.2 abaixo, seguidos por uma discussão.

Tabela 3.7.2: Sumário da distribuição de [t, d, n]

	# de ex. em 3.6	**seq.**	**início de enunciado, frase ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**observações**
/t/	(4)	[.t]	$_{ph}$[tV...	[...V$_{\#}$tV...]	[...V-tV...]	[...V.tV...]	antes de todas as vogais
/d/	(5)	[.d]	$_{ph}$[dṾ...	[...V$_{\#}$dṾ...]	[...V-dṾ...]	[...V.dṾ...]	antes de vogais não nasais
	(6)	[.n]	$_{ph}$[nṼ...	[...V$_{\#}$nṼ...]	[...V-nṼ...]	[...V.nṼ...]	antes de vogais nasais
/B.t/	(14)	[p.t]	—	[...Vp$_{\#}$tV...]	[...Vp-tV...]	[...Vp.tV...]	
/B.d/	(15)	[b.d]	—	[...Ṿb#dṾ...]	[...Ṿb-dṾ...]	[...Ṿb.dṾ...]	
	(16)	[m.d]	—	[...Ṽm#dṾ...]	?	?	assimilação nasal esq. para dir.; v. 5.3
	(17)	[m.n]	—	[...Vm#nṼ...]	?	[...Vm.nṼ...]	assimilação nasal dir. para esq.; v. 5.3

Observações:

(1) Todas as ocorrências de [t,d,n] são como onsets únicos no início da sílaba.

(2) [d] e [n] estão em distribuição complementar: [d] ocorre sempre antes de vogais não-nasais, e [n] ocorre sempre antes das vogais nasais. Segue-se este padrão em todos os contextos onde estes segmentos ocorrem.

(3) No início da frase e intervocalicamente, [d,n] em conjunto ocorrem em cada contexto possível onde há [t], isto é, no início da sílaba antes de todas as vogais possíveis, no início da frase, e no lado direito de vários tipos de junturas. Portanto, [t] e o conjunto [d,n] são fonemicamente distintos nestes contextos.

Com base em (2) e (3) acima, pode-se concluir que [d,n] são alofones de um fonema /d/, e que [t] é um alofone de um fonema separado /t/. Dois pontos adicionais devem ser acrescentados para finalizar a comparação:

4) Em seqüências […VC.CV…] que têm [p,b,m] como a consoante precedente, a coda [t] ocorre somente após [p], e [d,n] somente após [b,m] respectivamente. Isto se dá devido à neutralização de coda, detalhada em 3.7.1 acima e no capítulo 5. Não há nenhuma razão para supor que [t] e [d,n], em tais casos, sejam qualquer coisa além disso em outros contextos – manifestações dos fonemas /t/ e /d/ respectivamente. Veja os exemplos a seguir:

ex.(14)	[su**p.ˈt**ɐ̃]	[rʌ**p.t**a.ʔa.tɐ̃]	[ʔa**p.ˈt**ɐ̃ː.mɾ̃ĩ]
	<sup tõ!>	<rop-ta'a tõ>	<aptõmri>
	"não soque!"	"não bate"	"cera de abelha"

ex. (15)	[tɛ**b.d**i]	[rʌ**b.d**u.ˈri.nẽ]	[ʔu**b.**ˈ**d**â]
	<téb di>	<rob-duri na>	<ubdâ>
	"está cru"	"com carro"	"capivara"

ex. (16)	[ˈmr̃ẽ**m.d**a]
	<mram da>
	"para fome"

5) Note-se também que [t] pode ocorrer antes da vogal [o] (=< ô>) no marcador de aspecto <tô>. Este contexto extremamente limitado pode ser considerado irrelevante no que diz respeito ao contraste entre [t] e [d], porque [o] parece em uma única outra palavra em Xavante, <zô>/<sô> “para, em busca de” (v. 3.8.5).

Encontram-se abaixo alguns exemplos de pares mínimos e análogos que ilustram o contraste de /t/ e de /d/, com transcrições fonêmicas (o par /tiʔi/ vs. /diʔi/ foi visto primeiramente por Quintino (2000, p. 37)):

[**t**i.ˈʔi.nẽ]	/ti.ʔi dẽ/	<ti’i na>	"com flecha"
[mẽ.to.ˈ**d**i.ʔi]	/bẽ to diʔi/	<ma tô di’i>	"ele molhou"
[ʔra.ˈ**t**a]	/ʔrata/	<’rata>	"perto de"
[ˈʔra.**d**a]	/ʔrada/	<’rada>	"primeiro"
[da.**t**i.ˈʔɜ]	/dati.ʔɜ/	<dati’â>	"minha mãe; minha tia"
[da.ˈ**d**i]	/da-di/	<da-di>	"barriga"
[**t**a.ˈwam.hɛ̃]	/tawaB-hẽ/	<tawam-hã>	"depois; então"
[**d**a.ˈwa.pru]	/da-wapru/	<da-wapru>	"sangue"

3.7.3 Os fonemas /s/ e /z/ (fricativas alveolares) e os segmentos [j̃,j̃] no final da sílaba

A distribuição de [s,z,j̃] como onsets está resumida na tabela 3.7.3 e é discutida a seguir. A tabela dá conta de todas as ocorrências de [s]. Entretanto, considerando que [z,j̃] no início da sílaba são foneticamente similares a [j,j̃] no final da sílaba, a distribuição desta última será discutida também.

Tabela 3.7.3: Sumário da distribuição de [s, z, j̃] como onsets:

	# de ex. em 3.6	**seq.**	**início de enunciado, frase ou palavra**	**juntura de palavra**	**juntura de morfema dentro de palavra**	**(presumida) seqüência dentro de morfema**	**observações**
/s/	(7)	[.s]	ph[sV...]	[...V#sV...]	[...V-sV...]	[...V.sV...]	antes de vogais não-nasais e nasais, menos [ĩ,ɜ,ʌ]
/z/	(8)	[.z]	ph[zV̩...]	[...V#zV̩...]	[...V-zV̩...]	[...V.zV̩...]	antes de vogais não-nasais e nasais, menos [ʌ]
	(9)	[.j̃]	ph[j̃Ṽ...]	[...V#j̃Ṽ...]	[...V-j̃Ṽ...]	[...V.j̃Ṽ...]	antes de vogais nasais
/B.s/	(18)	[p.s]	—	[...Vp#sV...]	[...Vp-sV...]	[...Vp.sV...]	
/B.z/	(19)	[b.z]	—	[...V̩b#zV̩...]	[...V̩b-zV̩...]	[...V̩b.zV̩...]	
	(20)	[m.z]	—	[...Ṽm#zV̩...]	?	?	assimilação nasal esq, para dir.; v.5.3
	(21)	[m.j̃]	—	?	[...Vm-j̃Ṽ...]	[...Vm.j̃Ṽ...]	assimilação nasal dir, para esq.; v.5.3

Comparando-se a tabela 3.7.3 acima com a tabela da distribuição de [t,d,n] (3.6.3), pode-se constatar que o padrão de distribuição representada nas duas é quase idêntico. [s] ocorre antes de vogais não-nasais e nasais, enquanto [z] e [j̃] estão em distribuição complementar, sendo que [z] ocorre somente antes de vogais não-nasais e [j̃] somente antes de vogais nasais. A distribuição de [s,z,j̃]

e [t,d,n] em relação a [p,b,m] como consoantes precedentes é exatamente a mesma. Portanto, os mesmos argumentos que foram levantados na seção anterior aplicam-se aqui. Pode-se concluir que [z̪,j̪] são alofones de um fonema /z/ e que [s] pertence a uma fonema /s/. (As combinações marcadas por ponto de interrogação (?) indicam ausência por falta de dados e não por razões fonológicas).

Entretanto, a análise das fricativas /s,z/ é um pouco mais complicada do que a dos alveolares /t,d/. Em primeiro lugar, embora [j̪] no início da sílaba possa ser seguido por algumas das quatro vogais nasais, [s] e [z] são restritos em relação às vogais que os seguem. [s] pode ocorrer antes de vogais não-nasais e nasais, mas nunca é seguido por [ĩ,ɜ̃,ʌ̃]; [z] pode ser seguido por todas as vogais não-nasais, exceto [ʌ]. A inexistência de exemplos em meus próprios dados ou em fontes bibliográficas leva-me a concluir que estas proibições são reguladas pelo sistema da língua. Em segundo lugar, [s] e [z] ocorrem após a vogal [o] nas formas alternantes da posposição comum **<sô/zô>** “em busca de”. A distribuição extremamente limitada desta vogal é discutida em 3.8.5. Em terceiro lugar, e mais importante, [j̪,j̪] no final da sílaba é foneticamente similar a [z̪,j̪] no início da sílaba, o que requer uma consideração especial.

[j̪,j̪] no final da sílaba

O som [j̪,j̪] ocorre como coda silábica, como visto em vários exemplos de seqüências […Vj.C(C)V…] em ex.(32)-(44). Este som pode ocorrer após todas as vogais não-nasais e nasais (depois de vogais nasais, ocorre na forma nasalizada [j̃]). Como discutido em detalhe no capítulo 5 e visto nos exemplos, [j̪,j̪] no final da sílaba ocorre no lado esquerdo de junturas de palavra e de morfema e em junturas silábicas dentro de morfemas. Porém, isso ocorre somente quando seguido pelos onsets [p,b,m,ɾ,w,h,ʔ,pɾ,br,mr,ʔw,ʔɾ] e possivelmente [ʔm]. Ou seja,

a coda [j̃,j̃] nunca é seguida pelos onsets alveolares [t,d,n,s,z,j̃]. Uma ilustração clara deste padrão de distribuição encontra-se na tabela 5.2A. (Foi indicado em 3.7.1 que a distribuição de [j̃,j̃] no final da sílaba é quase uma imagem-espelho de [p,b,m] tomado em conjunto. Entretanto não é um exemplo de distribuição complementar, como será demonstrado mais tarde em 5.2)

Foneticamente, [j̃,j̃] é um vocóide, e assim pode ser interpretado fonologicamente como consoante ou vogal, ou como parte de um fonema nuclear complexo que inclui a vogal precedente. Pelas razões apresentadas abaixo, a coda [j̃,j̃] é analisada aqui como uma consoante semivocálica. Este é o tipo do argumento que Pike denomina de interpretação através de "pressão estrutural" (1971, p. 128 et seq.). O ponto em questão é que [j̃,j̃] é consoante porque se comporta estruturalmente como as outras consoantes na língua.

1) [j̃,j̃] ocorre na mesma posição da sílaba em que ocorrem as únicas outras codas possíveis em Xavante, [p,b,m], que são claramente consoantes. Nenhuma vogal ocorre nesta posição na língua; não há nenhuma sílaba CVV.

2) [j̃,j̃] nunca é portador de acento ou de alongamento, portanto não é núcleo de sílaba.

3) No Xavante, os fonemas vocálicos sempre ocorrem como núcleos únicos de sílabas, e as vogais que precedem [j̃,j̃] são sempre claramente núcleos de sílaba. Notem-se os exemplos de sílabas acentuadas, em que [j̃,j̃] segue a vogal nuclear.

ex.(33)	**ex.(36)**	**ex.(43)**
[wa.ˈrẽ**j̃.b**a]	[ˈdu**j̃.w**a]	[dã.j̃ʌ̃.ˈhu**j̃.ʔw**a]
<warãi ba>	<dui wa>	<da-nhohui-'wa>
"ao lugar do *warã*"	"no capim"	"padrinho"

4) A nasalidade de [j̃,j̃] é determinada contextualmente, pela vogal que o precede, enquanto a distinção nasal/não-nasal entre as vogais é de contraste fonêmico (v. 3.8).

(5) [j̃,j̃], bem como [p,b,m], não ocorrem no fim do sintagma.

6) Assim como à coda [p,b,m], [j̃,j̃] é também restrito em termos dos tipos de segmentos que podem segui-lo dentro da frase. Não há nenhum processo análogo envolvendo vogais. (De fato, a distribuição de [p,b,m] e [j̃,j̃] é relacionada; v. capítulo 5).

Por estas razões, a seqüência [Vj] em Xavante deve ser interpretada como VC e não como uma seqüência de fonemas vocálicos ou como um único fonema complexo.

A tabela de Pike dos sons foneticamente similares registra [j̃] como foneticamente similar a [z]. Em Xavante, como visto acima, [z, z̃] são alofones de /z/. O som [j̃] no início da sílaba é obviamente mais similar à coda [j̃,j̃] do que [z]. De acordo com os procedimentos de Pike, [j̃,j̃] sílaba-final deve ser classificado como pertencendo ao mesmo fonema que [z, z̃] sílaba-inicial. Este, provavelmente, é o raciocínio que orienta a análise de McLeod (1974, p. 136-137). Para esta autora, as variantes livres [ʤ,ʣ,ʒz,j] ocorrem no início da sílaba antes de vogais não-nasais e [ɲ] no início da sílaba (equivalente a [z̃] no meu corpus) ocorre antes de vogais nasais. Todos estes segmentos no início da sílaba são classificados como parte do mesmo fonema como os alofones [j, j̃, ɲ] no fim da sílaba, embora a autora não explicite as razões para este agrupamento. (Note-se que o fonema aqui simbolizado por /z/ é simbolizado por McLeod no seu artigo como /j/.)

Quintino também segue Pike, e classifica os segmentos em discussão com base em sua similaridade fonética. Para Quintino, [z] no início da sílaba, e

suas variantes livres [ʣ,ʒ], ocorrem antes das vogais não-nasais e pertencem ao fonema /z/. Além disso, ele propôs um fonema separado /j/ com quatro alofones: sílaba-inicial [j], que é uma variante de [z], que ocorre em discurso rápido antes das vogais orais; [ɲ,ŋ], que ocorrem no início da sílaba antes de vogais nasais anteriores e posteriores respectivamente; e [j] sílaba-final (Quintino, 2000, p. 38-40). Deve estar claro, no entanto, que esta subdivisão fonológica não é necessária. Pode-se perguntar, porém, se a similaridade fonética entre os onsets [z, ʒ̃] e a coda [j̰,j̃] é razão suficiente para classificá-los como manifestações do mesmo fonema. Esta questão será discutida no capítulo 5, junto com a análise alternativa de Quintino da coda [j̰,j̃] em termos da geometria de traços.

Alguns exemplos de pares mínimos e análogos que ilustram o contraste entre [s] e [z] são apresentados abaixo com transcrições fonêmicas. Nas transcrições fonêmicas deste capítulo, [j̰,j̃] no final da sílaba é transcrito como /j/.

[**s**u]	/su/	<su>	"a folha"
[**z**u]	/zu/	<zu>	"junto com"
[mẽ.to.ˈtiː.**s**a]	/mẽ tʌ ti-sa/	<ma tô tisa>	"ele já comeu"
[mẽ.to.ˈtiː.**z**a]	/mẽ tʌ ti-za/	<ma tô tiza>	"ele os (du.) colocou por dentro"
[mẽ.to.ˈ**s**a.ʔra]	/mẽ tʌ saʔra/	<ma tô sa'ra>	"ele os colocou"
[ˈte.ɾʌm.hu.ɾi.ˈ**z**a.ʔra]	/te ɾʌBhuri zaʔra/	<Te romhuri za'ra.>	"Eles trabalham."
[ap.**s**aj.ˈhu]	/apsajhu/	<apsaihu>	"roubar"
[ab.**z**aj.ˈhɜ]	/abzajhɜ/	<abzaihâ>	"ondas"

3.7.4 Fonema /ɾ/ (tap)

O tap [ɾ] (que ocorre como [ɾ̃] antes de vogais nasais) tem uma distribuição mais complexa do que os outros segmentos, porque ocorre como segundo elemento em diversos onsets complexos. A distribuição de [ɾ] será discutida em quatro partes, de acordo com os quatro grupos de seqüências consonantais encontrados na tabela 3.7.4.

(1) [ɾ] como onset de segmento único (ex.10,35)

[ɾ] ocorre como onset de segmento único nas seqüências $_{ph}$[ɾV…], […V.ɾV…], e […Vj.ɾV…] (ex.10,35). Nestes contextos, [ɾ] ocorre em junturas de palavras e de morfemas, em junturas silábicas dentro de morfema e antes das vogais não-nasais e nasais. Ocorre após a coda [j,j̃], mas não após as codas [p,b,m]. Se compararmos [ɾ] com os sons foneticamente similares [t] e [d,n] (3.7.2), poderemos observar que o único ambiente onde eles ocorrem em comum é como onsets em seqüências $_{ph}$[CV…] e […V.CV…] (porque [t,d] não aparecem nas seqüências […Vj.CV…] ou [...V.CrV...] e [r] não ocorre em seqüências fonéticas [… VB.CV…]). Uma comparação neste contexto mostra que [r] (ex.10) está em contraste com [t] (= /t/) (ex.4), bem como [d,n] em conjunto (=/d/) (ex.5, 6). Com base nestas afirmações, e de acordo com os princípios de Pike, pode-se afirmar que [r] é um fonema separado /r/.

(2) [ɾ] como segundo elemento dos onsets complexos [pɾ, bɾ, mɾ] (ex. 22,23,24)

As distribuições de [pɾ,bɾ,mɾ] são comparadas nos ex. 22,23,24 na tabela 3.7.4. Pelas razões apresentadas abaixo, estas seqüências devem ser consideradas como onsets de dois segmentos fonêmicos (onsets complexos), e como seqüências complexas que funcionam como consoantes únicas.

(a) Como foi demonstrado na seção sobre a divisão de sílabas (3.6), [pɾ,bɾ,mɾ] são, do ponto de vista fonético, sempre onsets. Podem ocorrer no início da frase, da palavra, e do morfema e podem ser precedidos por vogais não-nasais ou nasais, ou pela coda [j,j̃]. Em quase todos os contextos restantes, [ɾ], bem como [p,b,m], são claramente segmentos fonêmicos separados. As seqüências [pɾ,bɾ,mɾ] não ocorrem antes de todas as vogais, nem ocorrem tão freqüentemente na língua como os onsets de segmento único [p,b,m,ɾ]. Conseqüentemente, é improvável que sejam segmentos complexos manifestando um só fonema, sendo compostos quase indubitavelmente de segmentos fonêmicos separados.

(b) No que diz respeito às vogais que as seguem, [pɾ,bɾ,mɾ] mostram o mesmo padrão de nasalização que os onsets bilabias [p,b,m]: [pɾ] é seguido por vogais nasais ou não-nasais, [bɾ] é seguido sempre por vogais não-nasais, e [mɾ] é seguido sempre por vogais nasais. Isto pode ser interpretado como uma nasalização do onset inteiro pela vogal seguinte (v. 5.2). [p,b,m] mostram o mesmo padrão de nasalização neste contexto quando ocorrem como onsets de segmento único. É razoável supor, então, que os segmentos [p,b,m], quando ocorrem nos onsets complexos [pɾ,bɾ,mɾ], têm a mesma interpretação fonêmica de quando ocorrem como onsets simples, isto é, [p] = /p/ e [b,m] = /b/.

(c) Um argumento adicional é que há exemplos em que as seqüências [bɾ,mɾ] ocorrem em junturas de morfemas ou palavras. Nestes casos, a palavra ou o morfema precedente termina em [p,b,m] e a palavra (o morfema) que segue começa com [ɾ]. Em tais junturas, ocorre uma silabificação que resulta em [bɾ,mɾ] como onsets (v. 3.6). O onset complexo nestas situações é composto

claramente de dois segmentos fonológicos. Após o parágrafo seguinte, encontram-se exemplos deste fenômeno.

Em conclusão, [pɾ] pode ser interpretado fonemicamente como /pr/ e [bɾ,mɾ] como /bɾ/. Entretanto, nos casos onde há silabificação destes onsets em junturas de palavras e morfemas, não se pode ter certeza se o primeiro segmento do onset é fonemicamente /p/ ou /b/, porque, como mencionado antes e será discutido no capítulo 5, a distinção entre /p/ e /b/ é neutralizada no final da sílaba. No entanto, de acordo com os princípios de Pike, estes casos seriam transcritos fonemicamente como /bɾ/, porque são foneticamente [bɾ] ou [mɾ]. Por exemplo:

[wa.ˈhu.brɛ]	/wahub ɾɛ/	<wahub ré>	"durante a estação da seca"
[da.ˈj̃ĩ.mrɐ̃]	/da-zib-ro/	<da-nhim-ro>	"coisa que pertence a pessoa"

(3) As seqüências [ʔ.br, ʔ.mɾ]

Como demonstrado em 3.7.1, as seqüências [ʔ.br,ʔ.mɾ] são o resultado da metátese e da silabificação de uma seqüência subjacente /...VB.ʔɾV.../.

(4) [ɾ] como parte do onset complexo [ʔɾ]

A seqüência [ʔɾ] ocorre como onset no início da frase, em junturas de palavra e morfema, e em junturas de sílabas dentro de morfemas (ex.29, 44). [ʔɾ] tem uma distribuição larga, ocorrendo antes (e depois) de vogais não-nasais e nasais, e após a coda [j,j̃]. A seqüência [ʔɾ] pode ser considerada um onset complexo, composto de dois segmentos, pelas seguintes razões:

1) Da mesma forma que [ɾ], [ʔ] é um fonema consonantal separado em outros contextos (v. 3.7.6)

2) [ɾ] é o segundo elemento nos onsets complexos [pɾ, bɾ, mɾ], que são compostos de fonemas consonantais separados. Analogamente, [ɾ] ocorre como o segundo elemento do onset complexo [ʔɾ].

3) Além de ocorrer como primeiro elemento de [ʔɾ], a oclusiva glotal ocorre também como o primeiro elemento de onset nasal nas seqüências [ʔm,ʔw], compostos de consoantes separadas (veja 3.7.7 abaixo sobre /ʔ/). Diferente de [ʔɾ], entretanto, [ʔm,ʔw] têm distribuições muito mais limitadas.

Pelas razões indicadas acima, ocorrências de [ʔɾ] podem ser interpretadas fonemicamente como a seqüência /ʔɾ/. Note-se que este argumento depende crucialmente da interpretação de [ʔ] como manifestação do fonema separado /ʔ/, apresentado a seguir em 3.7.5.

Tabela 3.7.4: Sumário da distribuição de [ɾ] =/ɾ/

		# de ex. em 3.6	seq.	início de enunciado, frase ou palavra	juntura de palavra	juntura de morfema dentro de palavra	(presumida) seqüência dentro de morfema	observações
(1) onset [ɾ]	/ɾ/	(10)	[.ɾ]	ph[ɾV...]	[...V#ɾV...]	[...V-ɾV...]	[...V.ɾV...]	
		(35)	[j.ɾ]	—	[...Vj#ɾV...]	[...Vj-ɾV...]	[...Vj.ɾV...]	
(2) onset [pɾ,bɾ,mɾ]	/pɾ/	(22)	[.pɾ]	ph[pɾV...]	[...V#pɾV...]	[...V-pɾV...]	[...V.pɾV...]	antes de V
		(39)	[j.pɾ]	—	?	[...Vj-pɾV...]	[...Vj.pɾV...]	
	/bɾ/	(23)	[.bɾ]	ph[bɾṼ...]	?	?	[...Ṽ.bɾṼ...]	antes de Ṽ
			[.bɾ]		/...VB#ɾṼ.../ > [...V.bɾṼ...]	?		algums casos com silabificação; v.3.6
		(40)	[j.bɾ]	—	?	?	[...Vj.bɾṼ...]	
		(24)	[.mɾ]	ph[mɾṼ...]	[...V#mɾṼ...]	[...V-mɾṼ...]	[...V.mɾṼ...]	antes de Ṽ
					?	/...VB-ɾṼ.../ > [...V.mɾṼ...]		alguns casos com silabificação; v.3.6
		(41)	[j.mɾ]	—	?	[...Vj-mɾṼ...]	?	
(3) [ʔ.bɾ] and [ʔ.mɾ]	/B.ʔɾ/	(30)	[ʔbɾ]	—	/...VB#ʔɾṼ.../ = [...VʔbɾṼ...]	/...VB-ʔɾṼ.../ = [...VʔbɾṼ...]	[...Vʔ.bɾṼ...]	metátese e silabificação; v.3.6
		(31)	[ʔmɾ]	—	?	/...VB-ʔɾṼ.../ = [...VʔmɾṼ...]	VʔmɾṼ	
(4) onset [ʔɾ]	/ʔɾ/	(29)	[ʔɾ]	ph[ʔɾV...]	[...V#ʔɾV	V-ʔɾV	VʔɾV	
		(44)	[jʔɾ]	—	?	Vj-ʔɾV	VjʔɾV	

3.7.5 Fonema /w/ (aproximante bilabial)

[w] ocorre somente como segmento único de onset ou no onset complexo [ʔw]. Como a coda [j̰,j̃], [w] é um vocóide que funciona como consoante. Neste sentido, argumentos análogos aos que se aplicam a [j̰,j̃], também se aplicam a [w], isto é, pode-se demonstrar, baseado na sua distribuição, que [w] tem todas as características estruturais de uma consoante, pois ocorre na periferia da sílaba (sempre como onset), não é portador de acento ou alongamento, e tem uma distribuição parecida a das outras consoantes. Os dois contextos fonológicos em que [w] ocorre serão examinados abaixo. Note que [w] ocorre nasalizado antes de vogais nasais, mas este fato tem sido ignorado até agora, como sendo de menor importância.

[w] como segmento único de onset

[w] pode ocorrer como segmento único de onset em seqüências ph[wV…], […V.wV…], e […Vj.wV…] (ex.11, 36). Em todos estes tipos de seqüências, [w] ocorre no início da sintagma, em junturas de palavra e de morfema, e em junturas silábicas dentro de morfema. Nestes casos, pode ser seguido por vogais não-nasais ou nasais, mas nunca pelas vogais não-abertas e não-anteriores [u,ɜ,ʌ, ɤ̃] e [o] (<ô>). Uma vez que não se encontra nenhum exemplo de [w] após vogal posterior, acredito que estas combinações são inaceitáveis pelo sistema fonológico Xavante (v. 5.3.1). [w] não ocorre em seqüências […VB.CV…], isto é, depois das codas [p,b,m] (v. 5.3.1). [w] não é foneticamente parecido com qualquer outra consoante em Xavante. Comparando a sua distribuição com os outros segmentos de onset na língua, pode-se dizer que há poucos contextos fonológicos em que [w] não pode estar em contraste com as outras consoantes do Xavante. Com base nestas considerações, pode-se afirmar

que, em qualquer lugar onde [w] ocorra como segmento único de onset, o som manifestará um fonema separado /w/.

[w] como parte do onset complexo [ʔw]

[w] também ocorre na seqüência de onset [ʔw], seguido sempre pela vogal [a] (ex.28, 43). Este onset ocorre nas seqüências $_{ph}$[ʔwV…], […V.ʔw…], e […Vj.ʔwV…] em fronteiras de palavra e morfema, mas não se encontram nos meus dados exemplos claros deste onset dentro de um morfema. Pode-se afirmar que [ʔw] é uma seqüência de duas consoantes fonêmicas por razões semelhantes àquelas apresentadas em 3.7.4 a respeito de [ʔɾ]: a seqüência [ʔw] é composta de dois segmentos que, em outros contextos, são fonemas separados. Além disso, [ʔw] é análogo aos dois outros onsets complexos [ʔm,ʔɾ], que também podem ser interpretados como compostos de duas consoantes separadas.

Pode-se também demonstrar que há ambientes em que [w] e [ʔw] estão em contraste e, portanto, [ʔw] não é alofone ou variante de [w]. No meu corpus, [ʔw] ocorre somente como onset da sílaba [ʔwa] no início da palavra e somente nas seguintes seqüências: $_{ph}$[ʔwa…], […V#ʔwa…], […V-ʔwa…], […Vj#ʔwa…], […Vj-wa…]. Os exemplos abaixo mostram que a sílaba [wa] ocorre também nestes mesmos contextos, indicando que o contexto fonológico não é o responsável pela a presença de [ʔ], como seria o caso se [ʔw] fosse um alofone complexo de [w], ou se [ʔ] fosse uma inserção fonética.

[...V#wa...]	[te.ˈwaː.ɾa]	<te wara>	"ele corre"
[...V#ʔwa...]	[te.ˈʔwãj̃ẽ]	<te ’wanhe>	"ele assa nas cinzas (obj.pl.)" SILD
[...V-wa...]	[da.ˈwa.pru]	<da-wapru>	"sangue"
[...V-ʔwa...]	[da.ˈʔwa]	<da-’wa>	"dente"

[...Vj#wa...]	[ˈduj.wa]	<dui wa>	"no capim"
[...Vj#ʔwa...]	[wa.pi.ˈbuj.ʔwa]	<wa pibui ’wa>	"Eles (dois) cuidam de nós."
[...Vj-wa...]	[te.ʔruj.ˈwa.pa]	<te ’rui-wapa>	"ele tem raiva"
[...Vj-ʔwa...]	[dãˑjʌ̃.ˈhuj.ʔwa]	<da-nhohui-’wa>	"padrinho"

As duas palavras abaixo formam um par aparentemente contrastivo, mas não tenho certeza sobre a possibilidade de divisão morfêmica nos dois:

[ˈni.wa]	<niwa>	“quando”
[nĩˑˈʔwa]	<ni'wa>	“alguém”

3.7.6 Fonema /h/ (fricativa glotal)

[h] ocorre como um onset dentro das seqüências $_{ph}$[hV…], […V.hV…], […VB.h…], e [… Vj.hV…] (ex.12, 25.37). Nestes contextos, [h] ocorre como onset em fronteiras de palavra e de morfema, bem como dentro de morfemas. Da mesma forma que o som [ʔ], [h] pode ocorrer após as codas [p,b,m] e [j,j̃] (v. o capítulo 5). [h] ocorre antes de vogais não-nasais e nasais e, embora não conste nenhum exemplo de [h] seguido por [ĩ] ou [ẽ], é possível que estas seqüências sejam permitidas na língua. Nas seqüências […VB.CV…], [h] ocorre somente antes de [m]. Esta assimilação não está relacionada às vogais adjacentes, como será visto no capítulo 5. [h] não é foneticamente similar a nenhum dos outros segmentos de Xavante e sua distribuição ampla significa que há poucos contextos em que [h] não pode estar em contraste com outras consoantes. Portanto pode-se supor que, em qualquer contexto, [h] manifesta um fonema /h/ separado.

3.7.7 Fonema /ʔ/ (oclusiva glottal)

A oclusiva glotal [ʔ] ocorre como segmento de único onset, como um segmento no final da sílaba e como o primeiro elemento em onsets complexos. Cada um destes contextos será tratado separadamente. Posteriormente, serão discutidos a fonética deste segmento na posição inicial de enunciado e o seu status como fonema.

[ʔ] como onset (ex.13, 26.38)

O som [ʔ] ocorre como onset dentro das seqüências $_{ph}$[ʔV…], […V.ʔV…], […VB.ʔV…], e [… Vj.ʔV…] (ex.13,26,26A,38). [ʔ] ocorre em todos estes contextos em junturas de palavra e de morfema, bem como dentro de morfema. A oclusiva glotal também ocorre antes de todas as vogais nasais e não-nasais. Igualmente à fricativa glotal [h], a oclusiva glotal ocorre em seqüências […VB.CV…] e […Vj.CV…]. Em seqüências […VB.CV…], a oclusiva glotal [ʔ] é precedida pela coda [b] ou [m] (ex. 26,26A; v. capítulo 5). A oclusiva glotal é foneticamente diferente das outras consoantes em Xavante e não há nenhum contexto em que, como onset, [ʔ] não seja fonemicamente distinto de outras consoantes. Portanto, pode-se concluir que [ʔ] pertence a um fonema /ʔ/ separado.

[ʔ] como segmento no final da sílaba (ex, 30.31)

As seqüências […Vʔ.brV…] e […Vʔ.mrṼ…] podem ser vistas nos exemplos (30) e (31). Como mencionado na seção 3.6 (sobre divisão silábica), os exemplos em que as sílabas fonéticas terminam com [ʔ] são todos exemplos de metátese da seqüência subjacente /...VB#ʔrV.../. Fonologicamente, no que diz respeito à distribuição de [ʔ], estes exemplos representam casos da coda /B/ seguida por /ʔr/.

[ʔ] como o primeiro elemento de onsets complexos (ex.27,28,29,42,43,44)

[ʔ] ocorre nas seqüências $_{ph}$[ʔCV…], […V.ʔCV…], e […Vj.ʔCV…] (ex. 27,28,29,42,43,44). Foi indicado em 3.7.4 que os onsets [ʔm] e [ʔw] são de distribuição extremamente limitada, enquanto a distribuição do onset [ʔr] é ampla. Indicou-se antes também que, fonologicamente, todas estas três seqüências de onset consistem em segmentos separados e começam com /ʔ/. Em uma transcrição fonêmica, seriam escritos como /ʔb/, /ʔw/, /ʔr/. Uma prova adicional de que [ʔ] é um fonema segmental se encontra nos exemplos em 3.7.6 acima onde se mostra que, no caso do onset [ʔw], a oclusiva [ʔ] não é uma inserção fonética antes de [w].

A fonética de /ʔ/ no início da enunciação

Após uma pausa significativa, ou seja, no começo de um enunciado, a oclusiva glotal pode ser difícil ou impossível de ser ouvida (ou para ser vista num espectrograma). Isto acontece mesmo quando o enunciado começa com um onset simples (i.e., $_{enu}$[ʔV…]), ou quando começa com um dos onsets complexos [ʔm,ʔw,ʔr]. No discurso lento e cuidadoso, a glotal no início do enunciado ocorre claramente. Em algumas ocasiões, meu informante me corrigiu quando comecei um enunciado com [ɾ] ou [w] e que deveria começar com [ʔɾ] ou [ʔw]. Normalmente, a oclusiva glotal no início do enunciado está em variação livre com formas enfraquecidas dela própria, e pode até desaparecer completamente. Entretanto, quando a oclusiva glotal ocorre no meio de um enunciado em discurso contínuo normal, é sempre manifesta, embora possa ser menos clara sua manifestação no discurso rápido, ao ponto de ocorrer somente como um som de *creaky voice* nas vogais adjacentes. Nos exemplos em 3.4 e em 3.5, as formas enfraquecidas geralmente são transcritas como [ʔ]. Embora o enfraquecimento ou desaparecimento freqüente, mas inconsistente, de [ʔ] no início do enunciado seja

um caso de variação livre, essa flutuação não é considerada na análise fonológica apresentada aqui, e supõe-se que o /ʔ/ está fonologicamente presente mesmo quando sua ocorrência fonética é duvidosa.

[ʔ] é uma inserção fonética?

Quintino argumenta que [ʔ] em Xavante é um onset *default* que ocorre obrigatoriamente e previsivelmente no início da palavra (Quintino 2000, p. 64-65). Uma situação como esta ocorre em alemão, onde a oclusiva glotal "indica apenas o começo de uma possível sílaba sem Onset" (SPENCER 1996, p. 80 apud QUINTINO, 2000, p. 64). Para Quintino, a oclusiva glotal em Xavante é não-fonêmica quando ocorre antes de uma vogal no início da palavra-inicial, enquanto é fonêmico em todos os outros contextos (no meio da palavra ou nos onsets complexos [ʔw,ʔr,ʔm]).

A objeção principal que pode ser levantada contra esta análise é que o [ʔ] manifesta um comportamento muito similar às outras consoantes. [ʔ] ocorre em todos os tipos de juntura, inclusive junturas de sílaba dentro de morfema, e pode ser seguido por todos os tipos de vogais. Igualmente às outras consoantes, [ʔ] ocorre nas seqüências V^1CV^1 que são comuns em palavras em Xavante (v. 3.8). De acordo com alguns exemplos do SILD, [ʔ] altera morfofonologicamente com [ɾ] em algumas palavras; por exemplo, <pu'u> “derramar” torna-se <puru> no final da frase. Sua distribuição como onset é quase idêntica a /h/ e sua ocorrência no onset [ʔɾ] é análoga a [p,b,m] nos onsets [pɾ,bɾ, mɾ], embora estes últimos tenham uma distribuição muito mais limitada. Além disso, a análise de Quintino requer um acréscimo ao inventário dos tipos silábicos pela adição de dois tipos de sílabas: V e VC. Uma análise que trata [ʔ] em todos os contextos como consoante fonêmica igual às outras tem a vantagem de ser uma maneira mais simples de explicar sua distribuição.

3.8 Fonemas vocálicos em Xavante

Cada fonema vocálico será discutido separadamente em uma seção própria. Os contrastes fonêmicos a serem demonstrados estão ilustrados no diagrama 3.8A. Note-se a simetria na correspondência entre vogais nasais e não-nasais. As setas no diagrama mostram os contrastes apresentados nas seções a seguir, onde será visto que cada vogal nasal está em relação fonológica com as vogais não-nasais que aparecem ligadas no diagrama.

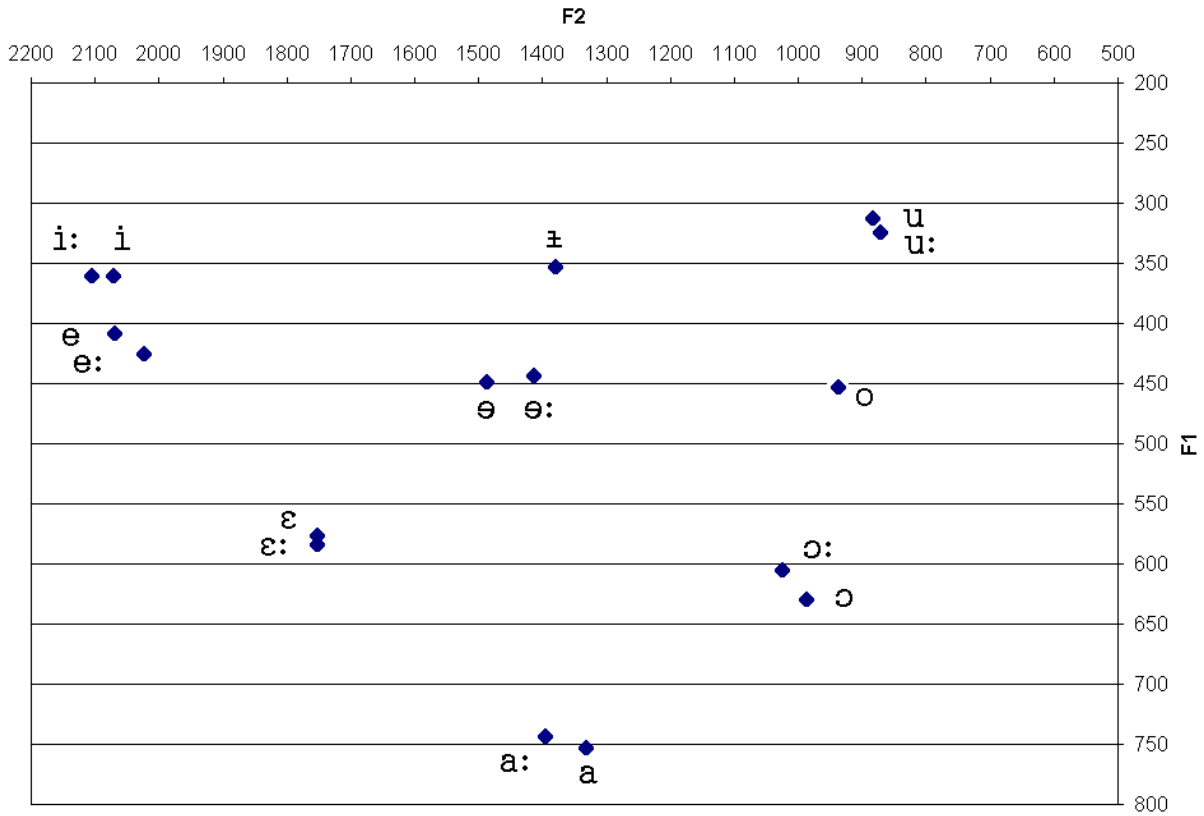
Diagrama 3.8A: Relações de contraste (<———>) e complementaridade (<- - - ->) demonstradas nas seções 3.8.1–3.8.6

anterior		central		posterior		
i	ĩ			u		fechada
e				o		meio-fechada
ɛ	ɛ̃	ɜ		ʌ	ʌ̃	meio-aberta
		a	ɐ̃			aberta

A relação acústica entre as vogais não-nasais está ilustrada no diagrama 3.8B (os dados provêm de um trabalho de final de curso em fonética acústica que fiz na UNICAMP em 2004). Com base em cinco exemplos gravados de cada vogal, o diagrama mostra as freqüências fundamentais médias de F1 e F2 das vogais não-nasais em Xavante, enunciadas por meu informante principal, Euzebio Prowari. As vogais alongadas foram gravadas e medidas separadamente, mas pode-se observar que são virtualmente idênticas as suas contrapartidas não-

alongadas. Para gravar a vogal central elevada [ɨ] (<y>), mostrei um material escrito ao meu informante e pedi-lhe especificamente para que pronunciasse este som (cf. 3.3). As freqüências da vogal [o] (<ô>) foram calculadas com base em um único exemplo. Pode-se observar também que a posição das vogais no diagrama é isomórfica em relação àquelas da tabela tradicional de vogais baseada em critérios articulatórios. [i] e [e] estão muito próximos na tabela, porém são distinguidos mais claramente pelo F3, onde [i] tem a média de 2800 hertz e [e] a média de 2600 hertz.

Diagrama 3.8B: Quadrilátero vocálico dos valores médios de F1 e F2 das vogais não-nasais em Xavante ([ə] = [ɜ], [ɔ] = [ʌ])



3.8.1 Vogais anteriores fechadas [i] e [ĩ]

Com base na análise fornecida nos exemplos (A) e (B) em 3.5, apresento uma comparação resumida da distribuição de [i] e [ĩ] no diagrama 3.8.1.

Diagrama 3.8.1: Comparação da distribuição de [i] e [ĩ]

1) [i] e [ĩ] em sílabas abertas C(C)V(:)

Tabela de possíveis sílabas abertas com C(C) + [i, ĩ] (i.e. [pi], [bi], [mi], [ti], etc.)
A marca de verificação (✓) indica que a combinação C(C)V apresentada na tabela aparece como uma sílaba em exemplos de morfemas em Xavante.

	/p/	/b/		/t/	/d/		/s/	/z/		/ɾ/	/w/	/h/	/ʔ/
CV.	[p]	[b]	[m]	[t]	[d]	[n]	[s]	[z]	[j]	[ɾ]	[w]	[h]	[ʔ]
[i]	✓	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓	✓
[ĩ]	✓		✓	✓		✓			✓	✓	✓		✓

	/pɾ/	/bɾ/ ou /Bɾ/		/ʔɾ/
CCV.	[pɾ]	[bɾ]	[mɾ]	[ʔɾ]
[i]	✓			✓
[ĩ]	✓		✓	

2) [i] e [ĩ] em sílabas fechadas C(C)VB

[i] exemplos após onset [s]

[ĩ] exemplos após onsets [j, m]

3) [i] e [ĩ] em sílabas fechadas C(C)Vj

[i] sem exemplos

[ĩ] sem exemplos

A tabela acima demonstra que [i] aparece somente após os alofones não-nasais de /b,d,z/ e que [ĩ] aparece somente após os alofones nasais destes fonêmas. Pode-se constatar que [i] e [ĩ] ocorrem após todos os possíveis onsets simples da língua. Com base nesta distribuição contrastiva, conclui-se que [i] e [ĩ] pertencem a dois fonemas diferentes, /i/ e /ĩ/. O fato de [i] nunca ocorrer após [s,h] é uma peculiaridade da distribuição desta vogal que precisa ser explicada.

No que diz respeito à ocorrência de [i, ĩ] depois de onsets complexos, não encontrei nenhum exemplo da seqüência [bri] nos meus dados, mas é possível que esta seqüência ocorra na língua. Como é de se esperar, devido à nasalização de onsets (veja 5.3), não há nenhum exemplo das sílabas [bɾ̃ĩ] ou [mɾi]. O onset [ʔɾ] ocorre em muitas palavras em uma ampla variedade de contextos, mas este onset nunca aparece antes de [ĩ,ɐ̃]. Não há nenhum exemplo de [i,ĩ] seguido pelas semivogais [j̰,w̰], que são foneticamente quase idênticas a [i,ĩ]. A distribuição extremamente limitada de [i,ĩ] (e de outras vogais) em sílabas C(C)VB requer uma explanação fonológica e o assunto merece maior atenção em estudos a serem realizados posteriormente.

Encontram-se abaixo alguns exemplos [i,ĩ] em contextos parecidos, exemplificando o contraste entre [i] e [ĩ]:

[ʔu.ˈpi]	/upi/	"peixe elétrico"
[ɾʌ.ˈpĩ]	/ɾʌpĩ/	"mel (de abelha)"
[za.ˈɾi.nẽ]	/zaɾidã/	"atrás de"
[te.so.ˈɾ̃ĩː.nĩ]	/te sʌɾ̃ĩdi/	"ele procura"
[wi.ʔi]	/wiʔi/	"perdiz"
[te.ˈwĩ.ɾ̃ĩ.ˈʔɐ̃.di]	/te wĩɾ̃ĩ ɐ̃ di/	"eu não o matei"
[te.ʔup.ˈsiː.bi]	/te upsibi/	"ele cobre (cobrir)"
[sĩˈmɾ̃ĩʔɜ]	/sibɾ̃ĩʔɜ/	"feitiço"

3.8.2 Vogais anteriores meio-fechadas e meio-abertas [e,ɛ,ẽ]

Com base na análise fornecida nos exemplos (C),(D),(E) em 3.5, apresento no diagrama 3.8.2 uma comparação resumida da distribuição de [e,ɛ,ẽ].

Diagrama 3.8.2: Comparação da distribuição de [e,ɛ,ẽ]

1) [e,ɛ,ẽ] em sílabas abertas C(C)V(:)

Tabela de possíveis sílabas abertas com C(C) + [e,ɛ,ẽ] (i.e. [pe], [se], [me],[te],etc.)

A marca de verificação (✓) indica que a combinação C(C)V apresentada na tabela aparece como uma sílaba em exemplos de morfemas em Xavante.

	/p/	/b/		/t/	/d/		/s/	/z/		/ɾ/	/w/	/h/	/ʔ/
CV.	[p]	[b]	[m]	[t]	[d]	[n]	[s]	[z]	[j]	[ɾ]	[w]	[h]	[ʔ]
[e]	✓	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓	✓
[ɛ]	✓	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓	✓
[ẽ]	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓		✓

	/pɾ/	/bɾ/ ou /Bɾ/		/ʔɾ/
CCV.	[pɾ]	[bɾ]	[mɾ]	[ʔɾ]
[e]	✓	✓		✓
[ɛ]	✓	✓		✓
[ẽ]			✓	✓

2) [e, ɛ, ẽ] em sílabas fechadas C(C)VB

[e] exemplos após onset [ʔɾ] (poucos exemplos)

[ɛ] exemplos após onsets [t, s, z]

[ẽ] exemplos após onsets [w] (poucos exemplos)

3) [e, ɛ, ẽ] em sílabas fechadas C(C)Vj

[e] exemplos após onsets [w, s, ɾ, ʔɾ]

[ɛ] exemplos após onsets [t, ɾ, ʔɾ]

[ẽ] exemplos após onsets [m,ʔ]

O diagrama 3.8.2 mostra que [e,ɛ] ocorrem após todos os possíveis onsets não-nasais em Xavante. A vogal nasal [ẽ] ocorre após todos os onsets nasais e após todos os onsets que não têm contrapartes nasais, à exceção de [h] (isto é, [ẽ] não ocorre após [b,d,z,bɾ] e [h]). Assim, com exceção de /h/, estas três vogais aparecem nas sílabas C(C)V depois de todos os possíveis onsets fonêmicos em Xavante. Pode-se concluir, portanto, que os três sons são manifestações de três fonemas separados, /e,ɛ,ẽ/. (A sílaba [hẽ] ocorre no dicionário do SIL como <hẽ> na palavra “ariranha; onça da água", mas meu informante não reconhece esta palavra e não poderia pensar em nenhuma outra palavra com esta combinação de sons.)

Os exemplos dos meus dados de [e,ɛ,ẽ] em sílabas fechadas são de tal maneira limitados que não servem de base para generalizações úteis. Mas, como no caso das outras vogais em Xavante, sua distribuição limitada em sílabas fechadas requer uma explanação.

Seguem-se abaixo alguns exemplos de pares mínimos e análogos que mostram o contraste entre [e,ɛ,ẽ].

[e] vs. [ɛ]

[ˈweː.de]	/wede/	"árvore"
[sɛp.ˈsɛː.dɛ]	/sɛpsɛdɛ/	"tipo de pássaro"
[te.si.ˈsa.ʔɾe]	/te sisaʔɾe/	"eles correm"
[te.ˈʔaj.ʔa.ˈba.ʔɾɛ]	/te ʔai'abaʔɾɛ/	"eles vão"
[dãˑj̃ĩ.sɛ]	/da-zĩsɛ/	"ombro"
[ma.to.ˈti.sẽ]	/ma to tisẽ/	"ele o colocou"

[e] vs. [ẽ]

[we]	/we/	"direção para cá"
[ˈwẽ]	/wẽ/	"bom, bem"
[ʔĩ.ˈpe]	/ʔĩ-pe/	"pessoa boníssima"
[da.ˈpẽ]	/da-pẽ/	"barriga; abdômen"
[ˈtẽ.mẽ]	/tẽbẽ/	"a (ao, à) – posposição"
[ˈte.be]	/tebe/	"peixe comestível"
[te.wa.ˈze.ɾe.ˈʔʌ̃.di]	/te wadzeɾe ʌ̃ di/	"eu não tirei algo"
[te.ˈʔwã.j̃ẽ]	/te .ˈʔwãzẽ/	"ele assa coisas nas cinzas" (forma sintagma-medial: <'wanherẽ>)

[ɛ] vs. [ẽ]

[pɛ]	/pɛ/	"neste caso"
[da.ˈpẽ]	/da-pẽ/	"barriga; abdômen"
[ʔĩ.ˈsɛː.ɾɛ]	/ʔĩ-sɛɾɛ/	"cabelo"
[te.sẽ.ɾẽ.ˈʔʌ̃.di]	/te sẽrẽ ʔʌ̃ di/	"ele não colocou"

3.8.3 Vogais centrais [ɜ,a,ẽ]

Com base na análise fornecida nos exemplos (F),(G) e (H) em 3.5, apresento no diagrama 3.8.3 abaixo uma comparação resumida da distribuição de [ɜ,a,ẽ].

Diagrama 3.8.3: Comparação da distribuição de [ɜ,a,ẽ]

1) [ɜ,a,ẽ] em sílabas abertas C(C)V(:)

Tabela de possíveis sílabas abertas com C(C) + [ɜ,a,ẽ] (i.e. [pɜ], [bɜ], [mɜ], [tɜ], etc.) A marca de verificação (✓) indica que a combinação C(C)V apresentada na tabela aparece como uma sílaba em exemplos de morfemas em Xavante.

	/p/	/b/		/t/	/d/		/s/	/z/		/ɾ/	/w/	/h/	/ʔ/
CV.	[p]	[b]	[m]	[t]	[d]	[n]	[s]	[z]	[j]	[ɾ]	[w]	[h]	[ʔ]
[ɜ]	✓	✓		✓	✓			✓		✓		✓	✓
[a]	✓	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓	✓
[ẽ]	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓

	/pɾ/	/bɾ/ ou /Bɾ/		/ʔɾ/		/ʔb/	/ʔw/
CCV.	[pɾ]	[bɾ]	[mɾ]	[ʔɾ]		[ʔm]	[ʔw]
[ɜ]				✓			
[a]	✓	✓		✓			✓
[ẽ]	✓		✓	✓		✓	

2) [ɜ,a,ẽ] em sílabas fechadas C(C)VB

[ɜ] exemplos após onsets [t,z,h] (poucos exemplos)

[a] exemplos após onsets [p,w,ʔ,s]

[ẽ] exemplos após onsets [j,mɾ] (poucos exemplos)

3) [ɜ,a,ẽ] em sílabas fechadas C(C)Vj

[ɜ] exemplos após onsets [b,ʔ,h,t]

[a] exemplos após todos os onsets, menos [b,t,pɾ,bɾ]

A distribuição de [ɜ,a,ẽ] nas sílabas C(C)V(ː) é quase idêntica àquela de [e, ɛ, ẽ] (3.8.2). Desse modo, aplica-se, nos dois casos, o mesmo argumento em relação a seu contraste fonêmico. As vogais centrais estão em contraste em quase todos os contextos fonêmicos em possíveis sílabas abertas, à exceção, neste caso, da falta da combinação [wɜ]. Portanto, pode-se concluir que os três sons [e,ɛ,ẽ] representam três fonemas separados, /ɜ,a,ẽ/ respectivamente. Note-se o acréscimo, no diagrama 3.8.3 acima, das sílabas excepcionais [ʔmẽ, ʔwa]. Note-se também que, como mencionado antes em relação aos outros sons vocálicos, a distribuição limitada das vogais nas sílabas fechadas requer uma explicação.

Seguem-se abaixo exemplos de pares mínimos e quase-mínimos que ilustram o contraste entre [ɜ,a,ẽ].

[ɜ] vs. [a]

[daˈba]	/da-ba/	"costas"
[bɜ]	/bɜ/	"urucum"
[ˈʔaj.ba]	/aj-ba/	"dentro de você"
[ʔaj.ˈbɜ]	/aibâ/	"homem"
[zɜ]	/zɜ/	"chocalho"
[za]	/za/	"marcador de futuro"
[ʔɾa.wa]	/ʔrawa/	"paca"
[ʔɾɜ.wi]	/ʔɾɜwi/	"perto" - "no íntimo"
[pɜ]	/pɜ/	"por acaso"
[pa]	/pa/	"córrego" (exemplo escrito)

[ɜ] vs. [ɛ̃]

[hɜ]	/hɜ/	"casa dos *wapté* "
[hɛ̃]	/hɛ̃/	"palavra que indica ênfase"
[ʔu.ˈʔɜ]	/ʔuʔɜ/	"constantemente; sempre"
[ʔu.ˈʔɛ̃]	/ʔuʔɛ̃/	"jabuti"
[hɜ.ˈtɜ.ɾɛ̃]	/hɜtɜɾɛ̃ /	"nome de um dos ouo grupo de faixa etária"
[mɛ̃ˈto.wap.ˈtɛ̃ː.ɾ̃ɾɛ̃]	/bɛ̃ tʌ waptɛ̃ɾɛ̃/	"ele caiu"

[a] vs. [ɛ̃]

[ˈɾaː.di]	/ɾa di/	"está sujo"
[ˈɾɛ̃ːdi]	/ɾɛ̃ di/	"está limpo"
[te.ˈwaː.ɾa]	/te waɾa/	"ele corre"
[ˈwa.ɾ̃ɛ̃]	/waɾɛ̃/	"reunião dos homens"
[mɛ̃.to.ˈtiːsa]	/bɛ̃ tʌ ti-sa/	"ele já comeu"
[mɛ̃.to.ˈti.sɛ̃]	/bɛ̃ tʌ ti-sã/	"ele o levantou"

3.8.4 Vogal posterior [u]

A distribuição da vogal [u] é resumida abaixo no diagrama 3.8.4, com base na informação do exemplo (l) na seção 3.5. Pode-se concluir que [u] representa um fonema separado, com base em sua diferença fonética em relação aos outros sons vocálicos em Xavante e em sua distribuição em comparação à distribuição das outras vogais da língua. [u] ocorre em sílabas abertas depois de todos os onsets fonêmicos possíveis, com a exceção de /w/. Note-se também que nas sílabas C(C)Vj, [u] aparece, em meus dados, após todos os onsets fonêmicos, exceto [p,w] (sobre a impossibilidade de [wu] em Xavante, v. 3.7.5). Todas as outras vogais em Xavante, exceto [a], ocorrem após um número muito mais limitado de onsets em tais sílabas. (Embora a tabela de Pike tenha [u] e [o] relacionados como foneticamente similares, estes dois sons não serão comparados aqui porque, como demonstrado em 3.8.6, [o] mantém claramente algum tipo de relação fonológica com [ʌ] e [ʌ̃].)

Diagrama 3.8.4: Resumo da distribuição da vogal [u]

1) [u] em sílabas abertas C(C)V(:)

Tabela de possíveis sílabas abertas com C(C) + [u] (i.e. [pu], [bu], [mu], [tu], etc.) A marca de verificação (✓) indica que a combinação C(C)V apresentada na tabela aparece como uma sílaba em exemplos de morfemas em Xavante.

	/p/	/b/		/t/	/d/		/s/	/z/		/ɾ/	/w/	/h/	/ʔ/
CV.	[p]	[b]	[m]	[t]	[d]	[n]	[s]	[z]	[j]	[ɾ]	[w]	[h]	[ʔ]
[u]	✓	✓		✓	✓		✓	✓		✓		✓	✓

	/pɾ/	/bɾ/ ~ /Bɾ/		/ʔɾ/
CCV.	[pɾ]	[bɾ]	[mɾ]	[ʔɾ]
[u]	✓	✓		✓

2) [u] em sílabas fechadas C(C)VB :

[u] exemplos após [d,s,h,ʔ,pɾ]

3) [u] em sílabas fechadas C(C)Vj :

[u] exemplos após todas as onsets não-nasais, menos [p,w]

3.8.5 Vogais posteriores, meio-abertas e meio-fechadas [o,ʌ,ɤ̃]

Com base na análise fornecida nos exemplos (J),(K) e (L) em 3.5, apresento no diagrama 3.8.5 uma comparação resumida da distribuição de [o,ʌ,ɤ̃].

Diagrama 3.8.5: Comparação da distribuição de [o, ʌ, ɤ̃]

1) [o,ʌ,ɤ̃] em sílabas abertas C(C)V(:)

Tabela de possíveis sílabas abertas com C(C) + [o,ʌ,ɤ̃] (i.e. [po],[bo],[mo],[to], etc.)

A marca de verificação (✓) indica que a combinação C(C)V apresentada na tabela aparece como uma sílaba em exemplos de morfemas em Xavante.

	/p/	/b/		/t/	/d/		/s/	/z/		/ɾ/	/w/	/h/	/ʔ/
CV.	[p]	[b]	[m]	[t]	[d]	[n]	[s]	[z]	[j]	[ɾ]	[w]	[h]	[ʔ]
[o]				✓			✓	✓					
[ʌ]	✓	✓		✓	✓					✓		✓	✓
[ɤ̃]			✓	✓		✓	✓		✓	✓		✓	✓

	/p ɾ/	/b ɾ/ ~ /B ɾ/		/ʔɾ/
CCV.	[pɾ]	[bɾ]	[mɾ]	[ʔɾ]
[o]				
[ʌ]	✓	✓		✓
[ɤ̃]	✓		✓	

2) [o, ʌ, ɤ̃] em sílabas fechadas C(C)VB

[o] sem exemplos

[ʌ] exemplos após [t,ɾ]

[ɤ̃] exemplos encontrados em SILD

3) [o, ʌ, ɤ̃] em sílabas fechadas C(C)Vj

[o] sem exemplos

[ʌ] exemplos após [t,ʔ,ʔɾ]

[ɤ̃] exemplos após [m,s,n,ʔ,mɾ]

Comparando-se [ʌ] e [ɐ̃], pode-se observar que [ɐ̃] pode ocorrer depois de /s,z/, mas [ʌ] não. Os dois sons ocorrem em sílabas abertas depois dos onsets fonêmicos /b,t,d,ɾ,h,ʔ,bɾ/. Nem [ʌ] nem [ɐ̃] aparecem depois de [w], porque aparentemente, há uma proibição geral em Xavante contra a ocorrência de [w] antes de vogais não-abertas e não-anteriores (v.3.7.5). A comparação da distribuição destas duas vogais, no que diz respeito aos onsets precedentes, então, não demonstra um padrão de contraste completo. Mesmo assim, as duas aparecem em muitos contextos comuns. Considerando isso quanto aos exemplos abaixo de pares mínimos e análogos, e levando-se em conta os contrastes análogos entre outros pares de vogais não-nasais e nasais em Xavante (/i,ĩ/, /ɛ,ɛ̃/, /a,ã/), pode-se concluir que [ʌ] e [ɐ̃] representam dois fonemas separados, isto é, /ʌ/ e /ɐ̃/.

Quando [o] e [ʌ] são comparados, pode-se constatar que estão em uma relação de distribuição quase complementar. Como mencionado antes, a vogal [o] limita-se a ocorrer em duas palavras: o marcador de aspecto [to], **<tô>**, “ação terminada", e a posposição [so]/[zo], **<sô>**/**<zô>** “para, em busca de". Assim como à maior parte das posposições, **<sô>**/**<zô>** pode ocorrer com os prefixos de possuidor. As duas palavras, **<tô>** e **<sô>**/**<zô>**, ocorrem freqüentemente na língua e podem ser acentuadas. A vogal [ʌ] nunca aparece depois de [s] ou [z], mas aparece depois de [t] em muitas palavras, inclusive no morfema [tʌ], **<to>**, “alegria”.

Uma interpretação possível desta situação é dizer que [ʌ] e [o] são alofones do mesmo fonema e que a palavra **<tô>** é uma exceção. Se **<tô>** fosse ignorado, a distribuição em conjunto de [ʌ,o] depois de onsets fonêmicos se torna quase idêntica à distribuição de [ɐ̃], sendo a única exceção a falta de ocorrência da combinação [ʔɾɐ̃]. Isso é uma clara evidência do contraste fonêmico entre /ʌ/ e /ɐ̃/. Uma outra interpretação seria dizer que o som [o] é um fonema separado, em contraste com [ʌ] no par mínimo [to] vs. [tʌ]. Esta é a solução implícita nas análises de McLeod (1974: 140) e Quintino (2000, p. 30), cujos exemplos da vogal [o] são da palavra [to] (**<tô>**). (Lembre-se que, na ortografia de Xavante desenvolvida pelos missionários do SIL, [o] é escrito como **<ô>** e [ʌ] é escrito como **<o>**.) Para os dois

estudiosos, o inventário fonêmico do Xavante contém um fonema /o/, separado de /ʌ/. Esta interpretação tem a vantagem de manter a simetria nos contrastes das vogais não-altas, onde um fonema vocálico nasal contrasta com dois fonemas vocálicos não-nasais (isto é, /e,ɛ,ẽ/, /ɜ,a,ɐ̃/, /o,ʌ,ɑ̃/; v. diagrama 3.8A). Como pode ser visto no quadrilátero acústico apresentado anteriormente (diagrama 3.6B), o som [o] é acusticamente distinto do das outras vogais – isto dentro de uma língua onde não há alofones vocálicos proeminentes e onde cada som vocálico é geralmente distinto dos outros, exceto no discurso muito rápido. Escolhi tratar [o] como um alofone de /ʌ/ nas transcrições fonêmicas nesta tese, mas é preciso um maior número de evidências para defini-lo claramente como uma manifestação de um ou outro fonema. Como a maior parte das outras vogais, [ʌ,ɑ̃] ocorrem após uma variedade limitada de consoantes em sílabas fechadas. A questão permanece: por que não há mais palavras em Xavante com as seqüências [so,zo]?

Seguem-se abaixo alguns exemplos em contextos parecidos, que ilustram o contraste entre [ʌ] e [ɑ̃].

[ˈʔʌː.dʌ]	/ʔʌdʌ/	"cigarra"
[ba.ʔɑ̃ː.nɑ̃]	/baʔɑ̃dɑ̃/	"menina; garota"
[dɑ̃.j̃ɑ̃.ˈr̃ɑ̃.wa]	/da-zɑ̃ɾɑ̃wa/	"residência; lar; casa"
[ʔa.nɐ̃.ˈrʌ.wa]	/ʔadɐ̃rʌwa/	"um dos oito grupo de faixa etária"
[hi.ʔrɐ̃.ˈtiː.tɑ̃]	/hiʔrɐ̃titɑ̃/	"de joelhos; ajoelhado"
[ʔa.pi.ˈtʌ]	/ʔapitʌ /	"chefe; senhor; patrão"
[hʌ.ʔʌ.r̃ɐ̃]	/hʌʔʌɾɐ̃/	"tipo de lagarto; iguana"
[mɑ̃.ˈʔɑ̃.nĩ]	/mɑ̃ʔɑ̃dĩ/	"cará"
[mɐ̃.ˈto.wa.ˈtʌː.brʌ]	/bɐ̃ tʌ watʌbrʌ/	"ele saiu (sair)"
[te.ʔa.ˈsa.mr̃ɑ̃]	/te ʔa-sabrɑ̃/	"eles correm (dual)"

4.0 Fonologia refletida na ortografia Xavante

Este capítulo examina a ortografia Xavante com o propósito de mostrar como alguns dos problemas fonológicos tratados no capítulo 3 refletem-se no desenvolvimento de sistemas ortográficos para a língua. A origem das várias ortografias Xavante é narrada na seção 4.1. A seção 4.2, por sua vez, examina como os missionários que estudavam o Xavante cumpriram os princípios de Pike para a criação de uma ortografia e indica as dificuldades que tiveram em tratar da oclusiva glotal, de codas, da sílaba e de vogais alongadas.

4.1 Origem das diferentes ortografias Xavante

Mesmo sendo considerado do ponto de visto lingüístico, histórico ou sociológico, o desenvolvimento do sistema ortográfico Xavante é por si só um tópico interessante. Atualmente há três ortografias diferentes usadas para escrever em Xavante. O número de falantes da língua é de aproximadamente 13.000 pessoas, o que é uma grande quantidade para uma língua indígena brasileira, embora diminuta em comparação à língua nacional. Nas T.I.s Xavante, a instrução escolar somente tornou-se generalizada, precariamente, nos últimos 40 anos. Embora eu não tenha informações sobre o bilingüismo e a alfabetização entre os Xavantes, a minha impressão é que os jovens somente aprendem português entrando na escola e que muitos nunca aprendem a falar fluentemente. Os residentes de São Marcos têm contato com o português somente na missão e nas escolas dentro da T.I. ou em visitas à cidade de Barra do Garças, a três horas de distância de São Marcos. Conforme observei nas minhas visitas a São Marcos e em recolher de outras fontes, os Xavantes têm pouca necessidade de ler ou

escrever em sua própria língua.[5] É interessante, embora não surpreendente, dada a experiência de outras comunidades indígenas no Brasil, que questões sobre a ortografia tenham sido, em várias ocasiões, um assunto de intensas discussões dentro das comunidades Xavantes. A influência de estranhos, mais frequentemente missionários, adiciona outra dimensão crucialmente importante ao assunto.

Lachnitt (1998) descreve o processo que conduziu à criação, em 1976, de uma ortografia "unificada" para a língua, um processo que foi conectado intimamente às atividades dos missionários do MSM e do SIL. As missões salesianas, que mais tarde se transformariam no núcleo das T.I.s Sangradouro e São Marcos, foram estabelecidas em 1957 e 1958 respectivamente. Nessa época, os Salesianos começaram a estudar Xavante, desenvolvendo um sistema ortográfico para uso em suas missões. Ao mesmo tempo, os missionários do SIL começaram a estudar a língua e também a desenvolver um sistema ortográfico. Como mencionado anteriormente em 2.5, foram os missionários do SIL que produziram os primeiros estudos lingüísticos sobre Xavante. As duas ortografias diferiram consideravelmente, como pode ser visto nos exemplos da tabela 4.2 mais adiante.

Uma ortografia única para a língua Xavante, baseada num acordo entre a ortografia do SIL e a ortografia salesiana, foi estabelecida num encontro patrocinado pela FUNAI, que durou quase uma semana, em junho de 1976. O encontro aconteceu na missão salesiana na T.I. São Marcos, e contou com representantes da FUNAI, das duas organizações missionárias, do Museu Nacional do Rio de Janeiro e das comunidades Xavante de Marechal Rondon e Culuene (atual Parabubure) – lugares onde os missionários do SIL foram ativos –

---

[5] Esta situação pode ter sido alterada de maneira significativa, pois a última vez em que meu informante principal me visitou, ele passou muito tempo trocando mensagens em Xavante no MSN Messenger.

e das T.I.s Sangradouro e São Marcos – localidades das missões Salesianas. Lachnitt cita o missionário Joan Hall do SIL, que escreveu sobre esta reunião:

> Embora houve uma certa pressão na parte da comunidade hospedeira por constituírem eles a maioria, todos os participantes, tanto os Xavánte como também os representantes dos outros órgãos, participaram nas discussões. Fizeram representações a favor, ou não, das mudanças sugeridas. As reuniões foram moderadas por uma lingüista do Museu Nacional e as decisões foram tomadas livremente sem serem forçadas por um outro elemento. (LACHNITT, 1998, p. 57)

Em seguida, Lachnitt afirma, "Na verdade, o acordo regeu-se menos por critérios lingüísticos, mas por concessões feitas reciprocamente".

Em 1999, algumas mudanças foram feitas na ortografia usada nas publicações do SIL e nas escolas das T.I.s Marechal Rondon e Parabubure. Isto fez com que as ortografias do SIL e dos salesianos divergissem mais uma vez em alguns pontos (veja tabela 4.1). Note que estas mudanças recuavam frente a algumas decisões da reunião de 1976, mudando **<ts>** e **<dz>** para as letras **<s>** e **<z>**, que tinham sido anteriormente usadas nessas comunidades. Segundo o funcionário do SIL, Alec Harrison (c.p.), a grafia com **<dz,ts>** foi escolhida porque as pessoas mais velhas em São Marcos e Sangradouro pronunciavam estes sons como africadas. Os Xavantes das T.I.s Marechal Rondon e Parabubure sempre pronunciavam os dois sons como simples fricativas e nunca aceitaram essa mudança na ortografia.

Como contado em Quintino (1998), mais um sistema de ortografia Xavante foi desenvolvido por três aldeias na T.I. Pimentel Barbosa, como parte de um projeto de desenvolvimento cultural financiado pela UNICEF. Os residentes das aldeias Pimentel Barbosa (Etêñiritipa), Caçula e Tanguro pediram auxílio aos integrantes deste projeto para desenvolver seu próprio sistema educacional, com a inclusão de seu sistema de ortografia. O projeto foi iniciado em 1995. A

ortografia de Pimentel Barbosa foi instituída com o propósito expresso de afirmar a sua própria identidade em oposição às comunidades Xavantes onde a missão salesiana estava ativa. A declaração feita pelo Cacique da aldeia Pimentel Barbosa (Etêñiritipa), "Não queremos falar com sotaque de padre" (QUINTINO 2000, p. 417), indica a atitude de independência social e lingüística por parte das aldeias que participaram do projeto. Quintino, o lingüista que participou do projeto, escreve que tal atitude revelou,

> .....o desejo dessas comunidades indígenas em negar a ação de missões católicas (Salesianos) que atuam há algum tempo em várias outras comunidades Xavante, nas quais observamos (através dos relatos dos próprios Xavante) uma crescente destituição do referencial lingüístico/cultural desse povo" (QUINTINO, 1998, p. 418).

A nova ortografia foi desenvolvida durante dois anos por uma equipe de três professores da UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso) e seis professores Xavante, e por meio da consulta de residentes das aldeias. Desde então, a ortografia tem sido usada nas escolas das aldeias. Encontram-se exemplos desta ortografia em Sereburã et al. (1998).

O resultado de tudo isso é que agora existem três ortografias Xavantes em uso. A primeira – a ortografia da MSM – é usada nas escolas em Sangradouro e São Marcos, em publicações da MSM, e nas publicações do SIL de 1976 até aproximadamente 2000. A segunda – a ortografia atual do SIL – é usada nas escolas nas T.I.s de Parabubure e Marechal Rondon e nas publicações recentes do SIL. A terceira é a ortografia de Pimentel Barbosa. As três ortografias são comparadas na tabela 4.1 abaixo, onde se pode ver que as diferenças são poucas e insignificantes, tanto do ponto de vista lingüístico como gráfico.

Tabela 4.1: Comparação das ortografias Xavantes atualmente em uso

Consoantes

fonema:	/p/	/b/		/t/	/d/		/s/	/z/		/j/	/ɾ/	/w/	/h/	/ʔ/
fone:	[p]	[b]	[m]	[t]	[d]	[n]	[s]	[z]	[j̃]	[j]	[ɾ]	[w]	[h]	[ʔ]
MSM:	p	b	m	t	d	n	ts	dz	nh	i	r	w	h	’ (apostr.)
SIL atual:	p	b	m	t	d	n	s	z	nh	i	r	w	h	’
Pimentel:	p	b	m	t	d	n	s	z	ñ	i	r	w	h	’

Vogais

fonema:	/i/	/ĩ/	/e/	/ɛ/	/ẽ/	/ɜ/	/a/	/ɐ̃/	/u/	/o/	/ʌ/	/ʌ̃/
fone:	[i]	[ĩ]	[e]	[ɛ]	[ẽ]	[ɜ]	[a]	[ɐ̃]	/u/	[o]	/ʌ/	/ʌ̃/
MSM:	i	ĩ	e	é	ẽ	ö	a	ã	u	ô	o	õ
SIL atual:	i	ĩ	e	é	ẽ	â	a	ã	u	ô	o	õ
Pimentel:	i	ĩ	e	é	ẽ	ö	a	ã	u	o	ó	õ

Observações: Nas três ortografias, o til não se usa com vogais quando estas aparecem após consoantes nasais. A oclusiva glotal não se escreve antes de uma vogal no início da palavra.

4.2 Fonologia refletida no desenvolvimento de ortografias para o Xavante

Embora a tabela 4.1 mostre uma correspondência exata entre fonemas, alofones e grafemas em todas as três ortografias, os missionários que desenvolveram este sistema tiveram que superar diversas dificuldades antes que a ortografia chegasse ao seu estado atual. Esse fato pode ser observado estudando os exemplos das ortografias anteriores analisadas no artigo "História da grafia da língua Xavante" (LACHNITT, 1998). Não coincidentemente, estas dificuldades são relacionadas a alguns problemas de interpretação fonológica tratados no capítulo 3.

Considerando que Kenneth Pike era uma figura importante no SIL desde 1935 até a sua morte em 2000, não é nenhuma surpresa que a ortografia desenvolvida para o Xavante pelos missionários do SIL estive integralmente de em acordo com as instruções dadas no capítulo final (capítulo 16) do livro *Phonemics* (PIKE, 1971), intitulado “A formação de alfabetos práticos". Neste capítulo, Pike enfatiza que, na criação de uma ortografia nova para uma língua, é necessário fazer um ajuste entre objetivos lingüísticos e sociais, frequentemente em conflito. Para Pike, os objetivos sociais significam, entre outras coisas: aceitação pela comunidade e por autoridades locais, adaptação à instrução de pessoas monolíngües e bilíngües, adaptação a múltiplos dialetos da língua, e uso dos símbolos que são fáceis de imprimir e em conformidade com os da língua nacional predominante na região. Pela informação dada na seção anterior (4.1), fica evidente que estes objetivos foram considerados e realizados com bastante sucesso pelos missionários do SIL que trabalharam com a língua Xavante.

Pike apresenta diversos princípios a respeito dos objetivos lingüísticos de uma ortografia. O primeiro e mais importante é que “Uma ortografia prática deve ser fonêmica. Isto significa dizer que deve haver uma correspondência um-a-um entre cada fonema e a simbolização desse fonema" (1971, p. 208; trad. nossa). Este princípio foi seguido quase integralmente pelos missionários do SIL, como se

pode ver na tabela 4.1, e nas transcrições ortográficas apresentadas nesta tese. Como indicado no capítulo anterior, os problemas aparecem nos casos difíceis ou ambíguos, como por exemplo, nos casos da oclusiva glotal no início da palavra, das codas [p,b,m] e [j,j̃], e das vogais longas.

A grafia da oclusiva glotal foi um problema para os criadores da ortografia Xavante. Isto evidência que seu status fonológico como fonema separado não é tão claro quanto aquele dos outros sons. Numa versão anterior da ortografia do SIL, a oclusiva glotal foi indicada pela letra <k> e escrita tanto no começo quanto no meio das palavras. Mais tarde, a oclusiva glotal foi eliminada da grafia em todos os casos, exceto antes de /ɾ/ e /w/. Eventualmente, na prática atual, convencionou-se escrever a oclusiva glotal com um apóstrofe e eliminá-la antes de vogais no início de palavras. A tabela 4.2 apresenta alguns exemplos de Lachnitt (1998, p. 53-54) destas diferentes práticas de grafia, acrescidas de exemplos da ortografia atual do SIL.

Tabela 4.2: Comparação da grafia de palavras em Xavante nas ortografias do SIL em várias épocas

SIL 1971:	kaibâ	vasuku	**SIL 1972:**	piõ	já'ra	sapuu
"unificada":	aibâ	watsu'u	**"unificada":**	pi'õ	dza'ra	tsapu'u
SIL atual:	aibâ	wasu'u	**SIL atual:**	pi'õ	za'ra	sapu'u
tr. fonêmica:	/ajbɜ/	/wasuʔu/	**tr. fonêmica:**	/piʔɤ̃/	/zaʔɾa/	/sapuʔu/
tr. fonética:	[ʔaj.bɜ]	[wa.su.ʔu]	**tr. fonética:**	[pi.ʔɤ̃]	[za.ʔɾa]	[sa.pu.ʔu]
tradução:	"homem"	"contar"	**tradução:**	"mulher"	"marc. de plural"	"furar"

O segundo princípio de Pike diz que os alofones não devem ser simbolizados no alfabeto. Entretanto, segundo ele, “o único caso, não obstante, em que uma variedade condicionada de um som deve receber um símbolo separado é quando determinadas variantes de um fonema vernáculo [i.e. na língua em estudo] constituem fonemas separados na língua de comércio [do local]" (PIKE, 1971, p. 209; trad. nossa). Esta prática parece estar implementada na ortografia Xavante em relação aos sons nasais [m,n, ɲ], que são alofones de /b,d,z/ respectivamente; os três nasais são simbolizados separadamente por seus equivalentes em português: <m,n,nh>.

O terceiro princípio é que as variantes livres que pertencem ao mesmo fonema não devem ser indicadas em uma ortografia, nem em uma transcrição fonêmica. Este princípio também foi seguido evidentemente na ortografia Xavante. No quarto princípio, Pike recomenda uma grafia consistente para variantes de uma palavra que possam às vezes diferir nos fonemas que as compõem (i.e. variantes dialetais ou sociolingüísticas). Presumivelmente, os criadores da ortografia do SIL também seguiram este princípio. Posso afirmar que meu informante, embora não pronunciasse normalmente o som [ɨ], parece ter aprendido a soletrar algumas palavras com a letra <y>, que as publicações do SIL representam como vogal alta central (v. 3.3). Esta vogal aparece no dialeto de Pimentel descrito por Quintino (2000, p. 32,35,75).

Os princípios cinco e seis recomendam que “formas abreviadas”, como contrações, devem ser grafadas enquanto são pronunciadas, embora a grafia deva refletir “um estilo devagar, mas normal”, ao contrário do discurso rápido. A aplicação do princípio cinco pode ser vista, por exemplo, na grafia do pronome demonstrativo <õhõ> “aquele”. Pela comparação com as outras formas do pronome demonstrativo <ãhã> “este”, e <tahã> “esse”, fica evidente que <õhõ> é um composto que inclui a palavra enfática <hã>. No entanto, sendo uma expressão fixa, <õhõ> é soletrado do modo como é normalmente pronunciado. A aplicação do princípio seis pode ser vista pelo fato de que as vogais em Xavante

estão escritas consistentemente da maneira que são pronunciadas no discurso cuidadoso, mesmo que alguns contrastes, como [e] versus [ɛ] e [u] versus [o] (= <ô>), sejam neutralizados no discurso rápido.

O sétimo princípio contém três pontos. O primeiro ponto é que uma ortografia deve refletir a distinção fonológica entre consoantes e vogais. Ou seja, consoantes fonológicas devem ser simbolizadas com letras de consoantes, mesmo em casos onde são foneticamente vocálicas. Do mesmo modo, as vogais fonológicas devem ser escritas com letras de vogais, mesmo se forem foneticamente consonantais. Este princípio foi seguido na ortografia Xavante, embora [j] no final da sílaba sejae escrito sempre como <i>. O segundo ponto diz que uma diferença fonológica entre vogais longas e curtas deve ser refletida na ortografia. Pike recomenda grafiar as vogais longas escrevendo a letra da vogal duas vezes. Esta prática foi seguida na ortografia do SIL antes de 1976, mas abandonada posteriormente. Na gramática Xavante do SIL, McLeod e Mitchell (1977, p. 6) dizem: "A omissão de sinais ortográficos de prolongação não apresenta problemas para os leitores Xavantes; de fato, facilita a escritura, embora possa criar confusões de leitura para quem não fala Xavante como língua materna." Esta prática provavelmente tem uma justificativa lingüística. Embora algumas palavras tenham vogais longas como parte de sua representação lexical, o alongamento da vogal pode aparecer ou não, dependendo de mudanças morfofonológicas ou da posição da palavra na frase (v. Apêndice). Além disso, algumas palavras monossilábicas causam alongamento vocálico na sílaba final da palavra anterior (v. exemplos em 5.2). Por exemplo, em um texto do SIL de 1971 (em Lachnitt, 1998, p. 53-54) encontramos <kaibâ>, “homem”, e pouco depois <kaibâã hã>, “homem EMPH”. A vogal longa neste exemplo é devido à presença do <hã> enfático depois da palavra <aibâ>. É possível dizer que a vantagem de simbolizar o alongamento da vogal na escrita não compensa a inconveniência de ter que escrever o mesmo som na forma alongada ou não, o que depende de diversos fatores relacionados ao contexto fonológico e lexical.

Pike adiciona um terceiro ponto ao seu princípio sete, dizendo que os fonemas foneticamente complexos devem ser simbolizados com um único símbolo. Nas versões anteriores da ortografia do SIL, os fonemas /s,z/ foram escritos como <s,j>, e na ortografia do MSM como <ts,dz>. Em conseqüência da reunião de 1976, as grafias <ts,dz> foram adotadas a fim de refletir a pronúncia desses como africadas por uma determinada parte da comunidade. Foi mencionado, em 4.1, que essa decisão foi modificada em determinadas áreas Xavantes, como refletida na ortografia atual do SIL. A ortografia de Pimentel usa também o simples <s,z>, mesmo que estas letras representem africadas no dialeto daquela população.

O oitavo princípio indica que o acento e a entonação, quando fonêmicos, devem ser simbolizados numa ortografia e escritos sempre onde aparecem na língua. Como acento e entonação não são fonêmicos em Xavante (veja Apêndice), não são simbolizadas nas ortografias atuais. A ortografia antiga dos Salesianos incluiu marcas de acento, mas depois de algum tempo estas foram abandonadas. O nono princípio dá algumas sugestões para se tratar da divisão ortográfica de palavras e indica ao leitor a discussão anterior sobre a divisão de palavras. Como visto anteriormente, a divisão gramatical entre palavras e morfemas em Xavante é razoavelmente clara e simples, mas, como mencionado, uma análise de palavras compostas – composição sendo um processo morfológico importante na língua – ainda não foi feita. Nas publicações sobre Xavante e nas anotações do meu informante, não é incomum ver uma palavra composta escrita em um lugar como uma única palavra ortográfica e em outro lugar, como palavras separadas.

O décimo princípio envolve os problemas relacionados à grafia de empréstimos. Essa questão não parece ser um problema em Xavante, porque as poucas palavras emprestadas que encontrei são completamente nativizadas, por exemplo, <aro> “arroz” (SILD), <zeru> “dinheiro” (MSMD). Muitas palavras em Xavante que se referem a objetos e instituições da cultura nacional brasileira são compostos de palavras nativas: <dawede-zé> "raiz" + LOC = "hospital"; <pré'a-

nhibro> "amarelo" + "lugar" = "Brazil"; <rob-duri> "coisa" + "carregar" = "caminhão" (exemplos da MSMD). Algumas destas palavras compostas possivelmente foram criadas pelos missionários que escreveram ou editaram os dicionários do SIL e da MSM, por exemplo, <rowahutu-zé> "ensinar" + LOC = "igreja" (SILD,MSMD); <pré-'ubumro> "vermelho" + "reunião" = “comunismo" (MSMD). Entretanto, não tenho informações sobre a extensão real do uso de empréstimos na língua. A última parte do capítulo de Pike sobre ortografia explica como os símbolos devem ser usados. Evidentemente suas idéias neste tópico também foram seguidas no desenvolvimento da ortografia do SIL para Xavante, mas não serão discutidas aqui.

Com respeito a [p,b,m] no final da sílaba, estes sons foram também um problema em Xavante escrito, de uma maneira que indica a ambigüidade do seu status como manifestações de fonemas claramente distintos. O dicionário do SIL, falando em termos ortográficos, afirma que antes de <d,z,r> (=[d,z,ɾ]), "há variação entre **m** e **b**" (HALL et al., 1987, p. 418; v. tabela 5.1B abaixo). Burgess (1971, p. 100) descreve "variação livre" entre [b] e [m] após vogais não-nasais e diante de consoantes sonoras não labiais ([d,z,r] e talvez [h]) e McLeod (1974, p.134-135) registra algo semelhante. O MSMD declara: "Atenção especial merecem m, b, e p, quando servirem para conectar duas sílabas. Seja o exemplo **umdö = ubdö** capivara. Os Xavante estão divididos quanto à pronúncia exata destas." (LACHNITT, 1988, p.7). Os colaboradores da ortografia de Pimentel parecem também ter confrontado um problema similar, porque sentiram a necessidade de adotar a seguinte regra: "em caso de duas consoantes juntas na mesma palavra, sistematizamos que se o segundo som for vibrante o primeiro também será. O mesmo é válido para os sons não vibrantes." (QUINTINO, 1998, p. 422). As questões fonéticas e fonológicas relacionadas a estes segmentos são examinadas no capítulo seguinte.

5.0 A interpretação de [p,b,m] e [j,j̃] no final da sílaba

Os problemas envolvidos na descrição dos segmentos [p,b,m] e [j,j̃] na posição final da sílaba foram mencionados em vários pontos ao longo dos dois últimos capítulos. Neste capítulo, tenta-se explicar o padrão de distribuição destes sons, partindo do pressuposto de que são, subjacentemente, os fonemas /b/ e /z/. Também será mostrado que os segmentos de coda são previsivelmente excluídos em alguns contextos, ao mesmo tempo em que ocorrem em outros contextos com certos aspectos das suas características fonéticas determinadas, também previsivelmente, pelo contexto fonológico. Antes de apresentarmos a nossa própria análise, apresentaremos, na seção 5.1, as análises prévias já relaizadas sobre o mesmo tópico em Xavante. A seção 5.2 descreve os fatos pertinentes na língua, com base em minhas próprias observações, e a seção 5.3 oferece uma análise original dos segmentos em questão.

5.1 As codas [p,b,m] e [j,j̃] em Quintino 2000 e nas publicações do SIL

O dicionário do SIL descreve os segmentos de coda um apêndice (HALL. et al., 1987, p. 416-420; essencialmente a mesma informação se encontra também em McLeod e Mitchell, 1977, p. 84-87). Neste dicionário, as entradas são listadas na sua forma de final de frase; as formas dentro da frase são fornecidas entre parênteses com referência a tabelas que descrevem, em termos ortográficos, vários padrões de alteração fonológica e morfofonológica. Palavras ou afixos com a coda [j,j̃] são descritos como terminandos em <i> e as entradas indicam ao leitor um quadro B. Palavras ou afixos com a coda [p,b,m] são descritos como terminando em <m> e as entradas apontam ao leitor um quadro C. Neste dicionário encontramos várias entradas como estas:

pi'õ (pi'õi – B) "mulher" daro (darom – C) "a terra deles"

Os quadros B e C do dicionário do SIL são reproduzidos nas tabelas 5.1B e 5.1C abaixo, em cada caso seguidas por comentários pertinentes.

Tabela 5.1B: Quadro descrevendo as alterações da coda [j,j̃], reproduzido de Hall, et al., 2004, p. 416-417 (com ortografia atualizada; exemplos de palavras excepcionais foram excluídos)

Quadro B: Modificações fonéticas do **i** final em prefixos e temas de todas as categorias gramaticais		
	tipo de modificação	exemplos
Quando o tema está no final de uma locução:	perde-se o **i**.	**te saabu** "ele o vê" **du** "capim"
Quando o tema está dentro de uma locução:	o i permanece antes de: **b** **h** **m** **p** **r** **w**	**sabui bâ** "você não está (o) vendo (como deve ver)" **sabui hâ** "que você possa ver (como deve)" **pi'õi mono bâ** "todas as mulheres" **te za aipawapto** "ele ajudará você" **duire** "capinzinho" **dui wa** "no capim"
	o i se transforma no som que o segue, antes de: **d** **z** **n** **nh** **s** **t**	**te sabud da** "com finalidade de ele ver" **duz zô** "para (buscar) capim" **dun na** "com capim" **te sabunh nherẽ** "uma vez que o vi" **dus si** "só / somente capim" **dut té** "capim novo"
	antes da oclusiva glotal há variação entre a presença do **i** e alongamento da oclusiva glotal.	**ai'ra** ou **a''ra** "seu filho / sua filha"

As alterações de coda na tabela 5.1B diferem das que se encontram no meu corpus em um ponto importante. Ao invés das consoantes duplas aparecendo antes dos fonemas alveolares /t,d,s,z/, como descritos na tabela, no meu corpus a coda [j̃,j] simplesmente não aparece nestes contextos. Quintino também não registra seqüências de duas consoantes idênticas em Xavante (Quintino, 2000, p. 61). Como disposto na seção 5.2, nos meus dados, [j̃,j] aparece antes de [ʔ] em alguns morfemas, mas não ocorre onde é esperado antes de [ʔ] em outros (ou seja, a coda aparece como [Ø]). Note que, o quadro acima não menciona os onsets complexos [pr,br,mr]. Estes não mudam após [j̃,j] e, deste modo, não diferem dos onsets simples [p,b,m] (v. tabela 5.3.2).

Tabela 5.1C: Quadro descrevendo as alterações da coda [p,b,m], reproduzido de Hall, et al., 1987, p. 418-420 (com ortografia atualizada; exemplos de palavras excepcionais foram excluídos)

Quadro C: Modificações fonéticas do **m** final em prefixos e temas de todas as categorias gramaticais			
	tipo de modificação	exemplos	
Quando o tema está dentro de uma locução:	permanece o **m** antes de: **n** **nh** **h**	**rom na** **romnhi** **romhâ d**i	"por meios terrenos" "carne" "é / está longe"
	há variação entre **m** e **b** antes de: **d** **z** **r**	**te romdi'i** ou **te robdi'i** **rom zô** ou **rob zô** **romra di** ou **robra di**	"ele molha" "para (buscar)terra" "é / está escuro"
	o **m** se transforma em **p** antes de: **t** **s**	**rop téb u** **darop si**	"à terra nova" "só / somente a terra da gente"
	o m está substituído por alongamento da vogal imediatamente anterior, antes de: **b** **m** **p** **w**	**roobaba di** **daroo mono bâ** **roopoto'wa** **roowa'u**	"está vazio" "em toda parte do mundo" "criador" "vento"
	antes da oclusiva glotal em algumas palavras emprega-se o b e em outras há alongamento da vogal imediatamente anterior	**tirob u** **ĩĩpawaptoo'wa**	"à terra dele" "meu / minha ajudante"
Quando o tema está no final de uma locução:	perde-se o **m**.	**wa pawaptom ni** **wa pawapto**	"nós (dois) ajudamos" "eu ajudo"

Diferente das alterações de coda descritas na tabela 5.1C, não encontrei no meu corpus alongamento vocálico antes de [b,m,p,w,ʔ] em morfemas que têm a coda [p, b m] em outros contextos. Em relação à variação entre [m] e [b] antes de <d,z,r>, conclui-se que algumas seqüências são foneticamente ambíguas (v. 5.2) e que, no caso dos onsets [d] e [z] a nasalização da coda precedente é determinada pela vogal anterior (v. 5.3). No caso de [ɾ], há silabificação da coda que resulta nos onsets [pɾ] ou [mɾ] e a nasalização do onset é determinada pela vogal seguinte (v. 3.6). Igualmente à coda [jj̃], a coda labial não ocorre em alguns morfemas antes de [ʔ]. Os onsets complexos não são tratados separadamente no quadro, mas são tratados somente em termos do seu primeiro segmento, e.g., uma juntura com [ʔw] é tratada como igual a uma juntura com [ʔ]. Isto não tem implicações para a análise de assimilações destas autoras, que não mencionam casos de metátese (cf. tabela 5.3.1).

Referindo-se à fonologia praticada por alguns lingüistas norte-americanos nas décadas de 40 e 50, Sommerstein afirma que uma descrição fonológica que pressupõe que fonemas são "incapazes de divisão em unidades menores" e que "cada fonema deve ser tratado como se fosse completamente diferente de todos os outros fonemas", tenderia a consistir apenas nos seguintes elementos:

> uma lista de símbolos que denota os fonemas de uma língua;
>
> para cada fonema, separadamente, uma declaração sobre as alterações morfofonêmicas das quais ele participa;
>
> para cada fonema, separadamente, uma declaração de seus alofones, com os ambientes em que eles ocorram. (SOMMERSTEIN, 1977, p. 92; trad. nossa)

Em seguida acrescenta o autor: "mas uma descrição deste tipo, inevitavelmente, vai envolver uma grande quantidade de declarações redundantes e vai perder

generalizações". McLeod (1974) contém os primeiros e terceiros elementos da lista de Sommerstein e a gramática e o dicionário do SIL contêm o segundo elemento. Embora estas duas últimas obras tenham sido escritas para fins pedagógicos, e não como descrições lingüísticas, elas refletem claramente o foco nas unidades fonêmicas individuais, a falta de interesse em descrever processos fonológicos em si e o tratamento da morfofonologia em termos de "substituição de fonemas", que caracterizam a abordagem Pikeana.

A revisão da fonologia Xavante apresentada até este ponto tem mostrado que, apesar da sua utilidade como manual prático, da sua atitude não-dogmática e de bom senso com relação ao processo científico e sua abordagem holística que dá grande ênfase a fatores prosódicos, o *Phonemics* de Pike (1947) sofre as deficiências apontadas por Sommerstein. Os defeitos e virtudes desta abordagem são evidentes nos trabalhos sobre o Xavante feitos pelos autores do SIL, que parecem ter seguido cuidadosamente os métodos de Pike. Os dois trabalhos sobre Xavante discutidos a seguir adotam outras perspectivas teóricas para superar as limitações da perspectiva Pikeana.

No artigo *Duas análises das sílabas do Xavante* (BURGESS, 1971), a autora tenta explicar as codas silábicas e o alongamento vocálico na língua através do conceito de "prosódias" de Firth (1957; originalmente publicado em 1948; O uso do termo "prosódia" por Firth é completamente diferente de seu uso na fonologia prosódica contemporânea; v. SOMMERSTEIN, 1977, p. 57 et seq.). Burgess propõe que o Xavante pode ser analisado por três "prosódias junturais": alongamento vocálico v:, palatalização y e labialização p. Estas prosódias são elementos abstratos que fazem parte da "unidade fonológica que é uma palavra" e, segundo Burgess, "qualquer sílaba pode ocorrer com ou sem prosódia de juntura" (BURGESS, 1971, p. 99,100). Infelizmente, Burgess fornece apenas poucos exemplos para ilustrar a sua análise.

As prosódias são manifestadas foneticamente nas junturas de sílabas sob certas condições[6]. A prosódia de palatalização **y** é manifestada foneticamente da seguinte maneira:

(1) A prosódia de palatalização é manifestada como a semivogal palatal [j] entre uma vogal não-nasal e os onsets /ɾ/, /h/, ou /p,b,w/. Esta regra recobre as seqüências em Xavante com onsets simples – [j.p], [j.b], [j.m], [j. ɾ], [j.w], [j.h], [j.ʔ] – bem como as seqüências com onsets complexos – [j.pɾ], [j.bɾ], [j.mɾ], [j.ʔm], [j.ʔw], [j.ʔɾ]. (cf. ex. (32)-(44)).

(2) A prosódia de palatalização é manifestada como [j̃] nos mesmos contextos que (1) acima, caso seja precedida por vogal nasal.

(3) A prosódia de palatalização é manifestada como alongamento dos onsets /t,d,s,z/ e (variavelmente) /ʔ/. Esta regra determina o alongamento consonantal descrito no dicionário do SIL e visto na tabela 5.1A. Nos meus próprios dados, o alongamento de consoante de onset não aparece e, neste caso, poderíamos dizer que a palatalização é manifestada como [Ø] antes dos onsets [t,d, n,s,z,j̃] e em alguns casos antes de [ʔ,ʔɾ] (cf. tabela 5.3.2).

---

[6] No artigo em discussão, os termos "palatalização", "labialização" e "alongamento" não se referem a uma transformação, ou processo, sob o qual um determinado segmento se submete, mas a unidades abstratas, as prosódias, que se manifestam foneticamente de forma diferente em contextos diferentes. Um processo de assimilação de codas, parecido com aquele descrito abaixo, é mencionado por Burgess & Ham (1968) na língua Apinajé (grupo Jê setentrional). Neste artigo, algumas assimilações são explicadas como condicionamento de alofones (p.10), enquanto outras (bem como o alongamento vocálico em alguns contextos) são explicadas como "substituições morfofonêmicas" (p.8-9).

Apresentam-se abaixo os exemplos de Burgess, arranjados para ilustrar o uso da prosódia (transcrições adaptadas à maneira usada nesta tese, acrescentadas com a divisão de sílabas). Note-se que a prosódia é inserida nas transcrições na posição da juntura silábica.

manifestação fonética	**(1) [j]**	**(2) [j̃]**	**(3) along. cons.**
tanscrição fonética:	[ʔaj.bɜ]	[tʃʎ̃j.ba]	[ʔa.jː a] (= <ai-za>)
transcrição fonêmica convencional:	/ʔajbɜ/	/sʎ̃jjba/	/ʔajja/
transcrição com prosódia:	/ʔay̲bɜ/	/sʎ̃y̲ba/	/ʔay̲ja/
	"homem"	"menino adolescente"	"tua coxa"

As informações dadas na tabela 5.2A, na próxima seção, confirmam que as regras se aplicam a todos os casos da ocorrência da coda [j,j̃] encontrados nos meus próprios dados.

A prosódia de labialização **p̲** pretende explicar a ocorrência da coda [p,b,m] e se manifesta da seguinte maneira:

(1) A prosódia de labialização **p̲** é manifestada como [p] quando seguida por um onset oclusivo surdo não-labial (i.e. [t,s,ʔ]). Esta regra recobre as junturas [p.t], [p.s], e [p.ʔ] listadas (em transcrição fonêmica) por Burgess (cf. ex. (14) [p.t], (18) [p.s] e (26) [b.ʔ]; em lugar da juntura [p.ʔ], nos meus dados consta [b.ʔ]).

(2) A prosódia de labialização **p̲** é manifestada como [m] quando precedida por uma vogal nasalizada e seguida por um onset sonoro não-labial (i.e., d,n,z,j̃,r,h]). Isso se aplica às junturas [m.d], [m.n], [m.z], [m.j̃], [m.r], [m.h] listados (em transcrição fonêmica) por Burgess (cf. ex. (16), (17), (20), (21),

(24) (25)). [h], sendo não-sonoro, não é especificamente incluído nesta regra, mas a sua inclusão é implícita no quadro de junturas apresentado pela autora na página 97 do seu artigo. No quadro de Burgess, /b.r/ (=[br, mr]) é tratado como juntura silábica, em conformidade com a análise dada na seção 3.6 dos casos de silabificação.

(3) A prosódia de labialização **p** é manifestada como [b] ou [m] (em livre variação) quando precedida por uma vogal não-nasalizada e seguida por um onset sonoro não labial. Deixando de lado as variantes com coda [m], esta regra aplica-se às junturas [b.d], [b.z], [b.ɾ], e [b.h], implícitas no quadro de junturas (fonêmicas) de Burgess (cf. ex. (15) [b.d], (19) [b.z], (23) [b.r]; v. ponto (2) acima).

Burgess apresenta os seguintes exemplos desta prosódia (arranjados e adaptados do mesmo modo que os exemplos acima):

manifestação fonética	**(1) [p]**	**(2) [m]**	**(3) [b]**
tanscrição fonética:	[wap.sẽ]	[mɾẽm.di]	[ʔub.di] ou [ʔum.di]
transcrição fonêmica convencional:	/wapsẽ/	/brẽbdi/	/ʔubdi/
transcrição com prosódia:	/wa**p**sẽ/	/brẽ**p**di/	/ʔu**p**di/
	"cachorro"	"faminto"	"batata doce"

Levando em consideração as pequenas diferenças entre as seqüências listadas por Burgess e aquelas encontradas nos meus próprios dados, bem como a dificuldade de descrever essas seqüências fonéticas (v. 5.3), os princípios acima se aplicam a todas as possíveis ocorrências da coda [p,b,m] em Xavante. Burgess sugere que a palavra [mɾẽmdi], "faminto", normalmente /brẽbdi/ na transcrição fonêmica, poderia ser transcrita /brẽ**p**di/ e a palavra [ʔubdi], fonemicamente /ʔubdi/, poderia ser transcrita /ʔu**p**di/.

Além disso, referindo-se à coda [p,b,m] em geral como "b", a autora afirma, "b, diante de outra consoante bilabial, é substituído pelo alongamento da vogal precedente" (BURGESS, 1971, p. 97) – isso representa a manifestação da coda [p,b,m] como vogal longa antes de [p,b,m,w]. (Em meus próprios dados a coda labial é manifestada nestes contextos como [Ø].) Neste caso, a autora aparece dizer que a prosódia de palatalização está sendo substituída pela prosódia de alongamento, que se manifesta como alongamento de uma vogal.

A afirmação de que as prosódias fazem parte de certos morfemas, explica a ocorrência das diferentes codas, sem pressupor que, em condições específicas, alguns morfemas devem substituir ou apagar alguns dos fonemas segmentais que os compõem, como exigido pela abordagem Pikeana. A principal dificuldade na explicação de Burgess é que a análise é acrescida por algumas entidades teóricas, as prosódias junturais, bem como acresce regras especiais para a sua implementação. Outro problema com a explicação acima é que, ao permitir (aparentemente) a substituição da prosódia de labialização pela prosódia de alongamento, a explicação ainda está usando um dispositivo parecido com a substituição de fonemas. As codas e o alongamento vocálico poderiam ser tratados de forma melhor como elementos segmentais e suprasegmentais da representação lexical, regidos por princípios que recobrem os segmentos fonológicos e as unidades prosódicas (no sentido convencional) da língua, como sugerido neste capítulo e no Apêndice. No entanto, a análise de Burgess tem o valor de interpretar as codas em Xavante como algo mais do que manifestações dos mesmos fonemas segmentais manifestados por onsets foneticamente semelhantes.

Quintino (2000) utiliza a teoria da geometria de traços para analisar a assimilação de codas, bem como alguns outros processos fonológicos em Xavante. Este autor discute a assimilação da coda [p,b,m] com o segmento que a precede, mas não descreve a distribuição da coda em relação aos segmentos que

podem ou não segui-la e não os examina em termos de sua ocorrência em morfemas particulares. Sua discussão da coda [j,j̃] é restrita a explicar o seu papel na estrutura silábica. Segundo Quintino, os glides /w,j/ (/w/ como onset e /j/ como coda) são fonologicamente equivalentes às vogais /i,u/, até que sejam distinguidos das vogais pelas regras de silabificação específica da língua. Ele afirma,

> Do ponto de vista da Geometria de Traços não há nenhuma distinção entre os segmentos **w** e **j** e os segmentos **u** e **i**, entretanto se consideramos a posição que estes ocupam na estrutura silábica, sabendo-se que é proibido em Xavante seqüências de vogais, os elementos **u** e **i** poderiam ser consonantizados, ou seja, poderiam ocupar posição de Onset ou Coda da sílaba. (Quintino 2000, p. 96 n)

De qualquer modo, esta interpretação de [w] e [j] não contradiz o argumento dado anteriormente nas seções 3.7.5 e 3.7.3, segundo o qual ambos [w] e [j] são consoantes porque sua distribuição é parecida com a das outras consoantes na língua.

A discussão em Quintino (2000, p. 83-93) da coda [p,b,m] trata de sua distribuição apenas em termos da sua assimilação com os segmentos adjacentes. A ocorrência da coda [p,b,m] é previsível, de acordo com Quintino (2000, p. 83-84), em termos das seguintes observações sobre assimilação:

a) [p] ocorre antes de oclusivas surdas i.e. na seqüência [p.t]
b) [b] ocorre antes de oclusivas sonoras i.e. [b.d], [b.z]
c) [b] ocorre antes de oclusiva glotal e após vogal não-nasal i.e. [Vb.ʔ]
d) [m] ocorre antes de uma oclusiva glotal e após vogal nasal i.e. [Ṽm.ʔ][7]
e) [m] ocorre antes da velar surda i.e. [m.ɣ] ([ɣ]=/h/)

[7] No meu corpus, não observei a mesma distribuição da seqüência [mʔ]; v. ex. (26,26A) e p.214.

O autor acrescenta uma regra para dar conta da ocorrência de [m] antes de [n] e [ɲ](=[j̃]): "antes de Onset nasal o traço nasal é assimilado pela Coda" (i.e. nas seqüências [m.n], [m.ɲ]).

Estas constatações aplicam-se a todas as junturas silábicas com a coda [p,b,m] descritas por Quintino e apresentadas em forma fonêmica em Quintino (2000:60; exceto a seqüência [p.s], que consta no seus dados, mas parece ter sido esquecida nesta parte da análise). Os casos (a) e (b) (também a seqüência [p.s]) são explicados pela seguinte regra de sonorização: "antes de Onset [-soante] o traço de vozeamento é assimilado pela Coda que o precede". (O traço [-soante] é acrescentado presumivelmente para evitar a assimilação sonora no caso de [pɾ]. A juntura silábica /b.r/, embora possível de acordo com as regras de silabificação do autor, silabifica-se como o onset complexo [br] ou [mr].)

Os casos (c) [b.ʔ], (d) [m.ʔ] e (e) [m.h] contradizem a regra de sonorização e Quintino não encontra princípios satisfatórios para explicar o comportamento da coda nestes contextos, além de supor que a coda (sendo sonora em todos os três casos) representa um /b/ subjacente. No caso (d) [m.h] (da coda /b/ seguida por [h]), o /b/ sempre se torna [m], mesmo quando precedido por uma vogal não nasal, por algum motivo desconhecido.

Com exceção dos casos mencionados no parágrafo anterior, os exemplos de Quintino representam as codas labiais como sendo fonemicamente de /p/ ou /b/, sem explicar porque elas devem ser de um ou outro tipo. Embora em um momento Quintino especule que "Os segmentos /p/ e /b/ podem ser interpretados como *labiais subespecificados*, visto que sua especificação quanto ao traço [Voz] depende da consoante seguinte" (Quintino, 2000:68), ele não elabora esta idéia.

5.2 O padrão de distribuição quase-complementar de [p, b, m] e [j̃,j]

Como observado em vários pontos nos últimos dois capítulos, os segmentos [p,b,m] estão em distribuição complementar na posição de coda e assimilam algumas características fonéticas da consoante seguinte e, em alguns casos, a nasalidade da vogal anterior. Esta distribuição complementar da coda [p,b,m] ocorre com regularidade em junturas de palavras e morfemas, bem como em junturas de sílaba dentro de morfemas. Além disso, tomado como um conjunto, [p,b,m] nunca ocorrem antes de [p,b,m,ɾ,w,pɾ,bɾ,mɾ,ʔɾ,ʔm,ʔw], ou seja, só aparecem antes de [t,d,n,s,z,j̃,h,ʔ]. Também foi observado que a coda [j̃,j] pode ocorrer antes de todos os possíveis onsets em Xavante, menos [t,d,n,s,z,j̃], e que esta distribuição também ocorre regularmente em junturas de palavras e morfemas, bem como em junturas de sílabas dentro de morfemas. A distribuição em conjunto das codas [p, b, m] e [j̃,j], no que diz respeito a todos os possíveis onsets que as seguem nos vários tipos de fronteiras, é ilustrado na tabela 5.2A abaixo.[8]

[8] As combinações de juntura silábica na tabela 5.2A podem ser comparadas com as listas de possíveis junturas apresentadas em Burgess (1971) e McLeod (1974) e discutidas em Quintino (2000, p. 59-61). Através da discussão de Quintino, pode ser constatado que essas listas não contêm informações adicionais que afetariam minhas próprias análises, ou as de Quintino, de maneira relevante.

Tabela 5.2A: Combinações coda + onset em Xavante

ons. / co.	[p]	[b]	[m]	[j,j̃]	plv#plv	mo-mo	dentro de morf.	# de ex. em 3.4 e 5.2
[p]	-	-	-	j.p	✓	✓	✓	(32)
[b]	-	-	-	j.b	✓	✓	✓	(33)
[m]	-	-	-	j.m	✓	✓	✓	(34)
[t]	p.t	-	-	-	✓	✓	✓	(14)
[d]	-	b.d	-	-	✓	✓	✓	(15)
	-	-	m.d	-	✓			(16)
[n]	-	-	m.n	-	✓		✓	(17)
[s]	p.s	-	-	-	✓	✓	✓	(18)
[z]	-	b.z	-	-	✓	✓	✓	(19)
	-	-	m.z	-	✓			(20)
[j]	-	-	m.j̃	-		✓	✓	(21)
[ɾ]	-	-	-	j.ɾ	✓	✓	✓	(35)
[w]	-	-	-	j.w	✓	✓	✓	(36)
[h]	-	-	m.h		✓	✓	✓	(25)
				j.h	✓	✓	✓	(37)
[ʔ]	-	b.ʔ			✓	✓	✓	(26)
			m.ʔ		✓			(26A)
				j.ʔ	✓	✓	✓	(38)
[pɾ]	-	-	-	j.pɾ		✓	✓	(39)
[bɾ]	-	-	-	j.bɾ			✓	(40)
[mɾ]	-	-	-	j.mɾ		✓		(41)
[ʔm]	-	-	-	ʔ				(42)
		ʔ.mɾ				✓	✓	(31) (metátese)
[ʔw]	-	-	-	j.ʔw	✓	✓		(43)
[ʔɾ]	-	-	-	j.ʔɾ	✓	✓	✓	(44)
		ʔ.bɾ			✓	✓	✓	(30) (metátese)

Gráfico de distribuição dos onsets [p,b,m] e [j,j̃] com relação aos vários tipos de junturas silábicas, ilustrando as possíveis combinações fonéticas na língua. As combinações fonéticas que realmente ocorrem na língua estão em negrito; aquelas que não ocorrem são indicadas pelas caixas cinzentas. A marca de verificação (✓) indica as combinações que são representadas nos exemplos em 3.4.

Embora exemplos reais de algumas combinações em determinados contextos estejam ausentes na tabela 5.2A, ela é suficientemente completa para se estabelecer com uma certeza razoável que o padrão de distribuição é geral nas junturas silábicas, independentemente das fronteiras de palavras ou de morfemas. Mais uma vez, note que a coda [j̰,j̰] parece apresentar um padrão de distribuição complementar com a coda [p,b,m]. Se os segmentos de coda [p,b,m] são tomados em conjunto, o único contexto onde eles não estão em distribuição complementar com [j̰,j̰] é antes de [h] nas combinações [m.h] vs. [j.h] e antes de [ʔ] nas combinações [b.ʔ, m.ʔ] vs. [j.ʔ]. Este padrão global de distribuição pode ser referido como um padrão de quase-imagem-espelho. Não é um padrão de distribuição complementar de alofones, principalmente porque a coda [p,b,m] nunca alterna com [j] na mesma palavra e não há nada nas características fonológicas das respectivas palavras em que estas codas aparecem que explicque uma possível alteração entre as duas. Este argumento será elaborado no parágrafo a seguir.

Quando a coda [p,b,m] (=[B]) aparece em um determinado morfema na posição final de palavra ou de morfema dentro de uma frase, a coda alterna com [Ø] dependendo das características fonéticas do som que segue. Por exemplo, [B] no prefixo [roB-] antes dos sons labiais [p,b,m,w] não aparecerá como [j̰,j̰]. Em vez disso, a coda não ocorre e assim pode-se dizer que ocorre como [Ø]. Do mesmo modo, [j] nunca ocorre como [B] antes dos coronais [t,d,n,s,z,j̰] no final da mesma palavra ou morfema, e ao invés disso, ocorre como [Ø]. Esta é uma razão suficiente para supor que as duas codas são segmentos fonemicamente distintos e não formas do mesmo fonema alternando de acordo com o contexto fonológico. Além disso, os segmentos de coda não são simplesmente inserções fonéticas. Se fossem inserções fonéticas, sua ocorrência seria previsível. Em vez disso, apenas sua não-ocorrência é previsível (nunca antes de certas consoantes), bem como suas características fonéticas específicas quando ocorrem (seja para os segmentos [p,b,m] ou para [j̰,j̰]). Se as codas [B] e [j̰,j̰] ocorressem apenas em

junturas silábicas dentro do morfema, este argumento não seria válido, embora existam inúmeros exemplos de palavras e morfemas (inclusive afixos) que seguem um ou outro dos dois padrões em relação a seus segmentos de coda final.

Pode-se acrescentar mais um argumento para demonstrar que a distribuição quase-imagem-espelho de [p,b,m] vs. [j,j̃] não é de distribuição complementar. Isto é, as duas codas podem ocorrer antes de [h] e [ʔ]. Os seguintes exemplos das codas [p,b,m] e [j,j̃] antes de [h] e [ʔ] em ambientes fonologicamente semelhantes, são evidências adicionais de que as duas codas são fonemicamente distintas.

[m] vs. [j] antes de [h]

(25)	[rʌ.pru**m.ˈh**awi]	/rʌpruB hawi/	"do lixo"
(37)	[ˈdu**j.h**a.ˈwi]	/duj hawi/	"do capim"
(25)	[ʔa.hɜ**m.ˈh**ɜ]	/ʔahɜBhɜ/	"ontem"
(37)	[ʔa**j.ˈh**ɜ]	/ʔajhɜ/	"veado"

[b] vs. [j] antes de [ʔ]

[bu.ru.ˈdu**b.ʔ**u]	/buru duB ʔu/	"à roça velha"
[ti.ˈʔa**j.ʔ**u]	/tiʔajʔu/	"à terra"
[tʌ**b.ˈʔ**a:di]	/tʌB ʔa di/	"é cego (lit. olho branco)" SILD
[pi.ʔɐ̃**j̃.ˈʔ**ɐ̃.di]	/piˈɐ̃j ɐ̃ di/	"não há mulheres"

Sendo claro que as codas [p,b, m] e [j̰,j̃] representam segmentos em contraste, ambos os quais alternam com [Ø] e aparecem juntos num padrão de distribuição de quase-imagem-espelho, as seguintes questões se colocam:

1) Como podem ser explicadas a distribuição complementar da coda [p,b,m] e sua alternância com [Ø]? Esses segmentos de coda, como conjunto, devem ser interpretados como manifestação de um ou outro fonema consonantal já estabelecido (todos como onset) em Xavante?

2) Como explicar a alternância da coda [j̰,j̃] com [Ø]? A coda [j̰,j̃] precisa ser identificada com um dos outros fonemas já estabelecidos?

3) Qual é a importância fonológica da distribuição de quase-imagem-espelho de [p, b, m] vs. [j̰,j̃]?

Em termos da fonêmica Pikeana, responde-se a primeira pergunta com base na suposição de que cada segmento fonético no final da sílaba representa o mesmo fonema que um outro segmento foneticamente similar ou idêntico representa em outros contextos; ou seja, [p] e [b,m] no final da sílaba representam /p/ e /b/, pois as mesmas oclusivas bilabiais (na verdade, fones similares àqueles) representam /p/ e /b/ na posição de início da sílaba. Este caso específico é de neutralização (veja a seguir) e o critério de semelhança fonética é usado para classificar os segmentos de coda como manifestações de um ou outro dos fonemas já estabelecidos em outros contextos. Segundo esta interpretação, como mencionado em 3.7.1, /rʌp-/, /rʌb-/, /rʌ-/ são todos representações fonêmicas do mesmo morfema, sendo a forma da representação dependente do som que a segue (cf. ex. (pbm8) abaixo). A não ocorrência da coda [p,b,m] diante de certas consoantes seria recoberta pela afirmação de que [p,b,m] são apagados em determinados contextos.

Também responde-se à segunda pergunta, dentro da perspectiva Pikeana, com a afirmação de que a coda, neste caso [j̰j̰], é apagada em determinados contextos (o apagamento das codas é ilustrado abaixo nas tabelas 5.3.1 e 5.3.2). A identificação de [j̰j̰] como fonema seria resolvida, como em McLeod (1974), identificando a coda [j̰j̰] com os onsets foneticamente similares [z̰j̰] e, assim, com o fonema /z/. Como observado anteriormente na seção 3.7.3, essa solução é questionável, dado que não há outros motivos – por exemplo, a submissão por processos fonológicos em comum – para esta identificação. A terceira pergunta seria resolvida pela fonêmica tradicional, na medida em que [p,b,m] e [j̰j̰] podem ser identificados como pertencendo a fonemas separados, através do tipo de argumentação apresentado acima no início desta seção. Não tenho certeza de qual significado adicional a abordagem Pikeana atribuiria a sua relação distribucional de quase-imagem-espelho.

Distribuição da sílaba-final [p,b,m], incluindo a alternância com [Ø]

Como mencionado anteriormente em 3.1, de acordo com Pike, a neutralização ocorre quando um segmento é foneticamente intermediário entre outros sons fonemicamente distintos e, ao mesmo tempo, está em distribuição complementar com estes. O caso do onset [p,b,m] é exatamente o tipo de caso a que Pike se refere. Alguns segmentos ambíguos que aparecem nos exemplos destas codas não são claramente [p] ou [b] ou [m], embora estes segmentos tenham sido transcritos por mim como se fossem claramente oclusivas bilabiais (surdas, sonoras ou nasais). Isso porque, às vezes, aparecem algumas sutilezas fonéticas que não consigo descrever com exatidão[9]. Além disso, as ocorrências

[9] Outros autores já tinham observado variação entre [b] e [m] neste contexto e também registrado problemas em expressar com exatidão estes segmentos de forma ortográfica (v. 4.2 acima), o que implica uma certa dificuldade em

claras e distintas de [p,b,m] no final da sílaba não são foneticamente idênticas aos onsets foneticamente parecidos. Os segmentos de coda labiais, no conjunto, podem ser descritos como articulações fracas, que são semelhantes, mas muitas vezes não claramente identificáveis, aos onsets claros e distintos [p,b,m]. Além disso, conforme observado anteriormente, Pike nos recomenda atribuí-los a um dos fonemas distintos já estabelecidos – preferencialmente aqueles que são foneticamente mais semelhantes, mas arbitrariamente se necessário (PIKE, 1947, p. 141; este último conselho é provavelmente indicado com a ortografia em mente). O ponto da discussão aqui, no entanto, é que, independentemente dos detalhes fonéticos exatos, determinados traços destes sons de coda – sua sonoridade e nasalidade e outros traços relacionados a sua assimilação com os segmentos adjacentes – devem, em princípio, ser previsíveis em termos do contexto fonológico, assim como sua ocorrência como [Ø].

São fornecidos, a seguir, exemplos de palavras e morfemas que têm a coda [p,b,m] como seu segmento fonêmico terminal, tanto em contextos onde aparece a coda, quanto em contextos onde a coda é apagada. Embora não tenha exemplos de um morfema seguido por todos os onsets possíveis, os seguintes exemplos devem ser suficientes para estabelecer o princípio geral de que o onset [p,b,m] (tido como conjunto) é um segmento fonêmico que aparece em determinados contextos e é apagado (ocorre como [Ø]) em outros. O apagamento da coda [p,b,m] diante dos onsets labiais simples [p,b,m,w] e diante dos onsets complexos [ʔw,ʔm] (ambos como labiais como segundo elemento) ocorre com consistência absoluta (v.5.3.1). A ocorrência da coda antes das não labaiis admite uma certa variação antes da oclusiva glotal nos onsets [ʔ,ʔɾ], conforme mencionado no dicionário do SIL (v. tabela 5.1C), ou seja, algumas palavras

---

descrevê-los foneticamente. Shelton Souza, na sua dissertação sobre a fonologia do Xerente, aponta várias instâncias de neutralização naquela língua (2009, p.83 et seq.), mas a complexidade das seqüências de consoantes em Xerente, devido à perda de vogais, dificulta qualquer comparação com o Xavante.

apresentam a coda neste contexto, outras não. Também se observa a não ocorrência da esperada coda em outros contextos, em certas palavras, e.g. /rʌB-sawẽ/, [rʌ.sã.wẽ], "sonhar", ao invés de *[rop.sa.wẽ]. Não tenho dados suficientes para explicar estas aparentes exceções.

Nas transcrições fonêmicas, a coda é indicada por /B/, mesmo não aparecendo foneticamente.

Exemplos do padrão de assimilação da coda [p,b,m]

EX. (pbm1) /waptɛB/ "adolescente masculino"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [m] > [Ø.m]	/waptɛB bẽ/	[wap.ˈtɛ.mẽ]	<wapté ma>	"para o *wapté* "
	/waptɛB bẽ/	[wap.ˈtɛ.mẽ]	<wapté me>	"com os *wapté* "
/b/ + [d] > [b.d]	/waptɛB da/	[wap.ˈtɛb.da]	<waptéb da>	"para os *wapté* "
/b/ + [n] > [m.n]	/waptɛB dẽ/	[wap.ˈtɛm.nẽ]	<waptém na>	"com os *wapté* "
	/waptɛB dẽ hã/	[wap.tɛm.ˈnẽ.hã]	<waptém ne hã>	"parecido com *wapté* "
/b/ + [z] > [b.z]	/waptɛB zahẽ/	[wap.tɛb.ˈza.hã]	<waptéb zahã>	"apesar de ser *wapté* "
/b/ + [ɾ] > [.bɾ]	/waptɛB ɾɛ/	[wap.ˈtɛ.bɾɛ]	<waptéb ré>	"enquanto os *wapté* (estavam)"
/b/ + [ʔ] > [b.ʔ]	/waptɛB ʔu/	[wap.ˈtɛb.ʔu]	<waptéb u>	"aos *wapté* "
antes de <hã> enfático com alongamento da sil. anterior	/waptɛB hẽ/	[wap.tɛː.hã]	<wapté hã>	"*wapté* EMPH"
forma em final de sintagma	/wapteB te waɾa/	[wap.ˈte.te.ˈwa.ɾa]	<Wapté te wara.>	"o *wapté* corre"
variação da regra				
/b/ + [ʔ] > [Ø.ʔ]	/waptɛB ʔẽnẽ/	[wap.tɛ.ˈʔẽ.nẽ]	<wapté ãna>	"sem os *wapté*"

EX. (pbm2) /pruB/ "quebrar"; /rɤ̃B-pruB/ "lixo"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [d] > [b.d]	/rʌB-pruB da/	[rʌ.prub.da]	<ro-prub da>	"para o lixo"
/b/ + [h] > [m.h]	/rʌB-pruB hawi/	[rʌ.prum.ha.wi]	<ro-prum hawi>	"do lixo"
/b/ + [ʔ] > [b.ʔ]	/rʌB-pruB ʔu te bõ/	[rʌ.ˈprub.ˈʔu.ˈte.mõ]	<roprub u>	"ao lixo"
forma em final de sintagma	/rʌB-pruB/	[rʌ.pru]	<ropru>	"lixo"

Exemplos do padrão de assimilação da coda [p,b,m] (cont.)

EX. (pbm3) /-zɛB/ "sufixo nominalizador"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [d] > [b.d]	/wamrʌ-zɛB da/	[wam.rʌ.ˈzɛb.da]	<wamro-zéb da>	"para a vassoura"
	/da-sa-zɛB da/	[da.sa.ˈzɛb.da]	<dasa-zéb da>	"para a coisa comestível"
/b/ + [n] > [m.n]	/ʔĩ-waptẽʔẽ-zɛB nẽ/	[ʔĩː.wap.tẽ.ʔẽ.zɛm.nẽ]	<ĩ-waptã'ã-zém na>	"1P-nascer-TEMP em"
/b/ + [z] > [b.z]	/da-tʌ-zɛB zaːhã/	[da.tʌ.zɛb.ˈzaː.hã]	<da-to-zéb zahã>	"apesar de diversão"
/b/ + [ʔ] > [b.ʔ] com metátese	/rʌB-zʌrɛ-zɛB ʔu/	[rʌm.j̃ʌ̃.rɛ.ˈzɛʔ.bu]	<rom-nhoré-zéb u>	"à escola"
	/ʔĩ-bori-zéB ʔu si/	[ˈʔĩː.mʌ̃ĩ̃.zɛʔ.buːsi]	<ĩ-mori-zéb u si>	"1P-ir-TEMP até.POSP somente", i.e. "só na hora que eu fui"
	/da-sa-zɛB ʔu/	[da.sa.ˈzɛʔ.bu]	<da-sa-zéb u>	"à coisa comestível"
/b/ + [ʔ] > [m.ʔ] antes de ∀	/wamrʌ-zɛB ʔẽɲẽ/	[wam.rʌ.zɛm.ʔẽ.ɲẽ]	<wamrozém ãna>	"sem vassoura"
	/rʌ-wahuˈtu-zɛB ʔẽnẽ/	<rʌ.wa.hu.tu.zɛm.ˈʔẽ.nẽ>	<ro-wahutu-zém ãna>	"sem igreja"
/b/ + [ʔr] > [ʔ.br]	/ˈʔaʔuwẽ hɜjbẽdẽ-zɛB ʔrebhã/	[ˈʔa.u.wẽ. ˈhɜj.mẽ.nẽ.zɛʔ.ˈbrem.hã]	<a'uwẽ hâimanazéb 'remhã>	"na cultura Xavante"
antes de <hã> enfático com alongamento da sil. anterior	/wamrʌ-zɛB hẽ/	[wam.rʌ.ˈzɛː.hẽ]	<wamro-zé hã>	"vassoura EMPH"
forma em final de sintagma	/ʔaʔuwẽ hɜjbẽdẽ-zɛB diʔwa dɜ.ʔɜbhẽ/	[ˈʔa.u.ˈwẽ.ˈhɜj.mẽ.ˈnẽ.zɛʔ (pausa) ˈniʔwa.dɜˈʔɜmhẽ]	<a'uwẽ hãimanazɜ, niʔwa dãʔãmhã>	"Xavante viver-NOM alguem morrer EMPH"; i.e. "na cultura Xavante, quando alguém morrer"

Exemplos do padrão de assimilação da coda [p,b,m] (cont.)

EX. (pbm4) /suB/ "socar"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [p] > [p.t]	/suB tɐ̃/	[supˈtɐ̃]	<sup tõ>	"não soque"
/b/ + [n] > [m.n]	/wa suB di/	[wa.sum.ˈnĩ]	<wa sum ni>	"nós dois socamos"
/b/ + [z] > [b.z]	/te suB zaʔra/	[tesubˈzaʔra]	<te sub za'ra>	"eles socam"
/b/ + [w] > [Ø.w]	/te ʔĩ-suB waʔwa/	[te.ʔĩ.su.wa.ʔwa]	<te ĩ-su wa'wa>	"vocês dois socam"
variação da regra				
/b/ + [ʔ] > [Ø.ʔ]	/te te suB ʔɐ̃ di/	[te.te.su.ʔɐ̃.di]	<te te su õ di>	"eles não socam"

EX. (pbm5) /dẽb/ "ir (dual)"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [n] > [m.n]	/wa wa-dẽB di/	[wa.wa.ˈnẽm.nĩ]	<wa wa-nem ni>	"nós (dois) vamos"
/b/ + [z] > [m.z] após ∀	/te ti-dẽB zahurɛ/	[te.ˈti.nẽm.za.ˈhuː.ɾɛ]	<te tinem zahuré>	"eles dois vão"
/b/ +[ɾ] > [.bɾ]	/ʔɾe dɛB ɾɛ/	[ʔɾe.nɛ.brɛ]	<'re neb ré>	"sempre andar enquanto" i.e. "enquanto andando"
/b/ + [w] > [Ø.w]	/te ʔã-dẽB waʔwa/	[te.ʔã.nẽ.ˈwa.ʔwa]	<te a-ne wa'wa>	"vocês dois vão"

Exemplos do padrão de assimilação da coda [p,b,m] (cont.)

EX. (pbm6) /mraB/ "fome"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [d] > [m.d] após ∇	/brẽB di/	[mr̃ẽm.ˈdi]	<mram di>	"está com fome"
	/brẽB da/	[ˈmr̃ẽm.da]	<mram da>	"para fome"
/b/ + [n] > [m.n]	/brẽB dẽ/	[ˈmrẽmnẽ]	<mram na>	"com fome"
/b/ + [ʔ] > [m.ʔ] depois de ∇	/brẽB ʔẽdẽ/	[mrẽm.ˈʔẽ.nẽ]	<mram ãna>	"sem fome"
antes de <hã> enfático com alongamento da sílaba anterior	/brẽB hẽ/	[mrẽ:.hẽ]	<mra hã>	"fome EMPH"
forma em final de sintagma	/brẽB te za sɛpata/	[mrẽ.te.za. sɛ.pa.ta]	<mra te za sépata>	"fome, eles vão sofrer"

EX. (pbm7) /rʌB/ "terra, lugar, aldeia"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [t] > [p.t]	/rʌB-teB ʔu/	[rʌp.ˈtɛʔ.bu]	<rop téb u>	"à terra nova"
/b/ + [s] > [p.s]	/da-rʌB si/	[da.rʌp.ˈsi]	<da-rop si>	"só a terra da gente"
/b/ + [n] > [m.n]	/rʌB dẽ/	[rʌm.ˈnẽ]	<rom na>	"na terra"
/b/ + [ʔ] > [b.ʔ] sem metátese	/da-rʌB ʔu/	[da.ˈrʌb.ˈʔu]	<darob u>	"à terra da gente"
/b/ + [d] > [b.d]	da-rʌB da	[da.ˈrʌb.da]	<darob da>	"para a aldeia"
forma em final de sintagma	/da-rʌ rʌB-wahuˈtu-zɛB ʔẽɲẽ te ti-hɜjba/	[da.ˈrʌ. (pausa breve) rʌ.wa.hu.ˈtu.zɛm. ˈʔẽ.ɲẽ.te.ti.ˈhɜj.ba]	<Da-ro ro-wahutu-zém ãna te ti-hâiba.>	"A aldeia ficou sem igreja."

Exemplos do padrão de assimilação da coda [p,b,m] (cont.)

EX. (pbm8) /ɾʌB-/ "prefixo de objeto"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/b/ + [p] > [Ø.p]	/ɾʌB-pĩ/	[ɾʌ.ˈpi]	<ro-pĩ>	"OBJ-mel"
/b/ + [t] > [p.t]	/ɾʌB-taʔa tɐ̃/	[ɾʌp.ta.ʔa.tɐ̃]	<robta'a tõ>	"OBJ-bater NEG"
/b/ + [d] > [b.d]	/ɾʌB-duɾi/	[ɾʌb.du.ɾi]	<rob-duri>	"OBJ-carregar" i.e. "carro"
/b/ + [j̃] > [m.j̃]	/ɾoB-zẽbẽ-zɛB/	[ɾom.j̃ẽ.mẽ.zɛ]	<rom-nheme-zé>	"OBJ-colocar-NOM" i.e "caixa; mala; armário; estante" SILD
	/ɾʌB-zĩ/	[ɾom.ˈj̃ĩ]	<rom-nhi>	"carne OBJ" i.e. "carne (comestível)"
/b/ + [w] > [Ø.w]	/te ɾʌB-waˈsuʔu/	[te.ˈɾʌ.wa.ˈsu.ʔu]	<te ro-wasu**'u>**	"OBJ contar" i.e. "ele conta algo"
/b/ + [ʔ] > [b.ʔ] sem metátese	/te ɾoB-ʔuiʔɛrɛ/	[te.ˈɾob.ʔuj.ˈʔɛ.ɾɛ]	<te rob-'ui'éré>	"~1P OBJ-escrever"
/b/ + [ʔ] > [ʔ.b] com metátese	/ma to ʔẽmẽ ɾʌB-uj.wẽ/	[ma.ˈto.ʔẽ.mẽ. ˈɾʌʔ.ˈbũj.wẽ]	<ma tô ãma ɾob'uiwẽ>	"ele OBJ-iluminou"
/b/ + [pɾ] > [Ø.pɾ]	/ɾʌB-pɾuB/	[ˈɾʌ.pɾu]	<ro-pru>	"OBJ + quebrar"
/b/ + [ʔm] > [Ø.ʔm]	/bẽ to ʔãbẽ ɾʌB-ʔbẽ.zẽ/	[mẽ.ˈto.ʔã.mẽ. ˈɾʌ.ˈʔmẽ.j̃ẽ]	<ma tô ãma ro'manha>	"ele prejudicou"
/b/ + [ʔɾ] > [ʔ.bɾ] com metátese	/ɾʌB-ɾuj ʔɐ̃ di/	[ɾʌʔ.bɾuj.ʔɐ̃.di]	<rob-'rui õ di>	"OBJ mandar NEG STAT"

A distribuição da coda [j̰j̰], incluindo a sua alternância com [Ø]

Seguem abaixo exemplos de palavras e morfemas em que a coda [j̰j̰] aparece como o elemento final quando seguido por segmentos não-alveolares dentro de uma frase. Embora não disponha de um conjunto completo de exemplos mostrando um mesmo morfema seguido por todos os onsets possíveis, os exemplos a seguir devem ser suficientes para demonstrar a generalidade do processo. A proibição de [j̰j̰] antes de [t,d,n,s,z̰j̰] aplica-se consistentemente (v. 2.5.2). Nem todos os morfemas, contudo, que terminam com a coda [j̰j̰] manifestam-se em todos os outros contextos. Parece haver alguma variação relativa à occorência de [j̰j̰] antes da oclusiva glotal (nos onsets [ʔ] e [ʔɾ]), conforme mencionado em Burgess (1971) e no dicionário do SIL (v. tabela 5.1B). A palavra [ʒj̰], "água", por exemplo, não mostra [j] nestes contextos, como visto nos exemplos abaixo. Faltam dados suficientes para estabelecer qualquer padrão que explique esta variação. Será demonstrado na seção 5.3 que a coda [j̰j̰], assim como à coda [p,b,m], recebe algumas das suas características fonéticas – inclusive sua exclusão total em determinados contextos – devido a sua relação com os segmentos adjacentes.

Nos exemplos a seguir, o segmento [j̰j̰] está incluído na transcrição fonêmica como /j/, mesmo não aparecendo foneticamente. As assimilações que envolvem junturas com /j/ estão indicadas na coluna à esquerda.

Exemplos do padrão de assimilação da coda [j, j̃]

EX. (j1) /aj-/ "afixo 2P"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [p] > [j.p]	/ʔaj-pɜʔre-puʔu/	[ʔaj.pɜ.ɾe.pu.ʔu]	<ai-pâre pu'u>	"2P-lembrar"
/j/ + [m] > [j.m]	/ʔaj-mɛ̃mɛ̃ hã/	[ʔaj.mɛ̃.mɛ̃ː.hã]	<ai-mama hã>	"2P pai EMPH"
/j/ + [s] > [Ø.s]	/ʔaj-sʌ̃huj-ʔwaj dʌ̃ɾ̃ĩ/	[ʔa.sʌ̃.hui.wa.nʌ̃ɾ̃ĩ]	<a-sõhui-'wa norĩ>	"seu padrinho vem no meio"
	/ʔaj-saj ʌ̃/	[ʔa.saj.ʌ̃]	<a-sai õ>	"2P-comer NEG"
/j/ + [w] > [j.w]	/ʔaj-wede-zɛ/	[ʔaj.wə.de.zɛ]	<ai-wede-zé>	"2P-hospital"
/j/ + [h] > [j.h]	/ʔaj-hawi/	[ˈʔaj.ha.'wi]	<ai-hawi>	"de você"
	/aj-hitẽbrẽ/	[ʔaj.hi.tẽ.brẽ]	<ai-hitébré>	"seu irmão"
/j/ + [ʔ] > [j.ʔ]	/ʔaj-ʔuwajbaba/	[ˈʔaj.ʔu.waj.ˈba.ba]	<ai-uwaibaba>	"em direção de você"
/j/ + [pɾ] > [ʔ.pɾ]	/ʔuba bẽ aj-pru/	[ʔu.ba.mẽ.ʔaj.pru]	<uba ma ai-pru>	"a ponte desabou"
/j/ + [mɾ] > [ʔ.mɾ]	/ʔaj-brʌ̃/	[ʔaj.mɾʌ̃]	<ai-mrõ>	"sua esposa"

Exemplos do padrão de assimilação da coda [j,˜j] (cont.)

EX. (j2) /piʔɐ̃j/ "mulher"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [m] > [j.m]	/piʔɐ̃j bẽ hẽ/	[pi.ʔɐ̃j.mẽː.hẽ]	<pi'õi me hã>	"com a mulher" +EMPH"
/j/ + [n] > [Ø.n]	/piʔɐ̃j dɐ̃ɾ̃ĩ hẽ/	[pi.ʔɐ̃.nɐ̃.ɾ̃ĩː.hẽ]	<pi'õ norĩ hã>	"mulher PL EMPH"
/j/ + [s] > [Ø.s]	/piʔɐ̃j sirɛ/	[pi.ʔɐ̃.ˈsiː.rɛ]	<pi'õ si ré>	"com a mulher"
/j/ + [z] > [Ø.z]	/piʔɐ̃j zahẽ/	[pi.ʔɐ̃.ˈza.hã]	<pi'õ zahã>	"apesar de ser mulher"
/j/ + [w] > [j.w]	/piʔɐ̃j wi/	[pi.ʔɐ̃j.wi]	<pi'õi wi>	"da mulher"
/j/ + [h] > [j.h]	/piʔɐ̃j hawi/	[pi.ʔɐ̃j.ha.wi]	<pi'õi hawi>	"da mulher"
/j/ + [ʔ] > [j.ʔ]	/piʔɐ̃j ʔɐ̃ di/	[pi.ʔɐ̃j.ʔɐ̃.di]	<pi'õi õ di>	"não há mulher(es)"
antes de <hã> enfático com alongamento da sil. anterior	/piʔɐ̃j hẽ/	[pi.ʔɐ̃ː.hẽ]	<pi'õ hã>	"mulher EMPH"
forma no final da sintagma	/piʔɐ̃j bẽ tihi siʔɐ̃nɐ̃ hẽ/	[pi.ʔɐ̃.mẽ.ti.hi. si.ʔɐ̃.nɐ̃.hẽ]	<Pi'õ ma tihi si'õno hã.>	"a mulher colocou o cesto" (sintagma termina depois do sujeito)
forma no final da sintagma	/piʔɐ̃ wapsẽ te sabẽ/	[pi.ʔɐ̃ wap.sẽ. te.sa.mẽ]	<Pi'õ, wapsã te sama.>	"a mulher mandou embora o cachorro" (sintagma termina depois do sujeito)

Exemplos do padrão de assimilação da coda [j, j̃] (cont.)

EX. (j3) /tiʔaj/ "terra"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [b] > [j.b]	/tiʔaj baba/	[ti.ʔaj.ba.ba]	<ti'ai baba>	"por a terra"
/j/ + [h] > [j.h]	/tiʔaj hawi/	[ti.ʔaj.ha.wi]	<ti'ai hawi>	"da terra"
/j/ + [ʔ] > [j.ʔ]	/tiʔaj ẽnẽ/	[ti.ʔaj.ˈʔẽ.nẽ]	<ti'ai ãna>	"sem terra"
	/tiʔaj ʔu/	[ti.ˈʔaj.ʔu]	<ti'ai u>	"à terra"

EX. (j4) /-ʔwaj/ "afixo agentivo"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [b] > [j.m]	/ti-zohuj-ʔwaj ma/	[ti.j̃ʌ̃.huj.ʔwaj.mẽ]	<ti-nhohui-'wai ma>	"ao seu padrinho"
/j/ + [ɾ] > [j.ɾ]	/da-bẽroBzʌ̃ɾɛ-ʔwaj ɾɛ/	[da.mẽ.ˈɾʌm.j̃ʌ̃.ɾɛ.ˈʔwaj.ɾɛ]	<da-maromnhoré-'wai ré>	"com professor"
/j/ + [w] > [j.w]	/ti-zʌ̃huj-waj wi/	[ti.j̃ʌ̃.huj.ʔwaj.wi]	<tinhohui'wai wi>	"de um padrinho"
/j/ + [h] > [j.h]	/ni-ʔwaj hawi/	[nĩ.waj.ha.wi]	<ni-'wai hawi>	"de alguém"
/j/ + [ʔ] > [j.ʔ]	/da-zʌ̃huj-ʔwaj ʔanã/	[da.j̃ʌ̃.ˈhui.ʔwaj.ˈʔẽ.nẽ]	<danhohui'wai ãna>	"sem padrinho"
	/da-wede-ʔwaj ʔu/	[da.we.de.ʔwaj.ʔu]	<da-wede-'wai u>	"à enfermeira"
antes de <hã> enfático com alongamento da sil. anterior	/wa-zʌ̃huj-ʔwaj hã/	[wa.j̃ʌ̃.huj.ʔwaː.hã]	<wa-nhohui-'wa hã>	"nosso padrinho"

Exemplos do padrão de assimilação da coda [j, j̃] (cont.)

EX. (j5) /sa/ "comida"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [d] > [Ø.d]	/da-saj da/	[da.ˈsa.da]	<da-sa da>	"para comida"
/j/ + [z] > [Ø.z]	/ti-saj zo/	[ti.ˈsa.zo]	<tis-a zô >	"à procura da sua comida"
/j/ + [h] > [j.h]	/da-saj hawi/	[da.saj.ha.wi]	<dasai hawi>	"da comida"
/j/ + [ʔ] > [j.ʔ]	/da-saj ʔɐ̃ di/	[da.saj.ʔɐ̃.di]	<da-sai õ di>	"não há comida"
antes de <hã> enfática com alongamento da sil. anterior	/da-saj hẽ/	[da.ˈsa:.hẽ]	<da-sa hã>	"GEN-comida EMPH"

EX. (j6) /pibuj/ "cuidar"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [n] > [Ø.n]	/pibuj na/	[pi.bu.nẽ]	<pibu na>	"cuidar IMP"
/j/ + [z] > [Ø.z]	/pibuj zaʔra/	(somente exemplo escrito pelo informante)	<pibu za'ra>	"cuidar PL"
/j/ + [ʔ] > [j.ʔ]	/pibuj ʔaba/	[pi.buj.ʔa.ba]	<pibui 'wa>	"cuidar 2P.DL"
/j/ + [ʔw] > [j.ʔw]	/pibuj ʔwa hã/	[pi.buj.ʔwa:.hã]	<pibui 'wa>	"cuidar 2P.PL EMPH"

Exemplos do padrão de assimilação da coda [j,˜j] (cont.)

EX. (j7) /duj/ "capim"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [n] > [Ø.n]	/duj nẽ/	[du.nẽ]	<du na>	"com capim"
/j/ + [s] > [Ø.s]	/duj si/	[du.si]	<du si>	"só capim"
/j/ + [z] > [Ø.z]	/duj-ze/	[du.ˈze]	<du-ze>	"capim cheiroso; erva cidreira"
	/duj zo/	[du.ˈzo]	<du zô>	"em busca de capim"
/j/ + [ɾ] > [j.ɾ]	/dui-ɾɛ/	[duj.ɾɛ]	<dui-ré>	"capinzinho"
/j/ + [w] > [j.w]	/duj wa/	[ˈduj.wa]	<dui wa>	"no capim"
/j/ + [h] > [j.h]	/duj hawi/	[duj.ha.wi]	<dui hawi>	"do capim"
antes de <hã> enfático com alongamento da sil. anterior	/duj hẽ/	[duː.hẽ]	<du hã>	"capim EMPH"

EX. (j8) /ɜj/ "agua"				
padrão de assimilação	**fonêmica**	**fonética**	**ortográfica**	**tradução**
/j/ + [b] > [j.b]	/ʔɜj ba/	[ˈʔɜj.ba]	<âi ba>	"ao rio"
/j/ + [n] > [Ø.n]	/ʔɜj dẽ/	[ʔɜ.nẽ]	<â na>	"com água"
variação da regra				
/j/ + [ʔ] > [Ø.ʔ]	/ʔɜj ʔẽnẽ/	[ʔɜ.ˈʔẽ.ɲẽ]	<â ãna>	"sem água"
	/ʔɜj ʔu/	[ˈʔɜ.ʔu]	<â u>	"ao rio"
/j/ + [ʔɾ] > [Ø.ʔɾ]	/ʔɜj ʔɾʌwi/	[ʔɜ.ˈʔɾʌ.wi]	<â 'rowi>	"dentro da água"

5.3 Explicação para a distribuição das codas em Xavante

Nesta seção, apresentam-se respostas para as perguntas postas em 5.2.

5.3.1 Como pode ser explicada a distribuição complementar da coda [p,b,m]?

A tabela 5.3.1 mostra todas as possíveis combinações de [p,b,m] + onset em junturas de palavra ou morfema em Xavante, bem como as manifestações fonéticas resultantes destas combinações. Algumas destas assimilações são especulativas – não tenho exemplos delas, mas elas se encaixam no padrão global exibido anteriormente na tabela 5.2A. As assimilações fonéticas resultantes podem ser explicadas pela suposição de que a coda [p,b,m] é uma manifestação subjacente de /b/ (labial sonora) e a forma fonética em que a coda aparece pode ser explicada por meio de algumas regras como aquelas propostas por Quintino e resumidas em 5.1. Esta solução também tem a vantagem de permitir que todas as ocorrências da coda [p,b,m] dentro do morfema sejam interpretadas, sem ambigüidade, como /b/.

Com a adição de uma regra que recobre a não-ocorrência da coda /b/ antes das labiais, a sua distribuição é quase explicada. Uma regra geral, proibindo uma seqüência de segmentos com o mesmo ponto de articulação, aplica-se a esta situação e também serve para explicar a supressão da coda [j,j̃] antes de [t,d,n,s,z,j̃].

As regras de assimilação, que se aplicam tanto à coda [p,b,m] como à [j,j̃], podem ser formuladas a seguir:

(1) **[ponto] + [ponto] proibida**: dois segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação não são permitidos (esta regra também recobre, primeiro, o fato de que [j,j̃] nunca aparece após /i, ĩ / e, segundo, o fato de que [w] não ocorre antes de vogais não-abertas e não-anteriores, i.e. /u,ɜ,ʌ, ʌ̃/)[10].

Exemplos da regra (1), [ponto] + [ponto] proibida, aplicada à coda /B/:

(pbm8) **/b/ + [p] > [Ø.p]**	(pbm1) **/b/ + [m] > [Ø.m]**	(pbm4) **/b/ + [w] > [Ø.w]**
/rʌ**b-p**ĩ/	/wapt**ɛb bẽ**/	/te ʔĩ-su**b w**aʔwa/
[rʌ.ˈ**p**i]	[wap.ˈtɛ.**m**ẽ]	[te.ʔĩ.su.**w**a.ʔwa]
<ro-pĩ>	<wapté ma>	<te ĩ-su wa'wa>
OBJ-mel	adolescente para	~1P 2P-socar DU
"mel de abelha"	"para o adolescente"	"vocês dois socam"

(2) **Dessonorização de oclusivas**: uma oclusiva é dessonorizada quando ocorre antes de oclusiva surda. Por exemplo:

(pbm4) **/b/ + [t] > [p.t]**	(pbm7) **/b/ + [t] > [p.t]**	(pbm7) **/b/ + [s] > [p.s]**
/su**b t**ʌ̃/	/rʌ**b-t**eb ʔu/	/da-rʌ**b s**i/
[sup.tʌ̃]	[rʌ**p.ˈt**ɛʔ.bu] (metátese)	[da.rʌ**p.ˈs**i]
<sup tõ>	<rop téb u>	<da-rop si>
socar NEG	terra nova a.POSP	GEN-terra só
"não soque"	"à terra nova"	"só a terra da gente"

[10] Esta regra está em conformidade com o Princípio de contorno obrigatório (PCO; ingl. *OCP*, *Obligatory Contour Principle*) da fonologica autosegmental; v. SILVA 1998:208).

(3) **Nasalização da esquerda para a direita**: um segmento de coda sonora é nasalizado por uma vogal nasal anterior. Esta regra deve-se aplicar após a dessonorização de oclusivas.

(pbm6) **/b/ + [d] > [m.d] (após Ṽ)**

/brẽ**b d**i/

[mr̃ẽ**m.ˈd**i]

<mra**m d**i>

fome STAT

"está com fome"

(pbm5) **/b/ + [z] > [m.z] (após Ṽ)**

/te ti-dẽ**b z**ahurɛ/

[te.ˈti.nẽ**m.z**a.ˈhuː.rɛ]

<te ti-nem zahuré>

~1P 3P-ir DU

"eles dois vão"

A regra (3) não se aplica aos seguintes exemplos, onde a coda é precedida por vogal nasal, supondo que a coda /b/ já está dessonorizada pela regra (2):

ex.(14) /da-zĩ**b-t**ʌ̃bʌ̃-hi/

[da.ˈʒĩ**p.t**ʌ̃.mʌ̃.ˈhi]

<da-nhip-tõmo-hi>

GEN-POSS-dedo-osso

"dedo da mão"

(18) /ʔẽwẽ**b-s**i/

[ʔa.ˈwẽ**p.s**i]

<awẽp-si>

amanhã-somente

"quando fôr amanhã (futuro específico)" SILD

(4) Nasalização da direita para a esquerda: Um som sonoro é nasalizado por um som nasal seguinte.

Em primeiro lugar, esta regra explica a nasalização de onsets diante de vogais nasais. Esta regra recobre a nasalização dos onsets /b,d,z,ʔb/, que ocorrem como [m,n, ɲ̃,ʔm] antes de vogais nasais e também a nasalização dos onsets /ɾ,bɾ,ʔɾ,w,ʔw/ que ocorrem como [ɾ̃,mɾ̃,ʔɾ̃,w̃,ʔw̃] (os fones [ɾ̃,w̃] não

foram mencionados nas análises, sendo tomados como de menor importância). Em segundo lugar, a regra cobre a nasalização da coda /b/ diante dos onsets já nasalizados, i.e. nas seqüências /...Vb.dṼ.../ e /...Vb.zṼ.../. (Este processo é explicado por Quintino (2000, p. 83 et seq.) em termos da geometria de traços.)

Exemplos da aplicação desta regra que envolve a nasalização da coda /b/:

(a) /...Vb.dṼ.../ > [...Vm.nṼ...]

	/ɾʌ**b d**ẽ/	/wa su**b d**ĩ/
nasalização do onset /d/:	ɾʌ**b n**ẽ	wa su**b n**ĩ
nasalização da coda /b/:	[ɾʌ**m.ˈn**ẽ]	[wa.su**m.n**ĩ]
	campo em	1P socar 1P~SG
	"no campo"	"nós dois socamos"

(b) /...b.zṼ.../ > [...m.̃jṼ...]

	/ɾʌ**b-z**ĩ/	/da-zĩ**b-z**ʌ̃hu/
nasalização do onset /z/:	ɾʌ**b-j̃**ĩ	da.j̃ĩ**b-j̃**ʌ̃hu
nasalização da coda /b/:	[ɾʌ**m.ˈj̃**ĩ]	[dã.j̃ĩ**m.ˈj̃**ʌ̃.hu]
	OBJ-*carne*	GEN-POSS-*padrinho*
	"carne'	"padrinho"
		(nasalização fonética de /da-/)

(5) Silabificação de /br/: as seqüências /pr/ e /br/ são sempre silabificadas como onsets complexos [pɾ] e [bɾ] / [mɾ], respectivamente. Esta regra se aplica mesmo nos casos em que a coda /b/ é seguida por /ɾ/ na juntura de palavras ou morfemas (v. 3.6).

(6) **Metátese /bʔɾ/**: Como demonstrado anteriormente na seção 3.6, a coda labial seguida por /ʔɾ/ se torna /ʔ.bɾ/. Sujeita depois à regra (4) de nasalização da direita para a esquerda, esta seqüência se manifesta como [bɾ] ou [mɾ], dependendo da nasalidade da vogal seguinte.

Problema restante 1: Por que /b/ é nasalizado na combinação /b/ + [h] > [m.h]?

A nasalização da coda antes de [h] evidentemente não está relacionada com um segmento nasal adjacente. Por exemplo:

/ɾʌb-pɾu**b h**awi/	/ʔahɜ**b-h**ɜ/	/zɜ**bh**u/
[ɾʌ.pɾu**m.ˈh**awi]	[ʔa.ˈhɜ**m.h**ɜ]	[zɜ**m.ˈh**u]
<roprum hawi>	<ahâm-hâ>	<zâmhu>
"do lixo"	"ontem"	"formiga

Problema restante 2: Por que /b/ é nasalizado na combinação /b/ + [ʔ] > [m.ʔ] antes de vogais nasais, mesmo após vogais não-nasais? – i.e. no contexto /...Vb.ʔV̰.../ (v. ex. 26A)?

Aparentemente, a regra (4), de nasalização da direita para a esquerda, se aplica nestes casos, "ignorando" a presença da oclusiva glotal. Por exemplo:

/wamɾʌ-zɛ**b ʔ**ẽɲẽ]	/te su**b ʔ**õ di/
[wam.ɾʌ.zɛ**m.ʔ**ẽ.ɲẽ]	[te.su**m.ʔ**ɐ̃.di]
<wamrozém ãna>	<te sum õ di>
"sem vassoura"	"eu não soco"

Tabela 5.3.1: Quadro de assimilações da coda [p,b,m] + onset (Combinações especulativas são combinações possíveis para as quais não há exemplos reais no meu corpus)

# de ex. acima em 5.2 ou em 3.4		padrão de assimilação	Regra
(pbm8)	/b/ + /p/	/b/ + [p] > [Ø.p]	(1) labial + labial proibido
sem exemplos	/b/ + /b/	/b/ + [b] > [Ø.b]	(1) labial + labial proibido
(pbm1)		/b/ + [m] > [Ø.m]	(1) labial + labial proibido
(pbm4,6,7,8);(14)	/b/ + /t/	/b/ + [t] > [p.t]	(2) dessonorização de oclu. antes de oclu.
(pbm1,2,3,7,8);(15)	/b/ + /d/	/b/ + [d] > [b.d]	sem assimilação
(pbm6);(16)		∇/b/ + [d] > [m.d]	(3) nasalização da esquerda para a direita
(pbm1,3,4,5,6,7);(17)		/b/ + [n] > [m.n]	(4) nasalização da direita para a esquerda
(pbm7);(18)	/b/ + /s/	/b/ + [s] > [p.s]	(2) dessonorização de oclu. antes de oclu.
(pbm1,3,4);(19)	/b/ + /z/	/b/ + [z] > [b.z]	sem assimilação
(pbm5);(20)		∇/b/ + [z] > [m.z]	(3) nasalização da esquerda para a direita
(pbm8);(21)		/b/ + [j] > [m̃j]	(4) nasalização da direita para a esquerda
(pbm1,5);(23) (24)	/b/ + /ɾ/	/b/ + [ɾ] > [.bɾ] /b/ + [ɾ] > [.mɾ]	(5) silabificação de [B.ɾ] como onset
(pbm4,5,8)	/b/ + /w/	/b/ + [w] > [Ø.w]	(1) labial + labial proibido
(pbm 2);(25)	/b/ + /h/	/b/ + [h] > [m.h]	sem assimilação – **v. problema 1, p.214**
(pbm1,2,3,7,8);(26) (26A) (pbm1,4)	/b/ + /ʔ/	/b/V̥ + [ʔ] > [b.ʔ]	sem assimilação
		/b/∇ + [ʔ] > [m.ʔ]	(4) nas. da dir. para a esq. – **v. problema 2, p.214**
		/b/ + [ʔ] > [Ø.ʔ]	"apagamento" em alguns casos
(pbm9)	/b/ + /pr/	/b/ + [pɾ] > [Ø.pɾ]	(1) labial + labial proibido
sem exemplos	/b/ + /br/	/b/ + [bɾ] > [Ø.bɾ]	(1) labial + labial proibido
sem exemplos		/b/ + [mɾ] > [Ø.mɾ]	(1) labial + labial proibido
(pbm8)	/b/ + /ʔm/	/b/ + [ʔm] > [Ø.ʔm]	(1) labial + labial proibido
sem exemplos	/b/ + /ʔw/	/b/ + [ʔ] > [Ø.ʔw]	(1) labial + labial proibido
(pbm 3,8);(30) (31)	/b/ + /ʔɾ/	/b/ + [ʔɾ] > [ʔ.bɾ] /b/ + [ʔɾ] > [ʔ.mɾ]	(5,6) metátese e silabificação

5.3.2 Como explicar a distribuição da coda [j̰j̰]?

No caso de [j̰j̰], são apenas necessárias a regra (1) que proíbe segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação e a regra (3) de nasalização da esquerda para a direita. Ao supor que [j̰j̰] não é oclusiva fonemicamente, não é dessonorizada pela regra (2) de dessonorização de oclusivas. Proponho aqui então que a coda [j̰j̰] seria interpretada como manifestação de um /z/ subjacente. Pode-se perguntar se existe alguma vantagem nesta interpretação. Em primeiro lugar, /z/ é um segmento sonoro, e isto explica por que [j̰j̰] também será sonora. Em segundo lugar, o fato de que /z/ não é oclusivo determina que [j̰j̰] não perca a sonorização pela regra de dessonorizaçao de oclusivas. Em terceiro lugar, ao interpretar [j̰j̰] como /z/, permite-se uma interpretação única para [j̰j̰] dentro do morfema. Em quarto lugar, esta interpretação mantém simetria no sistema fonológico, correspondendo com /b/ que também é oclusivo sonoro (v. 5.3.3).

Exemplos de regra (1), [ponto] + [ponto] proibido, aplicada à coda /j/:

(j5) **/z/ + [d] > [Ø.d]**
/da-sa**z d**a/
[da.ˈsa.**d**a]
<da-sa da>
GEN-comida para
"para comida"

(j2) **/z/ + [n] > [Ø.n]**
/piʔɐ̃**z d**ɐ̃ɾĩ hẽ/
[pi.ʔɐ̃.**n**ɐ̃.ɾĩː.hẽ]
<pi'õ norĩ hã>
mulher PL EMPH
"as mulheres"

(j7) **/z/ + [z] > [Ø.z]**
/du**z-z**e/
[du.ˈ**z**e]
<du-ze>
capim- (?)
"capim cheiroso"

Problemas: Algumas questões ainda precisam ser resolvidas com relação a esta análise:

1) Se a coda [j̰j] é um /z/ subjacente, porque se manifesta como glide palatal?

2) Por que a regra de nasalização direita-para-esquerda não se aplica a /j/?

3) Como explicar a não-ocorrência de [j̰j] antes de [ʔ] em certas palavras?

A tabela 5.3.2 na próxima página ilustra todas as combinações possíveis de assimilação envolvendo a coda [j̰j].

Tabela 5.3.2: Quadro de assimilações da coda [j,j̃] + onset
(Combinações especulativas são combinações possíveis para as quais não há exemplos reais no meu corpus)

# de ex. acima em 5.2 ou em em 3.4		assimilação			regra
(J1) (32)	/p/	/z/ + [p]	>	[j.p]	sem assimilação
(J3,8) (33)	/b/	/z/ + [b]	>	[j.b]	sem assimilação
(J1,2,4) (34)		/z/ + [m]	>	[j.m]	sem assimilação
sem exemplos	/t/	/z/ + [t]	>	[Ø.t]	(1) coronal + coronal proibido **(especulativa)**
(J5)	/d/	/z/ + [d]	>	[Ø.d]	(1) coronal + coronal proibido
(J2,6,7,8)		/z/ + [n]	>	[Ø.n]	(1) coronal + coronal proibido
(J2,7)	/s/	/z/ + [s]	>	[Ø.s]	(1) coronal + coronal proibido
(J2,5,6,7)	/z/	/z/ + [z]	>	[Ø.z]	(1) coronal + coronal proibido
sem exemplos		/z/ + [j]	>	[Ø.j̃]	(1) coronal + coronal proibido **(especulativa)**
(J4) (3,5,7)	/ɾ/	/z/ + [ɾ]	>	[j.ɾ]	sem assimilação[11]
(J1,2,4,6,7) (36)	/w/	/z/ + [w]	>	[j.w]	sem assimilação
(J1,2,3,4,5.7) (37)	/h/	/z/ + [h]	>	[j.h]	sem assimilação
(J1,2,3,4,5,6) (37)	/ʔ/	/z/ + [ʔ]	>	[j.ʔ]	sem assimilação
(J8)				[Ø.ʔ]	"apagamento" em alguns casos
(J1) (39)	/pr/	/z/ + [pɾ]	>	[j.pɾ]	sem assimilação
(40) sem exemplos	/br/	/z/ + [bɾ]	>	[j.bɾ]	sem assimilação **(especulativa)**
(J1) (41)		/z/ + [mɾ]	>	[j.mɾ]	sem assimilação
(42) sem exemplos	/ʔb/	/z/ + [ʔm]	>	[j.ʔm]	sem assimilação **(especulativa)**
(J6) (43)	/ʔw/	/z/ + [ʔɾ]	>	[j.ʔw]	sem assimilação
(44)	/ʔɾ/	/z/ + [ʔɾ]	>	[j.ʔɾ]	sem mudança
(J8)				[Ø.ʔɾ]	"apagamento" em alguns casos

[11] /z/ = [+coronal, -tap] e [ɾ] = [+coronal, +tap]. Neste caso, não se applica regra (1).

5.3.3 Importância fonológica da distribuição quase-imagem-espelho de [p,b,m] e [j̰,j̃]

Embora as codas [p,b,m] e [j̰,j̃] estejam quase em distribuição complementar, a análise acima mostra que elas são na verdade segmentos fonemicamente distintos. Também são segmentos em contraste pela seguinte razão: /b/ e /z/ nunca são apagados no mesmo contexto (com as exceções mencionadas acima), portanto, a combinação de /b/ + onset nunca resulta na mesma manifestação fonética de qualquer combinação de /z/ + onset. Isto implica que a coda /b/, bem como [Ø], estão sempre em contraste com [j̰,j̃]; e a coda /z/, bem como [Ø], estão sempre em contraste com a coda [p,b,m]. Comparando as assimilações constatadas nas tabelas 5.3.2 e 5.3.1, pode se observar que não existe nenhum contexto onde a distinção entre as duas codas é neutralizada. Essa comparação é apresentada na tabela 5.3.3 abaixo (a última desta tese).

Uma alternativa à análise proposta aqui é considerar as codas como segmentos subespecificados, no que diz respeito a determinadas características tais como sonoridade e nasalidade e, com base nisso, produzir uma série de regras que, previsivelmente, preencheriam esses traços. Além disso, a distribuição das codas poderia ser explicada melhor em termos de regras ordenadas e restrições, que se aplicam a traços distintivos, ou em termos da teoria da otimalidade. Estas questões estão além do escopo desta tese.

Tabela 5.3.3: Comparação dos padrões de assimilação das codas /b/ e /z/

cons. segu. coda	padrão de assimilação para a coda /b/			padrão de assimilação para a coda /z/		
/p/	/b/ + [p]	>	[Ø.p]	[j.p]	<	/z/ + [p]
/b/	/b/ + [b]	>	[Ø.b]	[j.b]	<	/z/ + [b]
	/b/ + [m]	>	[Ø.m]	[j.m]	<	/z/ + [m]
/t/	/b/ + [t]	>	[p.t]	[Ø.t]	<	/z/ + [t]
/d/	/b/ + [d]	>	[b.d] [m.d]	[Ø.d]	<	/z/ + [d]
	/b/ + [n]	>	[m.n]	[Ø.n]	<	/z/ + [n]
/s/	/b/ + [s]	>	[p.s]	[Ø.s]	<	/z/ + [s]
/z/	/b/ + [z]	>	[b.z] [m.z]	[Ø.z]	<	/z/ + [z]
	/b/ + [j]	>	[m.j̃]	[Ø.j̃]	<	/z/ + [j]
/ɾ/	/b/ + [ɾ]	>	[.bɾ] [.mɾ]	[j.ɾ]	<	/z/ + [ɾ]
/w/	/b/ + [w]	>	[Ø.w]	[j.w]	<	/z/ + [w]
/h/	/b/ + [h]	>	[m.h]	[j.h]	<	/z/ + [h]
/ʔ/	/b/ + [ʔ]	>	[b.ʔ] [m.ʔ] [Ø.ʔ]	[j.ʔ] [Ø.ʔ]	<	/z/ + [ʔ]
/pr/	/b/ + [pɾ]	>	[Ø.pɾ]	[j.pɾ]	<	/z/ + [pɾ]
/br/	/b/ + [bɾ]	>	[Ø.bɾ]	[j.bɾ]	<	/z/ + [bɾ]
	/b/ + [mɾ]	>	[Ø.mɾ]	[j.mɾ]	<	/z/ + [mɾ]
/ʔb/	/b/ + [ʔm]	>	[Ø.ʔm]	[j.ʔm]	<	/z/ + [ʔm]
/ʔw/	/b/ + [ʔw]	>	[Ø.ʔw]	[j.ʔw]	<	/z/ + [ʔw]
/ʔɾ/	/b/ + [ʔɾ]	>	[ʔ.bɾ] [ʔ.mɾ]	[j.ʔɾ] [Ø.ʔɾ]	<	/z/ + [ʔɾ]

6.0 Conclusão

Esta tese reexaminou a fonologia segmental do Xavante, com base em publicações anteriores e na análise de dados obtidos pelo próprio autor. As contribuições principais deste trabalho são as seguintes:

(1) Apresentou-se uma revisão atenta e abrangente da literatura sobre a língua Xavante (2.4,2.5).

(2) Foi analisada a distribuição de segmentos consonantais em termos de sua ocorrência em junturas de palavras e de morfemas e em termos dos segmentos adjacentes (3.4). Entre outras coisas, a análise ajudou a esclarecer a fonética e a fonologia das consoantes na língua. Também foi apresentada a análise fonêmica das consoantes (3.7). Embora não tenha sido mudado o inventário fonêmico estabelecido nos trabalhos anteriores, foram apresentados argumentos mais consistentes que refinaram a interpretação de alguns fonemas. O status da oclusiva glotal [ʔ], como manifestação de fonema distinto, foi estabelecido em 3.7.7. A interpretação dos segmentos [z,̃j] no início da sílaba como alofones do fonema /z/ ficou esclarecida em 3.7.3. Além disso, foram explicadas de uma forma clara as diferenças fonéticas e distribucionais entre o segmento [j̃] no início da sílaba e os segmentos de coda [j,̃j] (3.7.3).

(3) Apresentou-se também uma análise da distribuição de vogais dentro dos possíveis tipos de sílaba e em termos dos segmentos e tipos de sílabas adjacentes (3.5), o que foi acompanhado por uma análise fonêmica (3.8). Revela-se, assim, a necessidade de um estudo da distribuição limitada de vogais em sílabas fechadas, assim como das relações sistemáticas entre as

próprias vogais. Estas relações foram vistas nas restrições aparentes da ocorrência de algumas vogais acompanhadas de outras em sílabas adjacentes, dentro de palavras, e também foram vistas integralmente nas alterações morfofonológicas discutidas no Apêndice.

(4) Foi apresentada em 3.6 uma análise da estrutura da sílaba, segundo os princípios de Pike. Embora não trouxesse novidades sobre a estrutura silábica Xavante em si, tal análise foi necessária para estabelecer a relação entre as fronteiras da sílaba e as junturas de morfemas e palavras, possibilitando a interpretação fonêmica dos segmentos nessas junturas, inclusive ocorrências de metátese.

(5) Foi discutido no capítulo 4 o desenvolvimento de um sistema ortográfico para o Xavante, evidenciando como este processo reflete certas dificuldades de interpretação fonológica.

(6) Analisou-se em detalhe, no capítulo 5, os segmentos de coda [p,b,m] e [j,j̃], a fim de explicar a sua distribuição de uma forma mais geral do que as interpretações anteriores. Esta análise demonstrou que alofones das duas codas fonêmicas em Xavante alternam com [Ø] e argumentou que os segmentos de coda são manifestações dos fonemas /b/ e /z/, respectivamente; explicando também a relação de contraste que as duas codas mantêm entre si.

A necessidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre a fonologia Xavante foi apontada em vários momentos da tese, estando exposta em detalhe no Apêndice. Especificamente, a fonologia prosódica e morfofonológica da língua chama a atenção do pesquisador. Em relação a isso, o estudo da estrutura da sílaba Xavante se beneficiaria da perspectiva mais ampla fornecida pela fonologia

prosódica contemporânea. Vale ressaltar que uma gramática do Xavante ainda precisa ser escrita. O trabalho gramatical dos lingüistas do SIL é fragmentado e precisa ser atualizado. Os investigadores ainda se baseiam em McLeod e Mitchell (1977), uma gramática pedagógica sem nenhum tratamento sistemático da morfologia e que quase nada assinala sobre sintaxe. Os estudos históricos e comparativos da língua, muito necessários, dependem do progresso de uma descrição abrangente e bem feita da sua gramática. Finalmente, indicou-se que os aspectos sociolingüísticos do Xavante são um campo inexplorado que promete resultados valiosos. Muito foi escrito sobre a antropologia física e cultural dos Xavantes, mas a sua língua ainda não recebeu uma atenção suficientemente cuidadosa.

Num primeiro momento, os Xavantes atraíram o interesse de antropólogos devido a seu sistema complexo de clãs e grupos de idade. A função social de sistemas culturais como estes muitas vezes tem pouca conexão com os raciocínios através dos quais os membros de uma sociedade, quando eles refletem sobre as suas próprias instituições, explicam tais sistemas ou padrões. Os sistemas fonológicos, pelo menos naqueles aspectos que os fazem diferentes um do outro, são padrões sociais deste tipo e as explanações que os lingüistas lhes dão podem também ser olhadas como raciocínios de um tipo particular. Para alguns pensadores, a essência de uma boa explicação científica é que ela nos permite controlar os fenômenos da natureza de uma forma melhor. Podemos imaginar que Sapir e, sem dúvida, seu admirador Pike responderiam que esta interpretação do pensamento e do comportamento humano não deve se transformar numa camisa de força para a imaginação científica. Como indigenistas, é também importante que não deixemos este tipo de interpretação se tornar um limite na interpretação das pessoas e seu modo de vida.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Stephen R. 1985. **Phonology in the twentieth century**: theories of rules and theories of representations. Chicago: University of Chicago Press.

BALDUS, Herbert. 1948. Tribos da bacia do Araguaia e o Servico de Proteção aos Índios. **Revista do Museu Paulista**. Nova Série. São Paulo. II. p.137-168.

BURGESS, Eunice. 1961a. **Xavante Hyperphonemics**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics. 9p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

BURGESS, Eunice. 1961b. **Person and number in Xavante verb constructions**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics. 6p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

BURGESS, Eunice. 1961c. **Xavante verb constructions**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics. 9p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

BURGESS, Eunice. 1965. **Verbal clauses in Xavante**. Brasília: Summer Institute of Linguistics. Trabalho não publicado.

BURGESS, Eunice. 1971. Duas análises das sílabas do xavánte. In: Gudshcinsky, Sarah C. (Ed.). **Estudos sôbre línguas e culturas indígenas**. Brasília: Summer Institute of Linguistics. p.96-102.

BURGESS, Eunice. 1986. Focus and topic in Xavante. In: GRIMES, Joseph E. (Ed.). **Sentence initial devices**. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics, 75. Dallas: Summer Institute of Linguistics and the Univ. of Texas at Arlington. p.27-41.

BURGESS, Eunice. 1987. Foco e tópico em xavánte. **Série Lingüística**. n.9, vol.1. p.11-38. [tradução em português de Burgess 1986]

BURGESS, Eunice; HAM, Patricia. 1968. Multilevel conditioning of phoneme variants in Apinayé. **Linguistics**. v.41. p.5-18.

CASTELNAU, Frances de. 1850-1851. **Expédition dans les parties centrales de l'Amerique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para**. Histoire de um voyage. vol. V. Paris.

CLARK, J.; YALLOP, C. 1995. **Phonetics & phonology**. 2. ed. Oxford: Blackwell.

CLEMENTS, G.N.; KEYSER, S. Jay. 1983. **CV Phonology**: a generative theory of the syllable. Cambridge, Mass.: MIT Press.

COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. et al. 2002. **The Xavánte in Transition**: Health, Ecology and Bioanthropology in Central Brazil. Ann Arbor: University of Michigan Press.

COOK, Walter A. 1969. **Introduction to Tagmemic Analysis**. Washington, DC: Georgetown University Press.

COWAN W.; FOSTER, M.K.; KOERNER, K. 1986 (Eds.). **New perspectives in language, culture, and personality**: Proceedings of the Edward Sapir Centenary Conference, Ottawa, 1–3 October 1984. Amsterdam: John Benjamins.

CROFT, William. 1990. **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University Press.

D'ANGELIS, Wilmar R.; CUNHA, Carla M.; RODRIGUES, Aryon D. (Orgs.). 2002. **Bibliografia das Línguas Macro-Jê**. Campinas: Departamento de Lingüística – Instituto de Estudos de LInguagem – Unicamp.

DAVIS, Irvine. 1966. Comparative Jê Phonology. **Estudos Lingüísticos**: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada. v.1 n.2. p.10-24.

DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLAM, Geoffrey K. 1981. Object-Initial Languages. **International Journal of American Linguistics**. v.47 n.3. p.192-214.

EHRENREICH, Paul. 1895. Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens. III. Die Sprache der Akuä oder Chavantes und Cherentes (Goyaz). **Zeitschrift für Ethnologie**. Berlin. v.26. p.149-162.

FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. 1994. Notícia histórica sobre os Akwen-Xerente. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Série Antropologia. v.10, n.1, p.21-41.

FIRTH, J. R. 1957. Sounds and prosodies. In: **Papers in Linguistics**, 1934-1951. p.121-38. Oxford: Oxford University Press.

FOX, Anthony. 2000. **Prosodic features and prosodic structure**: the phonology of suprasegmentals. Oxford University Press.

GARFIELD, Seth. 2001. **Indigenous struggle at the heart of Brazil**: State Policy, Frontier Expansion, and the Xavante Indians. 1937-1988. Durham: Duke University Press.

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE Adalberto.1972. **Xavante** (Auwẽ Uptabi: Povo Autêntico. São Paulo: Dom Bosco.

GRAHAM, Laura R. 1995. **Performing Dreams**. Austin: University of Texas Press.

GRAHAM, Laura R. 2005. Image and Instrumentality in a Xavante Politics of Existential Recognition: The Public Outreach Work of Etenhiritipa Pimentel Barbosa. **American Ethnologist**. v. 32. n. 4. p.622-641.

HALL, Joan. 1961. **Xavante: noun phrases and morpheme classes**. Summer Institute of Linguistics. 7p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

HALL, Joan. 1979. **Os sistemas fonológicos e gráficos xávante e português** (análise contrastiva). Ensaios Lingüísticos. n.4. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

HALL, Joan; MCLEOD, Ruth A.; MITCHELL, Valerie. 1987. **Pequeno dicionário Xavánte-português português-Xavánte**. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

HALL, Joan; MCLEOD, Ruth A.; MITCHELL, Valerie. 2004. **Pequeno dicionário Xavánte-português português-Xavánte**. Revisado por Alec Harrison. Cuiabá: SIL. Revisão de Hall et al. 1987. Disponível online. URL: http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/DICTGRAM/XVDict.pdf (25/03/10)

HARRISON, Alec. 1990. Language Learning Tips. **Notes on Linguistics**. n.30. p.9-10

HARRISON, Alec. 1998. **Xavante Morphology and Respect/Intimacy relationships**. SIL Brazil Technical Publications. Dallas, Tex.: SIL International. Online. URL: http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/ANTHRO/XAVHONOR.pdf (25/03/10)

HAYES, B. 2009. **Introductory phonology**. Oxford: Wiley-Blackwell.

KRIEGER, Wanda Braidotti; KRIEGER, Guenther Carlos. 1994. **Dicionário Escolar: Xerente-Português, Português-Xerente**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira.

LACHNITT, Georg. 1987. **Romnhitsi'ubumro: Dicionário xavante-português**. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.

LACHNITT, Georg. 1988. **Damreme'uwaimramidzé - Estudos Sistemáticos e Comparativos de Gramática Xavante**. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.

LACHNITT, Georg. 1989. **Romnhitsi'ubumro: Dicionário português-xavante**. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.

LACHNITT, Georg. 1994. **Curso de Língua Xavante por Correspondência**. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso. [acompanhado por duas fitas cassete]

LACHNITT, Georg. 1998. História da grafia da língua xavante. **Multitemas**. Campo Grande, MS. n.9. p.51-68.

LADEFOGED, Peter. 2006. **A Course in Phonetics**. 5. ed.Boston: Thomson Wadsworth.

LAVER, John. 1994. **Principles of Phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press.

LIAMES: Línguas Indígenas Americanas. 2004. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem. n.4.

LÉVI-STRAUS, Claude. 1969. **Structural Anthropology**. London: Allan Lane, Penguin Press.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. 1867. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika´s zumal Brasilien**. Vol. II – Wörtersammlung brasilianischer Sprachen, Glossaria linguarum brasiliensium. Leipzig: Friedrich Fleischer. p.134-166. [contém listas de palavras de várias línguas Jê, inclusive Xavante, Xerente, Xakriabá, Acroá Mirim.]

MAYBURY-LEWIS, David. 1965. Some Crucial Distinctions in Central Brazilian Ethnology. **Anthropos**. n.60. p.340-358

MAYBURY-LEWIS, David. 1965/66. On Martius' distinctions between Shavante and Sherente. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo: Museu Paulista. n.16, p.263-88.

MAYBURY-LEWIS, David. 1968. **The Savage and the Innocent**. Boston: Beacon. [tradução em português: 1990. O selvagem e o inocente. Campinas: Ed. da Unicamp]

MAYBURY-LEWIS, David. 1974. **Akwẽ-Shavante Society**. 2. ed. Harvard Univ. Press. Cambridge. Mass. [tradução em português: 1984. A sociedade Xavante. Rio de Janeiro: Francisco Alves]

MAYBURY-LEWIS, David (Ed.). 1979. **Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil**. Cambridge: Harvard University Press.

MCLEOD, Ruth. 1960a. **Distribution of Xavante phonemes**. Summer Institute of Linguistics. 5p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

MCLEOD, Ruth. 1960b. **Xavante phonemics**. Posto Indígena Simões Lopes, MT. 37p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

MCLEOD, Ruth. 1960c. **Xavante Grammar**. 20p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

MCLEOD, Ruth. 1961a. **Xavante Clause and Sentence Structure**. Summer Institute of Linguistics. 7p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

MCLEOD, Ruth. 1961b. **Xavante Phonemes**. Posto Indígena Simões Lopes, MT. 10p. [cópia no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, RJ]

MCLEOD, Ruth. 1974. Fonemas xavante. **Série Lingüística**. Brasília: Summer Institute of Linguistics. n.3, p.131-152.

MCLEOD, Ruth. 1974b. Paragraph, aspect and participant in Xavante. **Linguistics.** n.132,p.51-74.

MCLEOD, Ruth; MITCHELL, Valerie. 1977. **Aspectos da língua xavánte**. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

MCLEOD, Ruth; MITCHELL, Valerie. 2003. **Aspectos da língua xavánte**. 4a impressão. Revisada por Alec Harrison. Revisão de McLeod e Mithchell 1977. Cuiabá: SIL. Disponível online. URL: http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/DICTGRAM/XVGram.pdf (25/03/10)

MENEZES, Cláudia Sá Rego Ribeiro de. 1985**. Missionários e índios em Mato Grosso**: os Xavantes da Reserva de São Marcos. Tese de Doutorado. USP.

MÜLLER, F. Max. 1861. **Lectures on the Science of Language**. First Series. London: ??.

NIMUENDAJÚ, Curt. 1942. **The Serente**. Los Angeles : The Southwest Museum.

NIMUENDAJÚ, Curt; LOWIE, Robert H. 1939. The Associations of the Serente. **American Anthropologist**. v.41. n.1-2. p.408-415.

OLIVEIRA, Rosanne Costa de. 2002a. **Periferia esquerda na língua xavante**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Rosanne Costa de. 2002b. Construções Interrogativas na Língua Xavante. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (orgs.). **Línguas Jê:estudos vários**. Londrina: UEL.

OLIVEIRA, Rosanne Costa de. 2007. **Aspectos da Morfologia e da Sintaxe em Xavante**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PAULA, Luís Roberto de. 2000. **A dinâmica faccional Xerente**: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais. Dissertação de Mestrado. USP.

PIKE 1967. **Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior**. The Hague: Mouton.

PIKE, Kenneth L. 1971. **Phonemics**: a technique for reducing languages to writing. 12a impressão. Ann Arbor: University of Michigan Press.

POHL, Johann Emanuel. 1976. **Viagem no Interior do Brasil** (1817-1821). Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Apresentação e Notas de Mário Guimarães Ferri. São Paulo: Itatiaia/Edusp. [vocabulário Xavante na p.182]

QUINTINO, Wellington Pedrosa. 1998. Etnolingüística Aúwẽ: Uma expreriência em educação escolar indígena. Em: **Ameríndia**: Tecendo os Caminhos da Educação Escolar. Cuabá: Secretária de Estado da Educação. p. 417-424.

QUINTINO, Wellington. 2000. **Aspectos da fonologia xavante**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

QUINTINO, Wellington. 2001. Assimilação dos Traços Voz e Nas em Posição de Coda em Xavante. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (orgs.). **Línguas Jê:estudos vários**. Londrina: UEL.

QUINTINO 2009. Assimilação e Restrição: condicionamento de coda e onset complexo em Xavante. In: DA HORA (Org.). **Anais, VI Congresso International da Abralin**. João Pessoa: Ideia. p.3084-3094. Disponível online. URL: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/site:abralin2009/quintino.pdf (25/03/10)

RAVAGNANI, Oswaldo Martins. 1991**. A experiência Xavante com o mundo dos brancos.** Araraquara: Unesp.

RODRIGUES, Aryon Dall´Ígna. 1986. **Línguas Brasileiras**. São Paulo: Loyola.

RODRIGUES, Aryon Dall´Ígna. 1999. Macro Jê. In: **The Amazonian Languages**. DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Eds.). Cambridge: Cambridge University Press. p.164-206.

RODRIGUES, Aryon Dall´Ígna. 2002. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (Orgs.). **Línguas Jê:estudos vários**. Londrina: UEL. p.1-14.

SAMARIN, William. 1967**. Field Linguistics**: A guide to linguistic field work, New York: Holt et al.

SANTOS, L.; PONTES, I. (orgs.) 2002. **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: UEL.

SANTOS, Juliana Pereira dos. 2008. **Marcas Pessoais, Concordância de Número e Alinhamento em Xavánte.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (orgs.). 2002. **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: UEL.

SEREBURÃ; HIPRU; RUPAWÊ; SEREZABDI; SEREÑIMIRÃMI. 1997. **Wamrêmé za'ra/Nossa palavra**: Mito e história do povo Xavante. São Paulo: Senac.

SILVA, Aracy Lopes da. 1986. **Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê**. São Paulo: FFLCH/USP.

SILVA, Aracy Lopes da. 1992. Dois séculos e meio de história xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/ SMC. p.357-378.

SILVA, Aracy Lopes da. 1999/2000. The Akwe-Xavante in History at the End of the 20th Century. Journal of Latin American Anthropology. v.4. n.2./v.5. n.1. p.212-237.

SILVA, Hermano Ribeiro da. 1948. **Nos Sertões do Araguaia**. São Paulo: Saraiva.

SILVA, Thaïs Cristófaro. 1998. **Fonética e fonologia do português.** 6. ed. São Paulo: Contexto

SOMMERSTEIN, Alan H. 1977. **Modern Phonology**. London: Edward Arnold

SOUZA, Shelton Lima de. 2008. **Descrição fonético-fonológica da língua Akwen-Xerente.** Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.

SPENCER, Andrew. 1996. **Phonology**: Theory and description.Oxford: Blackwell. apud QUINTINO, Wellington. 2000. **Aspectos da fonologia xavante**. Dissertação de Mestrado Campinas: UNICAMP. p.65.

Apêndice:

Problemas restantes: acento, alongamento vocálico, alterações morfofonológicas

Este apêndice trata de algumas questões não-resolvidas sobre a fonologia Xavante, que foram mencionadas em vários pontos nos capítulos anteriores. Em cada seção, são discutidos trabalhos anteriores relevantes e sugeridos tópicos para pesquisa adicional.

A.1 Acento e entonação

De acordo com os autores do SIL, o acento em Xavante é previsível e conseqüentemente não-fonêmico. Um manuscrito de nove páginas produzido pelo SIL e intitulado *Xavante Hyperphonemics* (BURGESS 1961a) é citado na *Bibliografia das Línguas Macro-Jê*, estando localizado no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional no Rio de Janeiro ("hyperphoneme" é um termo vindo dos trabalhos de Pike posteriores a *Phonemics*, que se refere a unidades fonológicas maiores do que o segmento; PIKE 1967, p. 364). Infelizmente, eu não tive oportunidade de consultar este trabalho, que assim foi descrito por Oliveira: "Este trabalho é uma análise de níveis fonológicos e é baseado em vários textos obtidos de informantes mulheres. Os níveis descritos são: sílaba, ritmo, pausa, e entonação." (2002, p. 112). Citando este trabalho, feito por sua colega missionária, Hall diz o seguinte a respeito do acento em Xavante:

> O acento em xavánte é predizível, sendo ele controlado pela posição da sílaba em frases, e pelo tipo de sílaba que ocorre.

> Em geral, o acento cai na última sílaba de frases e nas sílabas alternadas que precedem. Quando há sílabas fechadas (que terminam em consoante) ou sílabas prolongadas (que terminam em vogal prolongada) na frase, o acento cai nelas, e neste caso há variação livre entre a acentuação ou não-acentuação das sílabas curtas que, segundo a regra geral, seriam acentuadas. A manifestação de acento inclui a elevação de tom em vogais altas, e o abaixamento de tom em vogais não-altas, assim acompanhando a influência de vogais altas e não-altas no tom de qualquer sílaba em xavánte.
>
> Em português, como em xavánte, o acento mais forte cai na última sílaba acentuada da frase.
> (HALL, 1979, p. 20-21)

Em minhas próprias observações de acentuação no discurso de meu informante principal não confirmam as indicações de Hall em diversos pontos. Primeiramente, de acordo com meus próprios dados, observei que o acento tende a cair em uma sílaba específica dentro do que parece ser um pé ou uma palavra fonológica. Em segundo lugar, sílabas fechadas não-acentuadas fazem parte normalmente do discurso do meu informante. Em terceiro lugar, não excluo a possibilidade de haver vogais longas e não-acentuadas no discurso do meu informante. Em quarto lugar, as vogais altas têm frequentemente um *pitch* notavelmente elevado, mesmo que sejam acentuadas ou não. Vale a pena lembrar que o trabalho de campo de McLeod no estudo do Xavante foi feito há 50 anos atrás, numa época em que os Xavantes tinham ainda pouco contato com a sociedade nacional. Meu informante Euzebio vem de uma comunidade Xavante onde o bilingüismo entre adultos é comum e a instrução escolar em português foi instituída nos anos 60. Assim, a influência do português no seu discurso não pode ser excluída como fator determinante de diferenças entre as observações de Hall e os meus próprios dados. Por um lado, quando Hall observa que o acento é "controlado pela posição da sílaba em frases" e que existe variação livre na acentuação de sílabas, dependendo do tipo da última sílaba da frase, estas observações não contradizem a análise sugerida abaixo. Por outro lado, sua

afirmação de que o acento "em geral" cai na última sílaba da frase indica que sua análise pode estar equivocada. Meus próprios dados mostram que o acento cai frequentemente na penúltima sílaba da frase, mas pode também cair na última sílaba.

Eu não tive nenhum sucesso em determinar as sílabas acentuadas no discurso de meu informante, até que comecei a pensar no princípio geral de que o “acento é primeiramente uma questão de ritmo" (Fox, 2000, p. 163). A partir disso, procurei escutar manifestações de ritmo nas gravações do discurso contínuo do meu informante. Assim, percebi que era possível identificar as sílabas acentuadas em muitos casos. Acredito que a análise de Fox do acento em inglês se aplica bem a meus dados do Xavante. Para Fox, o conceito de graus de acento em inglês é supérfluo. Acento em inglês (“acento nível 1") pode ser descrito em termos de pés de base rítmica, dentro dos quais as sílabas podem ser acentuadas ou não. A metrificação rítmica depende, em parte, do grau de rapidez da fala do indivíduo. Os supostos acentos secundários (e os fenômenos associados a eles, tal como a redução de vogais) podem ser explicados em termos de unidades de estrutura silábica e de entonação. O chamado "acento sentencial" (= acento nível 2) pode ser explicado em termos de unidades de entonação. Sobre isso, Fox assinala que:

> A reivindicação feita aqui, portanto, é que todos os casos onde uma hierarquia de “níveis” de acento é postulada, podem ser reduzidos aos dois níveis de acentuação reconhecidos aqui. O nível mais baixo (nível 1) é o nível de acentuação propriamente dito; em uma língua como inglês é baseado em um princípio rítmico. O nível superior (nível 2) (tanto quanto um terceiro nível possível, nível 3) depende da estrutura de entonação, e não é rítmico. (FOX 2000, p. 166-167; trad. nossa)

Gostaria de sugerir, então, que o Xavante é uma língua *"stress accent"* (língua que usa mais do que *pitch* para expressar foneticamente o acento; FOX

2000, p. 124-127) e que tem o que Fox chama de acento de nível 1 com base rítmica. Em Xavante, as sílabas podem ou não ser acentuadas. O acento na língua é manifestado foneticamente por uma combinação de fatores que variam dependendo do contexto – seja pelo alongamento da vogal nuclear (distinta de alongamento fonológico), seja pela entonação, ou ainda por um aumento de intensidade. Presumivelmente, o acento pode ser analisado em termos de algum tipo de pé métrico, que consiste em uma sílaba acentuada que possa ser precedida ou seguida por uma ou mais sílabas não-acentuadas. Não sei ainda exatamente a estrutura deste pé, ou se uma análise binária seria apropriada no caso do Xavante. Suponho que o acento seja previsível em termos destes pés, se puderem ser definidos corretamente.

Os quatro exemplos abaixo ilustram o tipo de análise que estou sugerindo. O acento de nível 2 de Fox, que ele considera como unidade de entonação e que corresponde ao que Hall chama "o acento mais forte" que "cai na última sílaba acentuada da frase", não está indicado nos exemplos. As fronteiras das frases são indicadas por barras duplas (…//…). Algumas observações gerais sobre padrões de entonação em Xavante encontram-se em Hall (1979, p. 21-23).

Exemplo 1:

```
            |          |                divisão de pé
        *          *          *          acento nível 1
  *  *  *   *  *   *    *  *  *  *       sílabas
```

[pi.ʔɐ̃.**zɛ**.mã.te.**za**.mɐ̃.buru.**ʔu**]

<Pi'õ dzéma // te dza mõ // buru 'u.>

mulher também // 3P FUT vai // roça POSP.para

"Também uma mulher vai à roça."

Observações:

* Cada acento nível 1 marca uma batida rítmica.

* Neste exemplo a divisão de pé (…|…) corresponde à divisão da frase (…//…)

* /piʔɐ̃/ não é acentuada aqui. Em outros contextos, pode aparecer com o acento na primeira ou na segunda sílaba. Quando a segunda sílaba é acentuada, a vogal pode aparecer alongada.

Exemplo 2:

```
          |          |                  divisão de pé
     *          *          *            acento nível 1
  *  *   * *  *   *  * * *  * *         sílabas
```

[ʔaj.**bɜː**.hã.te.wej.**mʌ̃**. wa.tɛ.brɛ.**mĩː**.rɛ]

<Aibö hã // te wei mõ // watébrémi ré.>
homem EMPH // 3P para.cá vai // menino POSP.com
"Um homem vem com um menino."

Observações:

* /ʔaj.bɜ/ tem uma vogal alongada porque é seguida pela palavra enfática /hã/.

* Como no exemplo 1, a divisão de pés aqui corresponde à divisão da frase.

* Note que o último pé tem cinco sílabas. Aparentemente é assim porque o falante fez uma pausa muito breve antes de começar a frase final. Em relação à perspectiva de Fox, as diferenças sistemáticas, que podem existir entre tipos de sílabas reduzidas que aparecem em um pé de cinco sílabas como [wa.tɛ.brɛ.**mĩː**.rɛ] (ou nos pés com poucas sílabas), não devem ser explicadas invocando o conceito do acento secundário.

  Por exemplo, a gramática do SIL (MCLEOD, MITCHELL, 1977, p. 11) considera que /wa.tɛ.brɛ.mĩ/ (“rapaz”) deve ser acentuada na segunda e na quarta sílaba. Isto é aceitável na medida em que, quando enunciada sozinha ou lentamente dentro de uma sentença, a palavra pode ter duas sílabas acentuadas – mas isto ocorreria somente porque as sílabas acentuadas se conformam ao padrão rítmico de uma enunciação específica. Nesses casos, os dois acentos seriam, então, acentos rítmicos de nível 1. Nos contextos onde a palavra recebe somente um acento rítmico do nível 1, seria errôneo dizer que há um acento secundário em outra sílaba. “Nós podemos supor que as supostas proeminências [secundárias] são espúrias e baseadas em proeminências potenciais", como aponta Fox (2000, p. 168; trad. nossa) em relação ao suposto acento secundário em inglês.

Exemplo 3:

```
     |            |           |            divisão de pé
   *          *            *       *      acento nível 1
   * *  *   * *   * *  *   * * *   *  *     sílabas
```

[**pi**.ʔɤ̃.za.hu.**rɛ:**.hã te.rʌm.**hu**.ri.za.**hu:**rɛ]

<Pi'õ dzahuré hã // te romhuri dzahuré.>
mulher DUAL EMPH // 3p *trabalham* DUAL
"As duas mulheres trabalham."

Observações:

* Note que o /ɛ/ em /za.hu.rɛ/ é alongado antes de /hã/, mas o /u/ é alongado na mesma palavra no fim da sentença.

* Esta sentença é formada por duas sintagmas gramaticais, cada uma de dois pés.

* Note que há uma sílaba fechada não acentuada em /romhuri/.

* Os últimos dois pés da sentença foram enunciados rapidamente juntos e parecem formar um grupo de entonação de dois pés. Neste caso, a fronteira do pé coincide com a fronteira da palavra.

Exemplo 4:

	| ?	divisão de pé
	* * *	acento nível 1
	* * * * * * * * * *	sílabas

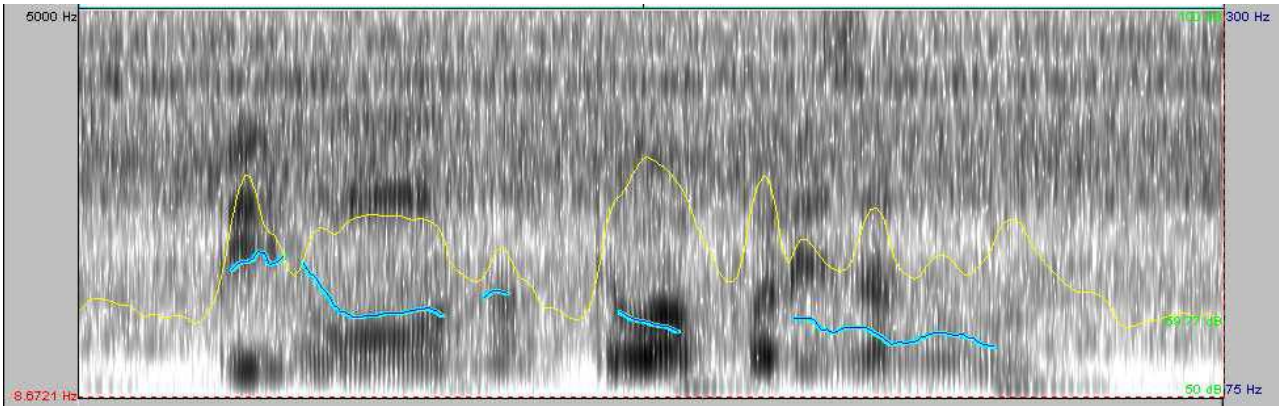
[pi.**ʔʌ̃ː**.hã te.**wa**.pa.ri.za.**huː**.rɛ]

<Pi'õ hã // te wapari dzahuré.>
mulher EMPH // 3P *escutam* DUAL
"As duas mulheres escutam."

Observações:

* Neste exemplo, não tenho certeza de como separar o segundo do terceiro pé. De acordo com a divisão de palavras, a fronteira deve estar entre [ri] e [za], mas os pés parecem não permitir duas sílabas depois do acento, e a fronteira do pé pode estar entre [pa] e [ri].

* No espectrograma abaixo (feito a partir de uma fita cassete ruidosa), pode-se ver as vogais alongadas, o *pitch* (linha preta) elevado na sílaba inicial não-acentuada de /pi.ʔʌ̃/ e o *downdrift* (abaixamento gradual) do padrão de entonação na sentença. Também pode-se ver o espaço temporal aproximadamente uniforme entre os acentos rítmicos. Assim, pode ser observado que nas línguas *stress-accent* nenhum fator único – seja *pitch*, intensidade (linha branca) ou duração – pode ser identificado isoladamente como manifestação fonética do acento.



pi **ʌ̃ː** hã t e**wa** pa ri za **huː** rɛ

A.2 Alongamento vocálico

Como visto no capítulo 3, todas as vogais em Xavante aparecem em formas não-alongadas e alongadas, porém não consegui determinar um princípio fonológico que determinasse o alongamento vocálico. Dessa forma, estabelecer o alongamento fonológico de vogais acabou sendo o problema mais difícil que enfrentei na análise dos meus dados. Os Xavantes frequentemente alongam vogais para a ênfase (distinta do alongamento fonológico; veja McLeod e MItchell 1977, p.11) e para meus informantes o ensino e a gravação da língua foi evidentemente uma atividade que exigia muita ênfase. Assim, a última sílaba acentuada de uma frase ou de uma palavra isolada (o acento nível 2 mencionado acima) foi comumente alongada por meu informante principal, independentemente de ser uma sílaba fonologicamente longa ou não. Além disso, o alongamento fonético das vogais é um correlato fonético do acento em alguns contextos e foi difícil determinar, com freqüência, se uma sílaba era acentuada e fonologicamente longa, ou simplesmente acentuada. No discurso rápido, o alongamento vocálico foi tão reduzido que não poderia ser reconhecido comumente como tal. Ademais, embora pareça que as vogais alongadas sejam acentuadas, há alguns exemplos, especialmente com o prefixo da primeira pessoa [ʔĩ] (sempre alongado, quando acentuado), onde detectei o que parece ser uma vogal longa não-acentuada. Por estas razões, não consegui determinar conclusões definitivas sobre o alongamento vocálico. Do mesmo modo, Quintino (2000, p. 103-105) enfrentou dificuldades similares e também não chegou a conclusões definitivas sobre o assunto.

Burgess (1971) trata o alongamento vocálico como uma prosódia de juntura e sua análise tem limitações parecidas com as da análise de codas no mesmo artigo (veja 5.1). O que Burgess parece querer dizer é que a prosódia de alongamento vocálico está manifestada foneticamente em dois casos. No primeiro, parece implícito no que diz a autora que a prosódia de alongamento é uma parte inerente de algumas palavras (isto é, parte da representação lexical) e, neste

caso, será manifestada foneticamente como a vogal alongada antes da juntura da sílaba, mas não no fim do sintagma (vale lembrar que os sintagmas em Xavante terminam sempre em vogal não-alongada). Em segundo lugar, a prosódia de alongamento é manifestada foneticamente, substituindo para [p,b,m]) quando /B/ no final de sílaba é seguido por um bilabial (isto é /...VB[lab]V.../ > [… V:[lab]V…]; em meus próprios dados este alongamento não acontece – veja 5.1). Evidentemente, os escritores do SIL estavam trabalhando na época com a hipótese de que as vogais longas fossem fonemas separados, porque Burgess indica como um dos benefícios de sua análise que "Em vez de uma série de 13 fonemas vocálicos longos, há uma prosódia de alongamento vocálico" (BURGESS 1971:101).

O dicionário do SIL apresenta diversos paradigmas de verbos em que as raízes verbais têm uma de suas vogais alongadas sob determinadas condições. O dicionário também apresenta uma classe de palavras nas quais a penúltima vogal se alonga no fim da frase. Além disso, a posposição **<na>** e a palavra enfática **<hã>** são descritas como tendo o efeito de alongar a vogal final da palavra antecedente (v. os exemplos em 5.2). Todos estes fenômenos aparecem nos meus dados de forma inconsistente, por isso não consegui extrair conclusão sobre eles. De qualquer modo, todas as mudanças em morfemas que envolvem alongamento vocálico são relacionadas de alguma maneira com a sua posição vis-à-vis no fim da frase, inclusive as alterações morfofonológicas discutidas na próxima seção.

Foi mencionado na seção 5.3 que o alongamento da última sílaba em palavras que ocorrem antes de **<hã>** e **<na>** tem o efeito de desfazer a ocorrência prevista de segmentos de coda. Assim, nas palavras que deveriam terminar com [j,j̃] antes de uma palavra que começa com [h] e nas que deveriam terminar com [m] antes de [n], encontra-se a vogal alongada em vez dos segmentos de coda que normalmente deveriam aparecer. Este é um fato significativo sobre a estrutura da sílaba que requer mais investigação.

A.3 Alteração morfofonológica

Segundo os autores do SIL, o Xavante contém um grande número de palavras cujas formas se alteram no fim do sintagma. As formas no fim do sintagma aparecem nas entradas de dicionário, sendo descritas em diversas tabelas no fim do dicionário e também em alguns dos paradigmas dos verbos. Exemplos destas alterações são encontrados em meus dados, embora eu não tenha feito uma análise sistemática deste fenômeno. Com exceção da perda simples de uma coda silábica, ou do alongamento vocálico, estas mudanças podem também envolver: a perda da sílaba final, o alongamento da vogal da penúltima sílaba, a desnasalização da vogal, mudanças na altura da vogal e sonorização de oclusivas. Estas mudanças afetam palavras lexicais (verbos, substantivos, descritivos) bem como palavras funcionais (marcadores de aspecto, de pessoa/número, entre outros). A explicação para estas mudanças é um tópico ainda não explorado na fonologia Xavante, embora um dos mais importantes; envolve a interação de unidades segmentais, silábicas e prosódicas, bem como a relação destas com o léxico, a morfologia e a sintaxe. Alguns exemplos destas mudanças, encontrados no dicionário do SIL, são apresentados abaixo.

Perda da sílaba final:

inic./meio da frase	**final da frase**	**tradução**
aima'wa	*aima'wara*	"ficar em pé"
hu'u	*hu*	"onça"
mono	*mo*	"marcador de duração indefinido ou habitual"
sapari	*sapa*	"sustentar, apoiar (algo)"
u'âsi	*u'â*	"constantemente"

A perda da sílaba final e a desnasalização da penúltima sílaba (de vogal longa), acompanhada por mudanças na altura da vogal (cf. MCLEOD, MITCHELL, 1977, p.55):

mudança de vogal	inic./meio da frase	final da frase	tradução
[ẽ]> [é]	*abazinheme*	*abazizé*	"cesto com tampa"
[Ʌ̃] > [ʌ]	*da-tomo*	*da-to*	"olho"
	sirõmo	*siro*	"pronto; imediatamente"
[Ʌ̃] > [u]	*danomo*	*dadu*	"estômago"
	iba'õmo	*iba'u*	"cupim (de gado)"
[ɐ̃] > [ɜ]	*damana*	*dabâ*	"penis"
	nonhama	*nozâ*	"milho Xavante"

Alongamento da penúltima vogal:

inic./meio da frase	final da frase	tradução
wede	*we:de*	"raiz; árvore"
nhamra	*nha:mra*	"ficar"
aptete	*apte:te*	"recuperar"

Alongamento da penúltima vogal, acompanhado pela sonorização (e pela nasalização, se for apropriado) da consoante que segue:

inic./meio da frase	final da frase	tradução
tepe	*te:be*	"peixe comestível"
bâtâ	*bâ:dâ*	"sol"
ẽtẽ	*ẽnẽ*	"pedra"

Alongamento da penúltima vogal e mudança de consoante seguinte de [ʔ] para [ɾ]:

inic./meio da frase	final da frase	tradução
topo'o	*toporo*	"acordar"
waptâ'â	*waptã:rã*	"cair (dual)"

Mudança de [b] para [w], envolvendo a perda de sílaba ou de vogal, e encurtamento ou alongamento de vogal.

inic./meio da frase	final da frase	tradução
da-maprebaba	*da-mapre:wa*	"sogro/sogra"
da-sani:'aba	*da-sani'wa*	"nora"
wa:'aba	*wa'wa*	"marcador da 2p dual e pl."